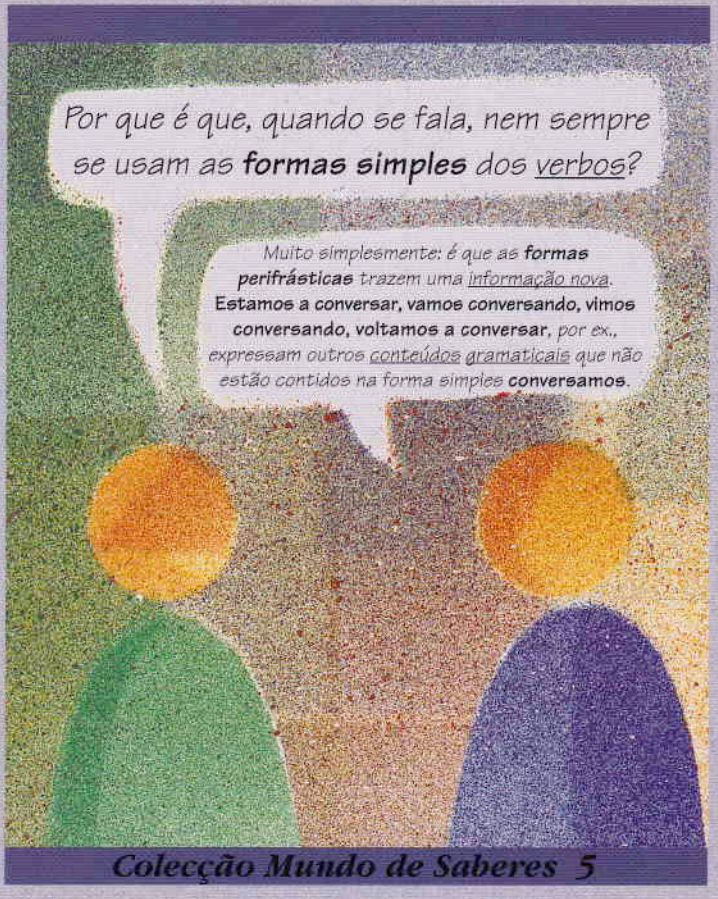
Henrique Barroso

O ASPECTO VERBAL PERIFRÁSTICO EM PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

visão funcional/sincrónica



PORTO EDITORA



Henrique Barroso [nascido em Salto (Montalegre, Vila Real) a 29 de Abril de 1960] licenciou-se em *Línguas e Literaturas Clássicas* (variante: *Estudos Portugueses e Clássicos*) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Julho de 1983, com a classificação de 16 valores (tendo, todavia, obtido na área de Linguística a média final de 17 valores).

Em Outubro de 1983 foi contratado como Assistente Estagiário pelo Departamento de Estudos Portugueses do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho para leccionar a cadeira de *Fonética e Morfologia do Português* aos cursos de Licenciatura em Ensino de Português/Francês e Português/Inglês e, desde 1992/93, aos de Português/Inglês e Português/Alemão.

Em Setembro de 1988, e de acordo com a carreira docente universitária, defendeu [perante o júri constituído pelos Profs. Doutores Lúcio Craveiro (presidente), U. Católica e U. Minho; José G. Herculano de Carvalho (1.º arguente), U. Coimbra; e José de Azevedo Ferreira (2.º arguente), U. Minho] as provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, apresentando dois trabalhos: *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: visão funcional/sincrónica* (o trabalho de síntese – este que aqui se publica agora) e *Estrutura do sufixo flexional do verbo português: padrão geral* (relatório de uma aula teórico-prática), tendo sido aprovado com a nota máxima de Muito Bom e, deste modo, passado à categoria de Assistente.

Encontra-se a preparar o seu doutoramento em Linguística Portuguesa sobre «as categorias *tempo* e *aspecto* do verbo português». Neste âmbito, esteve, como bolseiro da Alexander von Humboldt-Stiftung, de 01/10/1990 a 31/03/1992 e em Setembro de 1993, a fazer investigação com o Prof. Dr. Wolf Dietrich na W. Wilhelms-Universität de Münster (Alemanha) e também (cerca de um mês) com o Prof. Dr. Eugenio Coseriu na Universidade de Tübingen.

Tem colaborado no ensino da língua e linguística portuguesas a estrangeiros: U. Coimbra (Julho de 1988), U. Minho (no ano lectivo 1989/90 e em Julho de 1992) e U. Münster (Wintersemester 1990/91 e Sommersemester 1991).

Tem sido orientador científico de Português dos alunos estagiários da U. Minho.

Tem participado em congressos, colóquios, seminários e outras reuniões científicas, tanto em Portugal como no estrangeiro.

Trabalhos publicados:

1985: «A *semiosis* no conto MORGADO (*Bichos*), de Miguel Torga», in *Da Semiótica* (Actas do *I Colóquio Luso-Espanhol e II Luso-Brasileiro de Semiótica*, Porto);

1989: «O *aspecto de fases* em português contemporâneo», in *Actas do XIX Congreso Internacional de Lingüística e Filoloxía Románicas* (Santiago de Compostela);

1990: «Expressão perifrástica da categoria gramatical verbal *aspecto* em português contemporâneo», in *Diacrítica* 5 (I parte);

1991: 1.: *Idem*, in *Diacrítica* 6 (II parte);

2.: «A categoria aspectual da COLOCAÇÃO e sua expressão perifrástica em português contemporâneo», in *NÓS* – Revista da Lusofonia – (Pontevedra/Braga);

1993: «As *categorias gramaticais verbais* e a organização sistémica do *verbo* em português: uma hipótese interpretativa», in *Diacrítica* 8.

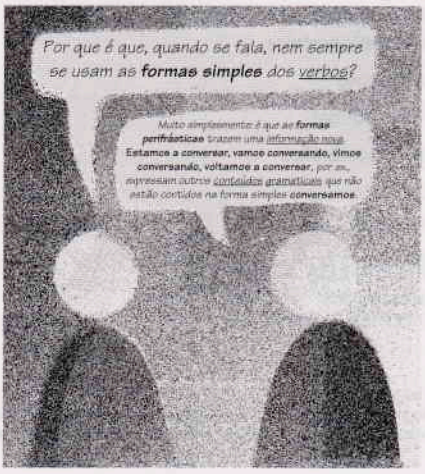
O **ASPECTO VERBAL PERIFRÁSTICO** EM PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

visão funcional/sincrónica

Henrique Barroso

O **ASPECTO VERBAL PERIFRÁSTICO** EM PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

visão funcional/sincrónica



Colecção Mundo de Saberes

PORTO EDITORA

Título: O ASPECTO VERBAL PERIFRÁSTICO
EM PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO
visão funcional/sincrónica

Autor: Henrique Barroso

Ilust. da capa: Silke Röttger

Executor gráfico: Bloco Gráfico

Editor: Porto Editora

© PORTO EDITORA, LDA. — 1994
Rua da Restauração, 365
4099 PORTO CODEX — PORTUGAL

Reservados todos os direitos.
Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita do Editor.

ISBN 972-0-34055-X

PORTO EDITORA, LDA. Telex 27205 P
Adm./Escrit./Arm. Rua da Restauração, 365 – 4099 PORTO CODEX – PORTUGAL ☎ (02) 2005813 Telefax (02) 313072
Livrarias Rua da Fábrica, 90 / Pr. de D. Filipa de Lencastre, 42 – 4000 PORTO ☎ (02) 2007669 ☎ (02) 2007681

DISTRIBUIDORES

ZONA CENTRO **LIVRARIA ARNADO, LDA.**
Escrit./Arm. Rua da Figueira da Foz, 5 Subcave, Apartado 375 – 3007 COIMBRA CODEX ☎ (039) 27573 Telefax (039) 22598
Livraria Rua de João Machado, 9 - 11 – COIMBRA ☎ (039) 33528

ZONA SUL **EMPRESA LITERÁRIA FLUMINENSE, LDA.**
Escrit./Arm. Av. Almirante Gago Coutinho, 59 - A – 1700 LISBOA ☎ (01) 84861923 Telefax (01) 806344
Livrarias Av. Almirante Gago Coutinho, 59 - D / Rua da Madalena, 145 – LISBOA ☎ (01) 84861923 ☎ (01) 872166

Aos meus pais (Ana e Henrique) e
aos meus irmãos e sobrinhos

IN LIMINE

Nesta ocasião, não poderíamos deixar de referir, reconhecidamente, algumas pessoas e também uma instituição sem cujo contributo a realização deste trabalho não teria sido possível:

O Prof. Doutor José Gonçalo Herculano de Carvalho que orientou este estudo, desde os seus primeiros momentos até à sua fase final, estudo este que é, em grande parte, resultado do seu constante apoio e da inspiração das suas observações;

O Centro de Estudos Portugueses, da Universidade do Minho, que, na pessoa do seu Presidente, Prof. Doutor Vítor Manuel de Aguiar e Silva, sempre subsidiou as viagens a Coimbra para encontros (= sessões de trabalho) com o nosso orientador;

Os colegas de trabalho que leram o manuscrito, forneceram algumas referências bibliográficas e nos ajudaram a ultrapassar várias dificuldades (como a interpretação de textos em línguas estrangeiras nossas desconhecidas);

A Senhora D. Helena (do Instituto de Estudos Românicos) e o Senhor Mário (do C. E. L. G. A.), da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que sempre facilitaram a consulta de obras essenciais à realização do presente trabalho de investigação;

E, finalmente, os familiares e amigos que, nos momentos mais duros/difíceis, sempre tiveram uma palavra de carinho e de incentivo.

Braga, Junho de 1988

ÍNDICE

PREFÁCIO 11

INTRODUÇÃO 13

I. PONTO DA SITUAÇÃO DOS ESTUDOS DE *ASPECTO VERBAL* EM PORTUGUÊS 19

1. ESTUDOS DE AUTORES PORTUGUESES E BRASILEIROS SOBRE O **ASPECTO VERBAL** EM PORTUGUÊS 20
   1.1. Gramáticas 20
   1.2. Outros estudos 31
2. ESTUDOS DE OUTROS AUTORES SOBRE O **ASPECTO VERBAL** EM PORTUGUÊS 47

II. PERÍFRASES VERBAIS, GRAMATICALIZAÇÃO E *ASPECTO PERIFRÁSTICO* 55

1. GRAMATICALIZAÇÃO E PERÍFRASES VERBAIS 56
   1.1. O conjunto **auxiliar + auxiliado** 57
   1.2. Delimitação do **auxiliar**: critérios 61
   1.3. Graus de gramaticalização das perífrases verbais 66
   1.4. Perífrases verbais **aspectuais** *vs* perífrases verbais **modais**, **temporais** e **diatéticas** 71
   1.5. Para uma definição da categoria **aspecto** e **aspecto verbal perifrástico** 75
2. NÍVEIS DE REALIZAÇÃO DO **ASPECTO** 78
   2.1. Realização não gramatical 79
   2.2. Realização gramatical 80

III. ESTUDO FUNCIONAL/SINCRÓNICO DAS *PERÍFRASES VERBAIS ASPECTUAIS* DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO 83

1. O **ASPECTO VERBAL PERIFRÁSTICO** COMO UM **SISTEMA COMPLEMENTAR** (OU **MARGINAL**) DA **CONJUGAÇÃO FUNDAMENTAL** 85

2. CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS ASPECTUAIS DO SISTEMA LINGUÍSTICO PORTUGUÊS EXPRESSAS POR PERÍFRASES VERBAIS 87

2.1. A categoria aspectual da VISÃO 88

2.1.1. A categoria aspectual da VISÃO PARCIALIZADORA 88

2.1.1.1. A subcategoria aspectual **visão angular** 89

2.1.1.2. A subcategoria aspectual **visão comitativa** 93

2.1.1.3. A subcategoria aspectual **visão prospectiva** 97

2.1.1.4. A subcategoria aspectual **visão retrospectiva** 100

2.1.1.5. A subcategoria aspectual **visão continuativa** 102

2.1.1.6. A subcategoria aspectual **visão extensiva** 105

2.2. A categoria aspectual da FASE (ou GRAU) 109

2.2.1. A subcategoria aspectual **fase iminencial** 110

2.2.2. A subcategoria aspectual **fase inceptiva** 115

2.2.3. A subcategoria aspectual **fase progressiva** 129

2.2.4. A subcategoria aspectual **fase continuativa** 129

2.2.5. A subcategoria aspectual **fase pré-final** 130

2.2.6. A subcategoria aspectual **fase final** 131

2.2.7. A subcategoria aspectual **fase egressiva** 133

2.3. A categoria aspectual da COLOCAÇÃO 137

2.3.1. A subcategoria aspectual **alinhamento** (ou **ordem**) 137

2.3.2. A subcategoria aspectual **disposição resultante** 145

2.3.3. A subcategoria aspectual **demarcação** 149

2.4. A categoria aspectual da REPETIÇÃO 153

2.4.1. A subcategoria aspectual **repetição simples** 154

2.5. A categoria aspectual da DURAÇÃO 157

2.5.1. A subcategoria aspectual **durativo** (ou **duração indefinida**) 158

2.6. A categoria aspectual do RESULTADO 160

2.6.1. A subcategoria aspectual **resultado efectivo** 160

2.6.2. A subcategoria aspectual **resultado produtivo** 161

2.7. A categoria aspectual do CUMPRIMENTO (ou ACABAMENTO) 162

3. OUTROS VALORES ASPECTUAIS, EXPRESSOS POR PERÍFRASES VERBAIS, NÃO REFERIDOS EM 2. 162

IV. ORIGEM DAS *PERÍFRASES VERBAIS ASPECTUAIS* 165

CONCLUSÃO 175

ÍNDICE DAS *PERÍFRASES VERBAIS ASPECTUAIS* ESTUDADAS 177

BIBLIOGRAFIA 181

I. BIBLIOGRAFIA TEÓRICO-METODOLÓGICA 181

II. BIBLIOGRAFIA UTILIZADA NA EXEMPLIFICAÇÃO 187

SIGLAS 189

PREFÁCIO

Foi em 4 de Outubro de 1984, no final do 1.º Encontro de Linguistas Portugueses, que o autor deste livro e eu nos encontrámos pela primeira vez. Depois de uma agradável, não muito longa, conversa, fiquei, do Henrique Barroso, com a impressão que, alguns meses mais tarde, viria a servir de base de uma verdadeira amizade.

Procurou-me ele, mais tarde, em minha casa para me pedir que, sendo então Assistente Estagiário da Universidade do Minho e tendo, dentro de cerca de três anos, de fazer as provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, legalmente exigidas para passar à categoria de Assistente, o orientasse na sua preparação para essas provas e especialmente na elaboração do Trabalho de Síntese — justamente aquele que demonstraria ao júri a sua capacidade de homem de ciência.

Depois de alguma hesitação na escolha do tema, sugeri-lhe que trabalhasse na linha de Coseriu e do seu antigo discípulo Wolf Dietrich, cujo livro (em tradução espanhola — ainda ele não dominava, como agora domina, o alemão) lhe emprestei, chamando-lhe a atenção para certos erros que nele se encontram relativamente ao Português. Lido o livro, imediatamente aceitou a sugestão e logo se lançou com tal empenho e entusiasmo ao trabalho de pesquisa e interpretação dos dados empíricos da nossa língua, que o estudo que, perante os demais membros do júri, tive de julgar no dia 30 de Setembro de 1988, apesar das deficiências inevitáveis em quem se estreava em tais lides — deficiências que o autor corrigiu de acordo com a minha argumentação — era e é «um trabalho de real mérito».

Passaram-se quase quatro anos desde esse dia. Entretanto, uma crise providencial de saúde veio proporcionar-me possibilidades de que havia muitos anos não gozava: as de ler, de reler e sobretudo de reflectir. Assim sucede que a minha visão dos problemas teóricos da linguagem e das línguas se alterou profundamente, em muitos pontos essenciais: sobre eles — entre os quais as concepções coserianas —, não penso hoje como pensava antes de 1990. O que não me impede de continuar a considerar o trabalho aqui presente como de real mérito.

Coimbra, 2 de Agosto de 1992

José Gonçalo Herculano de Carvalho

INTRODUÇÃO

«Passar do verbo à perífrase verbal é, no mais das vezes, um desenrolar de pensamento para melhor caracterizar as diversas nuanças do raciocínio, dentro da dinâmica do processo. Nisso se evidencia a insuficiência do quadro das conjugações verbais, bem como se revela o esforço da língua, procurando tais desdobramentos para adaptar-se à grandeza das expressões das idéias [sic].»[1]

É na base desta interpretação que, *grosso modo*, o nosso estudo se enquadra. Queremos dizer com isto que a análise do **aspecto verbal** deve basear-se, não tanto na conjugação fundamental dos tempos simples, mas sobretudo no sistema complementar (ou marginal)[2], constituído, formalmente, por **verbo auxiliar** (= verbo morfemático) + uma forma nominal do verbo principal: **infinitivo**, **gerúndio** ou **particípio**.

A incidência do verbo morfemático pode ser directa (tipo: "**Venho trabalhando** na tese") ou indirecta[3] (tipo: "**estou a trabalhar** na tese"). Isto significa que, no segundo caso, e por oposição ao primeiro, a incidência do verbo morfemático se faz por meio de um conectivo (**a**). Podemos acrescentar que a maioria das construções perifrásticas de **aspecto** se constroem com os conectivos **a**, **de**, **por** e **para** + **infinitivo**. Todavia, **a** representa o mais alto grau de frequência, como poderá ver-se mais adiante.[4]

---

[1] João de Almeida, badana/capa de *Introdução ao Estudo das Perífrases Verbais de Infinitivo*. Assis – São Paulo: ILHPA-HUCITEC, 1980.

[2] Terminologia coseriana usada em «El aspecto verbal perifrástico en griego antiguo (y sus reflejos románicos)», in: *Estudios de Lingüística Románica*. Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1977, pp. 231-263.

[3] Sobre 'incidência directa' e/ou 'indirecta', *vide* Bernard Pottier, «Sobre el concepto de verbo auxiliar», in: *Lingüística Moderna y Filología Hispánica*. Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1976, pp. 194-202.

[4] *Vide*, *infra*, cap. III. 2.

Antes de referir a organização interna deste trabalho, convém dizer que o método analítico nele seguido é o estrutural e o modelo teórico é o apresentado e defendido, para o **tempo** e **aspecto** no sistema verbal românico, por Eugenio Coseriu.[5]

São quatro os capítulos que constituem a sua ossatura:

I. Ponto da situação dos estudos de **aspecto verbal** em português;

II. Perífrases verbais, gramaticalização e **aspecto perifrástico**;

III. Estudo funcional/sincrónico das **perífrases verbais aspectuais** do português contemporâneo;

IV. Origem das **perífrases verbais aspectuais**.

Cada um dos capítulos está organizado em subcapítulos e estes em parágrafos e subparágrafos, onde são analisados, por partes (como convém a um estudo descritivo de uma língua funcional), todos os problemas teóricos relativos à categoria gramatical **aspecto**.

No primeiro capítulo, apresentamos (comentando sempre que necessário for) os principais estudos realizados por linguistas portugueses, brasileiros e estrangeiros no âmbito do **aspecto** em português. Entre outros, destacamos, desde já, os trabalhos de Ataliba Teixeira de Castilho[6], João de Almeida[7], José G. Herculano de Carvalho[8], Inês Silva Duarte[9], Óscar Lopes[10], Joaquim Mattoso Câmara Júnior[11], Eugenio Coseriu[12] e Wolf Dietrich[13], que julgamos fundamentais.

Com este capítulo pretendemos mostrar como é que tem sido questionada a problemática do **aspecto verbal** no âmbito da lusitanística e, assim, nos situarmos.

---

5 E. Coseriu, estudo citado na nota 2 e também *Das romanische Verbalsystem*, Tübingen, 1976, trabalho referido por Wolf Dietrich em *El Aspecto Verbal Perifrástico en las Lenguas Románicas*. (Tradução espanhola de Marcos Martínez Hernández, Madrid: Editorial Gredos, 1983, pp. 201-226).

6 *Introdução ao Estudo de Aspecto Verbal na Língua Portuguesa*. *Alfa* 12 (1968), pp. 7-135.

7 Trabalho referido na nota 1.

8 «Temps et aspect: problèmes généraux et leur incidence en portugais, français et russe», in: *Estudos Linguísticos* (vol. 3.°). Coimbra: Coimbra Editora, 1984, pp. 199-235.

9 «A categoria linguística aspecto», in: *Gramática da Língua Portuguesa*, de M.ª Helena Mira Mateus, Ana M.ª Brito, Inês Silva Duarte & Isabel Hub Faria. Coimbra: Livraria Almedina, 1983, pp. 123-142. [2.ª edição revista e aumentada. Lisboa: Caminho (Colecção universitária, Série LINGUÍSTICA), 1989, pp. 89-102.]

10 *Gramática Simbólica do Português* (um esboço). 2.ª edição (corrigida). Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciência, Centro de Investigação Pedagógica. 1972, cap. IX, pp. 221-242.

11 *Princípios de Lingüística Geral* (6.ª edição). Rio de Janeiro: Padrão – Livraria Editora Ltda., 1980, pp. 140-148.

12 «Aspect verbal ou aspects verbaux? Quelques questions de théorie et de méthode», in: *La Notion d'Aspect*, pp. 13-25; e também os trabalhos referidos nas notas 2 e 5.

13 Trabalho referido na nota 5.

No capítulo segundo, estudamos, numa primeira fase, o processo de **gramaticalização** das perífrases verbais, fenómeno de linguística geral que consiste na passagem de uma palavra de significação lexical a uma palavra de significação gramatical, ou, noutros termos: instrumentalização de um signo linguístico. Visualizemos: o verbo **andar**, utilizado isoladamente no discurso (por exemplo: "**Ando** muito a pé"), conserva o significado lexical de 'caminhar', 'mover-se'. Pelo contrário, quando auxiliar, numa construção perifrástica, perde parcial ou totalmente (conforme o contexto) essa significação, passando a funcionar como morfema de significação gramatical (por exemplo: "**Ando a escrever** o original deste trabalho"), onde se pode constatar que o significado lexical 'caminhar', 'mover-se' desaparece totalmente e **andar**, neste conjunto, funciona como morfema de natureza aspectual.[14]

Como se pode depreender do exposto, analisamos o conjunto sintagmático constituído pelo **verbo auxiliar + verbo principal** e os diferentes graus de gramaticalização, bem como os critérios de delimitação do verbo auxiliar: critérios paradigmático, sintagmático e semântico. O primeiro é fundamental; os dois últimos constituem o corolário do primeiro.[15]

Ainda nessa primeira parte, e em consequência da análise realizada, tentamos dar uma definição de **perífrase verbal** e diferenciamos (pelos valores gramaticais expressos) as várias classes de perífrases verbais: **perífrases verbais aspectuais** (valores aspectuais), **perífrases verbais modais** (valores modais), **perífrases verbais temporais** (valores temporais) e **perífrases verbais diatéticas** (valores diatéticos).[16]

A concluir esta parte, apresentamos uma definição da categoria **aspecto** bem como de **aspecto verbal perifrástico.**[17]

Sem querer ultrapassar o âmbito deste trabalho, achamos conveniente fazer, a título de mera informação, embora breve, uma apresentação da problemática (ainda sem solução definitiva) estabelecida no seio da aspectologia germânica e eslava acerca dos conceitos de **Aspekt** e **Aktionsart**, termos propostos, pela primeira vez, para o polaco, pelo aspectólogo S. Agrell. Este autor classifica o **aspecto** (**Aspekt**) como categoria subjectiva, já que se relaciona com o ponto de vista da acção por parte do falante, enquanto o **modo de acção** (**Aktionsart**) o considera objectivamente, já que afecta a qualidade da própria acção relativamente à realidade extralinguística.[18]

---

[14] Sobre o valor aspectual expresso pela perífrase **andar + a + infinitivo** (ou **andar + gerúndio**), cf., *infra*, cap. III. 2.1.1.2.

[15] *Vide*, *infra*, cap. II. 1.1., 1.2. e 1.3.

[16] *Vide*, *infra*, cap. II. 1.4.

[17] *Vide*, *infra*, cap. II. 1.5.

[18] Wolf Dietrich, obra referida na nota 5, pp. 182-183.

Numa segunda fase, estudamos os diferentes níveis de realização/manifestação da categoria gramatical verbal **aspecto**. Esta categoria realiza-se, em português, **lexical, morfológica, contextual** e **perifrasticamente**.

As realizações **lexical** e **contextual** não são gramaticais, isto é, são realizações aspectuais, como se infere dos próprios termos, expressas pelo **semantema verbal** e pelo **contexto** em que se encontra o verbo, respectivamente. Neste último caso intervêm como factores relevantes os adjuntos adverbiais, por exemplo: "**Ainda** chove" / "**Já não** chove"; "**Ainda não** chove" / "**Já** chove".

As realizações **morfológica** e **perifrástica** são, pelo contrário, gramaticais, pois são os próprios morfemas flexionais (no primeiro caso) e a perífrase, como um todo morfemático (no segundo), que expressam os diversos valores aspectuais. A este propósito, são sintomáticas as palavras de Judith Aissen e Jorge Hankamer[19]: «(...); outras línguas têm um tempo especial para acções localizadas no momento da enunciação, mas que se espera que terminem num momento posterior: o turco tem um afixo especial para esta situação (**gid** – 'andar', **gid*iyor*** – 'está a andar'). O inglês não o tem [o português também não – acrescentamos nós], empregando antes uma construção 'perifrástica' [tal como o português] (envolvendo uma colocação sintáctica particular) para exprimir a mesma distinção. Uma das tendências gerais na evolução das línguas indo-europeias tem sido a substituição de muitas distinções que anteriormente eram morfológicas por distinções perifrásticas.»

Convém sublinhar que, se, como se depreende das palavras de J. Aissen e J. Hankamer, existem línguas (como o turco, por exemplo) que se servem de morfemas flexionais para a expressão da categoria **aspecto** (como, aliás, o português se serve para expressar as categorias **tempo/modo**: *-va* ou *-ia*, para o 'imperfeito' do 'indicativo' e **pessoa/número**: *-s*, para a 'segunda pessoa' do 'singular'), convém sublinhar, dizíamos, que, em português, a expressão flexional não é, de modo algum, tão pertinente como a expressão perifrástica. Isto, porque em português, os morfemas flexionais expressam, como vimos, sobretudo as categorias **tempo/modo** e **pessoa/número**. É, portanto, a perífrase, como morfema do paradigma verbal, que exprime as diversas categorias e subcategorias aspectuais do sistema linguístico português. E por assim ser, é que nós dedicamos a maioria destas páginas à sua estruturação e realização na norma linguística portuguesa.[20]

O terceiro capítulo, justificando a existência dos dois primeiros, constitui o núcleo deste trabalho, porque é aqui que analisamos a estrutura funcional da categoria **aspecto** (expresso por perífrases verbais) do sistema linguístico português.

---

[19] Artigo "Gramática", in: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 2: Linguagem/Enunciação. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, p. 221.

[20] Sobre esta matéria, *vide* cap. III.

Como já foi referido, é na base dos trabalhos de E. Coseriu[21] e do seu discípulo, Wolf Dietrich, que nos propomos analisar o sistema aspectual perifrástico do português contemporâneo; com algumas restrições, todavia, à sua interpretação.

Assim, e de acordo com a interpretação coseriana do sistema aspectual das línguas românicas, mostramos que o **aspecto verbal perifrástico** em português (como nas restantes línguas românicas) constitui um **sistema complementar** (ou **marginal**) do **sistema fundamental** (este constituído pela conjugação dos tempos simples, exprimindo sobretudo, e fundamentalmente, as categorias **tempo/modo** e **pessoa/número**). Os demais valores (verbais), designados pelo termo **aspecto**, encontram a sua melhor expressão gramatical nas perífrases verbais.

Estudam-se, de seguida, as categorias aspectuais de **visão**, de **fase**, de **colocação**, de **repetição**, de **duração**, de **resultado**, de **acabamento** e as diversas subcategorias que aquelas compreendem: **visão angular**, **visão retrospectiva**, **visão prospectiva**, **visão comitativa**, **visão continuativa** e **visão extensiva**; **fase iminencial**, **fase inceptiva**, **fase progressiva**, **fase continuativa**, **fase pré-final** (ou **regressiva**), **fase final** (ou **conclusiva**) e **fase egressiva**; **ordem**, **disposição resultante** e **demarcação**; **repetição simples**; **durativo**; **resultado efectivo** e **resultado produtivo**; e outras: categorias e subcategorias expressas na norma linguística portuguesa por perífrases verbais.

À medida que fomos estudando as construções perifrásticas aspectuais, assinalámos o seu grau de gramaticalização bem como a expressão primária e/ou secundária de todos os valores aspectuais do sistema linguístico português.

Como o maior ou menor grau de gramaticalização das perífrases verbais (aspectuais ou outras) depende da perda do significado lexical do verbo auxiliar e também do maior ou menor grau de frequência no discurso (frequência manifestada sobretudo pelas flexões de **tempo** e **modo** à semelhança das formas simples), elaborámos, para cada perífrase e valor aspectual, um diagrama (*corpus* de ocorrência) em que registamos, com exemplos extraídos de vários textos literários[22], crónicas jornalísticas[23], programas televisivos, conversas informais e também frases construídas por nós, o funcionamento gramatical de todas essas construções na norma linguística portuguesa. Assinalamos ainda, para cada valor sistemático, quando as há, as variantes de **norma** e também de **fala**.

No quarto e último capítulo, e sem pretendermos fazer um estudo diacrónico (o que ultrapassaria, e muito, o tema que nos propusemos) das perífrases verbais e categorias aspectuais por elas expressas, desde os primeiros textos escritos em

[21] Trabalhos referidos nas notas 2, 5 e 12.

[22] *Vide* Bibliografia utilizada na exemplificação: a) Textos literários.

[23] *Vide* Bibliografia utilizada na exemplificação: b) Periódicos.

português[24] até hoje (isto poderá ficar, eventualmente, para um segundo trabalho), tratamos tão-só (e de passagem) da muito provável origem grega de, pelo menos,algumas categorias aspectuais expressas, nessa língua, também por perífrases verbais. Para esta matéria baseamo-nos nos trabalhos de E. Coseriu[25] e de Wolf Dietrich.[26]

Este último capítulo justifica-se na medida em que a analogia formal e funcional das perífrases verbais aspectuais das línguas românicas, principalmente do português e do espanhol (as duas línguas românicas mais ricas no campo do aspecto verbal perifrástico), sugere a necessidade de uma origem comum.

Para mostrar, por agora, um exemplo dessa analogia formal e funcional das perífrases verbais aspectuais nas línguas românicas, e relativamente ao grego antigo, basta reparar nas seguintes construções perifrásticas para a expressão da subcategoria aspectual da 'visão parcializadora': 'visão retrospectiva': port.: "**venho fazendo**"; esp.: "**vengo haciendo**"; it.: "**vengo facendo**".[27] A construção perifrástica do grego antigo diverge formalmente da das línguas românicas, porque se trata de um outro sistema linguístico onde existe a mesma função gramatical, mas expressa, na norma linguística dessa língua, por **verbo auxiliar + particípio do presente** (tipo: ἥκω + part. do presente: ex.: "ἥκω σεβίζων σόν, Κλυταιμήστρα, κράτος..."[28]: "**venho venerando**, Clitemnestra, o teu poder...").

Resta-nos, finalmente, chamar a atenção para a interpretação, aqui defendida, da categoria **aspecto** em português (**realização perifrástica do aspecto verbal**), interpretação esta que se afasta dos cânones tradicionais divulgados pela aspectologia eslava, onde, de facto, o verbo realiza morfologicamente a categoria **aspecto**, permitindo, deste modo, uma perfeita e correcta interpretação dos aspectos **perfectivo** e **imperfectivo**. Devemos ainda sublinhar que esta interpretação, de aspectos **perfectivo/imperfectivo**, não mostra, de maneira tão eficaz, a riqueza aspectual do verbo românico e, neste caso concreto, do verbo português. Daqui concluirmos que o **aspecto**, sendo uma categoria universal, encontra em cada língua particular os seus processos, singulares e subtis, de expressão/manifestação.

---

[24] Os primeiros documentos escritos em língua portuguesa são o *Testamento de D. Afonso II*, datado de 1214, e *Notícia de Torto*, datado de 1214 ou 1216. Depois destas datas, só em 1255 é que voltaram a aparecer novos documentos escritos em português.

[25] Trabalhos referidos nas notas 2 e 5.

[26] Texto referido na nota 5.

[27] Wolf Dietrich, *op. cit.*, p. 210.

[28] Ésquilo, *Agamémnon*, v. 258. (Exemplo apontado por W. Dietrich, *op. cit.*, p. 363)

I

PONTO DA SITUAÇÃO DOS ESTUDOS DE *ASPECTO VERBAL* EM PORTUGUÊS

Como premissa fundamental, tem este capítulo a função de relevar a(s) interpretação(ões) da categoria gramatical **aspecto** no âmbito da investigação linguística portuguesa e, como conclusão (também fundamental), situar a interpretação a defender neste trabalho.

Assim, e em primeiro lugar, devemos dizer que os estudos de **aspecto** (comparados com os de outras línguas) constituem uma lacuna no seio da linguística portuguesa. Queremos dizer com isto que não há, propriamente dito, um estudo de conjunto sobre esta matéria.[1] Muito menos existe um estudo particularizado sobre esta ou aquela manifestação/realização aspectual em português. O que há são apenas referências isoladas, fornecidas pelos autores aquando das suas mais variadas reflexões acerca do sistema verbal português, nomeadamente acerca da expressão da categoria gramatical **tempo** e ainda de 'certos' valores que os **verbos auxiliares** expressam ou podem expressar quando ligados a uma das três formas nominais do verbo (**infinitivo**, **gerúndio** ou **particípio**). Deste modo, o estudo que aqui apresentamos será, tanto quanto possível, uma análise particularizada da categoria gramatical **aspecto** em português contemporâneo: a sua **realização perifrástica**.

Em segundo lugar, devemos sublinhar que este "ponto da situação ..." não pretende, de forma alguma, ser completo e exaustivo. Para isso, precisaríamos de muito mais espaço e tempo e também necessitaríamos de ter como tema, por exemplo, "uma monografia dos estudos de aspecto verbal em português". Por isso, será tão-só uma visão geral da problemática do **aspecto verbal** em português, efectuada a partir dos estudos (os mais relevantes) a que tivemos acesso aquando das nossas pesquisas para a elaboração deste mesmo trabalho.

---

[1] Ressalve-se, contudo, o trabalho que apresentaremos no ponto 2. deste mesmo capítulo: *Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa*, de Ataliba T. de Castilho.
Existem também, pelo menos, mais dois estudos que não aparecem na bibliografia final, porque não conseguimos obtê-los até à data da redacção deste original que são: *Contribuição para o Estudo da Categoria Verbal Aspecto em Português*, de Maria Bernardete Paiva (1959) e *O Aspecto Verbal no Português. A Categoria e sua Expressão*, de Luiz Carlos Travaglia (Universidade de Uberlândia: 1981). Por isso, não sabemos, neste momento, até que ponto podem ser obras de conjunto sobre a categoria gramatical em epígrafe.

Do ponto de vista organizativo, compreende este capítulo dois pontos: no primeiro, apresentamos e discutimos brevemente os estudos de autores portugueses e brasileiros que, directa ou indirectamente, dizem respeito à problemática referida; no segundo, os estudos de autores estrangeiros que, também, se referem a esta questão tão complexa[2] do verbo, enquanto categoria linguística universal, e do verbo português, em particular.

1. ESTUDOS DE AUTORES PORTUGUESES E BRASILEIROS SOBRE O **ASPECTO VERBAL** EM PORTUGUÊS

Porque as referências à categoria **aspecto** se encontram em trabalhos de duas naturezas distintas (1. gramáticas e 2. estudos sobre a categoria aspecto, perífrases, valores de certos tempos, etc.), procederemos à sua apresentação e discussão também em duas etapas diferentes.

1.1. Gramáticas

1. José Nunes de Figueiredo e António Gomes Ferreira, no capítulo da sua gramática[3] intitulado "Sintaxe do verbo. Categorias verbais: modos, tempos e aspecto", dizem apenas o seguinte relativamente à categoria verbal **aspecto**: «Por vezes, as formas verbais indicam duração, começo, fim, repetição, etc. da acção verbal. É a chamada categoria de **aspecto verbal**»[4], arrolando os exemplos: «Cantava, cantava...; O avião parte de Lisboa às 10 horas e chega a Roma às 16; Começou a ler um livro de Júlio Dinis; Tomava banho àquela hora; Lia, doíam-lhe

---

[2] A questão do **aspecto verbal** é um problema extremamente complexo não só a nível de uma língua funcional (como, por exemplo, o português), mas também e sobretudo um problema de complexidade mais geral, porque o **aspecto**, enquanto categoria universal, é um fenómeno que afecta, em princípio, o verbo de todos os sistemas linguísticos do mundo: («En rigor, el aspecto se encuentra mucho más comúnmente en las lenguas del mundo que el tiempo, pues son muchas las lenguas que carecen de tiempo **g** [=gramatical] y, en cambio, son muy pocas, si las hay, que no tengan aspecto», John Lyons, *Semántica*, p. 639). Para isso, basta recordar o último congresso em que se debateu exclusivamente, sem se chegar a uma conclusão aparentemente definitiva, esta temática: *La Notion d'Aspect*, Colloque organisé par le Centre d'Analyse Syntaxique de l'Université de Metz (18-20 Mai 1978). Actes publiés par Jean David et Robert Martin.

[3] *Compêndio de Gramática Portuguesa* (2.ª edição) – para os 1.°, 2.° e 3.° anos do Liceu –. Porto: Porto Editora, 1973.

[4] J. N. de Figueiredo e A. G. Ferreira, *op. cit.*, p. 65.

os olhos; Andava a passear»[5], mas não explicam como é que se vão expressando os diferentes valores aspectuais. Pelo contrário, dedicam nada mais nada menos que onze páginas às categorias verbais **modo** e **tempo**. Por aqui se vê quão parca informação nos fornecem os AA. sobre a categoria agora considerada. É, portanto, uma grave deficiência do ensino gramatical da língua portuguesa (mesmo para os graus de ensino em questão).

Como corroboração dessa deficiência, podemos acrescentar que, quando frequentámos esses graus de ensino (7.°, 8.° e 9.° anos), nunca nenhum professor de Português nos chamou a atenção para a existência dessa categoria verbal.

Mais adiante[6], os referidos AA., ao tratarem da 'conjugação perifrástica', apresentam uma lista não muito ampla de 'verbos auxiliares' (exs.: **andar**, **ir**, **vir**, **ter** ou **haver**, **começar**, **deixar**, **acabar**, **continuar**), chamando a atenção para os diversos significados que as perífrases verbais denotam (coisa que as formas simples da conjugação verbal não conseguem), mas não especificam teoreticamente entre valores modais, temporais e aspectuais nem sequer dizem, no que à categoria **aspecto** diz respeito, quais são esses valores ou, até, subcategorias.

2. O gramático brasileiro Said Ali, nas duas gramáticas que dele dispomos[7], não trata propriamente da categoria verbal **aspecto**, mas o que diz tem que ver com valores aspectuais, *grosso modo* considerados. É ao tratar das 'conjugações compostas' (como ele lhes chama), isto é, «combinações de auxiliares com verbos principais»[8] que tais valores se podem inferir.

Assim, segundo o A., **ter** + **particípio**, **ser** + **particípio**, **ter de** + **infinitivo** e **estar** + **gerúndio** constituem as quatro principais conjugações compostas, denotando os aspectos **perfectivo**, **passivo**, **necessitativo** e do **momento rigoroso**, respectivamente, por oposição à conjugação simples, que denota **aspecto imperfectivo**.[9]

Como auxiliares de aspecto[10], aponta **estar**, **ir**, **vir**, **andar**, **tornar a**, **estar a**, **estar por**, **ficar por**, **vir a**. Todos estes verbos, combinados com as formas nominais do verbo principal ou 'nocional' (como ele o designa), perdem os seus significados lexicais, «servindo tais vocábulos de elementos subsidiários, junto a gerúndio, para pôr em evidência a actualidade e continuidade do acto expresso

---

[5] *Idem, Ibidem*, p. 65.

[6] *Idem, Ibidem*, p. 225 e pp. 249-251.

[7] *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* (3.ª edição). São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964, pp. 160-163 e 338-360; e *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964, pp. 73-94 e 173-183.

[8] Said Ali, *Gramática Secundária...*, pp. 73-74.

[9] *Idem, Gramática Histórica*, p. 163.

[10] Não é uma designação do autor. Todavia, é uma classificação que podemos efectuar a partir dos significados que o próprio A. julga exprimirem quando combinados com as formas nominais do verbo nocional.

pelo dito gerúndio, e, junto a infinitivo, para denotar, a respeito destoutro verbo, a intenção, vontade ou futuridade»[11] (para os auxiliares **estar**, **andar**, **ir** e **vir**) e também outros significados/valores (para os restantes auxiliares).

Finalmente, «pondo de parte a forma do imperativo, que é desusada em algumas das conjugações compostas, e o particípio, que é privativo da conjugação simples, se demonstra que as diversas formas da flexão verbal se encontram tanto num como noutro tipo conjugativo»[12]. Esta nota é, para nós, deveras importante, já que, como se há-de ver posteriormente[13], é nesta base que procederemos à análise das perífrases verbais aspectuais do português contemporâneo. É pena, contudo, que o A. não tenha explicado o porquê da **defectividade** da 'conjugação composta' ou 'perifrástica'[14].

3. Gladstone Chaves de Melo[15] fala de 'valores aspectuais' quando estuda o "emprego do verbo" e, nomeadamente, "o gerúndio em locução verbal". Segundo este A., «com os verbos auxiliares **estar**, **andar**, **ir** e **vir** o gerúndio forma locuções verbais, indicando a conjugação perifrástica aspecto durativo do tempo presente, pretérito e futuro: **estou cosendo / estava fazendo / estive trabalhando / ando pelejando / andava conversando / andava conspirando**; **vou melhorando / fui saindo / irá habituando-se**; **venho conseguindo / vinha discutindo / viria falando**»[16].

Apesar de ter chamado a atenção para a expressão do 'aspecto durativo' nos diversos tempos gramaticais do verbo português e de ter relevado o(s) valor(es) do pretérito perfeito composto (este tempo «indica que a acção, repetida, continua do passado até ao presente, ou – só na língua literária – que determinado acto se vem de concluir, se deu por realizado e encerrado»)[17], não adianta mais nada. Isto significa, mais uma vez, que o **aspecto**, como categoria gramatical verbal, continua a ser descurado nas gramáticas da língua portuguesa, o que, insistimos, constitui um grave defeito do ensino gramatical.

---

[11] Said Ali, *Gramática Histórica...*, p. 160.

[12] *Idem, Ibidem*, p. 162.

[13] Cf., *infra*, cap. III.

[14] É esta a expressão que será utilizada neste trabalho, de acordo com a maioria dos investigadores que estudaram esta matéria.

[15] *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968, pp. 282-299.

[16] G. Chaves de Melo, *op. cit.*, p. 284.

[17] *Idem, Ibidem*, p. 284.
A propósito de 'conjugação composta' e 'conjugação perifrástica', faz o A. a distinção entre **tempo composto** «com os verbos **ter** e **haver** + particípio» que, segundo ele, «faz parte da conjugação» e **locução verbal** que «tem conjugação própria e nasce da necessidade de expressar o(s) valor(es) aspectual(ais)». No entanto, para nós, as perífrases dos chamados 'tempos compostos' (com **ter** + **particípio**) são construções com valor aspectual. *Vide*, por isso, entre outros, o artigo «Pretérito perfeito simples / Pretérito perfeito composto: uma oposição aspectual e temporal», de Henriqueta Costa Campos (indicado na bibliografia final) e também aqui (cf. I. 1.2.) referido.

4. Uma interpretação diferente da categoria **aspecto** é a de Óscar Lopes. No cap. IX da sua gramática[18], estuda, conjuntamente, as categorias gramaticais **tempo** e **aspecto** como "intervalos ordenados e quantificados"[19].

Depois de ter analisado os intervalos ordenados do **tempo** (presente, pretérito e futuro), afirma: «No entanto, os tempos verbais ou 'circunstanciais' exigem uma análise mais fina, que tenha pelo menos em conta as noções elementares da teoria dos conjuntos, incluindo a de intervalo. E entramos também, assim, em contacto com a noção linguística de **aspecto** de um qualquer processo verbalmente expresso. Definiremos aqui como sendo expressão quantificada de qualquer processo, ou então expressão de relações conjuntistas de intervalos, em dados processos cronologicamente orientados»[20].

De acordo com o que foi dito, o **aspecto** como "quantificação da frequência" compreende, segundo o A., o **aspecto universal** ou **gnómico** (que, em português, é expresso pelo tempo presente: "A terra gira em torno do sol") com as variantes atenuadas de **possibilidade permanente**, **alta probabilidade** ou **frequência, hábito** (exs.: "Os peixes nadam"; "Nós bebemos leite", "Levantamo-nos às 7 horas").[21] Esta quantificação iterativa é ainda expressa por sufixos e perífrases e até, em muitas línguas, pelos usos especiais de certas formas temporais ou modais.[22] Compreende também os aspectos **existencial** (ex.: "os marinheiros também se afogam"), «na medida em que contradita uma negação universal de tempo ("nunca se afoga")»[23], e **singular**, que é o aspecto que o verbo designa por excelência[24], isto é, um acto, um processo ou uma situação.

Por seu turno, o **aspecto** como "ordenação complexa de intervalos"[25] compreende os aspectos **aoristo** ou **pontual** que significa 'sem limites', isto é, «processo, situação ou acto que o verbo e os seus complementos de tempo exprimem», sem atender à sua duração (ex.: "Ele **comeu** o bolo") e **durativo** ou **progressivo**, «um conjunto de pontos sucessivos entre dois extremos» (exs.: "Ele **comia** o bolo", "Ele **está a comer** ou **está comendo** o bolo"), ao contrário do aspecto **pontual**

---

18 *Gramática Simbólica do Português* (um esboço). 2.ª edição (corrigida). Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciência, 1972, pp. 221-242.

19 Conforme com o título deste mesmo capítulo (cf. Ó. Lopes, *op. cit.*, p. 221).

20 *Idem, Ibidem*, p. 223.

21 *Idem, Ibidem*, p. 224.

22 Relativamente a **re–**, diz o A. que «é um quantificador fundamentalmente verbal (...) que ora corresponde ao cardinal 'dois', ora à quantificação **indefinida** 'muitos': 'refazer' é, ora 'fazer duas vezes' (ou 'fazer pela segunda vez', com sentido ordinal), ora 'fazer várias vezes', conforme o contexto» (*op. cit.*, p. 225).

23 Ó. Lopes, *op. cit.*, p. 224.

24 «O aspecto mais típico da conjugação verbal e suas determinações circunstanciais é, não o aspecto gnómico-universal, o aspecto existencial, o aspecto iterativo, o aspecto plural (numerado ou não), mas o aspecto singular.» (Ó. Lopes, *op. cit.*, pp. 225-226)

25 Por **intervalo** e **momento** entende o A. «respectivamente, qualquer ponto ou qualquer conjunto de pontos dessa recta...», a chamada recta cronológica com espaço ordenado (———) (Ó. Lopes, *op. cit.*, p. 226).

que indica «um ponto ou momento na duração cronológica»[26]. Compreende, ainda, os aspectos **imperfeito** (ou **inacabado**) e **perfeito** (ou **acabado**), isto é, dois tipos aspectuais cujo conjunto de momentos de um exclui o conjunto de momentos do outro. É o tipo de oposição aspectual que corresponde, em português, «ao uso dos advérbios **ainda** e **já**, mas que podem também exprimir-se por outros modos, incluindo por desinências. É fácil compreender que "ainda chove" tanto exclui "ainda não chove" como "já não chove"»[27].

Finalmente, refere os significados predominantemente 'durativo', 'aorístico', 'incoativo' (este último exprime uma mudança de estado) de certos verbos (significados estes que vão afectar, logicamente, as oposições aspectuais assinaladas acima); o valor 'durativo, imperfeito' do pretérito perfeito composto[28] e ainda as oposições de aspecto existentes entre verbos como **ser / estar / andar / ficar**.[29]

Como se pode inferir do exposto, a concepção/interpretação de Ó. Lopes do **aspecto** pretende ser globalizadora, ou seja, abarcar todos os tipos de realização aspectual: significados dos lexemas verbais, sufixos, perífrases verbais, desinências verbais, adjuntos adverbiais, etc. A este propósito, lembremos a importância do adjunto adverbial (advérbios e conjunções, sobretudo temporais), que tem tido ultimamente um tratamento considerável por parte de certos linguistas portugueses e, principalmente, estrangeiros.[30]

5. Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz[31], tal como outros gramáticos, referem-se à categoria gramatical que estamos a estudar, quando tratam da 'conjugação perifrástica' (que definem como «combinação de um verbo que perdeu o seu sentido próprio para se converter em auxiliar com o infinitivo (precedido ou não duma preposição ou da conjunção **que**), gerúndio ou particípio

---

[26] Ó. Lopes, *op. cit.*, pp. 226-227.
Acrescenta o A. que o contraste entre estes dois tipos de aspecto (**pontual / durativo**) não é apenas expresso pelas desinências do paradigma verbal e pelas perífrases, mas também, «se não principalmente, pelo jogo de contrastes entre preposições como **em** e **durante**, advérbios como **então** e **entretanto**, conjunções como **quando** e **enquanto**» (Ó. Lopes, *op. cit.*, p. 227).

[27] *Idem, Ibidem*, pp. 228-229.

[28] É um tempo **durativo**, **imperfeito**, porque «exprime um processo cujo momento inicial é anterior a p, mas cujo momento extremo final não está definido» (Ó. Lopes, *op. cit.*, pp. 232-233).

[29] A oposição aspectual destes quatro verbos pode ver-se nos seguintes exemplos:
"Ela **é** feliz" – felicidade permanente;
"Ela **está** feliz" – felicidade passageira;
"Ela **anda** feliz" – felicidade recente com manifestação intermitente;
"Ela **ficou** feliz" – felicidade resultativa de algo anterior.

[30] Cf., entre outros, os trabalhos: *Semântica e Pragmática de "já", "ainda", "já não"* e *"ainda não"*, de Sérgio Paulo F. de Matos; «Maintenant$_1$ et maintenant$_2$: sémantique et pragmatique de "maintenant" temporel et non temporel», de Frédéric Nef; «"Déjà" et "encore": de la présupposition à l'aspect», de Robert Martin e «"Déjà" et "encore" et les temps du passé du français», de J. Hoepelman & C. Roher, in: *La Notion d'Aspect* (os três últimos) e todos incluídos na bibliografia final.

[31] *Gramática da Língua Portuguesa*. Colecção Lexis. Lisboa: Edições 70, 1983.

de outro verbo cujo significado precisa ou modifica»)[32], não lhe dedicando, por conseguinte, uma alínea especial, mas deixam entrever, contudo, os chamados 'significados' ou 'valores' aspectuais.

Assim, segundo as AA., **estar + a + infinitivo** (ou **estar + gerúndio**) e **andar + a + infinitivo** (ou **andar + gerúndio**) expressam 'duração' ou 'continuidade' de uma acção; **ir** e **vir + gerúndio** indicam a 'realização gradual de uma acção'; **ir + infinitivo** «constitui um futuro mais espontâneo e familiar»; **ir + a** ou **para + infinitivo** expressa uma 'acção apenas iniciada'; **vir + a + infinitivo** indica a 'consecução final de uma acção'. Concluem este capítulo, alinhando «outros verbos empregues [sic] também frequentemente como auxiliares em formas perifrásticas, todas elas com equivalência em espanhol: **acabar**, **cessar**, **começar**, **continuar**, **chegar**, **deixar**, **ficar**, **principiar**, **prosseguir**, **seguir**, **tornar**, **voltar**, etc.»[33].

Mais uma vez, esta gramática da língua portuguesa é reducionista e pouco esclarecedora no tocante à categoria **aspecto**. Tem, sim, a vantagem (embora discordemos da classificação dos verbos **prosseguir** e **seguir** como 'auxiliares')[34] de enumerar uma lista de auxiliares, alguns com um forte índice de ocorrência no português, como se há-de ver mais adiante[35], ainda que não suficientemente explorados (alguns; outros, nada) quanto ao seu conteúdo aspectual.

6. Na gramática de M.ª Helena M. Mateus *et aliae*[36], encontramos duas referências (uma indirecta, outra directa) à categoria linguística **aspecto**.

A referência a que chamamos 'indirecta' diz respeito ao estudo do "sistema do auxiliar", levado a cabo por Maria Helena Mira Mateus. Aí, define a A. os 'verbos auxiliares' como verbos que «acompanham o núcleo do SV na expressão das categorias linguísticas **tempo**, **aspecto** e **modalidade**. Ocorrem sempre à esquerda do verbo principal mas podem conjugar-se com diferentes formas desse verbo, e podem ou não vir acompanhados de preposição»[37], apresentando, depois, uma lista (curta) de verbos auxiliares temporais, aspectuais e modais. Como auxiliares aspectuais, que classifica de «valor aspectual 'durativo' (cursivo, permansivo, frequentativo, iterativo)», indica **estar a**, **continuar a**, **ficar a**, **andar a**, **ir a** e **começar a** (com valor aspectual inceptivo) e auxiliares, acompanhados da preposição **de**, com «valor 'pontual' (conclusivo e cessativo)»: **acabar de** e **cessar de**.[38]

---

32 P. V. Cuesta e M.ª A. M. da Luz, *op. cit.*, p. 429.

33 *Idem, Ibidem*, p. 432.

34 Se são verbos auxiliares em castelhano, não o são, de facto, em português. Nesta língua, funcionam sempre como verdadeiros predicados, portadores de toda (ou quase toda) a sua significação léxica.

35 *Vide, infra*, cap. III.

36 M.ª Helena M. Mateus, Ana M.ª Brito, Inês S. Duarte & Isabel H. Faria, *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina, 1983. [2.ª edição revista e aumentada. Lisboa: Caminho (Colecção universitária, Série LINGUÍSTICA), 1989].

37 M.ª Helena M. Mateus, *Gramática da Língua Portuguesa*, pp. 283-284.

38 *Idem, Ibidem*, pp. 284-285.

A referência 'directa', por seu turno, tem a ver com o estudo da "categoria linguística aspecto", realizado por Inês Silva Duarte. Nesse capítulo, razoavelmente extenso[39], a A. começa por definir **aspecto** como «categoria que exprime o modo de ser (interno) de um estado de coisas descrito através de expressões de uma língua natural, (i) por selecção de um predicador pertencente a uma dada classe; (ii) por quantificação do intervalo de tempo em que o estado de coisas descrito está localizado, e/ou (iii) por referência à fronteira inicial ou final desse intervalo, ou a intervalos adjacentes»[40]. Deste modo, o valor aspectual de um dado enunciado resulta de (i) (**classe aspectual** do predicador), por um lado, e de (ii) e/ou (iii) (**forma aspectual**), por outro.[41]

Como 'classes aspectuais' do predicador, temos os **estados** (ex.: "A Maria está **deitada**"), os **processos** (ex.: "O João **estudou** muito") e os **eventos** (ex.: "O meu vizinho **morreu** ontem")[42]; e, como 'formas aspectuais', temos as **formas verbais** (exs.: "**estudo**, **estudava**, **estudou**, **tem estudado**, **estudaria**, **estudassem**, etc., etc."), as **perífrases verbais** (exs.: "**começou a estudar**; **continua a estudar**; **deixou de fumar**; etc., etc.") e, finalmente, os **advérbios temporais** (exs.: "Deito-me **sempre** tarde; Almoço **raramente** a horas; **Já** bebi a bica / **Ainda** bebi a bica / **Ainda não** bebi a bica").[43]

De acordo com a exposição da A., o 'pretérito perfeito simples' descreve um processo **singular** (que ocorreu uma única vez), encarado como **acabado**; o 'pretérito imperfeito', pelo contrário, descreve um processo **plural** (que ocorreu mais do que uma vez), encarado como **inacabado**; e o 'pretérito perfeito composto' descreve também um processo **inacabado** (que ocorre várias vezes). Adicionalmente, estas duas últimas formas verbais expressam o valor aspectual **frequentativo**. Finalmente, o 'presente' descreve um processo que decorreu, decorre e decorrerá uma ou várias vezes – isto, *lato sensu*. Daí que um processo expresso pelo 'presente do indicativo' seja passível de três interpretações: valores aspectuais **habitual**, **singular** e **gnómico** (ou **universal**).

Nos enunciados com perífrases verbais, a A. afirma que aí «ocorre uma forma flexionada de uma variante aspectual de **ser** ou **estar** seguidos de infinitivo»[44] ou

---

[39] Inês S. Duarte, *Gramática da Língua Portuguesa*, pp. 123-142.

[40] *Idem, Ibidem*, p. 125.

[41] *Idem, Ibidem*, p. 125.

[42] Estes três tipos de predicadores têm que ver com o 'carácter aspectual' que os verbos denotam, isto é, «la parte de su significado por la cual denota (normalmente) un tipo de situación y no otro» (J. Lyons, *Semántica*, p. 640). Assim, segundo este mesmo autor, um **estado** ou **situação estática** «se concibe como un existir, y no un suceder, como un estado homogéneo, continuo y no cambiante a lo largo de su duración», um **processo** é «una situación dinámica [que] se extiende en el tiempo» e um **evento** é «una situación dinámica momentánea» (cf. J. Lyons, *op. cit.*, p. 427).

[43] Estes três últimos exemplos (com *já*, *ainda*, *ainda não*) são da A. (*op. cit.*, p. 124).

[44] Inês S. Duarte, *op. cit.*, p. 129.

gerúndio, sem preposição, em certos falares (nomeadamente meridionais) de Portugal e no português do Brasil. Assim, **começar a + infinitivo** exprime um valor aspectual **inceptivo**; **acabar de + infinitivo, conclusivo**; **estar a + infinitivo, cursivo, continuar a + infinitivo, permansivo** e **deixar de + infinitivo, cessativo.**[45]

Nos enunciados com os 'adverbiais frequenciais' (tipos: **todos os dias, sempre, regularmente**, etc.) exprimem-se, ora um valor aspectual **habitual**, ora um valor aspectual **iterativo.**[46]

Conclui esta parte fazendo uma referência ao jogo de oposições aspectuais expressas por **já / ainda / já não / ainda não**: **já** e **já não** encaram o estado de coisas como **acabado** e **ainda** e **ainda não**, pelo contrário, encaram-no como **inacabado.**[47]

Segundo a A., são de dois tipos os processos de expressão do **aspecto**: 1. **processos lexicais**: classe aspectual (estados, processos e eventos) e formação de palavras; 2. **processos gramaticais**: formas verbais, verbos aspectuais e advérbios; e os seguintes os valores aspectuais: **pontual** (incoativo, causativo, inceptivo, conclusivo e cessativo), **durativo**[48] (cursivo, permansivo, iterativo, frequentativo, habitual e gnómico), **acabado** e **inacabado**, que explica de acordo com a teoria (que resumimos acima) conjuntista ou dos intervalos e subintervalos de tempo descritos pelos estados de coisas.[49]

Inês S. Duarte termina a sua reflexão sobre a categoria linguística **aspecto** fazendo uma referência à oposição aspectual **ser/estar** e suas variantes aspectuais, adiantando que esta oposição tem que ver com a categorização do real que as línguas exprimem. Assim, esta oposição «é uma das formas de que o português dispõe para exprimir a distinção entre predicadores de propriedades de individuais [**ser**] e predicadores de propriedades de manifestações temporalmente limitadas de individuais [**estar**]»[50].

Esta interpretação da categoria **aspecto** juntamente com a de Óscar Lopes (apresentada no n.° 4) representam uma visão sistemática, rara, que nós não encontramos em nenhuma outra gramática da língua portuguesa. Por isso (e já na Introdução chamámos a atenção para este facto), constituem dois trabalhos importantíssimos de consulta para quem desejar entender e também penetrar, mais profundamente, na problemática do **aspecto verbal** da língua portuguesa. Isto,

---

45 *Idem, Ibidem*, pp. 130-131.

46 *Idem, Ibidem*, pp. 131-132.

47 *Idem, Ibidem*, p. 132.

48 O valor aspectual **pontual** «caracteriza enunciados que descrevem **eventos**» e o valor aspectual **durativo** «caracteriza enunciados descrevendo **estados ou processos**» (Inês S. Duarte, *op. cit.*, pp. 134-135).

49 Cf., entre outros, o trabalho de Ó. Lopes: *Gramática Simbólica do Português*, pp. 221-242. (Cf., *supra*, 1.1., n.° 4).

50 Inês S. Duarte, *op. cit.*, p. 138.

enquanto apresentação teórico-metodológica do fenómeno em questão. Porquanto, em termos de descrição particularizada desta ou daqueloutra manifestação(ões) aspectual(ais), não é numa gramática que se pode encontrar um estudo descritivo e pormenorizado de qualquer que seja o fenómeno linguístico em análise. Compete, por isso, aos investigadores do fenómeno verbal estudarem detidamente, com base nessas e noutras reflexões, a expressão, ou melhor, as várias expressões da categoria verbal que estamos a considerar.

7. Celso Cunha e Lindley Cintra tratam, também superficialmente, a questão do **aspecto**, na sua gramática.[51] É no capítulo sobre "verbos auxiliares e o seu emprego" que certos valores aspectuais são aflorados.

Dizem-nos os AA. que **ter** e **haver** + **particípio** do verbo principal, «para formar os tempos compostos da voz activa, [são] denotadores de um facto acabado, repetido ou contínuo»[52]; **estar** + **gerúndio** (ou **estar** + **a** + **infinitivo**) indica «uma acção durativa, continuada»[53]; **estar** + **para** + **infinitivo** e **estar** + **por** + **infinitivo** do verbo principal exprimem «iminência de um acontecimento, ou o intuito de realizar a acção expressa pelo verbo principal» e «uma acção que já deveria ter sido realizada ainda o não foi»[54], respectivamente; **ir** + **gerúndio** «para indicar que a acção se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas»; **ir** + **infinitivo** «para exprimir o firme propósito de executar a acção, ou a certeza de que ela será realizada em futuro próximo»; **vir** + **gerúndio** «para indicar que a acção se desenvolve gradualmente»; **vir** + **infinitivo** «para indicar movimento em direcção a determinado fim ou intenção de realizar um acto»; **vir** + **a** + **infinitivo** «para expressar o resultado final da acção» e **vir** + **de** + **infinitivo** (que na opinião de autores consagrados é um galicismo e que não funciona cabalmente na língua portuguesa como uma verdadeira construção perifrástica) «para indicar o término recente da acção»[55]. Deste modo, equivaleria à construção verdadeiramente portuguesa: **acabar** + **de** + **infinitivo**. **Andar** + **gerúndio** (ou **andar** + **a** + **infinitivo**) e **ficar** + **gerúndio** (ou **ficar** + **a** + **infinitivo**) exprimem, respectivamente, «uma acção durativa, continuada» e «uma acção durativa costu-

---

[51] *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (1.ª edição). Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1984.

[52] C. Cunha & L. Cintra, *op. cit.*, p. 393.

[53] *Idem, Ibidem*, p. 394.
Relativamente às áreas geográficas onde ocorrem estes dois tipos perifrásticos, os AA. informam-nos que «a construção de **estar** (ou **andar**) + **gerúndio**, preferida no Brasil, é a mais antiga no idioma e ainda tem vitalidade em dialectos centro-meridionais de Portugal (principalmente no Alentejo e no Algarve), nos Açores e nos países africanos de língua portuguesa.
No português padrão e nos dialectos setentrionais de Portugal predomina hoje a construção, de sentido idêntico, formada de **estar** (ou **andar**) + preposição **a** + **infinitivo**, que aparece, uma vez por outra, na pena de escritores brasileiros» (C. Cunha & L. Cintra, *op. cit.*, p. 394).

[54] *Idem, Ibidem*, p. 394.

[55] *Idem, Ibidem*, pp. 395-396.

meira, ou mais longa do que a expressa por **estar**»; **ficar + por + infinitivo** «para indicar que uma acção que deveria ter sido realizada não o foi» e **acabar + de + infinitivo** «para indicar uma acção recém-concluída»[56].

Sob a rubrica "aspectos"[57], consideram as oposições: 'formas verbais perfeitas' e 'mais-que-perfeitas' (aspecto **concluído**) / 'formas imperfeitas' (aspecto **não concluído**) – distinção básica para os AA. –; **aspecto pontual** (ex.: "**Acabo de ler** Os Lusíadas") / **aspecto durativo** (ex.: "**continuo a ler** Os Lusíadas"); **aspecto contínuo** (ex.: "**vou lendo** Os Lusíadas") / **aspecto descontínuo** (ex.: "**voltei a ler** Os Lusíadas"); **aspecto incoativo** (ex.: "**comecei a ler** Os Lusíadas") / **aspecto conclusivo** (ex.: "**acabei de ler** Os Lusíadas").

Consideram, finalmente, as oposições entre **formas simples / perífrases durativas**; entre **ser** (auxiliar da "passiva de acção") / **estar** (auxiliar da "passiva de estado"), e também a oposição aspectual que se verifica entre as formas nominais do verbo, isto é, as construções perifrásticas com **particípio** «exprimem o aspecto acabado, concluído» e as construções perifrásticas com **gerúndio** e **infinitivo** «expressam o aspecto inacabado, não concluído»[58].

8. Resta-nos, por último, como contributo das gramáticas ao problema em epígrafe, rèferir as três últimas publicadas em Portugal entre 1984 e 1987. São gramáticas que diferem das anteriores por dois motivos: o primeiro diz respeito ao quadro teórico em que se inscrevem: **gramática integrada** (uma variante da **Functional Grammar**, criada em 1978 por Simon Dik), **gramática de valências** e **gramática dependencial**; o segundo tem que ver com a informação (a mais reduzida) que nelas se pode colher relativamente à categoria linguística **aspecto**. Não vamos discutir as teorias subjacentes a cada um destes tipos de análise gramatical, pois, como se compreende, não é este o local mais indicado para o fazer. No entanto, podemos dizer que as gramáticas referidas consideram o fenómeno linguístico/gramatical como um todo, inserido na teoria (mais vasta) da comunicação: compreendendo, portanto, os componentes ilocutório, semântico, textual e formal.

Assim, no que ao **aspecto** diz respeito, João Andrade Peres[59] classifica os 'estados-de-coisas', «as parcelas de um mundo designadas pelas proposições»[60], em função de duas variáveis: **dinamismo** e **controle**. De acordo com a primeira variável, os estados-de-coisas podem ser ou **eventos** (+ dinâmico) ou **situações**

[56] *Idem, Ibidem*, p. 396.
[57] *Idem, Ibidem*, pp. 380-382.
[58] *Idem, Ibidem*, p. 381.
[59] *Elementos para uma Gramática Nova*. Coimbra: Livraria Almedina, 1984.
[60] João Andrade Peres, *op. cit.*, p. 68.

(– dinâmico); de acordo com a segunda, os mesmos estados-de-coisas podem ser ou **acções** e **posições** (+ controlado) ou **processos** e **estados** (– controlado).[61]

Na mesma obra, mas mais à frente, ao estudar o "aspecto verbal e classes de predicados"[62], considera o **aspecto verbal** como dominador de «toda a estrutura semântica, fornecendo a informação fundamental acerca do carácter [± mutacional] da proposição como um todo»[63]. Termina este estudo dizendo que o **aspecto** é um 'operador frásico' e que, conforme as línguas, se exprime «através de um ou mais meios: flexão verbal, auxiliares aspectuais (em Português, **ter, estar a, começar a, continuar a, acabar de, passar a, deixar de**, etc.) e construções adverbiais»[64].

Winfried Busse e Mário Vilela[65] só se referem ao **aspecto verbal** de passagem, e de forma indirecta, a propósito da "auxiliaridade".

Consideram os verbos auxiliares como verbos secundários relativamente aos verbos chamados 'plenos' e apontam **andar a + infinitivo** como indicador de «repetição continuada da acção», **começar a, continuar a, acabar de, deixar de, cessar de + infinitivo** como auxiliares que indicam fases do 'decurso da acção' e **começar por, acabar por** e **terminar por + infinitivo** como auxiliares que «situam uma acção relativamente a uma série delas»[66]. São verbos, ainda segundo os AA., que exprimem lexicalmente etapas de acção.

De todas as gramáticas aqui apresentadas (parece ironia!... pois é a mais recente), a única que não faz qualquer referência à categoria verbal **aspecto** é a de H. J. Heringer e J. Pinto de Lima.[67] Apenas alinham uma série de auxiliares, a que eles chamam 'verbos de ligação', que não especificam quanto aos seus valores (modais, temporais ou aspectuais), referindo apenas as quatro classes desses verbos: v lig. + inf., v lig. + part., v lig. + ger. e v lig. + preposição. Uma classificação, como se pode ver, de natureza formal, ou seja, a estrutura combinatória dos 'verbos de ligação' com as respectivas formas nominais do verbo.

---

61 Segundo o A., uma **acção** é um «estado-de-coisas controlado por uma entidade nele envolvida e em que se verifica uma mudança de uma dada situação para outra», um **processo** «estado-de-coisas não controlado por uma entidade nele envolvida e em que se verifica uma mudança de uma dada situação para outra», uma **posição** «estado-de-coisas controlado por uma entidade nele envolvida e em que não se verifica qualquer mudança» e um **estado** «estado-de-coisas não controlado por uma entidade nele envolvida e em que não se verifica qualquer mudança» (J. A. Peres, *op. cit.*, pp. 69-70).

62 *Idem, Ibidem*, pp. 104-109.

63 *Idem, Ibidem*, p. 108.

64 *Idem, Ibidem*, p. 108.

65 *Gramática de Valências*. Coimbra: Livraria Almedina, 1986.

66 W. Busse & M. Vilela, *op. cit.*, pp. 76-80.

67 *Palavra Puxa Palavra: Comunicação e Gramática Dependencial*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987, pp. 94-107.

1.2. Outros estudos

1. Uma das referências mais antigas (por isso a lembramos aqui), não à categoria **aspecto** nem sequer aos 'valores aspectuais' expressos pelo verbo mas, sim, aos 'valores funcionais', que encontramos na bibliografia portuguesa, é a de Gonçalves Vianna, num estudo sobre o emprego de certos auxiliares.[68] Nesse artigo, muitíssimo breve, refere o A. o valor funcional das perífrases com os auxiliares **estar** ('função **actual**'), **ir** e **vir** ('**função progressiva**' ou '**gradual**'), por oposição à 'função **habitual**' ou '**virtual**' da conjugação dos tempos simples.[69] Estes 'valores funcionais', que tais auxiliares expressam, como se pode inferir claramente, não são mais do que propriedades aspectuais que estão na mente do A. e que nós facilmente identificamos como tais.

2. A. Epifânio da Silva Dias também se refere, brevemente, a este assunto quando fala "do emprego dos modos e tempos" e da "conjugação perifrástica".[70] Em ambos os capítulos considera os auxiliares: **estar + part. presente** (hoje dir-se-ia **gerúndio**) ou **estar + a + infinitivo**, que designa «explicitamente o que se está dando no momento em que a pessoa fala, de modo a que não haja confusão com a designação do que costuma acontecer» (isto, no presente, mas também no passado e no futuro – do presente ou do pretérito –)[71]; **ir a** ou **para + infinitivo**, que designa «uma acção na qual só se deu o primeiro passo, e que não foi por diante» (no presente, pretérito imperfeito e futuro imperfeito)[72]; **ir + part. presente**, que exprime «o que por pouco não aconteceu» (no pretérito imperfeito) ou «a realização gradual da acção»[73]; **ter + particípio** (o pretérito indefinido), que exprime «a continuação ou repetição de uma acção desde certo momento até ao momento em que falamos» ou «uma acção consumada, com a ideia acessória de

---

68 «Emprego dos verbos auxiliares: *estar, ir, vir*, seguidos de jerúndio», in: *Revista Lusitana*, 2 (1890-92).

69 «Em sentido jeral pode fixar-se que a conjugação simples denota a faculdade de fazer a acção, faculdade predicada do sujeito; assim: *escrevo, escrevi*, (...), e a esta função da conjugação simples podemos chamar *HABITUAL* ou *VIRTUAL*.
Cuando se pretende indicar o exercicio dessa faculdade, a efectividade da acção expressa pelo verbo, auxilia-se este, na forma do jerúndio, ou mais comummente na do infinito precedido da preposição *a*, com os tempos do verbo *estar* (...); assim *estou, estava escrevendo*. Esta função pode denominar-se *ACTUAL*.
Se, porém, a acção expressa pelo verbo principal importa a idéa de "movimento gradual", de "progressão", de "deslocação successiva", os verbos auxiliares *ir, vir* substitúem o verbo *estar* na função de designarem a efectividade da acção, o exercicio da faculdade; (...). Esta função póde chamar-se *PROGRESSIVA*, ou *GRADUAL*» (G. Vianna, *art. cit.*, p. 77).

70 *Syntaxe Histórica Portuguesa* (5.ª edição). Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1970, pp. 183-246 e 247-250, respectivamente.

71 A. E. da S. Dias, *op. cit.*, pp. 183-186 e 192.

72 *Idem, Ibidem*, pp. 187 e 247-248.

73 *Idem, Ibidem*, pp. 188 e 247, respectivamente.

que não há possibilidade, necessidade ou vontade de continuá-la»[74]; **ir** e **vir** + **part. presente**, que exprimem «a realização gradual da acção»[75]; **estar** + **para** + **infinitivo**, que indica «que está iminente a realização da acção, ou que um ser está disposto a praticar a acção, ou, o que actualmente é raro, o que não aconteceu por pouco»[76]; **andar** + **part. presente** (ou **andar** + **a** + **infinitivo**), que «representa a acção como objecto de ocupação prolongada»[77] e **ser** + **particípio** «de alguns verbos (intransitivos ou tomados em sentido intransitivo), para exprimir um acto consumado (ex.: **somos chegados**, correspondente a **chegámos**)»[78].

Para além dos auxiliares considerados (acompanhados dos respectivos 'valores' ou 'significados'), alinha ainda: **acabar de**, **cessar de**, **começar a**, **entrar a**, **pôr-se a**, **continuar a**, **tornar a**, **chegar a**, **vir a** + **infinitivo**, auxiliares que, não sendo explorados ou estudados pelo A., também exprimem, como havemos de ver no terceiro capítulo, valores gramaticais aspectuais.

3. Manuel de Paiva Boléo, num estudo sobre o perfeito e o pretérito[79], analisa a substituição do 'perfeito simples' pelo 'perfeito composto' ou 'perifrástico' e o seu gradual desaparecimento nas línguas germânicas e românicas (em especial, em francês), contrapondo-a à sua forte conservação e alta vitalidade no sistema linguístico português. Aqui, a oposição 'perfeito simples' / 'perfeito composto' é, segundo o A., de natureza aspectual: o primeiro indica uma acção passada, completamente concluída e o segundo, pelo contrário, uma acção passada mas que chega até ao presente: uma acção **durativa** e/ou **iterativa**.[80] Relativamente ao valor **iterativo**, afirma P. Boléo: «na verdade, as noções de repetição e de hábito, como já recordara Yvon, não são outra coisa senão aspectos acessórios da ideia de duração»[81]. Para além dos valores referidos, o 'pret. perf. composto' pode exprimir

---

[74] *Idem, Ibidem*, pp. 189-190.
Ainda, segundo o A., «esta última significação é primitiva desta perífrase, pois já existia em sentido semelhante, mas com uso menos lato, no próprio latim clássico» (A. E. da S. Dias, *op. cit.*, p. 190).

[75] *Idem, Ibidem*, p. 248.
No entanto, saliente-se, a diferença entre as duas construções reside na significação léxica dos dois verbos: **ir** 'movimento a partir do ponto onde está o sujeito' e **vir** 'movimento até ao ponto onde se encontra o sujeito'.

[76] *Idem, Ibidem*, p. 248.

[77] *Idem, Ibidem*, p. 247.

[78] *Idem, Ibidem*, p. 250.

[79] *O Perfeito e o Pretérito em confronto com as outras línguas românicas (Estudo de carácter sintáctico-estilístico).* Coimbra: Biblioteca da Universidade, 1936.

[80] A propósito desta oposição em português, escreve o A.: «O que torna expressivo o perfeito composto português e lhe atribui um lugar inconfundível e único no quadro das línguas românicas é a faculdade de poder exprimir a duração e a iteração sem qualquer expressão adverbial (embora esta se lhe possa vir juntar)», ao contrário das restantes línguas românicas que «necessitam de recorrer a expressões auxiliares ("várias vezes", "sempre", "até aqui", "desde há algum tempo", etc.)» (*op. cit.*, pp. 131-132).

[81] M. de P. Boléo, *op. cit.*, p. 138.

também **frequência**, **acção progressiva** e o **resultado presente de uma acção passada**.[82]

Noutro lugar[83], mas muito de passagem, refere-se o A. ao **aspecto verbal** dizendo que esta categoria gramatical «exprime a qualidade da acção, ou seja, essencialmente, a duração nas suas diferentes modalidades»[84], apontando os seguintes 'pares ou oposições aspectuais': **indeterminado / determinado**; **inacabado / acabado**; **momentâneo** ou **pontual / contínuo**; **inceptivo** ou **ingressivo / terminativo** ou **resultativo**; **imperfectivo / perfectivo** e «ainda outras variedades» (como lhes chama) como o **incoativo**, o **causativo**, apresentando apenas dois exemplos portugueses e os restantes em latim e em francês.

Esta referência ao **aspecto** peca, quanto a nós (embora não seja objectivo do A. dar-lhe um tratamento desenvolvido), por três razões: 1. por ser brevíssima; 2. por apontar exemplos de outras línguas e 3. pela questão terminológica que, segundo cremos, não é a mais esclarecedora.[85] Tem, contudo, a vantagem e/ou o interesse de chamar a atenção para a tendência analítica e a necessidade de maior expressividade que se verificou no latim vulgar e que, posteriormente, passou às línguas românicas.[86]

4. J. Mattoso Câmara Jr. trata do **aspecto verbal** em dois textos. Num[87], considera-o de passagem ao estudar a 'conjugação perifrástica' que classifica em três tipos, de acordo com a forma nominal que utilizam: conjugações perifrásticas com **particípio perfeito**, **gerúndio** e **infinitivo**.

Assim, no primeiro tipo perifrástico, aponta o auxiliar **ter + particípio perfeito** para indicar o **aspecto permansivo** ou, nas suas próprias palavras, «o perfeito do presente (no indicativo e subjuntivo) é o único em que se assinala uma duração, contínua ou repetida, até o momento presente; (...)».[88] No segundo tipo que serve «para o aspecto durativo ou continuado»[89], aponta como auxiliares **estar + gerúndio** que a variante portuguesa do Brasil conservou «em toda a sua eficiência» relativamente à sua origem latina (ex.: "**stat spargendo** medelas" –

---

82 Para mais esclarecimentos sobre estes e outros valores aspectuais, expressos pelo pretérito perfeito composto, e também quais as razões (causas) que determinaram a substituição de uma forma pela outra nas línguas românicas, à excepção do português, *vide* P. Boléo, *op. cit.*, sobretudo pp. 129-130, 156-160 e 196-232.

83 «Os valores temporais e modais do futuro imperfeito e do futuro perifrástico em português», in: *Biblos*, vol. 41. Coimbra, 1965, pp. 87-115.

84 P. Boléo, *art. cit.*, pp. 89-90.

85 Sobre a terminologia utilizada, neste trabalho, na análise do **aspecto verbal perifrástico** em português contemporâneo, *vide* cap. III.

86 Sobre a tendência analítica das línguas românicas, em geral, e do português, em particular, e também sobre a provável origem grega das perífrases verbais aspectuais das línguas românicas, *vide, infra*, cap. IV.

87 *História e Estrutura da Língua Portuguesa* (3.ª edição). Rio de Janeiro: Padrão – Livraria Editora Ltda., 1979.

88 M. Câmara, *op. cit.*, pp. 168-169.

89 *Idem, Ibidem*, p. 169.

'**está espalhando** os unguentos') e que o português de Portugal «substituiu por uma perífrase com o infinitivo»[90] (**estar + a + infinitivo**), para a **duração estática** e **ir, vir** e **andar + gerúndio** (ou mais **infinitivo** precedido de **a**), para a **duração dinâmica**. Fora desta significação aspectual, encontra-se a perífrase **acabar + gerúndio** (ou **acabar + por + infinitivo**) «que marca aspecto terminativo depois de uma demorada expectativa»[91]. Finalmente, no terceiro tipo (que é de todos o mais corrente), refere os auxiliares **começar a, principiar a, pôr-se a + infinitivo**, para indicar o **aspecto inceptivo**; **acabar de + infinitivo**, para o **aspecto terminativo** e **ir + infinitivo** que «tem a um tempo um valor aspectual e um valor modal. De um lado, assinala a intenção de fazer alguma coisa (que é uma característica modal); de outro lado, exprime um aspecto *sui generis*: o do que ainda vai acontecer»[92].

No outro texto[93], consagra-lhe Mattoso Câmara um capítulo, intitulado, por isso mesmo, "Uma categoria verbal: o aspecto". Aí, começa por dizer que os sistemas verbais das línguas românicas se estruturam em torno da categoria gramatical **tempo**, contrariamente ao sistema verbal do primitivo indo-europeu cujo eixo da conjugação era a categoria verbal **aspecto**. Isto não quer dizer que a categoria **aspecto** tenha desaparecido por completo nas línguas ocidentais modernas, mas sim que, nessas línguas, a 'concepção temporal' é a que predomina e a 'concepção aspectual' continua a expressar-se, mas de forma subsidiária, «em construções idiomáticas e não raro na própria essência da significação do vocábulo verbal»[94].

---

[90] *Idem, Ibidem*, p. 169.

[91] *Idem, Ibidem*, p. 169.

[92] *Idem, Ibidem*, p. 170.

[93] *Princípios de Lingüística Geral* (6.ª edição). Rio de Janeiro: Padrão – Livraria Editora Ltda., 1980.

[94] M. Câmara, *op. cit.*, p. 145.

Sintomática, a propósito da divergência entre a concepção do processo verbal centralizado no **aspecto** e a de um processo considerado em função do **tempo** (como nas línguas românicas, por exemplo), é a experiência vivida entre os melanésios pelo etnógrafo polaco B. Malinowski. Essa experiência é referida por M. Câmara (*op. cit.*, pp. 147-148) e consiste essencialmente no seguinte: Malinowski preparava-se para assistir a uma cerimónia interessantíssima celebrada numa aldeia lacustre da Trobriândia entre os pescadores do litoral e os lavradores do interior. Encontrando-se a tomar notas e a tirar fotografias do que se estava a passar nas choças, ouviu de repente a frase "boge laymase" – "eles já vieram". Abandonou o trabalho que tinha em mãos e deslocou-se para a praia para ver as canoas. Quando aí chegou (qual não foi o seu espanto!) viu que, afinal, os pescadores ainda se encontravam longe. É nesse momento que se apercebe que havia interpretado mal a língua nativa, pois "boge laymase" não queria dizer "eles já vieram", mas simplesmente "eles já estão em movimento para cá".

Esta história tem a brilhante vantagem de demonstrar quão erróneo é tentar analisar um sistema linguístico, novo e diferente, a partir de um outro interiorizado, como, por exemplo, ver a categoria **aspecto** nas línguas românicas com base na oposição **perfectivo/imperfectivo** que se verifica, de forte rendimento funcional, nas línguas eslavas. E isto permite-nos concluir, por conseguinte, que cada língua (embora, superficialmente, possa ter características comuns a outras) possui a sua própria organização do universo, a sua própria visão do mundo e, neste caso concreto, dos processos verbais.

Depois, com base em estudos efectuados por Brugmann e Meillet sobre o sistema verbal do indo-europeu (de estrutura aspectual), classifica os vários tipos de aspecto que podem existir na conjugação verbal. Assim, o **aspecto pontual** ou **momentâneo** «assinala um processo realizado de maneira súbita e instantânea»; o **aspecto durativo** «frisa a duração do processo, o qual pode intensificar-se cada vez mais (**progressivo**), ou desenrolar-se simplesmente (**cursivo**), ou repetir-se por uma série de processos pontuais (**frequentativo** ou **iterativo**)»; o **aspecto permansivo** caracteriza-se por apresentar o processo «como persistente em seus efeitos, à maneira de uma coisa adquirida»; o **aspecto inceptivo** «apenas marca o princípio de um processo»; o **aspecto cessativo** ou **concluso** «marca ao contrário o fim»; e o **aspecto resultativo** «registra os resultados de um processo realizado»[95].

Adaptando esta classificação dos aspectos à realidade do sistema linguístico português, refere o A. que estes se realizam lexicalmente (aspectos radicados na significação de certos verbos e aspectos caracterizados por sufixos) e gramaticalmente (aspectos perifrásticos – nas conjugações compostas ou perifrásticas – e aspectos, expressos subsidiariamente, manifestados pelas próprias formas verbais simples).

Finalmente, dá-nos alguns exemplos de sistemas linguísticos que têm o **aspecto** como eixo da conjugação. Assim, o sistema verbal do indo-europeu (pensa-se) estava organizado em termos das oposições **durativo / permansivo / pontual**; o grego antigo assinala morficamente as mesmas oposições através dos temas de 'presente', 'perfeito' e 'aoristo'; o latim estrutura o seu sistema verbal em função dos aspectos *perfectum / infectum*, servindo-se, para isso, também (embora de forma não tão sistemática como o grego antigo) de certos recursos mórficos[96]; e, na actualidade, as línguas eslavas organizam os seus sistemas verbais em torno da oposição aspectual **imperfectivo / perfectivo** (por exemplo, em

---

[95] *Idem, Ibidem*, p. 142.

[96] Os principais recursos morfológicos eram: 1. alternância vocálica (**făcio / fēci**), 2. reduplicação (**posco / poposci**), 3. sufixo sigmático (**dico / dixi**) e 4. mudança de radical (**fero / tuli** e **sum / fuī**).
Relativamente à estruturação do sistema verbal em torno do **aspecto**, nas línguas latina e grega, diga-se que estas representam um estádio intermédio entre línguas (como o indo-europeu) que conhecem primariamente a concepção aspectual e línguas que desconhecem, ou melhor, não conhecem dessa maneira tal concepção (as línguas românicas, por exemplo). Sobre esta matéria, cf. E. Coseriu «Aspect verbal ou aspects verbaux? Quelques questions de théorie et de méthode», in: *La Notion d'Aspect*, pp. 13-23 (principalmente, pp. 15-16), de onde se cita um excerto, deveras elucidativo: «L'aspect peut se présenter dans une langue, pour ainsi dire, **avant**, **avec** ou **après** le temps et, dans ce sens, temps et aspect constituent un continuum qu'il faut considérer comme un tout. Ainsi, dans les langues slaves l'aspect se présente avant le temps, avec la catégorie même du verbe. (...). Dans d'autres langues l'aspect ne concerne pas la notion verbale en tant que telle mais il se présente **avec** le temps, c'est-à-dire, dès que cette notion est située dans une perspective temporelle; c'est le cas du grec ancien, (...). Dans d'autres langues encore, la collocation de la notion verbale dans le cadre temporel n'implique pas d'aspect mais celui-ci se présente avec la "deuxième perspective". Finalement, il y a des langues dans lesquelles l'aspect ne se présente qu'après la deuxième perspective. C'est le cas des langues romanes, dont le système fondamental est, par conséquent, exclusivement de type "temporel"».

russo: **pisat'** – infinitivo imperfectivo de 'escrever' / **napisat'** – infinitivo perfectivo do mesmo verbo).[97]

Este último trabalho de Mattoso Câmara, apesar da sólida informação que nos fornece sobre o **aspecto** (enquanto categoria linguística universal) e sobre as concepções 'temporal' e 'aspectual' de alguns sistemas verbais de outros tantos sistemas linguísticos particulares, não diz muito sobre essa mesma categoria em português. Apenas, como tivemos ocasião de ver, se refere a alguns dos seus meios de expressão (lexical e gramatical), alinhando meia dúzia de exemplos para os valores aspectuais considerados. E tudo isto se justifica, segundo julgamos, pelo carácter da obra (temas de linguística geral) e sobretudo pela extensão (nove páginas apenas) do capítulo.

5. Trabalho de fôlego e que trata exclusivamente da categoria **aspecto** (e, por conseguinte, o único estudo de conjunto que conhecemos sobre essa mesma categoria em português) é o de Ataliba Teixeira de Castilho.[98] Aí, e depois de se referir muito brevemente às categorias gramaticais de 2.º grau (**tempo**, **modo**, **aspecto**, **voz**, **pessoa** e **número**) que afectam o verbo, o A. define a categoria **aspecto** como «a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia [sic] de duração ou desenvolvimento. É, pois, a representação espacial do processo»[99].

Neste sentido, o **aspecto** distingue-se do **tempo**, porque insiste na objectividade do processo verbal, ao contrário do segundo, que insiste na sua subjectividade. Por esta razão, conclui o A. que «deve ser o aspecto a categoria verbal mais antiga, quer por expressar uma idéia [sic] mais concreta e objetiva que a do tempo, quer, e principalmente, por estar mais essencialmente ligado à noção de processo»[100]. Finalmente, ainda no capítulo primeiro, Ataliba T. de Castilho considera o **aspecto** «uma categoria de natureza léxico-sintática, pois em sua caracterização interagem o sentido que a raiz do verbo contém e elementos sintáticos tais como adjuntos adverbiais, complementos e tipo oracional»[101].

No segundo capítulo, consagrado ao "Estado da questão do aspecto", o A. passa em revista, em primeiro lugar, a descoberta da 'noção aspectual' pelos estóicos (**duração / acabamento** do processo verbal); depois, por Varrão, no *De Lingua Latina* (***tempora infecta / tempora perfecta***); depois ainda, pelos indo-europeístas: Curtius, por exemplo, que distingue no sistema verbal do grego antigo entre 'graus do tempo' (presente, passado e futuro) e 'qualidade do tempo' (**acção**

97 M. Câmara, *op. cit.*, p. 145.

98 *Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Marília, 1967. *Vide*, também, nota 1.

99 A. T. de Castilho, *op. cit.*, p. 14.

100 *Idem, Ibidem*, pp. 14-15.

101 *Idem, Ibidem*, p. 14.

durativa – tema do presente, **acção incipiente** – tema do aoristo e **acção completa** – tema do perfeito). Refere, finalmente, um dado interessantíssimo: o facto de as línguas eslavas serem, entre todas as línguas indo-europeias, as que conservaram de forma mais vivaz a noção de **aspecto**, ao fazerem, morfologicamente, a distinção entre 'verbos imperfectivos' e 'verbos perfectivos', indicando, respectivamente, **acção inacabada** e **acção acabada**.

Em segundo lugar, refere o contributo das escolas linguísticas para a noção de **aspecto**. Assim, a linguística histórico-comparativa faz a distinção entre temas de **presente** (duração), **aoristo** (constatação do facto) e **perfeito** (estado resultante dos estados anteriores); a tendência psicológica, com Gustave Guillaume e a sua teoria psicomecânica (relação entre a linguagem e o pensamento), distingue entre **aspecto** (tempo implicado) e **tempo** (tempo explicado): duas faces do mesmo fenómeno; o estruturalismo, com Jens Holt (entre outros), estabelece a oposição entre **termo positivo** (perfeito) / **termo negativo** (presente) / **termo neutro** (aoristo).

Em terceiro lugar, reflecte sobre a problemática criada no seio da eslavística entre **Aspekt** (aspecto) e **Aktionsart** (modo da acção, natureza da acção). Para o A., o 'modo da acção' é uma compreensão *lato sensu* das noções aspectuais e 'aspecto' é, pelo contrário, uma compreensão *stricto sensu* do problema (graus de realização da acção).[102] Assim, os semantemas verbais expressam o 'modo da acção' e as flexões temporais e as perífrases, o 'aspecto'. No entanto, 'modo da acção' e 'aspecto' são uma única realidade para o autor. E é assim que ele procede na sua investigação, utilizando apenas o termo **aspecto**.

No capítulo terceiro, discute o método a seguir nas suas investigações sobre o **aspecto verbal**. Analisa as vantagens e desvantagens de dois procedimentos metodológicos que poderia seguir: a onomasiologia (estudo das formas a partir dos conceitos) e a semasiologia (estudo dos conceitos a partir das formas). Decide-se, em definitivo, pelo primeiro, ou seja, pelo método onomasiológico.

Finalmente, no quarto e último capítulo, estuda o **aspecto verbal** na língua portuguesa e a sua expressão. É este capítulo que nos interessa sobremaneira, pois é aqui que nos informa, conjuntamente, da existência dos principais aspectos verbais do português, os seus valores e os seus variados meios de expressão.[103]

---

102 «O modo da ação representa uma compreensão *lato sensu* das noções aspectuais, uma vez que abrange um número ilimitado de possibilidades, englobando e ultrapassando a bipolaridade que caracteriza o aspecto. (...). Aspecto, ao contrário, é o ponto de vista subjetivo [em relação ao modo de ação, bem entendido (...)] do falante sôbre o desenvolvimento da ação. Reduz-se a uma compreensão *stricto sensu* do problema, pois se reporta apenas aos graus de realização da ação e não à sua natureza mesma, que é a **Aktionsart**. Daqui reduzirem-se as noções aspectuais a uma bipolaridade, segundo a ação dure (imperfectivo) ou se complete (perfectivo).» (A. T. de Castilho, *op. cit.*, pp. 40-41)

103 «Nosso objetivo foi estudar o quadro dos aspectos no português e os recursos de que a língua dispõe para sua expressão.» (A. T. de Castilho, *op. cit.*, p. 48)

Ataliba de Castilho considera a existência de quatro aspectos fundamentais em português que correspondem a outros tantos valores: **imperfectivo** (duração da acção), **perfectivo** (completamento da acção), **iterativo** (repetição da acção) e **indeterminado** (neutralidade relativamente aos valores anteriores). Todavia, não se fica por aqui na sua análise. Por isso, afirma: «Prosseguindo na análise dos casos encontrados, notamos que no interior de cada modalidade de aspecto se encontravam noções que não podiam ser desprezadas. Naturalmente algumas não são pròpriamente aspectuais (representando antes "modos da acção"), uma vez que fogem à oposição duração / completamento. Como, todavia, costumam aderir aos aspectos, servem de caracterizá-los. Referimo-nos às idéias de mudança de estado, progressão, resultado e cessamento que adiante se anotam»[104].

Assim sendo, o **aspecto imperfectivo** compreende os aspectos **imperf. inceptivo** (graficamente representado: |—— ...): «duração de que se conhecem claramente os primeiros momentos, pressentindo-se o seguimento do processo» que compreende, por sua vez, o **inceptivo propriamente dito**: «começo da ação puro e simples» (expresso por semantemas verbais, perífrases e adjuntos adverbiais) e o **inceptivo incoativo**: «começo da ação e conseqüente mudança de estado» (expresso pelos sufixos **-ecer** e **-ejar**); **imperfectivo cursivo** (... —— ...): «duração de que não se reconhece o princípio nem o fim, apresentando-se o processo em seu pleno desenvolvimento» que compreende, por seu turno, o **cursivo propriamente dito** (expresso por semantemas, adjuntos adverbiais, flexão temporal e perífrases) e o **cursivo progressivo** «que difere do primeiro por insistir num desenvolvimento gradual do processo» (expresso por semantemas, flexão temporal, perífrases e adjuntos adverbiais); e o **imperfectivo terminativo** (... ——|): «duração de que se conhece o término»[105] (expresso por semantemas, perífrases e adjuntos adverbiais).

O **aspecto perfectivo** apresenta, segundo o A., três 'nuances': o **perfectivo pontual** (.): «o perfectivo por excelência» (expresso por semantemas, adjuntos adverbiais, flexão temporal e perífrases), o **perfectivo resultativo** (——→): «indica o resultado conseqüente ao acabamento da ação» (expresso por flexão temporal, adjuntos adverbiais e perífrases) e o **perfectivo cessativo**: «depreende-se da ação expressa pelo verbo uma noção de negação que se reporta ao presente»[106] (expresso por flexão temporal, perífrases e adjuntos adverbiais).

---

104 A. T. de Castilho, *op. cit.*, p. 49.

105 Esta citação e as imediatamente anteriores, respeitantes ao **aspecto imperfectivo**, encontram-se na p. 49 da *op. cit.*, de A. T. de Castilho.

106 **As citações relativas ao aspecto perfectivo** encontram-se em A. T. de Castilho, *op. cit.*, p. 50.

O **aspecto iterativo** compreende os aspectos **iterativo imperfectivo** (⊢—⊣ ⊢—⊣ ⊢—⊣): «coletivo de ações durativas» (expresso por perífrases, flexão temporal e adjuntos adverbiais) e o **iterativo perfectivo** (.....): «[coletivo] de ações pontuais»[107], expresso, também, por perífrases, flexão temporal e adjuntos adverbiais.

Finalmente, o **aspecto indeterminado** «que se caracteriza por não ser nem imperfectivo nem perfectivo»[108] não apresenta uma expressão própria, segundo o A.[109]

Outra distinção, aspectualmente falando, importante é a que o A. estabelece entre **verbos télicos** e **verbos atélicos**. Os primeiros «a exprimirem ação tendente a um fim, sem o qual essa ação não se dá», os segundos, pelo contrário, «figurando o processo em sua duração da qual não se exige completamento para admitir-lhe a existência»[110].

Por último, depois de fazer um apanhado geral sobre a pertinência e/ou não-pertinência dos vários meios expressivos da categoria **aspecto**, conclui: «Incomparavelmente mais ricas são as possibilidades das perífrases no tocante ao **aspecto**»[111], seguindo-se-lhe uma lista de auxiliares aspectuais que, por ser demasiado longa, não podemos inserir neste texto. Contudo, julgamos que alguns desses verbos auxiliares (a maioria) são verdadeiros auxiliares de aspecto, outros não.[112]

Quanto a nós, uma grande desvantagem, que à primeira vista se pode detectar no trabalho a que temos vindo a fazer referência, reside, concretamente, na consideração bipolar (**perfectivo / imperfectivo**), própria das línguas eslavas, no sistema aspectual português. Ora, porque a realidade do nosso sistema verbal, bem como do sistema linguístico português, na sua globalidade, é outra (e bem diferente), o A. viu-se na necessidade de abrir 'alíneas' dentro de 'alíneas' em cada um dos 'macroaspectos' (se assim o quisermos entender) considerados por ele mesmo. Para além desta imperfeição, uma grave deficiência metodológica deve ainda ser apontada ao estudo de Ataliba Teixeira de Castilho. Esta diz respeito ao tratamento conjunto e sem qualquer distinção explícita que o A. faz dos valores aspectuais inerentes à própria significação léxica dos verbos, dos que são próprios das morfotaxes essencialmente temporais e dos que se exprimem por meio de perífrases.

---

107 A. T. de Castilho, *op. cit.*, p. 50.

108 *Idem, Ibidem*, p. 50.

109 Para mais pormenores sobre as expressões da 'duração', do 'completamento da ação', da 'iteração' e da 'indeterminação' e também sobre os exemplos que o A. aponta para as diversas variantes aspectuais, exemplos que não podemos citar no texto, porque, como se compreende, o sobrecarregaria demasiado, *vide*, A. T. de Castilho, *op. cit.*, pp. 62-80, 81-91, 92-101 e 102-106, respectivamente.

110 A. T. de Castilho, *op. cit.*, p. 55.
Como exemplos de **verbos télicos**, aponta, entre outros, *matar, morrer, cair, descobrir*, etc. e de **verbos atélicos**, *viver, andar, escrever, dormir*, etc. Note-se que a propriedade **telicidade/atelicidade** se insere no semantema verbal, isto é, a parte do lexema verbal portadora de significação objectiva.

111 *Idem, Ibidem*, p. 110.

112 Para se ver onde reside a discordância relativamente aos 'auxiliares de aspecto', *vide* cap. III, comparando-o com a lista do A. que se encontra nas pp. 110-112 da obra a que temos estado a fazer referência.

No entanto, e apesar destes defeitos, o trabalho de Ataliba T. de Castilho continua a ser obra de leitura obrigatória para quem quiser conhecer e entender melhor a problemática do **aspecto verbal** na língua portuguesa.

6. Albano Dias da Costa refere-se também à categoria **aspecto**, não de forma demorada nem especificamente, quando estuda as 'expressões verbais perifrásticas' em português[113], entendendo por 'expressão verbal perifrástica' a construção de «an auxiliary verb that has completely or partially lost its original meaning and of a word (nominal-verb, noun, or adjective) that constitutes a complete semantic entity that can be considered indecomposable and to which corresponds – normally – a simple form (...): **Anda a estudar / estuda**; **caiu doente / adoeceu**»[114]. No entanto, ainda segundo o A., o significado desta construção diverge do da forma sintética correspondente devido ao papel do verbo auxiliar. Por isso, acrescenta: «with these syntagmas of an analytical nature great precision of aspect, tense, mood and voice is possible, or rather, greater precision when compared to the infectional paradigm corresponding to it»[115].

Partindo deste pressuposto, o A. vai proceder, num primeiro momento (relativamente ao português coloquial normal, sincronicamente considerado), servindo-se de exemplos da língua falada, da imprensa diária e de outros textos (cartas, diários e peças de teatro), ao reagrupamento dessas construções: **verbo auxiliar + infinitivo** (construções em que o auxiliar é seguido de uma preposição – **para**, **por**, **de** –), **verbo auxiliar + expressão gerundiva** (construções com **gerúndio** ou **a + infinitivo**) e **verbo auxiliar + particípio** (ou adjectivo, ou substantivo, ou advérbio); e, num segundo momento, descrever o conteúdo das expressões assim consideradas.[116]

Assim, ao estudar as relações da perífrase verbal com os significados gramaticais de 2.° grau (**tempo**, **modo** e **aspecto**), considerando este último como «the objective duration of the process, that is, the variable lapse of time that an action needs in order to be realized, either in its entirety or in one of its phases, independent of the position of the speaker on the temporal axis»[117], reflecte sobre a oposição terminológica **Aktionsarten** (valores verbais objectivos) / **Aspekt** (valores

---

113 «Periphrastic verbal expressions in Portuguese», in: SCHMIDT-RADEFELDT, J. (Org.), *Readings in Portuguese Linguistics*. Amsterdam, 1976.

114 A. D. da Costa, *art. cit.*, p. 187.

115 *Idem, Ibidem*, p. 188.

116 Nas suas próprias palavras: «It attempts to establish, in the majority of the cases, the difference of meaning that exists between these verbal syntagmas and the corresponding simple forms – a difference that is often subtle and not always easy to grasp because the speaker uses one or the other without consciously perceiving the differences of meaning that characterize the forms, although he intuitively feels that these differences exist» (A. D. da Costa, *art. cit.*, pp. 188-189).

117 A. Dias da Costa, *art. cit.*, p. 197.

verbais subjectivos) e sobre a necessidade de distinguir duas classes de lexemas: 'lexemas momentâneos' «those indicating a process lacking duration, (...) the process is taken as an indivisible whole» e 'lexemas durativos' «those denoting the process in its course, without any idea of beginning or end»[118]. Neste mesmo ponto da sua análise, distingue seis valores aspectuais: **ingressivo** (que indica uma acção no seu começo), **durativo** (que denota uma acção no seu curso, sem qualquer ideia de começo ou fim), compreendendo um valor **progressivo** (quando é indicado que a acção está no caminho de ser realizada), **terminativo** (que indica o momento final do processo), **pontual** (que denota o processo como um todo, indicando como o tempo grego **aoristo** que uma determinada acção teve lugar), **iterativo** (que denota uma acção repetida) e **resultativo** (que indica o resultado final, ainda presente, de uma acção acabada, como no perfeito grego), concluindo que «the verbal periphrase is precisely that method which permits the expression of a greater variety of aspectual nuances»[119]. Por isso, e de acordo com esta última afirmação, o A., na alínea sobre "a natureza e valor destes sintagmas", procede à sua classificação segundo os seus valores aspectual, modal, temporal e afectivo.

No que aos valores aspectuais diz respeito, e atendendo que «this grammatical significance is the principle value manifested by the verbal periphrases, because in Portuguese there are no specific forms for the expression of this verbal category»[120], A. Dias da Costa apresenta, entre outras[121], as seguintes perífrases aspectuais, distribuídas pelos valores referidos acima: 'ingressivo' (**pôr-se a, deitar a, largar a, meter-se a, entrar a, desatar a, romper a + infinitivo**); 'durativo' (**estar a, andar a, ficar a + infinitivo** de um lexema durativo); 'iterativo' (**estar a, andar**

---

118 *Idem, Ibidem*, p. 198 (para as duas citações). Sobre a distinção **lexemas momentâneos / lexemas durativos**, cf., aqui mesmo, distinções semelhantes: **verbos télicos / verbos atélicos**, de Ataliba de Castilho (1.2., n.° 5) e **verbos transitórios / verbos não-transitórios**, de H. C. Campos (1.2., n.º 9).

119 *Idem, Ibidem*, p. 199.

120 *Idem, Ibidem*, p. 236.
Relativamente ao(s) valor(es) das perífrases, por oposição às formas sintéticas correspondentes, não resistimos à tentação de citar o seguinte excerto: «The correspondence between the verbal periphrase and the synthetic form is rarely perfect. There are intellectual and affective values that struggle to be incorporated into the language with a view toward the more or less complete exteriorization of the interior life of the speaker. On the other hand, there are grammatical meanings that the inflected paradigm does not show so clearly. The rigid Latin verbal scheme was modified in accordance with the analytical tendency of the Romance languages. No other recourse could serve this tendency better than the periphrase» (A. D. da Costa, *art. cit.*, p. 236).

121 Apontamos apenas estas perífrases, consideradas aspectuais pelo A. (e que nós não contestamos), porque se inserem no conceito de 'perífrase verbal', defendido no cap. II. 1.3. deste trabalho. Construções como **fez-se pálido, caiu doente, pôs-se pensativo, acha-se doente, dar saltos, dar entrada, saiu ferido**, etc., etc. (também perífrases aspectuais para o A.) não o são para nós, porquanto (e de acordo com E. Coseriu) representam «perífrasis léxicas, puesto que en ellas el segundo elemento es inconmutable (si se sustituye, se modifica también el valor del verbo)», E. Coseriu, «Sobre las llamadas "construcciones con verbos de movimiento": un problema hispánico», in: *Estudios de Lingüística Románica*. Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1977, p. 72.

a + infinitivo de um lexema momentâneo, **ir** e **vir + gerúndio**); 'pontual' (**chegar a + infinitivo** de um lexema momentâneo) e 'resultativo' (**ter** + ob. directo + **particípio** concordando com o objecto directo, **estar + particípio**).

Para finalizar esta referência ao trabalho de A. Dias da Costa, devemos salientar que o conceito de 'perífrase verbal' não coincide com o que defendemos noutro lugar[122]; que o leque de valores aspectuais, bem como das respectivas perífrases que os expressam, também não coincidem com os aqui propostos[123]; que perífrases como **vir a**, **estar para**, **andar para**, **ir a**, **ir para** e **ir + infinitivo**, que não são incluídas nas perífrases de valor aspectual pelo A., o são para nós[124]; e que não operaremos exactamente em termos de 'lexemas momentâneos' / 'lexemas durativos', porque a perífrase, enquanto conjunto morfemático, afecta, potencial e teoricamente, todo o tipo de lexemas verbais. No entanto, consoante o 'contexto' e o 'carácter aspectual' do verbo principal, há casos que merecem um tratamento particular (como se verá, no capítulo terceiro, à medida que formos estudando as perífrases verbais aspectuais do português contemporâneo).

7. João de Almeida também não trata exclusivamente da categoria **aspecto**. Fá-lo, dedicando-lhe um capítulo mais ou menos extenso, denominado "A expressão do aspecto", num trabalho mais vasto sobre as perífrases verbais de infinitivo.[125] Logo no início deste estudo[126], e fora do capítulo mencionado, afirma que as perífrases verbais são um dos meios mais ricos de expressão do aspecto verbal. Depois, já no capítulo referido, ao tratar de "o problema do aspecto", reitera esse papel das perífrases verbais.[127]

Antes de referir a sua classificação dos aspectos em português, o A., à semelhança de muitos outros que já focámos, reflecte também sobre a concepção complexa do **aspecto** devido à gramática das línguas eslavas (**perfectivo / imperfectivo**) que foi aplicada às restantes línguas indo-europeias, onde, na realidade, são outros os recursos para a expressão de tal categoria. Assim, estabelece a distinção entre **Aspekt** (concepção subjectiva) e **Aktionsart** (concepção objectiva) do

122 *Vide* cap. II. 1.3. e também nota anterior.

123 *Vide* cap. III.

124 Cf. cap. III. 2. e 3.

125 *Introdução ao Estudo das Perífrases Verbais de Infinitivo*. Assis – São Paulo: ILHPA-HUCITEC, 1980.

126 J. de Almeida, *op. cit.*, p. 13.

127 «O aspecto verbal encontra nas perífrases, em português, um de seus melhores meios de expressão. Já é possível mesmo dizer que, em nossa língua, em consonância com as demais línguas românicas, se vem concentrando cada vez mais nas perífrases verbais o valor morfêmico da categoria do aspecto, para a expressão da qual, no latim e em outras línguas indo-européias, o recurso mais comum era a utilização de afixos. E dentre os três tipos de perífrases, caracterizadas pela forma do verbo principal, é sem dúvida a perífrase com infinitivo que nos oferece uma gama bem mais diversificada de coloração aspectual, dado é óbvio o fato de contar o infinitivo com a ação em toda a sua prospecção, em toda a sua abstrata generalidade.» (J. de Almeida, *op. cit.*, p. 30)

mesmo fenómeno linguístico [tal como o fizera Sylva Hamplová (citada pelo A.), num trabalho sobre as **Aktionsarten** e a sua expressão por meio de perífrases verbais em espanhol].[128] E de acordo com a opinião da autora referida, J. de Almeida vai operar, em português, em termos de **Aktionsarten** e não de **Aspekt**. Deste modo, o quadro aspectual que lhe parece básico no sistema verbal português é o seguinte: I. Aspectos 'lato sensu': 1. perfectivo e 2. imperfectivo; II. Aspectos 'stricto sensu': A. Aspectos de 'fase': 1. inceptivo (____ ...); 2. cursivo (... ____ ...) e 3. terminativo (... ____); B. Aspectos de 'extensão': 1. pontual (.); 2. durativo (____) e 3. iterativo (__ ou ...).[129]

Assim, e em consonância com o que se disse, considera o **aspecto** como «categoria verbal que se define, numa oposição fundamental à categoria do tempo e à do modo, por *uma visão do processo com o caráter concluso ou inconcluso, distribuído por noções subsidiárias não-temporais de fase ou de extensão*»[130]. No entanto, e apesar de relevar mais uma vez o papel das perífrases verbais como um dos melhores recursos para a expressão do **aspecto**, diz que muitas das noções aspectuais, referidas acima, não são traduzidas, por meio delas, nas mesmas proporções. Por isso, vê-se na necessidade de estudar o **aspecto** em função das expressões da 'inceptividade', da 'duração', da 'terminação' e da 'iteração'.

Antes de referir as perífrases verbais aspectuais, apontadas pelo A., devemos dizer que considera o **aspecto** como uma categoria que se serve de múltiplos meios de expressão (semantema verbal, flexões temporais, advérbios e construções perifrásticas – todos, dentro de contextos definidos)[131] e que, também, opera em termos de 'verbos perfectivos' / 'verbos imperfectivos' (ou, noutras terminologias, 'verbos desinentes' / 'verbos permanentes', 'verbos télicos' / 'verbos atélicos'), de acordo com o 'termo' ou 'duração' do processo.

As perífrases verbais que expressam a 'inceptividade' são: **começar a, recomeçar a, principiar a + infinitivo** (ideia inceptiva que parte do próprio auxiliar); **pôr-se a, romper a, entrar a, passar a, meter-se a, desatar a, pegar a, deitar a + infinitivo** (ideia inceptiva partindo do conjunto perifrástico); as que expressam a 'duração' (duração em sentido lato) ou 'cursividade' (duração em

---

128 J. de Almeida, *op. cit.*, pp. 36-37.

129 *Idem, Ibidem*, p. 40.
A propósito dos aspectos de 'extensão', refira-se que é uma das classes aspectuais (a outra é 'sequencial') considerada por Benjamín García Hernández, *Semántica Estructural y Lexemática del Verbo*. Manuales Avesta: Série Universitária. Reus (Tarragona), 1980, pp. 83-121, entendendo por essa classe aspectual «la duración relativa de una acción, en expresión gramatical, y de dos o más acciones, en expresión léxica» (p. 83), distinguindo as subclasses aspectuais **durativo / pontual** e subdistinguindo, na classe **durativo**, 'diversas modalidades aspectivas', como lhes chama: contínuas (ou semelfactivas): 'propriamente durativa' e 'intensiva'; descontínuas (ou não semelfactivas): 'iterativa', 'reiterativa' e 'frecuentativa'.

130 *Idem, Ibidem*, p. 42.

131 *Idem, Ibidem*, p. 33.

sentido restrito): **estar a + infinitivo** (ou **estar + gerúndio**), **ficar a, continuar a, andar a + infinitivo**; a 'terminação' exprime-se pelas perífrases: **acabar de + infinitivo, acabar por + infinitivo** (ou **acabar + gerúndio**), **deixar de, cessar de, parar de, terminar de + infinitivo, terminar por + infinitivo** e **chegar a + infinitivo** (esta última é diferente das da série anterior, porque expressa «uma conseqüência de uma situação que figure no contexto ou no espírito do sujeito»)[132] e, finalmente, as perífrases de 'iteração': **voltar a, tornar a + infinitivo** (iterativos simples) e **viver a + infinitivo** e outros que não consideramos (iterativos frequentativos).[133]

Apesar de ser um estudo bastante claro e elucidativo da problemática enunciada, há, no entanto, alguns aspectos do seu trabalho com os quais não concordamos. Um primeiro aspecto tem que ver com o carácter reducionista dos valores aspectuais *lato sensu* considerados (apenas quatro). Depois, discordamos, também, de alguns verbos referidos como auxiliares de aspecto, porquanto, pelos exemplos apontados e pelo que nos é dado conhecer pela prática de falante da língua portuguesa, esses verbos continuam a possuir o seu verdadeiro valor conceptual. Não há, portanto, gramaticalização nem sequer semigramaticalização dos auxiliares mencionados. Finalmente, discordamos da classificação de alguns auxiliares aspectuais.[134]

8. José G. Herculano de Carvalho refere-se à categoria **aspecto** num artigo em que trata, conjuntamente, **tempo** e **aspecto**, duas categorias verbais intimamente associadas.[135] Lembremos, por exemplo, a concepção da teoria psicomecânica (criada por G. Guillaume e referida por vários aspectólogos) em que **tempo** e **aspecto** são considerados como duas faces da mesma realidade: o **verbo**.[136]

---

132 *Idem, Ibidem*, p. 104.

133 Para melhor conhecer os conceitos de **inceptividade, duração, terminação** e **iteração**; os respectivos auxiliares que expressam estes valores aspectuais e toda uma série de exemplos (alguns representando estados mais antigos da língua portuguesa) e outros comentários pertinentes, *vide* J. de Almeida, *op. cit.*, pp. 42-125.

134 Para mais claramente se objectivar a discordância, compare-se a lista de auxiliares e valores aspectuais expressos que o A. nos fornece e os auxiliares e respectivos valores aspectuais considerados neste trabalho (cf. cap. III e também II).

135 «Temps et aspect: problèmes généraux et leur incidence en portugais, français et russe», in: *Estudos Linguísticos*, vol. 3.°. Coimbra: Coimbra Editora, 1984, pp. 199-235.

136 Entre outras referências à teoria psicomecânica de Gustave Guillaume, podemos apontar o trabalho de Robert Martin, *Temps et Aspect.* (Essai sur l'emploi des temps narratifs en moyen français). Paris: Klincksieck, 1971, onde (pp. 48-50) se distingue com clareza a diferença entre **aspecto** ('tempo implicado') – tempo inscrito no processo enquanto tal e sem o qual não existiria, ou seja, tempo que o verbo traz consigo, que lhe é inerente, que faz parte integrante da sua substância, tempo ligado à experiência primária de duração – e **tempo** ('tempo explicado') – o que situa o processo no tempo, independentemente da sua duração, isto é, num **antes** ou num **depois** de outros processos ou determiná-lo em relação a um ponto de referência (passado / presente / futuro).

Assim, comparando as duas categorias referidas, constata o A. que o **tempo** é mais fácil de estudar e definir; pelo contrário, o **aspecto** constitui uma das categorias mais difíceis de toda a gramática, tanto no que diz respeito à sua natureza, quanto no que toca aos diferentes valores que ela compreende e também no respeitante à estruturação dos valores referidos e as suas relações com os valores temporais nos sistemas linguísticos particulares.[137] Conclui esta confrontação (entre **tempo** e **aspecto**) dizendo que as duas categorias se referem, respectivamente, à **ordenação** do processo e à sua **duração** e **desenvolvimento**.

Quanto à categoria **aspecto** propriamente dita, a contribuição do A. é verdadeiramente singular, não só pela tentativa de simplificação e/ou unificação, mas também e sobretudo pela aceitação e/ou rejeição claras de teorias veiculadas sobre tal matéria. Assim, e em primeira instância, considera o **aspecto** uma categoria diferente do **tempo** «par le fait qu'elle abstrait de la localisation temporelle du processus, en concernant le mode comme le même est conçu quant à son développement interne»[138]; e, em segunda instância, não perfilha da oposição, já várias vezes aqui referida, entre **Aspekt** (categoria subjectiva: **perfectivo / imperfectivo**, cuja expressão pertenceria à gramática) e **Aktionsarten** (categoria objectiva: acção **momentânea** ou **pontual / durativa / cursiva / incoativa / terminativa** / etc., cuja expressão pertenceria ao léxico), considerando apenas uma única categoria (o **aspecto**) que compreende todos os valores aspectuais.

Para defender o seu ponto de vista, rebatendo, por conseguinte, a posição dos linguistas germânicos e eslavos, aduz os seguintes argumentos: 1. a oposição **imperfectivo / perfectivo**, sendo característica das línguas eslavas, pode não sê-lo noutras; 2. as 'qualidades de acção' (**Aktionsarten**) nem sempre são propriedades objectivas inerentes aos processos, mas também formas diferentes de conceber um processo e 3. quanto às expressões gramatical do **aspecto** e lexical das **Aktionsarten** nas línguas eslavas, nem sempre se verifica de forma organizada. Por todas estas razões, os valores do **aspecto** e das **Aktionsarten** são, para o A., subcategorias da categoria única: **aspecto**, dentro do qual é primária a oposição **imperfectivo / perfectivo** ou valores similares.[139]

Quanto às realizações aspectuais, considera a **expressão lexical** (significação objectiva do verbo, ou, noutros termos, a significação interna do verbo enquanto palavra semântica) e a **expressão gramatical**, realizada através das morfotaxes temporais[140], perífrases verbais (tipo **estar + a + infinitivo**), incluindo, neste último, as morfotaxes dos 'tempos compostos'.

---

137 J. G. H. de Carvalho, *art. cit.*, pp. 202-203.

138 *Idem, Ibidem*, p. 216.

139 *Idem, Ibidem*, pp. 218-219.

140 Por **morfotaxe** entende o A. «chacune des séries formelles de la flexion verbale, comprenant les six mots lexicaux avec leurs trois personnes et deux nombres qui constituent ce qu'on appelle le "présent", l'"imparfait", le "parfait" de l'indicatif, etc. **Morphotaxe** sera aussi chacun des ensembles singuliers tels que l'infinitif et le gérondif, et l'ensemble de la flexion nominale du participe» (J. G. Herculano de Carvalho, *art. cit.*, p. 202).

Finalmente, ainda segundo o A., a oposição **perfectivo / imperfectivo** (ou **não perfectivo**), sozinha, ou combinada com a oposição **durativo / momentâneo** (ou **pontual**), determina a estrutura aspectual básica: o **perfectivo** indicando que todas as fases, teoricamente possíveis, do seu desenvolvimento (início, meio e fim) estejam todas completas e o **imperfectivo**, pelo contrário, considerando apenas o processo não completo, não concluído.

Aplicando este esquema à realidade do sistema linguístico português, tanto a oposição aspectual primária como as secundárias: **durativo / momentâneo**, **cursivo / iterativo**, **incoativo / permansivo / terminativo** (começo ou fim de uma acção) e **ingressivo / permansivo / egressivo** (entrada ou saída de um estado) são perfeitamente expressas através do léxico.[141] Quanto à expressão gramatical, apenas as morfotaxes do passado exprimem com regularidade a **perfectividade / imperfectividade**. As restantes são neutras relativamente ao aspecto. Exceptua-se, porém, a morfotaxe 'futuro perfeito do indicativo' que, por ser uma forma composta, não faz parte do sistema verbal central.[142]

As morfotaxes dos tempos compostos (**ter + particípio**) e as perífrases (**estar + a + infinitivo** ou **estar + gerúndio**), as únicas estudadas pelo A., expressam, respectivamente, **perfectividade durativa** e «coïncidence parfaite de l'écoulement ou du terme final du processus avec la borne de référence temporelle»[143], para além do seu valor durativo.

9. Henriqueta Costa Campos considera a categoria **aspecto**, num estudo sobre a oposição 'pretérito perfeito simples' / 'pretérito perfeito composto'[144]. Assim, e antes de se debruçar sobre a problemática enunciada e depois de reflectir um pouco sobre a organização do sistema verbal português (e das línguas românicas em geral), contrapondo-lhes a estrutura organizativa da das línguas eslavas (os primeiros estruturam-se em torno da 'noção temporal' e os segundos, ao invés, em torno da 'noção aspectual'), considera os meios manifestativos da categoria **aspecto** em português: 1. através do sistema gramatical (**aspecto gramatical** que corresponde à oposição de determinados tempos gramaticais); 2. através do léxico (**Aktionsart**, modo de acção, modalidade de acção, modo de processo) que engloba uma diversidade de formas: a. lexemas verbais, b. perífrases verbais e c. operadores suplementares de tempo, modo, etc. em relação intra e interproposicional

141 Cf. exemplificação detalhada nas pp. 221-227 do *art. cit.*

142 Assim, segundo o A., no **passado**: 'perfeito' e 'mais-que-perfeito' (perfectividade) / 'imperfeito' e 'condicional' (imperfectividade). O 'presente' e o 'futuro' são durativos (perfectivos ou imperfectivos). Cf. *art. cit.*, pp. 227-232.

143 J. G. H. de Carvalho, *art. cit.*, p. 235.

144 «Pretérito perfeito simples / pretérito perfeito composto: uma oposição aspectual e temporal», in: *Letras Soltas*, vol. 2. Lisboa, 1984, pp. 11-53.

com o marcador verbal (por ex.: **todos os dias**, **até hoje**, **às vezes**, **quando**, etc.).[145]

De acordo com o processo expresso, distingue entre **verbos télicos** ou **transitórios** (implicam a passagem de um limiar semântico: **nascer**, **morrer**, **chegar**, etc.) e **verbos atélicos** ou **não transitórios** (verbos que são independentes da ideia de limite, podendo, teoricamente, prolongar-se indefinidamente: **amar**, **andar**, **viver**, etc.). E, relativamente à oposição de certos tempos gramaticais, considera que o 'presente' e o 'imperfeito' são marcadores do **aspecto imperfectivo gramatical** e o 'perfeito', pelo contrário, é marcador do **aspecto perfectivo gramatical**. Este último encara o processo como um bloco que inclui os seus próprios limites; o primeiro remete para um processo encarado no seu desenvolvimento, sem limites.

Por último, e partindo da oposição latina **amavi / habeo amatum**, oposição conservada apenas em português (**amei / tenho amado**) no conjunto de todas as línguas românicas, analisa o comportamento sintáctico-semântico destes dois tempos gramaticais em português, relevando os seus valores aspectuais e temporais, no quadro da teoria da enunciação de A. Culioli, concluindo que o P P C é um «pretérito durativo e imperfeito relativamente ao momento "p" (presente)» e o P S é um «marcador de uma operação de construção global de um processo»[146].

Além destes trabalhos, outros poderiam ser referidos.[147] Porém, dado o seu menor grau de informação (comparados com os anteriores), e para não nos desviarmos demasiado do objectivo enunciado no princípio deste capítulo, não constituirão, portanto, objecto da nossa síntese/crítica de conteúdos aspectuais.

2. ESTUDOS DE OUTROS AUTORES SOBRE O **ASPECTO VERBAL** EM PORTUGUÊS

1. Eugenio Coseriu não dedica um estudo particular à categoria **aspecto** em português. Refere-se-lhe, contudo, sempre que reflecte sobre questões de natureza

145 H. C. Campos, *art. cit.*, p. 14.

146 Sobre estes e outros valores do PS e PPC, *vide* H. C. Campos, *art. cit.*, pp. 21-49.

147 Entre esses trabalhos, encontram-se os seguintes (todos citados na bibliografia final): J. G. Herculano de Carvalho, «Ficar em casa / Ficar pálido: gramaticalização e valores aspectuais», in: CARVALHO, J. G. Herculano de & SCHMIDT-RADEFELDT, J. (Orgs.), *Estudos de Linguística Portuguesa*. Colecção Linguística "Coimbra Editora", 1.º vol., pp. 131-155; Eunice Pontes, *Estrutura do Verbo no Português Coloquial* (2.ª edição), pp. 80-86; Sérgio Paulo Ferreira de Matos, *Semântica e Pragmática de "já", "ainda", "já não" e "ainda não"*. (Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva), pp. 102-149 e Artur de Almeida Torres, «Modos, tempos e aspectos verbais em português», in: *Romanitas*, vol. 11, pp. 82-99.

verbal relacionadas, ou com as línguas hispânicas, ou com as línguas românicas em geral. Por conseguinte, o que aqui vamos referir relativamente ao português (porque é o que agora nos interessa) não quer dizer que lhe seja exclusivo.

Assim, num desses estudos[148], afirma que as construções paratácticas do tipo **pegar e...**, **agarrar e...** e **ir e...** (exs.: **"pegou e disse"**, **"agarrou e respondeu** que não recebia ordens de ninguém"), com o sentido de 'tomar uma resolução, decidir-se', são construções perifrásticas, pois constituem uma unidade e esta «es de naturaleza gramatical (se trata de una perífrasis gramatical, no de una perífrasis léxica); en ella el verbo 'tomar' ('coger') es propiamente auxiliar: en efecto, no tiene función predicativa propia, no puede tener objeto propio, no mantiene su valor léxico y funciona como simple modificador gramatical del segundo verbo»[149].

Por consequência, e segundo o A., a(s) referida(s) construção(ões) expressa(m) a **globalidade da acção** significada pelo segundo verbo, ou seja, que implica(m) tanto o ponto inicial como o ponto final da mesma.

Finalmente, considerando que tal tipo de construções pertence, nas línguas românicas, à categoria aspectual da **visão globalizadora**, porque se opõe às perífrases verbais positivamente marcadas como 'cursivas' (acção não encarada na sua globalidade), mas sim num ponto [ou entre dois pontos do seu desenvolvimento: tipo **estar + a + infinitivo** (ou **estar + gerúndio**) e **ir**, **vir**, **andar + gerúndio**], conclui que **agarro e escrevo**, por exemplo, por oposição às anteriores e ainda às formas simples da conjugação fundamental, possui um valor intensivo, enfático, afectivo.[150]

Noutro trabalho[151], em que tenta ilustrar (servindo-se das perífrases aspectuais de **visão** do grego antigo) o princípio teórico de que um sistema linguístico é «un **sistema de posibilidades** funcionales, en parte realizado y en parte realizable»[152] e dois princípios metodológicos de ordem geral: 1.°: descrição dinâmica («los sistemas lingüísticos deben ser considerados en su realizarse histórico, en la medida en que éste coincide simplemente con su funcionamiento»[153]) e 2.° «cada lengua debe ser descrita desde su propio punto de vista»[154], refere a existência, nomeadamente em português e espanhol, da categoria aspectual **visão parcializadora**, isto é, «la

148 «Tomo y me voy: un problema de sintaxis comparada europea», in: *Estudios de Lingüística Románica*. Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1977, pp. 79-151.

149 E. Coseriu, *art. cit.*, pp. 117-118.

150 *Idem, Ibidem*, pp. 130-131.
Sobre a categoria aspectual de **visão globalizadora**, perifrasticamente expressa em português, e sobre a sua pertinência / não-pertinência sincrónico-funcional, *vide* cap. III (início).

151 «El aspecto verbal perifrástico en griego antiguo (y sus reflejos románicos)», in: *Estudios de Lingüística Románica*. Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1977, pp. 231-263.

152 E. Coseriu, *art. cit.*, p. 231.

153 *Idem, Ibidem*, p. 233.

154 *Idem, Ibidem*, p. 239.

consideración de la acción verbal entre dos puntos de su desarrollo»[155]. Tal categoria encontra a sua expressão nas perífrases **estar**, **andar**, **continuar** + **gerúndio** (ou **a** + **infinitivo**) e **ir**, **vir** + **gerúndio**, indicando cada uma de *per si* diferentes 'nuances' dentro da categoria mais geral que as engloba – isto, na interpretação do A. e também, porque a achamos válida e adequada à realidade do sistema linguístico português, na nossa.[156]

Por último, noutro lugar[157], reiterando e sistematizando parte do que diz nos estudos anteriores, reflecte, num primeiro momento, sobre questões importantíssimas do foro teórico-metodológico respeitantes à categoria **aspecto** como: 1. não deve considerar-se o **aspecto** em termos da oposição **acabamento / não acabamento**, típica das línguas eslavas, ou em termos da sua **duração**; 2. não deve confundir-se **aspecto histórico** (próprio de uma língua particular) com **aspecto universal**; 3. deve aplicar-se à categoria **aspecto** o que se aplica em geral às categorias gramaticais, isto é, uma categoria gramatical representa um conjunto de possibilidades universais da linguagem que 'podem' ser realizadas nas diversas línguas particulares. Assim sendo, uma língua pode não apresentar **aspecto gramatical**; 4. deve ter-se cuidado de ver se há combinação de categorias gramaticais na expressão e/ou no conteúdo: a categoria **aspecto** encontra-se frequentemente combinada com a do **tempo**, pois as línguas estruturam os seus sistemas verbais em termos de **tempo** ou em termos de **aspecto** (o **aspecto** pode apresentar-se numa língua ou **antes**, ou **com**, ou **depois** do **tempo**); 5. não deve confundir-se **efeitos secundários** (ou 'aspectuais', ou 'temporais') com **valores** de língua; 6. deve verificar-se se as distinções (quer temporais, quer aspectuais) são permanentes (regulares) e/ou esporádicas numa língua funcional; 7. a expressão do **aspecto** pode ser lexical, flexional ou perifrástica e 8. a oposição **Aspekt** (maneira 'subjectiva' de considerar a acção verbal e pertencente à gramática) / **Aktionsart** (maneira 'objectiva' pela qual a acção verbal se desenrola e pertencente ao léxico), apesar de não dever desprezar-se, não pode tomar-se como uma oposição absoluta, porquanto o 'aspecto eslavo' não é o **aspecto**, mas unicamente uma das suas modalidades históricas.[158]

Num segundo momento, e considerando o **aspecto** como uma categoria complexa (pluridimensional) que encara «l'action verbale en tant que telle [c'est-à-dire (...), indépendamment des actants ou de sa collocation dans le temps, par rapport au moment de la parole]»[159], propõe a distinção entre aquilo a que ele chama 'dimensões temporais' e 'dimensões aspectuais'.

155 *Idem, Ibidem*, pp. 249-250.

156 Sobre estas construções perifrásticas e respectivos valores aspectuais, *vide* cap. III. 2.1.1.

157 «Aspect verbal ou aspects verbaux? Quelques questions de théorie et de méthode», in: *La Notion d'Aspect*, pp. 13-25.

158 E. Coseriu, *art. cit.*, pp. 13-19.

159 *Idem, Ibidem*, p. 15.

Assim, e no que ao **aspecto** diz respeito, enumera uma lista das 'dimensões aspectuais' mais frequentes nas línguas românicas, deixando, por conseguinte, a lista em aberto, já que «les dimensions possibles de l'aspect sont théoriquement assez nombreuses»[160]: **duração, número verbal** ou **iteração, determinação** ou **orientação, acabamento, resultado, visão, fase** ou **grau** e **colocação** ou **incidência.**[161]

Em conclusão, E. Coseriu chama a atenção para o facto de o português e o espanhol (de entre as línguas românicas) serem aquelas cujos sistemas verbais são mais completos e onde se verifica, de maneira efectiva, a realização, em termos de dimensões aspectuais 'permanentes', da **visão** (exs.: **estou a fazer, estava a fazer, estive a fazer**, etc.), da **fase** (exs.: **estou por fazer**[162], **ponho-me a fazer, acabo de fazer**, etc.) e da **colocação** (exs.: **acabo chorando, venho a saber**, etc.).[163]

2. Shiro Yanaga estuda única e exclusivamente o 'aspecto de fases' expresso, em português, por perífrases verbais.[164] E fá-lo, por um lado, partindo da concepção do **aspecto** como uma categoria semântica e não deíctica (como o **tempo**) relacionada com a situação-núcleo que, conforme a natureza do 'carácter aspectual' (significação inerente ao verbo), pode ser ou **eventual**, ou **processual**, ou **estável** que, por sua vez, tem que ver com o 'contexto' em que tal situação-núcleo se encaixa.[165] Por outro lado, considerando-se a existência, teoricamente, de um número infinito de fases na sequência das situações, averigua quais são as que se encontram representadas por perífrases verbais no sistema linguístico português actual, admitindo também a 'iteratividade' ou 'repetitividade' como outra característica semântica aspectual[166] que se define por uma «sucessiva ocorrência de uma determinada situação, (...) e não tem nenhuma relação semântica com as fases (...)»[167].

Assim, de acordo com o anteriormente exposto, considera nove fases que classifica em seis categorias principais: 1. fases que se encontram antes da fase inicial da situação-núcleo; 2. fase que indica o início da situação-núcleo; 3. fases que se

160 *Idem, Ibidem*, p. 15.

161 Sobre o significado de estas e de outras categorias aspectuais e sua (possível) realização perifrástica em português contemporâneo, *vide* cap. III. 2. e 3.

162 Não concordamos com a classificação desta perífrase. Sobre aquele que nos parece ser o seu verdadeiro valor aspectual, *vide* cap. III. 3.

163 E. Coseriu, *art. cit.*, p. 23.

164 *Estudo de Aspecto na Língua Portuguesa. Análise Semântica das Perífrases Verbais*. Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio, 1980.

165 Shiro Yanaga, *op. cit.*, pp. 8 e 17-27.
Sobre os conceitos de **estado / processo / evento**, que tomou de J. Lyons, *vide* nota 42.

166 Esta dupla (ou mais) função(ões) da mesma perífrase reside, segundo o A., «principalmente no 'carácter aspectual' da situação em questão e no 'contexto' em que se encaixa a perífrase verbal» (S. Yanaga, *op. cit.*, p. 42, nota 4).

167 Shiro Yanaga, *op. cit.*, p. 30.

encontram dentro da situação-núcleo e afastadas consideravelmente das fases inicial e terminal; 4. fase que se encontra logo antes da fase terminal; 5. fase que indica o término da situação-núcleo e 6. fase que se encontra posterior à situação-núcleo, designando-as, respectivamente, por **pré-incoativo**, **incoativo**, **cursivo**, **pré-terminativo**, **terminativo** e **pós-terminativo**.[168]

Do ponto de vista semântico, segundo o A., «cada fase corresponde a um momento do tempo cronológico, e a fase a ser descrita e o tempo cronológico vão-se desenvolvendo paralelamente. Assim, o deslocamento de fases e o decorrer do tempo cronológico correm na mesma direcção»[169]. Conforme o ponto de observação, o 'deslocamento' pode ser **prospectivo** (no início), **laterospectivo** (no meio) e **retrospectivo** (no fim). 'Prospectividade', 'laterospectividade' e 'retrospectividade', significações acessórias de fases, são propriedades com uma função importantíssima na análise semântica das perífrases verbais.[170]

Finalmente, alinha as seguintes perífrases verbais que expressam as diferentes fases enunciadas acima: 'pré-incoativo' (**estar para**, **estar a**, **ir a/para**, **ir** e **vir + infinitivo**); 'incoativo' (**vir a**, **chegar a**, **passar a**, **pôr-se a**, **ficar a** e **começar a + infinitivo**); 'cursivo' (**estar a + infinitivo** ou **estar + gerúndio**, **ir** e **vir + gerúndio**, **continuar a**, **andar a + infinitivo** ou **andar + gerúndio**); 'pré-terminativo' (**estar a + acabar de + infinitivo**); 'terminativo' (**acabar de** e **deixar de + infinitivo**) e 'pós-terminativo' (**estar + particípio** e **ter** + ob. directo + **particípio** a concordar com o objecto directo), estudando o seu significado a partir de exemplos que nem sempre são os mais elucidativos e até (porque não?) os mais correctos.[171]

Para concluir esta referência ao trabalho de Shiro Yanaga, temos de confessar que, de facto, não podemos concordar com a classificação proposta das perífrases verbais (na sua generalidade): 1. porque o A. confunde frequentemente entre 'valores' de língua e aquilo a que E. Coseriu chama 'efeitos secundários' de uma categoria ou subcategoria (gramaticais), pois apresenta as mesmas perífrases dentro de diferentes tipos significativos, distinguindo uma série de 'nuances' resultantes de circunstâncias e condicionalismos vários, e inclui perífrases dentro de certos tipos que, na realidade, não o representam de forma alguma; 2. porque muitas das perífrases apontadas não expressam o aspecto de **fases** mas, sim, os aspectos de **visão**, de **colocação**, de **demarcação**, etc.; 3. porque (e concordando com E. Coseriu) o aspecto de **fases** é uma categoria gramatical, enquanto expressa por perífrases verbais (neste caso concreto) e não semântica, pois, para nós, a perí-

168 *Idem, Ibidem*, pp. 31-35.
169 *Idem, Ibidem*, p. 36.
170 *Idem, Ibidem*, pp. 36-37.
171 Sobre esta matéria, cf. Shiro Yanaga, *op. cit.*, pp. 44-126.

frase verbal funciona como um todo, onde o 'verbo auxiliar' desempenha as várias funções gramaticais, ou seja, é um instrumento gramatical que, teoricamente (e fazendo parte de um paradigma), se pode aplicar a todos os verbos.

Apesar destas objecções, temos que sublinhar o carácter positivo da visão das diferentes fases da situação-núcleo e também da consideração do 'carácter aspectual' dos verbos, que é de importância capital na determinação do verdadeiro significado de casos ambíguos, bem como do 'contexto'. Mas, sem querer pôr em causa tais factos, achamos que é de muito maior pertinência, em termos de economia do sistema linguístico, averiguar o funcionamento da expressão gramatical do **aspecto**, enquanto categoria geral, e das diversas subcategorias aspectuais representadas perifrasticamente em português contemporâneo. Por conseguinte, a interpretação destas e de outras construções perifrásticas (a considerar neste trabalho) será bastante diferente.[172]

3. Hans Schemann e Luíza Schemann-Dias, num trabalho que é essencialmente uma tradução do português para o alemão de certas construções verbais (umas perifrásticas, outras não)[173] e sem considerarem propriamente o **aspecto** em português, referem, contudo, algumas observações com ele relacionadas. Assim, na "Introdução" chamam a atenção para o facto de que as perífrases verbais têm por função fundamental modificar ou especificar o significado de um verbo principal; de que, entre as línguas românicas, o português e o espanhol são extremamente ricos em construções perifrásticas e de que, atendendo à complexidade de significado dessas construções e sua polissemia, as gramáticas descuram quase por completo os seus valores.

Depois, no capítulo terceiro, classificam as perífrases verbais de acordo com o **aspecto** (como uma acção se desenrola), **relacionamento** (relação de uma acção com outras precedentes e/ou que se lhe seguem), **perspectiva** (movimento em direcção ao falante ou a partir dele) e **determinação pragmática** (pressuposições e actos de fala), distinguindo ainda entre **verbos modais** (**poder**, **querer**, **ter de**, **dever**, etc.) e **verbos de percepção** (**ver**, **ouvir**, **cheirar**, etc.).[174]

Relativamente ao **aspecto**, consideram as categorias propostas por E. Coseriu para as línguas românicas[175], com excepção da categoria da **visão** que, segundo os AA., não é pertinente em português; e que tais categorias (compreendendo diversas subcategorias) podem expressar-se nas línguas funcionais através de processos variados (tempos verbais, afixos e outros recursos formais como as perífrases, por exemplo). Assim, as perífrases verbais portuguesas expressam as categorias

---

172 Cf., aqui mesmo, cap. III. 2. e 3.

173 *As Perífrases Verbais Portuguesas e os seus equivalentes alemães*. Braga: Livraria Cruz, 1985.

174 H. Schemann & L. Schemann-Dias, *op. cit.*, p. 79.

175 Cf., *supra*, I. 2., n.° 1.

aspectuais da **duração**, da **repetição**, do **resultado** e da **fase** e também 'relacionamento', 'perspectiva' e 'determinações pragmáticas'[176].

Apesar dos esforços dos AA. em tentar classificar as perífrases portuguesas, tendo em atenção os seus conteúdos gramaticais (ou outros), continuamos a achar que, tal como o fizera Shiro Yanaga, eles confundem 'valores' de língua com 'efeitos secundários'[177].

4. Wolf Dietrich também não dedica um estudo particular à categoria **aspecto** no sistema linguístico português. Porém, refere-se-lhe quando estuda a expressão perifrástica do **aspecto** nas línguas românicas e o problema da sua origem.[178] Este trabalho retoma, quase na sua totalidade, a interpretação coseriana do fenómeno em causa.[179] As diferenças residem sobretudo na consideração de mais uma categoria aspectual: a **colocação** (que compreende as subcategorias **ordem**, **disposição resultante** e **demarcação**), da subcategoria **visão extensiva** (integrada na categoria **visão parcializadora**) e também na classificação aspectual de algumas perífrases.

Porque retomaremos, na nossa análise das perífrases verbais aspectuais do português, a teoria coseriana sobre o sistema verbal perifrástico das línguas românicas, referido quase na íntegra por Wolf Dietrich[180], não são discutidos aqui outros pormenores.

No entanto, deve salientar-se, e desde já, que a lista de perífrases (cf. pp. 13 e 14 da tradução espanhola do trabalho de W. Dietrich a que estamos a fazer referência), apresentadas pelo A. para o português, e portadoras de valores aspectuais, é simultaneamente insuficiente e excessiva: insuficiente, porque, por um lado, não regista todas as perífrases que efectivamente funcionam com a função aspectual em causa; e excessiva, por outro lado, porque inclui nela perífrases que têm outro valor – ou pura e simplesmente não existem.

Se bem se reparou no que acabámos de expor neste capítulo, e apesar de acentuadas clivagens que se podem observar entre certos autores no tratamento da categoria gramatical **aspecto** (valores aspectuais considerados, meios de expressão do aspecto, terminologias usadas, entre outras), há, todavia, um denominador comum, a saber: todos (ou quase todos) os autores são unânimes no que diz respeito à expressão da categoria **aspecto** por meio de perífrases verbais. Por outras

176 H. Schemann & L. Schemann-Dias, *op. cit.*, pp. 85-87.

177 Cf. I. 2., n.° 1.

178 *El Aspecto Verbal Perifrástico en las Lenguas Románicas* (Estudios sobre el actual sistema verbal de las lenguas románicas y sobre el problema del origen del aspecto verbal perifrástico). Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1983.

179 Wolf Dietrich baseia-se essencialmente no trabalho de E. Coseriu, intitulado *Das romanische Verbalsystem*, Tübingen, 1976.

180 Wolf Dietrich, *op. cit.*, pp. 201-226.

palavras: as construções de verbos auxiliares (neste caso concreto: 'auxiliares aspectuais') com as formas nominais do verbo principal (enquanto instrumentos gramaticais dos valores aspectuais referidos) não são descurados por nenhum dos tratadistas desta matéria.

Ora, este estado de coisas interessa-nos sobremaneira, uma vez que foi justamente esse o objectivo que nos propusemos, desde o início, tratar e defender relativamente ao português contemporâneo. Para isso, é conveniente e imprescindível saber em que consiste o fenómeno linguístico da **auxiliaridade**, em primeiro lugar, e averiguar quais os auxiliares (hodiernamente usados em português) que servem à expressão da categoria **aspecto**, em segundo lugar. É disso que vamos tratar, de imediato, no capítulo seguinte.

II

PERÍFRASES VERBAIS, GRAMATICALIZAÇÃO E *ASPECTO PERIFRÁSTICO*

Como se depreende do próprio título deste capítulo, trataremos exclusivamente do **aspecto** enquanto categoria da 'verbalidade'[1] (**aspecto** e **verbo** considerados como possibilidades universais da linguagem com representação na língua portuguesa), expressa, porém, por meio de instrumentos gramaticais específicos. Reportamo-nos aqui, exactamente, ao conjunto sintagmático **verbo auxiliar + verbo auxiliado** (com ou sem preposição), entendido como uma unidade paradigmática que se opõe às respectivas formas simples que caracterizam a conjugação fundamental.

De entre os possíveis meios de que a nossa língua dispõe para a expressão do **aspecto**[2], o procedimento perifrástico representa o seu mais alto grau de sistematicidade. Esta propriedade provém da função instrumental que, na construção perifrástica, desempenha o verbo auxiliar, pois (cumulando simultaneamente as funções gramaticais de tempo, modo, voz, pessoa e número) funciona ele mesmo como um morfema do paradigma verbal que modifica a acção expressa pelo verbo conceptual a que está ligado.

Este tipo de conjugação (a chamada 'conjugação perifrástica') veio suprir, de forma inequívoca, a deficiência das formas verbais simples no tocante à expressão de certas modalidades (diatéticas, temporais, modais e sobretudo aspectuais[3]) do verbo português, em particular, e do verbo românico, em geral, demonstrando também a tendência analítica, tão característica das línguas românicas[4], da flexão verbal, principalmente no que diz respeito à expressão da categoria **aspecto**. Esta

---

[1] «(...). El aspecto es una categoría de la 'verbalidad', pero no limitada a los 'verbos' en cuanto classe léxica. (...).», E. Coseriu, «Tomo y me voy. Un problema de sintaxis comparada europea», in: *Estudios de Lingüística Románica*. Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1977, p. 117, nota 30.

[2] *Vide* cap. II. 2.

[3] Sobre as diferentes funções das perífrases verbais, *vide*, aqui mesmo, cap. II. 1.4.

[4] Acerca da tendência analítica das línguas românicas, cf. cap. IV.

realidade é um facto indesmentível e que encontra unanimidade em quase todos os AA. que trataram esta matéria.[5] De facto, a função modificante do verbo auxiliar, que tem que ver com a transposição de uma significação léxica para uma significação gramatical (e não, como dão a entender alguns estudiosos[6], um esvaziamento de significação do auxiliar), é reconhecida pela generalidade dos tratadistas. Se assim não fosse e se a perífrase não dissesse mais que a expressão simples, «este método de poner dos verbos en lugar de uno solo (...) sería una prolijidad inútil».[7] Por isso, os processos estruturais da 'comutação' e da 'oposição' entre **formas verbais simples/formas verbais perifrásticas** (exs.: **estudei/estive a estudar**) e entre diferentes estruturas perifrásticas (exs.: **estive a estudar/estive para estudar/comecei por estudar**) revelam-se de uma contribuição incomparável para melhor conhecer os valores dos sintagmas verbais a analisar.

1. GRAMATICALIZAÇÃO E PERÍFRASES VERBAIS

A 'gramaticalização' é um fenómeno da linguagem que consiste essencialmente na transformação de uma palavra de significação objectiva (**lexema**) numa palavra de significação gramatical (**categorema**), ou, noutros termos, a transferência de um significado léxico para um significado instrumental. Por conseguinte, a entidade linguística resultante desta operação transformacional deve ser considerada como um morfema, isto é, como o verdadeiro suporte de uma categoria gramatical. Assim, se compararmos «**vai** sempre de automóvel para a Universidade» com «**vai estudando** para o teste de Linguística», verificamos que, no primeiro exemplo, o verbo **ir** é um verbo 'pleno', portador do seu significado léxico: 'deslocar-se para um lugar onde não se encontra o locutor'; no segundo, pelo contrário, estamos diante de um verdadeiro complexo verbal (ou perífrase verbal) perfeitamente gramaticalizado(a), porque o verbo **ir** não funciona mais como verbo

[5] Cf. cap. I.

[6] Said Ali, por exemplo (em *Gramática Secundária...*, pp. 93-94 e *Gramática Histórica...*, p. 57 e sqq.), diz que o verbo **relacional** (= auxiliar) é um verbo de significação extinta; e Albano Dias da Costa (em «Periphrastic Verbal Expressions in Portuguese», p. 190) considera o **auxiliar** uma palavra 'vazia'. Pensamos, todavia, que os AA. mencionados talvez quisessem referir-se à extinção da significação léxica ou objectiva. Não são, portanto, claras as suas palavras no que a este assunto diz respeito.

[7] F. Diez, *Grammatik*, III (citado por Wolf Dietrich em *El Aspecto Verbal Perifrástico...*, p. 37).

'pleno' ou 'autónomo', mas sim como um instrumento gramatical, portador, neste caso, de uma significação aspectual: **visão prospectiva**.[8]

A 'gramaticalização' pode ser entendida em termos diacrónicos e/ou sincrónicos. Na perspectiva diacrónica, «on parle de **grammaticalisation** quand un morphème lexical, au cours de l'évolution d'une langue, ou dans la transformation d'une langue en une autre, est devenu un morphème grammatical».[9] É o caso, por exemplo, de *mens* - *mentis* (palavra latina: no ablativo, *mente*) que se tornou em português, e noutras línguas românicas, um sufixo do advérbio de modo (exs.: **feliz*mente***, **violenta*mente***, **grave*mente***, etc.).[10]

Na perspectiva sincrónica, esta transformação de lexema em categorema (ou morfema) só no contexto se pode testar. É que, sincronicamente falando, quase todos os verbos que desempenham a função de 'auxiliar' também funcionam, fora do contexto perifrástico, como verbos 'independentes' ou 'autónomos'.[11] Os verbos **ser** e **estar** (verbos cópula) constituem a única excepção. Os restantes auxiliares possuem esse duplo papel. Assim, **ter** e **haver** (os únicos verbos, incluindo **ser** e **estar**, considerados como auxiliares por todos os estudiosos), para além da sua função auxiliar, indicam 'posse' e 'existência', respectivamente. Os demais auxiliares, cujas listas variam de autor para autor[12] (de acordo com os critérios de delimitação usados), como **começar**, **acabar**, **ir**, **vir**, **andar**, etc., etc., por exemplo, apresentam diferentes graus de gramaticalização, conservando sempre, em maior ou menor escala, parte do seu significado léxico.[13]

É este último tipo de 'gramaticalização' que vamos encontrar nas construções perifrásticas, estudadas no cap. III, como expressão gramatical da categoria verbal **aspecto**. No entanto, para que melhor se possa entender esta dinâmica, atente-se no que vai dizer-se nos parágrafos seguintes.

1.1. O conjunto **auxiliar + auxiliado**

É esta estrutura que determina o fenómeno linguístico da 'auxiliaridade' ou, também dito, 'complexo de auxiliação'. E intimamente ligado a este fenómeno

---

[8] Sobre o significado desta subcategoria aspectual, cf. cap. III. 2.1.1.3.

[9] Jean Dubois *et alii*, *Dictionnaire de Linguistique*. Paris: Librairie Larousse, 1973, pp. 238-239.

[10] Aliás, *mente* funciona em português, sincronicamente, quer como lexema: **a mente** (na qualidade de substantivo comum), quer como morfema: feliz - **mente** (na qualidade de sufixo de alguns advérbios de modo).

[11] A 'gramaticalização' não é exclusiva dos 'verbos' enquanto classe léxica. Também se pode verificar noutras classes da mesma natureza. Cf. a nota anterior que vem corroborar, pois, o que acabamos de dizer.

[12] Convém chamar a atenção para um facto importante: apesar de as listas de verbos auxiliares serem variáveis de autor para autor, esta classe de verbos representa um inventário limitado (por isso, fechado) de elementos relativamente à classe mais geral que os engloba: a classe dos **verbos**. Esta, sim, constitui um inventário, teoricamente, ilimitado (por isso, aberto).

[13] Esta matéria será mais detalhadamente tratada noutros lugares (cap. II. 1.3. e cap. III). No entanto, para que não restem quaisquer dúvidas, todas as perífrases verbais aspectuais que aqui analisaremos, contando sempre com os seus diferentes graus ou níveis de gramaticalização, são todas perífrases gramaticais.

está, como é óbvio, o conceito de 'verbo auxiliar'. Por este entende-se, segundo Bernard Pottier, «todo verbo que es 'incidente' de otro verbo en un mismo sintagma verbal»[14] ou, segundo Roca-Pons, «el verbo [que] sirve, esencialmente, para expresar una modalidad determinada de un concepto verbal».[15] Assim, em «O João **tem trabalhado** muito» e «O João **vem trabalhando** muito», por exemplo, verificamos que o primeiro elemento (**tem** e **vem**) de ambos os complexos verbais funciona como 'modificante', pois não traz uma noção nova, mas tão-só uma modalidade; pelo contrário, o segundo (**trabalhado** e **trabalhando**) funciona como elemento 'modificado', porquanto expressa uma noção nova ou predicativa.

A 'função modificante' é representada, por conseguinte, na classe dos verbos, por um número finito de variáveis e a 'função modificada', ao invés, por um número teoricamente infinito, isto é, por todos os verbos existentes numa língua funcional e que, sincronicamente falando, nunca podem ser 'incidentes' de outros verbos ou não possuem essa capacidade funcional.

Nos exemplos considerados, e em muitos outros da mesma natureza que poderíamos apresentar aqui, estamos perante aquilo a que B. Pottier chama de 'incidência directa', pois o verbo **auxiliar** incide directamente sobre o **auxiliado** modificando-o. Convém notar, porém, que existem outros tipos de construções que, muito embora, do ponto de vista formal, sejam diferentes, se assemelham às anteriores, funcionalmente. É o caso da 'incidência indirecta'.[16] Aqui o verbo **auxiliar** modifica o **auxiliado** por meio de uma preposição: «**Está para escrever** aos seus pais», «**Começou a trabalhar** numa empresa de seguros», «**Acabou por referir** que a situação política actual não estava nada católica» são exemplos, entre muitos outros, que nos podem elucidar sobre esse tipo de relacionamento que se estabelece entre os dois principais verbos que constituem uma perífrase verbal, cujo significado funcional (gramatical) não deriva da soma dos significados de cada um, tomados individualmente, mas da conjunção dos dois, globalmente considerados. Deste modo, a perífrase verbal que aqui nos interessa compara-se ao 'sintagma fixo', porque significa um conceito simples, e ao 'sintagma livre', visto que apresenta em comum a sua natureza morfo-sintáctica evidenciada na autonomia morfológica dos seus termos, tal como ('sintagma fixo' e 'sintagma livre') são identificados, definidos e caracterizados por Herculano de Carvalho.[17]

---

[14] B. Pottier, «Sobre el concepto de verbo auxiliar», in: *Lingüística Moderna y Filología Hispánica*. Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1976, p. 194.

[15] J. Roca-Pons, *Estudios sobre Perífrasis Verbales del Español*, p. 12.

[16] B. Pottier, *art. cit.*, p. 165 e sqq.

[17] J. G. Herculano de Carvalho, *Teoria da Linguagem*, vol. II. Coimbra: Atlântida Editora, 1979, pp. 504-525.

Relativamente à 'incidência indirecta', B. Pottier chama a atenção para a existência de complexos verbais, muito semelhantes às construções que aqui consideramos como verdadeiras perífrases verbais gramaticais, mas que na realidade não o são. Tomando os exemplos «estoy **para** decirlo a tu padre» («estou **para** dizê-lo ao teu pai») e «vengo **para** decirlo a tu padre» («venho **para** dizê-lo ao teu pai») – onde registamos a presença da preposição **para** (tanto em espanhol como na tradução portuguesa), relacionando os dois verbos das respectivas frases –, verificamos que, se, por um lado, no segundo exemplo, podemos realizar diferentes modificações sem mudar o sentido (tipos: «vengo **acá** para decirlo a tu padre» – «venho **aqui** para dizê-lo ao teu pai» –; «**Quise** venir para decirlo a tu padre» – «**Quis** vir para dizê-lo ao teu pai» –; etc.); por outro lado, já não se pode fazer o mesmo relativamente ao primeiro exemplo sem que o conteúdo de **estar** se não altere (tipos: «estoy **aquí** para decirlo a tu padre» – «estou **aqui** para dizê-lo ao teu pai»; «**Quise** estar aquí para decirlo a tu padre» – «**Quis** estar aqui para dizê-lo ao teu pai» –; etc.). Neste sentido, é lícito, portanto, supor uma unidade semântica e funcional em "estoy para decirlo" ("**estou para dizê**-lo") e conservar assim expressões deste tipo dentro do domínio da 'auxiliaridade'.[18]

Como ficou implícito, o primeiro elemento do conjunto (o verbo **auxiliar**) assume os morfemas de tempo, modo, pessoa e número, funcionando ele mesmo como um todo morfemático graças ao processo (complexo) de gramaticalização a que foi (ou é) submetido; o segundo (o verbo **auxiliado**), pelo contrário, nunca se flexiona e só pode aparecer numa das suas três formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** ou **particípio**.

Os **auxiliares** não se combinam de modo aleatório com as respectivas formas nominais dos **auxiliados**. Há, no dizer de B. Pottier, uma espécie de "rección aspectual" dos primeiros para com os segundos. Este fenómeno traduz-se na sua combinação de ocorrência. Isto significa que certos **auxiliares** podem ocorrer com as três formas nominais do verbo (**estar**, por exemplo, com **particípio** – passiva de estado –, com **gerúndio** e com **preposição + infinitivo** – valores aspectuais de 'visão' e 'fase'), indicando, ora diferentes modalidades (**estar + a + infinitivo** ≠ **estar + para + infinitivo**), ora a mesma modalidade (**estar + gerúndio = estar + a + infinitivo**);[19] outros, porém, só ocorrem com esta ou aquela forma nominal (**ter + particípio** – valores aspectual e temporal –; **ter + de + infinitivo** – valor modal –; **andar + gerúndio** ou **andar + a + infinitivo** – valor aspectual –; etc., etc.).

[18] B. Pottier, *art. cit.*, p. 165.

[19] A construção **estar + gerúndio** é mais frequente na norma portuguesa do Brasil e **estar + a + infinitivo**, pelo contrário, é mais frequente na norma portuguesa de Portugal. Sobre este assunto, veja-se também e sobretudo o cap. III. 2.1.1.1.

Para corroborar esta implicação mútua de **auxiliar** e **auxiliado**, acrescenta B. Pottier[20]: «debe considerarse verdadero complejo de auxiliaridad el sintagma que no pueda transformarse en grupo disjuntivo sin que cambie su significación». Assim, um sintagma como "estou estudando" nunca equivale a "estou e estudo"; ao invés, o sintagma "fala sonhando" pode perfeitamente decompor-se em "fala e sonha" ou "fala enquanto sonha" sem alterar o significado.

Tal como Mattoso Câmara defende[21], consideramos dever ser entendida a conjugação perifrástica (conjunto das perífrases verbais gramaticais) como um processo de composição morfológica na base de uma locução, ou seja, dois vocábulos fonológicos que se associam numa unidade lexical superior. No entanto, deve salientar-se que a significação lexical de uma unidade assim definida está contida nas formas nominais do verbo principal ou auxiliado. Tais formas verbais, também designadas morfotaxes de 'infinitivo', 'gerúndio' e 'particípio'[22], distinguem-se não pela flexão dos tempos, modos, pessoas e números – como as outras morfotaxes que caracterizam a conjugação verbal – (por isso são formas verbais não flexivas), mas sim pelo seu 'carácter aspectual'. O **particípio** indica o termo de uma acção ou, simplesmente, distensão verbal; o **gerúndio** expressa uma acção em desenvolvimento, ou seja, meio tensa meio distensa; e o **infinitivo** evoca a possibilidade do desenvolvimento ou, então, acção verbal em completa tensão. Daqui resulta serem as perífrases verbais de infinitivo as mais numerosas e as mais variadas, tanto do ponto de vista morfológico como significativo.

Do que fica dito, concluímos este parágrafo apresentando as estruturas perifrásticas que efectivamente se realizam em português contemporâneo:

a. *VERBO AUXILIAR + PARTICÍPIO:*
exs.: **ter**, **haver**, **ser** e **estar** + **particípio**;

b. *VERBO AUXILIAR + GERÚNDIO:*
exs.: **ir**, **vir**, **estar**, **andar**, **continuar**, etc. + **gerúndio**;

c. *VERBO AUXILIAR + INFINITIVO:*
exs.: **ir**, **vir**, **poder**, **querer**, etc. + **infinitivo**;

d. *VERBO AUXILIAR + PREPOSIÇÃO + INFINITIVO:*
exs.: **começar a**, **continuar a**, **ficar a**, **estar para**, **estar por**, **ficar por**, **continuar por**, **deixar de**, **parar de**, etc. + **infinitivo**.

---

[20] B. Pottier, *art. cit.*, p. 198.

[21] Mattoso Câmara, *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, p. 167.

[22] Sobre esta terminologia, *vide* José G. Herculano de Carvalho, «Temps et aspect: problèmes généraux et leur incidence en portugais, français et russe», in: *Estudos Linguísticos*, vol. 3.°, pp. 199-235.

Estas estruturas gramaticais (= perífrases verbais) opõem-se, como havemos de ver mais demoradamente nos parágrafos seguintes, aos chamados 'complexos verbais' (caracterizados pela significação disjunta, por terem dois sujeitos e pelo não comportamento em bloco diante das transformações passiva e interrogativa), porque, ao contrário destes, se definem pela significação conjunta, por terem um único sujeito e pelo comportamento em bloco diante das ditas transformações. Numa palavra: o(s) verdadeiro(s) complexo(s) verbal(ais) perifrástico(s) possui(em) unidade semântica, sintáctica e funcional.

1.2. Delimitação do **auxiliar**: critérios

Acabámos de afirmar que a estrutura **auxiliar** + **auxiliado** constitui uma unidade a vários níveis, isto é, por várias razões. Aqui, avançamos mais e reforçamos essa ideia dizendo que se trata de uma unidade constante nos planos do 'sistema' e da 'norma'.[23] Para isso contribuem, essencialmente, algumas propriedades do primeiro enquanto instrumento modificador do segundo, pois essa unidade formal da norma tem por função primária expressar um valor do sistema. Esta relação de **forma** ⟷ **valor** tem que ver com aquele princípio teórico (que foi cabalmente definido e caracterizado por E. Coseriu[24]) que é, precisamente, 'a diacronia da norma na sincronia do sistema'. Isto significa que uma mudança linguística, operada numa qualquer língua particular, não abala a estrutura do sistema. Muito pelo contrário: a tradução desse princípio justifica o carácter permanentemente funcional de qualquer língua particular, pois, havendo necessidade de exprimir valores que até então não eram realizados e para os quais, agora, as formas verbais sintéticas não eram suficientes, a norma recorreu (ou recorre) a outras estruturas formais para expressar essas funções que estavam apenas latentes no nível mais abstracto da hierarquização linguística, isto é, no **sistema**. É com base nestes dados que E. Coseriu explica, por exemplo, a expressão perifrástica do **aspecto** nas línguas românicas. Mas estudemos, então, essas propriedades do **auxiliar**.

---

[23] Retomamos aqui os conceitos de 'sistema' e 'norma' apresentados por E. Coseriu em *Sistema, norma y habla* e no artigo indicado na nota seguinte (pp. 231-233). Citando o que diz no segundo estudo, a 'norma' representa «todo lo que, en el hablar correspondiente a una comunidad, es realización común y tradicional, independientemente de si es o no es funcional (opositivo)» e o 'sistema' «es el conjunto de oposiciones funcionales (distintivas) comprobables en la norma y, por consiguiente, representa los límites de variabilidad de esta, incluyendo también todo aquello que, en un determinado momento histórico, no se registra como efectivamente realizado, pero que podría realizarse, de acuerdo con las mismas oposiciones ya existentes (es decir, todo aquello que, al realizarse, no implique la aparición de nuevas oposiciones funcionales)».

[24] «El aspecto verbal perifrástico en griego antiguo (y sus reflejos románicos)», in: *Estudios de Lingüística Románica*, p. 232 e sqq.

A 'auxiliaridade' tem sido tema de investigação de vários autores. Entre nós, destacam-se os trabalhos de Eunice Pontes[25] e Lúcia Maria Pinheiro Lobato.[26] A primeira A., depois de passar em revista alguns estudos (menores, porque indirectos) sobre os critérios de delimitação dos auxiliares bem como as listas de auxiliares apresentadas nesses trabalhos, chega à conclusão que, na teoria (princípios), existe maior concordância entre autores, porém, na prática (identificação dos auxiliares), já não se encontra essa unanimidade. Por isso, propõe como critério na análise do **auxiliar** o seu 'comportamento sintáctico'. Assim, com base neste princípio analítico, certos verbos apontados como auxiliares por outros autores (1. **fazer**, **mandar**, **deixar**; **ver**, **ouvir**, **sentir**; **desejar**, **odiar**; **saber**; etc.; 2. **parecer**, **poder**, **dever**, **precisar**, **costumar**, etc.) formam, segundo a A., orações subordinadas: a primeira série tem orações como objecto e a segunda admite uma oração como sujeito.[27] Isto significa, ainda segundo a A., que certos verbos, que também se constroem com infinitivo, não pertencem à classe do **auxiliar**. Daqui resulta que a sua lista de auxiliares seja muito mais reduzida que a de Said Ali, por exemplo.[28]

Pinheiro Lobato considera que a inventariação dos auxiliares radica na multiplicidade de critérios de que dispõe a Linguística hoje em dia: «critérios frequentemente semânticos e às vezes morfológicos, prosódicos, de frequência de ocorrência, operacionais ou formais».[29] Por conseguinte, será outro o seu modo de proceder. Classifica os verbos auxiliares em português contemporâneo de acordo com duas visões diferentes: «uma toma a noção de auxiliar em seu sentido estrito e a outra em seu sentido amplo»[30], acrescentando que, «para este segundo sentido, seria conveniente não se falar em auxiliar, e sim em **auxiliante**, como o faz B. Pottier, ou em verbos **operacionais**, como o faz Harris, ficando o termo **auxiliar** para o restrito número de elementos que resistem à aplicação de **todos** os critérios de auxiliaridade»[31].

Nós não procederemos, aqui, nem de uma nem de outra maneiras, rigorosamente. Teremos em consideração, por conseguinte, os critérios comummente utilizados na identificação dos verbos auxiliares, isto é, não operaremos em termos de auxiliares *lato sensu* e *stricto sensu* nem tomaremos como critério, quase absoluto, o seu 'comportamento sintáctico'.

---

25 *Verbos Auxiliares em Português*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

26 «Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critérios de auxiliaridade», in: *Análises Lingüísticas*. Petrópolis: Vozes, 1975, pp. 27-91. (Este artigo constitui a ampliação de um dos capítulos da tese de doutoramento da Autora, intitulada *L'Auxiliarité en Langue Portugaise*, e defendida em Fevereiro de 1971 na Universidade de Paris III).

27 Eunice Pontes, *op. cit.*, pp. 60-91 e 92-123, respectivamente.

28 A lista de auxiliares de Said Ali é referida pela própria A., no trabalho a que temos estado a fazer referência, nas pp. 22-42.

29 L. Pinheiro Lobato, *art. cit.*, p. 29.

30 *Idem, Ibidem*, p. 29.

31 *Idem, Ibidem*, pp. 29-30.

Ora, sendo o auxiliar um elemento modificador por excelência, não pode ter um significado léxico, mas apenas instrumental. Estamos, portanto, diante do 'critério semântico' que consiste na atribuição de perda sémica de todo o auxiliar. Isto significa que um ou mais semas (do conjunto que caracteriza um lexema) se perdeu ou perderam. Assim, comparando os sintagmas «Depois de acabar o curso, **voltei** a Coimbra visitar os meus amigos» e «**Voltei a ler** *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco», verificamos que **voltar**, no primeiro exemplo, conserva todos os seus semas caracterizadores e, no segundo, pelo contrário, perdeu, pelo menos, o sema /movimento no espaço/. Esta perda de significado objectivo ou concreto tem que ver, como facilmente se entende, com o processo de gramaticalização do verbo que, conforme foi dito no início deste capítulo e como se há-de ver com mais pormenorização no parágrafo 1.3., pode ser completa ou não, apresentando, por consequência, graus intermédios de enfraquecimento semântico.

A 'unidade significativa' do conjunto em auxiliação, que constitui a perífrase verbal gramatical, representa outro critério na identificação do auxiliar. Quer isto dizer que o primeiro elemento desempenha a função gramatical e o segundo a função lexical. Em «**desatou a rir** à gargalhada», por exemplo, **desatou a** representa a função gramatical: 'fase inceptiva' e **rir à gargalhada**, a significação lexical ou objectiva.

Uma vez que na língua se dá o processo de auxiliação, resulta deste facto que os dois verbos desse sintagma verbal apresentam 'um único sujeito'. Este é outro critério também frequentemente utilizado na determinação do auxiliar. Assim, nos exemplos «**Estás a estudar** para o teste?», «**Começou a trabalhar** na E.D.P.», «**Acabei por dizer** o que não estava programado», o sujeito de **estudar**, **trabalhar** e **dizer** é o mesmo de **estar**, **começar** e **acabar**: 'tu', 'ele'/'ela' e 'eu', respectivamente. O infinitivo expressa a acção praticada (ou a praticar) pelo sujeito e os verbos que o precedem imediatamente representam, não outras acções praticadas pelo mesmo (ou por outro) sujeito, mas apenas modalidades (neste caso concreto, aspectuais) da acção expressa pelo infinitivo.

Estes critérios que acabamos de apresentar, embora não aplicados da mesma maneira e com o mesmo grau de rentabilidade, representam, para nós, critérios fundamentais e essenciais na caracterização do **auxiliar** e, consequentemente, na determinação das perífrases verbais.

O **auxiliar** também se costuma definir e identificar pela 'ordem dos termos no sintagma', isto é, verbo flexionado seguido de uma forma participial, infinitiva ou gerundial. Este critério, como também se pode constatar facilmente, não é de maneira nenhuma de um rendimento funcional elevado, porquanto construções como "fala dormindo" e "alegrou-se vendo a sua esposa", que apresentam a mesma estrutura de "estava estudando", "continuava falando", etc., não saberiam distinguir-se sem recorrermos a outro (ou outros) critério(s) mais preciso(s).

O critério das 'restrições paradigmáticas', segundo o qual todo o verbo auxiliar é defectivo, também não é globalizante, já que não afecta toda a classe de auxiliares. As formas que costumam faltar no verbo auxiliar são o 'imperativo' e o 'particípio passado'. Rigorosamente, só falta o 'imperativo', porque o 'particípio' é uma morfotaxe própria da conjugação central, isto é, das formas verbais simples. Entre os auxiliares, parecem escapar a tal critério os de 'fase', nomeadamente, mas também outros. Assim: «**Começa a estudar** a lição!», «**Acaba de estudar** a lição!», «**Continua a estudar** a lição!», etc., mas, também: «**Volta a ler** a lição!», «**Torna a ler** a lição!» (estes últimos, auxiliares de 'repetição simples').

A 'separabilidade na identificação dos auxiliares', isto é, «um grupo verbal semanticamente uno e formando um todo funcional, do mesmo modo que uma lexia, seria indissociável»[32], também não funciona, pois sintagmas como «**Estava** eu **a dormir**, quando tocou o telefone», «O pai **continua**, todavia, **a ralhar** com o filho», «**Acabou**, finalmente, **por se referir** às condições climatéricas do deserto do Saara» são perfeitamente equivalentes a «Eu **estava a dormir**, quando tocou o telefone», «Todavia, o pai **continua a ralhar** com o filho», «Finalmente, **acabou por se referir** às condições climatéricas do deserto do Saara».

Falámos acima do 'comportamento em bloco das verdadeiras construções perifrásticas diante das transformações passiva e interrogativa'. Tais transformações constituem outro critério, também essencial mas não absoluto, para caracterizar o verbo **auxiliar**. Isto significa que as expressões perifrásticas (que constituem um sistema paralelo da conjugação) formam um todo quando submetidas aos processos transformativos da 'apassivação' e da 'interrogação'. Objectivando: «**Estou a escrever** o original deste trabalho», «**Acabei por focar** a origem das perífrases verbais aspectuais», «Assim, **chegámos a conhecer** o verdadeiro valor das perífrases aspectuais do português contemporâneo», por exemplo, mantêm-se intactas, para além, como é natural, das transformações formais exigidas pelos processos em causa. Assim, na transformação passiva, temos: «O original deste trabalho **está a ser escrito** por mim», «A origem das perífrases verbais aspectuais **acabou por ser focada** por mim», «Assim, o verdadeiro valor das perífrases aspectuais do português contemporâneo **chegou a ser conhecido** por nós», respectivamente; na transformação interrogativa: «Que **estás a escrever**?», «Que **acabaste por focar**?» e «Que **chegastes a conhecer**?». Portanto, como ficou demonstrado, a 'apassivação' e a 'interrogação' não afectam cada um dos verbos individualmente, mas os dois como se de um só se tratasse.

A 'frequência de ocorrência', isto é, um verbo frequentemente utilizado diante de infinitivo, gerúndio ou particípio, também é um critério considerado na carac-

[32] *Idem, Ibidem*, p. 35.

terização do **auxiliar**. Porém, como se há-de ver no cap. III, se há verbos (**estar**, **andar**, **continuar** + **gerúndio**, por exemplo) que aparecem frequentemente, outros há que só aparecem em certos tempos e modos. No entanto, não deixam de ser auxiliares e, por conseguinte, instrumentos portadores de certas modalidades. Isto quer significar que tal critério, não sendo despiciendo, não é de forma alguma essencial na individualização/delimitação do **auxiliar**.

Os critérios apresentados até aqui são os que se costumam utilizar para identificar uma classe mais ou menos ampla de auxiliares e aos quais nós submetemos todos os **auxiliares de aspecto** considerados neste trabalho.[33] Chama-se, no entanto – e mais uma vez –, a atenção para o facto de que nem todos apresentam o mesmo grau de eficácia. Por isso, Lúcia Pinheiro Lobato, tentando averiguar uma verdadeira classe de auxiliares com existência à parte dos demais verbos, procura outras possibilidades para aí chegar. Assim, tomando os critérios aqui referidos e alguns (poucos) mais, hierarquizando-os (oposições: unidade semântica – um só sujeito –; carência de imperativo; impossibilidades de [+ que/se]; incidência de um circunstante temporal; apassivação; extensão combinatória e pronominalização) chega à conclusão de que só existem em português contemporâneo quatro verbos que merecem ser rotulados de **auxiliar**: **ser**, **estar**, **ter** e **haver**: a sua lista de auxiliares *stricto sensu*.[34]

Neste trabalho não operamos, portanto, como Lúcia Pinheiro Lobato, mas, à semelhança do que Wolf Dietrich fizera para as línguas românicas[35], consideramos como propriedades absolutamente essenciais do **auxiliar**, em união com o **auxiliado**, a sua unidade a 'nível semântico' (os dois verbos unidos, constituindo um todo, expressam um mesmo e único valor sistemático), a 'nível paradigmático' (oposição funcional dos seus membros constituintes: 'auxiliante' e 'auxiliado' – o primeiro pertencendo a um inventário limitado e o segundo a um inventário ilimitado de elementos – e a sua oposição, em conjunto, às formas simples) e a 'nível sintagmático' (os dois verbos, juntos, desempenham a mesma função sintáctica: o **predicado**, já que o 'auxiliado' nunca pode ser substituído, neste caso, por um substantivo ou adjectivo nem o 'auxiliar', também neste caso – em função morfemática –, pode ter qualquer complemento explícito ou implícito).

---

33 *Vide* cap. III. 2. e 3.

34 Sobre esta maneira de proceder, *vide* L. Pinheiro Lobato, *art. cit.*, pp. 36-80.

35 Wolf Dietrich, *El Aspecto Verbal Perifrástico en las Lenguas Románicas*, pp. 46-75.
Relativamente à delimitação sintagmática, lembremos as palavras de E. Coseriu a propósito das construções do tipo "sair dizendo" e "saiu de casa dizendo" (a primeira, 'construção imediata', logo perífrase verbal, e a segunda, 'construção mediata', logo não perífrase verbal): «para que los verbos mencionados formen perífrasis, no deben tener complemento propio, ni expreso ni contextual», «Sobre las llamadas 'construcciones con verbos de movimiento': un problema hispánico», in: *Estudios de Lingüística Románica*, p. 73.

1.3. Graus de gramaticalização das perífrases verbais

Uma vez comprovada a unidade do conjunto **auxiliar + auxiliado** e estudadas as propriedades do primeiro relativamente ao segundo, estamos agora em condições óptimas para averiguar os seus diferentes graus de gramaticalização, já que, como vimos, o **auxiliar**, pelo menos sincronicamente, nem sempre perde (ou não perde do mesmo modo) os seus semas caracterizadores. Dizemos "pelo menos sincronicamente", porque, como foi referido no último parágrafo do ponto 1.1., representa as construções perifrásticas que constituem o nosso objecto de estudo por excelência relativamente ao português actual (este último tomado em sentido bastante abrangente, pois, como se sabe, a evolução linguística é um processo lento).

Em sentido amplo, podemos distinguir cinco fases (ou graus) no processo de gramaticalização de uma perífrase verbal. A saber: 1.°) simples 'coordenação' de duas (ou mais) formas verbais: a primeira flexionada e a segunda não flexionada, mantendo sempre cada uma o seu valor léxico; 2.°) marcação de uma 'intencionalidade' sem que o verbo auxiliar perca, mesmo em parte, o seu significado objectivo; 3.°) perda total (ou quase total) dos semas caracterizadores; 4.°) verbos cópula absolutamente gramaticalizados e 5.°) transformação de um **categorema** (este resultante da gramaticalização de um **lexema**) em um **morfema**. Aqui, operamos deste modo, porque, de facto, ainda não existe um método altamente rigoroso e científico que nos permita averiguar, com segurança, todos os graus de gramaticalização por que passa (ou pode passar) uma perífrase verbal. Se soubéssemos, com efeito, que todos os verbos, potencialmente auxiliares, se caracterizassem por um número finito ('x') de semas (**lexicalizacão**) e que, na última fase de perda sémica, não apresentassem quaisquer desses semas (**gramaticalização completa**) e ainda que, nas 1.ª, 2.ª, 3.ª, etc. fases, perdessem 'y', 'z', 'w', 'n' semas, respectivamente, aqui, sim, poderíamos operar com toda a segurança.

As primeiras quatro fases encontram-se documentadas tanto sincrónica como (é de fácil intuição) diacronicamente; a última, só diacronicamente. Isto não significa que as actuais formas analíticas não venham, daqui por muitos anos, criadas 'todas' as condições necessárias, a tornar-se formas sintéticas, à semelhança do que aconteceu com a perífrase do latim coloquial tardio do tipo *amare habeo* que se tornou, como é sabido, nas línguas românicas actuais, uma forma sintética: **amarei** (port.), **amaré** (esp.), **j'aimerai** (fr.).

A primeira e a última fases não representam, rigorosamente, perífrases verbais propriamente ditas. Isto, porque (para cada caso, por uma razão diferente), como é de acessível percepção, a primeira ainda não é uma perífrase verbal na sua verdadeira acepção, já que os dois verbos representam, como muito bem salientou Wolf

Dietrich[36], «dois predicados, ou melhor, um predicado e um complemento directo,» (tipos: «**Espero passar** de ano», «**Desejo falar** com o senhor Director», «**Costumava falar** muito alto», etc.) «em qualquer dos casos duas acções distintas ainda que relacionadas uma com a outra»; a última já não representa uma perífrase verbal, porque estamos diante de uma forma sintética, em todo o caso, resultante de uma forma analítica primária. Sirva-nos de exemplo a perífrase do latim coloquial tardio, já apontada, ***cantare habeo*** (**cantarei**) e ***cantare habebam*** (**cantaria**).

O paradigma flexional verbal do latim clássico possuía duas formas sintéticas para os dois casos referidos: uma para o 'futuro do presente': ***canta-bo*** e ***dele-bo*** (1.ª e 2.ª conjugações), ***leg-am, tribu-am*** e ***audi-am*** (3.ª conjugação: temas em consoante e em **-u-** e 4.ª conjugação, respectivamente) e outra para o que poderíamos chamar o 'futuro do pretérito': ***cant-em*** (1.ª conjugação), ***dele-am, leg-am, tribu-am*** e ***audi-am***[37] (2.ª, 3.ª – temas em consoante e em **-u-** – e 4.ª conjugações, respectivamente). Estas formas, por serem pouco expressivas, deram lugar, ou melhor, foram substituídas, em latim coloquial tardio, por formas analíticas (***cantare habeo*** / ***cantare habebam;*** etc.) que, por sua vez, passaram, nas línguas românicas, a formas sintéticas. Assim, temos: ***cantabo*** ('futuro temporal') > ***cantare habeo*** ('futuro modal') > ****cantar-ai(o)*** > **cantarei** ('futuro modal temporalizado')[38]. Estamos, pois, diante daquele fenómeno que em linguística geral se denomina de **morfologização**, isto é, transformação de um **categorema** (significante livre, ou autónomo, de significação meramente gramatical) em um **morfema** (significante preso, ou não-autónomo, também de significação meramente gramatical)[39].

As causas que originaram (ou originam) a passagem de uma forma analítica a uma forma sintética são, segundo Mattoso Câmara[40], as seguintes: 1. «ascensão em importância, no quadro geral das categorias verbais da língua, da noção gra-

---

[36] «As perífrases de 'modalidade' em português», in: CARVALHO, J. G. Herculano de & SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen (Orgs.), *Estudos de Linguística Portuguesa*, pp. 60-61.

[37] Estas formas (**-em** ou **-am**, conforme as conjugações) são sincréticas com as do presente do conjuntivo, isto é, o sistema verbal fundamental do latim clássico expressava dois valores sistemáticos ('presente do conjuntivo' e aquilo que em português se pode chamar 'futuro do pretérito') através do mesmo significante. A forma *-am* é também sincrética com a do 'futuro do presente' dos verbos das 3.ª e 4.ª conjugações. Eram, portanto, 'morfemas homónimos'. Note-se que as equivalências mais habituais do 'futuro do pretérito' são dadas em latim pelo 'pretérito imperfeito do conjuntivo'.

[38] Esta diacronia da 'norma', representada pelas três diferentes expressões, corresponde à diacronia do 'sistema', representada também pelos três diferentes valores.
Sobre esta matéria, ou seja, o 'futuro românico', *vide* Wolf Dietrich, *El Aspecto Verbal Perifrástico en las Lenguas Románicas*, pp. 87-88 e, especialmente, E. Coseriu, «Sobre el futuro romance», in: *Estudios de Lingüística Románica*, pp. 129-130.

[39] Acerca dos conceitos de 'categorema', 'morfema', 'significante livre' e 'significante preso', aqui considerados, *vide*, J. G. Herculano de Carvalho, *Teoria da Linguagem*, vol. II, pp. 473-490.

[40] *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, p. 163.

matical que a perífrase traduz»; 2. «obsolescência da significação lexical do verbo que entra como auxiliar, isto é, aquele a que cabe o mecanismo gramatical do conjunto» e 3. «possibilidades fonológicas da construção em sua morfofonêmica». A estas, podemos ainda acrescentar uma outra (a 4.ª), intimamente ligada à terceira, que é a que diz respeito à ordem ou disposição dos dois verbos no complexo de auxiliação: **auxiliar + auxiliado** ou **auxiliado + auxiliar**? Foi, de facto, esta última que possibilitou a evolução da perífrase ***cantare habeo***[41] para (nas línguas românicas) uma forma sintética: **cantarei**, etc.

Continuando este nosso raciocínio: se se verificar um dia (talvez daqui por muitos anos!...) a comutação dos verbos que constituem uma perífrase verbal (isto é, se o **auxiliar** ocupar o lugar do **auxiliado** e vice-versa), a **morfologização** das actuais construções perifrásticas poderá perfeitamente ocorrer. É (porque não?) uma hipótese a sustentar. E vindo a acontecer tal fenómeno, a expressão de certas modalidades, que hoje é perifrástica,[42] passará, então, a ser morfológica, à semelhança, aliás, do que hoje acontece, no paradigma verbal central, com a expressão dos principais tempos e modos, pessoas e números.

As restantes fases (2.ª, 3.ª e 4.ª) representam a gramaticalização das perífrases verbais em sentido restrito, tal como é entendida por alguns estudiosos desta matéria.[43] Aqui, e por oposição às outras duas fases, estamos diante de verdadeiros complexos verbais perifrásticos, porque, para além do elo de 'subordinação' criado entre os dois (ou mais) elementos que os constituem, existe a tal 'intencionalidade' (de que já falámos) para a expressão de determinadas modalidades ou categorias gramaticais. São estas fases que aqui nos interessam, visto que as perífrases que nós consideramos no cap. III, para a expressão dos valores aspectuais, se inserem, ora no 1.°, ora no 2.°, ora no 3.° graus de gramaticalização aqui delimitados.

Assim, e de acordo com o que temos vindo a expor, podemos representar, através de um diagrama, encimado pelas cinco fases de gramaticalização, os principais complexos verbais perifrásticos (ou não) de uso actual, dando maior relevo

---

41 Para além desta, havia outras perífrases que também expressavam em latim a mesma função gramatical, a saber: **habeo (ad, de) cantare**.

42 Sobre esta matéria, *vide*, aqui mesmo, cap. II. 1.4.

43 Entre os estudiosos que assim posicionam o problema, podemos recordar Guillermo Rojo que, em *Perífrasis Verbales en el Gallego Actual*, pp. 29-30, e relativamente ao verbo **ir**, apresenta o seguinte esquema de gramaticalização:

IR

1.° estádio: movimento físico ⟶ intencionalidade ⟶ futuridade
2.° estádio: concreto ⟶ abstracto
3.° estádio: conteúdo nocional (+) ⟶ conteúdo nocional (–)

Este esquema serve, segundo o mesmo A., para qualquer caso de gramaticalização, à excepção do 1.° estádio, como é óbvio.

às perífrases aspectuais, porque, repetimo-lo, são estas que concretamente nos dizem respeito e que se inserem nos graus de gramaticalização intermédios:[44]

1.ª Fase	2.ª Fase	3.ª Fase	4.ª Fase	5.ª Fase
desejar + inf. costumar + inf. dever + inf. esperar + inf. tencionar + inf. ...	começar a + inf. recomeçar a + inf. principiar a + inf. continuar a + inf. continuar + ger. cessar de + inf. parar de + inf. acabar de + inf. terminar de + inf. começar por + inf. começar + ger. acabar por + inf. acabar + ger. terminar por + inf. terminar + ger. continuar por + inf. ...	andar a + inf. andar + ger. ir + ger. vir + ger. ficar a + inf. ficar + ger. andar para + inf. ir a + inf. ir para + inf. passar a + inf. pôr-se a + inf. romper a + inf. deitar a + inf. pegar a + inf. desatar a + inf. largar a + inf. entrar a + inf. meter-se a + inf. vir a + inf. chegar a + inf. ir + inf. vir + inf. ficar por + inf. voltar a + inf. tornar a + inf. deixar de + inf. ficar de + inf. ter + part. ter de + inf. haver de + inf. ...	ser + part. estar + part. estar a + inf. estar + ger. estar para + inf. estar por + inf. ...	Obs.: Só diacronicamente e representada pela 'morfologização' (tipo: **cantarei** de *cantare habeo*, etc.).

[44] Esta lista ou tabela classificativa não pretende, de modo algum, nem ser completa nem definitiva. Pode, por isso, ser alterada a qualquer momento, desde que se descubra um método seguro e eficaz para a classificação de todos os verbos que funcionam (ou podem funcionar) como **auxiliares** na língua portuguesa actual. É, portanto, apenas uma simples proposta de ordenação e integração dos verbos ditos **auxiliares** dentro dos diferentes graus de gramaticalização que aqui conseguimos distinguir.

Ora, porque este trabalho se insere exclusivamente na perspectiva sincrónica, a quinta (ou última) fase de gramaticalização (representando, pois, a 'morfologização' das perífrases verbais), que se encontra documentada apenas diacronicamente, não fará, por conseguinte, parte da nossa análise. A primeira fase também o não fará. Esta, porque (embora sincronicamente documentada) as construções que a integram não representam uma unidade, nem ao nível semântico nem aos níveis paradigmático e sintagmático (apenas uma simples 'coordenação' de dois verbos), como, aliás, já foi referido. Apenas as 2.ª, 3.ª e 4.ª fases o farão, porque as perífrases que as representam constituem uma unidade semântica, paradigmática e sintagmática e também porque (se encontram) documentadas sincronicamente.

Os auxiliares integrados nas 2.ª e 3.ª fases de gramaticalização só funcionam como tais ao nível da 'norma', pois, ao nível do 'sistema', representam também, virtualmente, verbos conceptuais. De facto, já o vimos, fora do contexto perifrástico, funcionam como verbos 'plenos' ou 'autónomos'. Pelo contrário, os integrados na 4.ª fase funcionam como tais, ou seja, como verdadeiros **categoremas**, já ao nível do 'sistema'. Daí representarem um mais puro e completo grau de gramaticalização. Convém, porém, chamar a atenção, mais uma vez, para o facto de que, quer os auxiliares das 2.ª e 3.ª fases, simultaneamente, quer os da 4.ª, quando unidos a verbos conceptuais num todo perifrástico, constituem uma unidade, tanto ao nível da 'norma' quanto ao nível do 'sistema'.[45]

As construções da 2.ª fase, formadas por *verba adiecta,* isto é, verbos que «funcionan generalmente como determinaciones ulteriores, verbalmente configuradas, de otras acciones verbales primarias»[46], são designadas por Wolf Dietrich de 'perífrases extensivas', por oposição às da 3.ª, formadas por *verba denominativa* (verbos que, ao contrário dos *adiecta,* representam a classificação primária da realidade extralinguística) e às da 4.ª, formadas por categoremas especiais, que denomina, conjuntamente, de 'perífrases intensivas'.

A distinção entre 'perífrases intensivas' e 'perífrases extensivas' tem que ver, segundo Wolf Dietrich[47], com o comportamento sintáctico das construções em causa. Assim, as primeiras são as que «se construyen con 'verba denominativa' como modificadores y cuyos modificadores de ningún modo pueden ser modificados autónomamente» e as segundas as que são «formadas sobre todo con 'verba adiecta' y los 'verba denominativa' sinónimos de aquellos en lo que respecta a la designación, cuyos modificadores pueden ser modificados autónomamente en medida limitada, y ello con mantenimiento de su función instrumental».

---

45 Cf., *supra*, o 1.º parágrafo do ponto 1.2.

46 Wolf Dietrich, *El Aspecto Verbal Perifrástico en las Lenguas Románicas*, p. 78.
Sobre o significado de **verba adiecta / verba denominativa**, *vide*, também, E. Coseriu, «Semántica y Gramática» e «Los universales del lenguaje (y los otros)», in: *Gramática, Semántica, Universales*, pp. 128-147 e 148-205, respectivamente.

47 W. Dietrich, *op. cit.*, pp. 226-231. As citações que, no texto, vêm a seguir encontram-se, porém, na p. 230.

Refira-se ainda que, no caso das perífrases com *verba adiecta,* o significado instrumental destes modificadores é em cada caso igual ao seu significado léxico. Por isso, a sua gramaticalidade é de natureza especial. Ao invés, nas perífrases com *verba denominativa,* o significado instrumental destes modificadores nunca é igual (apenas podem reservar um que outro sema) ao seu significado léxico. Daí que a sua gramaticalidade seja mais perfeita ou de natureza menos especial.

A concluir este parágrafo, e porque o não fizemos ainda, vamos apresentar uma definição de 'perífrase verbal' com a qual, aliás, temos estado a operar e que nos vai servir, no próximo capítulo, para estudar as construções perifrásticas aspectuais do português contemporâneo. Assim, para nós, uma 'perífrase verbal' (= gramatical) **é uma construção que reúne, quase sempre**[48], **duas formas verbais: uma flexionada** (morfemas de tempo, modo, voz, pessoa e número) **e outra não flexionada** (infinitivo, gerúndio ou particípio), **constituindo um verdadeiro sintagma verbal, semântica, paradigmática e sintagmaticamente delimitado, e uma unidade constante aos níveis da 'norma' e do 'sistema' e que tem por função expressar uma modalidade, ou seja, um valor sistemático de natureza ou modal, ou temporal, ou aspectual, ou diatética.**

1.4. Perífrases verbais **aspectuais** *vs* perífrases verbais **modais, temporais** e **diatéticas**

Apresentando, formalmente, as mesmas estruturas (ou seja, **verbo auxiliar + infinitivo**, ou **gerúndio**, ou **particípio**), as construções perifrásticas distinguem-se, porém, e sobretudo, pelos valores expressos, isto é, funcionalmente.[49] Isto significa que toda a perífrase verbal, mais ou menos gramaticalizada (por exemplo, as alinhadas nas 2.ª, 3.ª e 4.ª fases de gramaticalização e outras da mesma natureza que aí se possam integrar), tem por especial 'missão' expressar uma 'função' ou 'significação' gramatical verbal primária, uma vez que, actualizada nos mais variados contextos, vai adquirindo 'sentidos' ou, como lhes chama E. Coseriu[50], 'efeitos secundários' próprios.

---

[48] A única excepção, de entre as perífrases estudadas no cap. III, diz respeito às de 'fase pré-final' e de 'duração' ('durativo' – ou 'duração indefinida') que são constituídas por dois **auxiliares** (o primeiro numa forma finita e o segundo numa forma não finita: 'infinitivo' ou 'particípio') mais um **auxiliado** (como sempre, numa forma infinitiva).

[49] Não pretendemos, neste parágrafo, como o título poderia deixar entrever, tratar todas as construções perifrásticas do português contemporâneo que têm, ora funções **aspectuais** (estas serão detalhadamente estudadas no cap. III), ora 'modais', ora 'temporais', ora 'diatéticas' (deste modo, extrapolaríamos demasiado o tema que nos propusemos), mas apenas distingui-las funcionalmente, apontando um que outro exemplo para que melhor possamos entender a sua diferença de significado.

[50] Em «Aspect verbal ou aspects verbaux? Quelques questions de théorie et de méthode», in: *La Notion d'Aspect*, pp. 15-16, § 2.3.2.

Assim, do ponto de vista funcional, podemos distinguir quatro grandes categorias ou classes de perífrases verbais: **aspectuais**, **modais**, **temporais** e **diatéticas**.

As primeiras expressam, como havemos de ver em pormenor[51], determinadas categorias mais ou menos aspectuais (de 'visão', de 'fase', de 'repetição', de 'colocação', de 'conclusão', etc.), isto é, que nos informam, de maneira mais ou menos objectiva, sobre o desenvolvimento interno dos processos (ou acções) verbais propriamente ditos. São exemplo desta classe funcional as perífrases integradas nos graus intermédios de gramaticalização (2.ª, 3.ª e 4.ª fases). Exceptuam-se, todavia, as seguintes: **ter de** e **haver de + inf.** (modais); **deixar de + inf.** (só em contextos bem definidos, é que funciona como perífrase aspectual com o valor de 'abandono'; nos restantes, funciona como perífrase léxica); **estar + part.** (perífrase de voz passiva) que, secundariamente, isto é, como segundo valor – neste caso, melhor, 'sentido' – funciona como perífrase de 'conclusão' ou 'acabamento' (de natureza aspectual, portanto).

As 'modais'[52] distinguem-se, em primeiro lugar, da categoria 'modo' (representada na conjugação central, isto é, nos tempos simples, pelo 'indicativo', 'conjuntivo' e 'imperativo', que significam apenas «'modo de apresentação do verbo', não se fazendo especificação mais exacta da categoria gramatical»[53]), já que «os chamados verbos de modalidade não têm certamente nada a ver com estes modos, pois estes *não descrevem a realidade da execução da acção* mas indicam *a situação do sujeito perante a acção*: o sujeito pode, quer, costuma ou tem de, etc., realizar a acção. O predicado assim modificado pode ser expresso nas línguas românicas tanto no indicativo como no conjuntivo»[54]; e, em segundo lugar, distinguem-se, como se infere do que acabamos de dizer, das restantes classes funcionais, porque são outros os valores expressos.

João de Almeida[55] distingue, assim, e em sentido amplo, os seguintes tipos de 'modalidade' em português contemporâneo:

1. Modalidade objectiva:
   a) existência ou não existência
   b) necessidade e obrigatoriedade
   c) possibilidade (impossibilidade) e probabilidade

---

[51] Cf. cap. III. 2. e 3.

[52] Sobre estas perífrases em português, *vide* o capítulo "Expressão da modalidade", in: *Introdução ao Estudo das Perífrases Verbais de Infinitivo* (pp. 128-201), de João de Almeida e, ainda, «As perífrases verbais de 'modalidade' em português», in: CARVALHO, J. G. Herculano de & SCHMIDT-RADEFELDT, J. (Orgs.), *Estudos de Linguística Portuguesa* (pp. 59-91), de Wolf Dietrich.

[53] Wolf Dietrich , *art. cit.*, p. 62.

[54] *Idem, Ibidem*, pp. 62-63.

[55] *Op. cit.*, p. 133 e sqq.

2. Modalidade subjectiva:
   a) volição e desejo
   b) ordem e proibição
   c) dúvida ou certeza

alguns dos quais se encontram representados pelas seguintes construções perifrásticas: **dever + inf.**, **haver de + inf.**, **haver que + inf.**, **ter de + inf.**, **ter que + inf.**, **precisar** ou **necessitar** (com ou sem a preposição **de**) + **inf.** (para a 'necessidade' e 'obrigatoriedade'); **poder + inf.**, **dever + inf.**, **saber + inf.** (para a 'possibilidade' e 'probabilidade'); **querer + inf.**, **desejar + inf.** e também (mas de uso reduzido) **preferir + inf.**, **pretender + inf.**, **pensar (em) + inf.** (para a 'volição' e 'desejo') e, finalmente, **querer + inf.**, **poder + inf.**, **dever + inf.** e **ir + inf.** (para a 'ordem' e 'proibição').

Esta interpretação merece, ainda que brevemente (pois, só num estudo mais profundo sobre as 'perífrases modais' do português contemporâneo, é que, eventualmente, mereceria outros), o seguinte reparo: se bem se notou, o A. apresenta as mesmas perífrases (**querer + inf.**, **poder + inf.** e **dever + inf.**) para diferentes modalidades ('possibilidade' e 'probabilidade', 'volição' e 'desejo' e 'ordem' e 'proibição'). Perante esta situação, e sem pretendermos dar uma resposta (pois, tais perífrases não constituem objecto de análise neste trabalho), gostaríamos, no entanto, de aqui deixar expressas as seguintes questões: será que, efectivamente, existem todos estes 'valores modais' enquanto verdadeiras oposições ao nível do 'sistema'? Se sim, estamos então diante de morfemas homónimos. Ou será que alguns desses 'valores' não são mais do que 'sentidos' ou 'efeitos secundários'?

Relativamente à construção **ir + inf.**, que o A. apresenta como uma das expressões perifrásticas das modalidades 'ordem' e 'proibição', não nos parece ser esse o seu verdadeiro valor. Por isso, neste sentido, concordamos, *grosso modo*, com Mattoso Câmara, ao afirmar, num dos seus trabalhos[56], que tal construção perifrástica «tem a um tempo um valor aspectual e um valor modal. De um lado, assinala a intenção de fazer alguma coisa (que é uma característica modal); de outro lado, exprime um aspecto *sui generis*: o do que ainda vai acontecer: *vou sair*, *ia sair*, *fui sair*, *irei sair*, *etc.*. Essa significação aspectual dá-lhe o caráter de um futuro, a partir do presente, do pretérito ou de outro futuro».

As 'perífrases temporais', por seu turno, também se distinguem, num primeiro momento, da categoria gramatical verbal 'tempo' (representada pelos tempos 'presente', 'pretérito' e 'futuro' dos modos 'indicativo' e 'conjuntivo', na conjugação central, que significam a situação/localização da acção verbal no eixo ou linha temporal, tendo sempre um ponto dessa linha por referência), porquanto

[56] *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, pp. 170-171.

exprimem valores temporais, não abrangidos pelas formas sintéticas, tais como 'presente de momento', 'passado recente', 'futuro próximo', etc.; e, num segundo momento, à semelhança do que foi dito para as 'perífrases modais', distinguem-se de todas as outras, porque também são outros os seus valores e porque (e isto serve para todas as classes funcionais de perífrases), teoricamente, se excluem umas às outras.

João de Almeida, o único autor (de que temos conhecimento) que exclusivamente dedicou um capítulo à expressão perifrástica da 'temporalidade'[57], refere, como perífrases temporais, **haver de + inf.**, **ir + inf.**, **dever + inf.** e (de uso menos comum) **querer + inf.** (para a 'futuridade' e 'iminência'); **estar a + inf.** (para o 'presente de momento') e **acabar de + inf.** e **vir de + inf.** (para o 'passado recente').

Para além do reparo que fizemos e das questões que deixámos no ar relativamente às 'perífrases modais', que aqui podemos aplicar inteiramente a todas as construções, a situação das 'perífrases temporais' e valores expressos suscita-nos ainda as seguintes objecções: 1. **vir de + inf.** (um perfeito galicismo – **venir de + inf.**, em, por exemplo, «Je **viens d'arriver** de Coimbra» –) funciona, na maior parte das vezes, como perífrase léxica: ex.: «Venho de trabalhar», isto é, «Estou a chegar do trabalho». Tal construção, segundo nos parece, nunca funciona como perífrase verbal gramatical no português europeu. No português do Brasil, talvez!?...; 2. **acabar de + inf.** ≠ **acabar de + inf.**, isto é, a mesma construção para dois valores diferentes: um temporal (ex.: «Viste o nosso colega João? – **Acabo de falar** com ele.» – 'passado recente') e outro aspectual (ex.: «Já **acabei de escrever** o 1.° capítulo deste trabalho.» – 'fase final'). São, portanto, morfemas homónimos em que só o contexto nos pode elucidar sobre qual dos valores está sendo expresso; 3. a 'iminência' é, para nós, um valor aspectual, e são também outras as construções perifrásticas que o expressam.[58] Aqui, ou seja, nas perífrases referidas pelo A. como instrumentos de 'iminência', esta propriedade é, por conseguinte, um 'sentido' ou 'efeito secundário'; 4. devemos acrescentar, como perífrases de 'temporalidade', **haver + part.**, de uso quase exclusivamente cuidado e literário, e **ter + part.**, de uso mais generalizado. Todavia, esta última construção no 'pretérito perfeito', à excepção das formas cristalizadas do tipo "tenho dito" (com que, por vezes, segundo um modelo já arcaico, se podem terminar os discursos – de valor exclusivamente temporal, equivalendo à forma sintética: **disse**), exprime um valor aspectual: 'duração' ('durativo' ou 'duração indefinida').[59]

---

[57] *Op. cit.*, pp. 202-223.
[58] Cf. cap. III. 2.2.1.
[59] Cf. cap. III. 2.5.1.

Finalmente, as 'perífrases diatéticas' opõem-se, também, a todas as outras construções que acabamos de considerar, porque exprimem outros valores: 'valores passivos'. Assim, contrariamente ao que acontecia nas línguas antigas, nossas familiares (em latim e em grego antigo), onde a expressão da 'passiva de acção' se fazia através de morfemas próprios, ou seja, flexionalmente (exs.: "**am-or**", "**ama-bor**", etc. e "παιδεύ-ομαι", "παιδευ-θήσομαι" etc.), este mesmo valor é expresso em português unicamente pela perífrase **ser + part.**: "sou amado", "serei amado", etc. e "sou educado", "serei educado", etc. (tradução portuguesa dos exemplos latinos e gregos).

Para além desta construção e valor, existe em português, ainda dentro do carácter 'diatético', uma outra para outro valor: **estar + part.** – 'passiva de estado'. Esta última construção, contudo, exprime secundariamente 'conclusão' ou 'acabamento' de uma acção verbal: um 'sentido' ou 'efeito secundário' de natureza aspectual, portanto.[60]

1.5. Para uma definição da categoria **aspecto** e **aspecto verbal perifrástico**

Considerámos, até aqui, as etapas necessárias para a determinação das verdadeiras perífrases verbais (= gramaticais) que, como também ficou explicado, nos permitem estudar o **aspecto** enquanto categoria gramatical verbal. Impõe-se-nos agora, como – ao mesmo tempo – pontos de partida e de chegada, a sua própria definição, com a qual, é claro, vamos proceder à análise desta mesma categoria em português contemporâneo, expressa, como tem sido repetidamente dito, por meio de perífrases verbais. Para isso, é necessário, no entanto, relevar alguns conceitos e procedimentos preliminares que, como se verá, nos encaminharão para uma concepção/definição bastante abrangente e, por conseguinte, consentânea com a própria realidade dos factos linguísticos portugueses em causa.

O termo **aspecto**, que é um equivalente de tradução «más bien insatisfactorio, pero convencionalmente aceptado del término empleado en ruso ('vid') para aludir a la oposición entre perfectivo y imperfectivo, típica en las lenguas eslavas»[61], bem como o seu conceito, é, na realidade, menos familiar, não aos linguistas, mas aos estudantes que cursam Letras, por exemplo (sem falarmos na generalidade das outras pessoas), do que os termos (e respectivos conceitos) **tempo** e **modo**. Este facto deve-se, como nos informa John Lyons[62], à parca informação ou, até, informação distorcida que, no desenvolvimento subsequente da tradição gramatical

[60] Sobre esta construção e 'sentido' aspectual, *vide* cap. III. 2.7.
[61] John Lyons, *Semántica*, p. 639.
[62] *Op. cit.*, p. 638.

greco-latina, nos tem sido fornecida, quer através de manuais de linguística (estudos e gramáticas), quer através do magistério ministrado nas escolas e universidades.[63] Ora, esta situação não é nada de louvar, porquanto os Estóicos (na antiguidade grega) e Varrão, no seu *De Lingua Latina* (na antiguidade romana), já haviam entrevisto, sem contudo se servirem do termo, a noção aspectual dos respectivos sistemas verbais, ao fazerem a distinção, ao lado de outras de natureza temporal, entre **duração/acabamento** do processo verbal (os primeiros) e ***tempora infecta* / *tempora perfecta*** (o segundo).[64]

Mais tarde, já bastante próximo do nosso tempo, com a linguística histórico-comparativa, é que os indo-europeístas, através da comparação de algumas línguas, (re)descobriram a 'noção aspectual' e verificaram que, de entre todas essas línguas, as eslavas foram as que conservaram, de forma mais viva e sistemática, essa noção, ao distinguirem, morfologicamente, entre 'verbos imperfectivos' (acção inacabada) / 'verbos perfectivos' (acção acabada). Mas também o grego, pela distinção dos temas de 'presente' (durativo), de 'perfeito' (estado resultante de estados anteriores) e de 'aoristo' (neutro, isto é, simples constatação do facto) e ainda, menos sistematicamente, o latim, pela distinção, já referida, entre ***infectum*** (evento inconcluso) **/ *perfectum*** (evento concluso).

A aplicação da realidade aspectual destas línguas, nomeadamente das línguas eslavas, a outras foi o primeiro erro na análise desta categoria verbal: é que se o binómio **imperfectividade/perfectividade** não aparecia numa dada língua particular, era porque essa mesma língua carecia da categoria **aspecto**. Ora, sendo o **aspecto** (como o dissemos no início deste mesmo capítulo) uma categoria universal que pode ou não ser realizada numa língua particular qualquer, não é – parece-nos – a partir deste procedimento que se deverá comprovar ou não a sua existência nessa e noutras línguas particulares. Isto significa que o **aspecto eslavo** não é a categoria **aspecto**, mas apenas uma das suas modalidades históricas.

Contra tal procedimento se insurge, por exemplo, E. Coseriu[65], propondo, entre outros, os seguintes princípios metodológicos: 1. a consideração do **aspecto** enquanto categoria universal e a sua semelhante e/ou dissemelhante (ou, até, inexistente) realização nas diferentes línguas funcionais; 2. a sua provável combinação com a categoria **tempo**, pois, nas línguas do mundo, a noção aspectual pode

---

[63] Isto que acabamos de dizer é pura realidade. De facto, já tivemos ocasião de averiguá-lo em conversas com pessoas amigas, ou simplesmente conhecidas, que nos perguntavam qual o tema que estávamos a tratar para as provas de A. P. C. C. E, quando lhes respondíamos: "O aspecto verbal perifrástico...", ouvíamos, com muitíssimo poucas excepções: "O que é isso?!".

[64] Sobre esta matéria, *vide*, entre outros, Mattoso Câmara, *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, pp. 126-129 e Ataliba Teixeira de Castilho, *Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa*, p. 20 e sqq.

[65] «Aspect verbal ou aspects verbaux? ...», in: *La Notion d'Aspect*, pp. 14-19.

preceder a temporal (é o caso das línguas eslavas), ocorrer simultaneamente (grego antigo e latim), ocorrer com a 'segunda perspectiva' (inglês) e depois desta (as línguas românicas); 3. averiguar, nas línguas que apresentem **aspecto**, as suas diferentes categorias ou subcategorias e eventual combinação, quer de conteúdo, quer formal, quer as duas ao mesmo tempo, destacando (se tal for o caso) os 'valores de língua' dos 'efeitos secundários'; 4. considerar os diferentes níveis de realização: lexical, flexional, perifrástico e outros, isto é, se uma determinada categoria aspectual se expressa, numa língua particular, ou de uma maneira ou de outra, ou todas, ou até que uma determinada categoria seja expressa diferentemente nas línguas funcionais, etc.

Uma outra interpretação, que também não é, pelo menos em termos universais, nem funcional nem eficaz, é a que diz respeito à distinção que se estabeleceu, com S. Agrell, no seio da germanística e eslavística entre **Aspekt** e **Aktionsart(en)**: o primeiro representando o aspecto subjectivo, ou seja, o aspecto propriamente dito (**imperfectivo/perfectivo**) e expresso gramaticalmente; a(s) segunda(s), também dita(s) 'modo(s) de acção', representando o aspecto objectivo (acções **momentânea** ou **pontual / durativa / cursiva / incoativa / egressiva** / etc. / etc.) e expressa(s) lexicalmente.

Também, contra esta maneira de proceder, se insurgem alguns autores, entre os quais está Herculano de Carvalho[66], que toma o termo **aspecto** exclusivamente (tal como aqui se tem feito e se fará) como representante de todos os valores aspectuais, porque: 1. a oposição **imperfectivo/perfectivo**, sendo característica das línguas eslavas, pode não sê-lo noutras; 2. as **Aktionsarten** (ou 'modos de acção') nem sempre são propriedades objectivas inerentes aos processos, mas também formas diferentes de conceber um processo; e 3. as expressões 'gramatical' do **aspecto** e 'lexical' das **Aktionsarten**, nas línguas eslavas, nem sempre se verificam de forma organizada.

Finalmente, o **aspecto** distingue-se do **tempo**, porque é uma categoria essencialmente objectiva que 'implica' o tempo, ao contrário do segundo, categoria subjectiva, que o 'explica', tal como nos ensina a teoria psicomecânica da linguagem, de Gustave Guillaume, referida por alguns autores[67], e também porque, ontogeneticamente falando, as crianças, cujas línguas se estruturam em torno das duas categorias, dominam primeiro e muito mais facilmente o **aspecto** e, só depois, o **tempo**.[68]

---

66 «Temps et aspect: problèmes généraux et leur incidence en portugais, français et russe», in: *Estudos Linguísticos*, vol. 3.°, p. 216 e sqq.

67 Entre esses autores, encontram-se Robert Martin, *Temps et Aspect* (Essai sur l'emploi des temps narratifs en moyen français), p. 48 e sqq. e João de Almeida, *op. cit.*, p. 203 e sqq.

68 Sobre o carácter ontogenético do **aspecto**, *vide* John Lyons, *Semántica*, p. 638.

Deste modo, e de acordo com o que acabamos de dizer, definiremos o **aspecto** como uma categoria verbal (mas não exclusiva do **verbo** enquanto classe léxica) que tem que ver com o desenvolvimento interno do processo, independentemente da sua localização no eixo temporal. Daqui resulta que o **aspecto** se apresente como uma categoria pluridimensional, indicando a 'duração' (o processo pode ser mais ou menos durativo ou até pontual), as 'fases' (o processo pode estar para realizar-se, começar a realizar-se, continuar a realizar-se, aproximar-se do fim, acabar de realizar-se, etc.), a 'colocação' (o processo pode situar-se relativamente a processos que lhe são, ou imediatamente anteriores, ou imediatamente posteriores), a 'visão' (o processo pode ser visto, ou globalmente ou parcialmente), o 'resultado' (o processo pode apresentar um resultado efectivo ou produtivo), a 'repetição' ou 'número verbal' (o processo pode ser único ou repetido uma ou várias vezes), a 'determinação' ou 'orientação objectiva' (o processo indica o seu encaminhamento: do princípio para o fim e vice-versa, ou indiferente a esta orientação), etc., etc., pois, como nos diz E. Coseriu[69], as dimensões aspectuais são teoricamente numerosas.

Todas estas e outras dimensões (ou categorias e subcategorias) aspectuais se podem realizar em português através de processos não gramaticais e/ou gramaticais.[70] Estes últimos, que integram a 'realização perifrástica', são, de longe, os mais funcionais, os mais rentáveis e, consequentemente, os mais sistemáticos. Eis, portanto, a razão que explica o chamado **aspecto verbal perifrástico**.

2. NÍVEIS DE REALIZAÇÃO DO **ASPECTO**

A categoria **aspecto** encontra, nas diferentes línguas do mundo que a realizam, os mais variados processos de manifestação. Entre estes, destacam-se, pela sua frequência, os seguintes: **lexical**, **contextual**, **flexional** e **perifrástico**. Os dois últimos, pela sua natureza (ou seja, pelo emprego de morfemas próprios e pertencentes a paradigmas), representam o seu mais alto grau de sistematicidade e de rentabilidade funcional. Em português, porém, só a 'expressão perifrástica' é que apresenta, de longe, essas duas propriedades. Isto, porque, como tem vindo a ser

[69] *Vide* artigo citado na nota 65.
[70] Cf., aqui mesmo, cap. II. 2.

referido, a 'expressão flexional' tem por função primária, em português, indicar os 'tempos' e 'modos', 'pessoas' e 'números', típicos da conjugação central ou, também dita, dos tempos simples. Portanto, o sistema verbal português, ao contrário do que sucede com os das línguas eslavas, por exemplo, que se estruturam, à semelhança do primitivo indo-europeu, em torno da 'noção aspectual' (expressando, por conseguinte, flexionalmente os valores aspectuais), o sistema verbal central português, dizíamos, estrutura-se em torno da 'noção temporal'. Daqui que os valores de natureza aspectual do nosso sistema verbal central, em comparação com os da 'expressão perifrástica', não passam de 'efeitos secundários' (ou valores segundos), resultantes dos primeiros: estes, de natureza temporal. Esta deficiência da língua portuguesa, bem como das línguas românicas em geral, no tocante à expressão do **aspecto**, foi singularmente suprida pelo recurso à chamada 'conjugação perifrástica'.

A conjugação, num qualquer enunciado linguístico, de todas as manifestações aspectuais referidas determina o chamado **aspecto de frase**[71]. Este modo de proceder consiste em tirar o maior partido possível de toda a informação aspectual aí contida e expressa, por conseguinte, quer através dos semantemas verbais e dos adjuntos adverbiais, quer através dos morfemas da flexão temporal e das perífrases verbais. Este método tem ainda a vantagem de demonstrar a compatibilidade e/ou incompatibilidade das diversas categorias e subcategorias aspectuais.

Ainda relativamente às diferentes expressões da categoria **aspecto**, João Andrade Peres, na sua gramática[72], afirma: «Esta dispersão de formas não deve, a meu ver, impedir um tratamento unificado do aspecto verbal. Atendendo ao facto, acima referido, de o aspecto determinar a classe de uma proposição, e dado que estas classes são também classes de predicados, creio que a melhor solução global passa pelo tratamento do aspecto como um **operador frásico**, ou seja, em terminologia generativista, como um **predicado mais alto**».

Aqui, e porque é outro o nosso objectivo, não trataremos do **aspecto** enquanto **operador frásico**, mas tão-só da sua 'manifestação perifrástica'. No entanto, e para que melhor se possa entender, sobretudo a diferença formal de expressão, mas também funcional da categoria **aspecto**, vamos, de seguida, exemplificando sempre, ver em que consiste cada um dos processos referidos acima, distinguindo a sua 'realização não gramatical' da 'realização gramatical'.

2.1. Realização não gramatical

Este tipo de manifestação aspectual compreende as expressões 'lexical' e 'contextual', caracterizando-se, por oposição à realização gramatical (que possui instru-

[71] Esta é a designação utilizada, por exemplo, por François Jacques em «La catégorie de l'Aktionsart dans la linguistique allemande. Exposé critique de travaux récents», in: *Quelques aspects de l'aspect*, p. 70.

[72] *Elementos para uma Gramática Nova*, p. 108.

mentos gramaticais próprios, isto é, significantes cuja função primária é expressar este ou aquele valores temporo-aspectuais ou simplesmente aspectuais), por carecer destes instrumentos (gramaticais) e expressar os referidos valores através de semantemas verbais e de afixos, por um lado, e através de adjuntos adverbiais, por outro.

Assim, e no que à expressão lexical diz respeito, os semantemas verbais podem denotar uma ideia de: 1. 'duração' (exs.: **durar**, **continuar**, **dormir**, **garantir**, **perseverar**, etc.), 2. 'progressão' (exs.: **crescer**, **envelhecer**, **progredir**, etc.), 3. 'iteração' (exs.: **repetir**, etc.), 4. 'incoatividade' (exs.: **começar**, **principiar**, **encetar**, etc.), 5. 'término' (exs.: **acabar**, **terminar**, **finalizar**, **findar**, etc.), 6. 'acção conclusa' (exs.: **abater**, **conseguir**, **quebrar**, **cortar**, **entrar**, **sair**, etc.), 7. 'acção inconclusa' (exs.: **admirar**, **adorar**, **amar**, **meditar**, **falar**, **sonhar**, **trabalhar**, etc.), 8. 'orientação objectiva' (exs.: **partir de / chegar a** expressam orientação relativamente a um lugar tomado como referência; já **ir / vir** se opõem, em bloco, a **andar** – indiferente ou neutro quanto à orientação; etc.).

Ainda, dentro da expressão lexical, os sufixos e prefixos também desempenham um papel mais ou menos significativo na manifestação de valores aspectuais: exs.: **saltitar** ('diminutivo verbal'), ao lado de **saltar**, expressa 'iteração'; **empalidecer**, **arrefecer**, etc. expressam 'mudança de estado'; **refazer**, **redizer**, etc., ao lado de **fazer**, **dizer**, etc. expressam 'repetição simples'.

A manifestação contextual do **aspecto**, representada sobretudo pelos adjuntos adverbiais, também contribui fortemente para a significação aspectual. Por isso, muitos são os valores desta natureza que os advérbios, ao lado dos verbos, podem expressar.

Assim, nos enunciados que foram apontados na Introdução como exemplos desta manifestação aspectual ("**ainda** chove", "**já não** chove", "**ainda não** chove" e "**já** chove"), verificamos que os advérbios sublinhados (que podem perfeitamente ser substituídos pelas perífrases "**continua a chover**", "**deixou de chover**", "**está para chover**" e "**começou a chover**", respectivamente) expressam os valores aspectuais de 'fase continuativa', 'fase egressiva', 'fase iminencial' e 'fase inceptiva', também respectivamente.

Para além destes advérbios e valores aspectuais expressos, outros advérbios e locuções adverbiais como **ontem**, **hoje**, **amanhã**, **de tarde**, **à noite**, **de manhã**, **sempre**, **agora**, **nunca**, **todos os dias**, **há muito tempo**, **todos os anos**, **diariamente**, **raramente**, **frequentemente**, etc., etc. expressam outros tantos valores aspectuais.

2.2. Realização gramatical

Este tipo de manifestação aspectual, já o dissemos, é, pela sua própria natureza, o mais rentável e altamente funcional, pois, pelo uso de instrumentos gramaticais

próprios, os valores aspectuais tornam-se mais claros e, por isso, mais facilmente detectáveis.

Representam este tipo de manifestação aspectual as expressões 'flexional' e 'perifrástica'. A primeira, também já o dissemos, não é, em português, tão funcional como o procedimento perifrástico. Isto, porque os morfemas que caracterizam a flexão verbal portuguesa expressam, primariamente, os valores sistemáticos das categorias **tempo**, **modo**, **pessoa** e **número** (verbais, é claro). Todavia, secundariamente, certos valores aspectuais podem deduzir-se. Assim, e segundo Herculano de Carvalho[73], porque, na conjugação central, o **aspecto** está combinado com o **tempo**, só as morfotaxes do passado apresentam regularidade quanto à expressão dos valores aspectuais (exs.: **cantou** e **cantara** – 'perfectividade' – / **cantava** e **cantaria** – 'imperfectividade'); as demais morfotaxes (de 'presente' e de 'futuro') exprimem um valor aspectual 'durativo' que, conforme a natureza da significação interna do próprio verbo (ou 'carácter aspectual') e também conforme os contextos, pode ser ou 'perfectivo' ou 'imperfectivo'.

A segunda, ou seja, a 'expressão perifrástica', representa a realização óptima da categoria **aspecto** em português contemporâneo. Contribui para este facto o forte elo de ligação/subordinação que se estabelece entre **verbo auxiliar** e **verbo auxiliado** que, sendo muito embora uma unidade (o predicado) do sintagma, pertence a um paradigma próprio, conforme tivemos ocasião de demonstrar ao longo de todo este capítulo.

Como, no próximo capítulo, vamos estudar exclusivamente este tipo de manifestação gramatical do **aspecto**, apresentamos apenas os seguintes exemplos, em jeito de preâmbulo: **estar + inf.** (exs.: **estavam a trabalhar**, **estiveram a trabalhar**, **estarão a trabalhar**, etc.) para a 'visão angular'; **ir + ger.** (exs.: **vai trabalhando**, **ia trabalhando**, **irá trabalhando**, etc.) para a 'visão prospectiva'; **pôr-se a + inf.** (exs.: **ponho-me a trabalhar**, **punha-me a trabalhar**, **por-me-ei a trabalhar**, etc.) para a 'fase inceptiva'; **acabar por + inf.** (exs.: **acabou por referir**, **acabava por referir**, **acabará por referir**, etc.) para a 'ordem' (ou 'alinhamento'); etc.

[73] *Op. cit.* na nota 66, p. 227 e sqq.

III

ESTUDO FUNCIONAL/SINCRÓNICO DAS *PERÍFRASES VERBAIS ASPECTUAIS* DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Depois de, no capítulo anterior, termos delimitado teoricamente, através de várias fases de cariz analítico-argumentativo, o campo específico da investigação que aqui nos propomos levar a bom termo (esperamos!), vamos ver agora quais os valores aspectuais, sincronicamente funcionais, do sistema linguístico português, expressos na norma por perífrases verbais.

O modelo teórico aqui seguido, como oportunamente assinalámos[1], é o que E. Coseriu (referido e acrescentado[2] pelo seu discípulo, Wolf Dietrich, em *El Aspecto Verbal Perifrástico en las Lenguas Románicas*) defende para o sistema verbal românico (**tempo** e **aspecto**).[3] No entanto, não se pense que tal modelo teórico se adequa integralmente à realidade do nosso sistema linguístico. Assim, entre outros aspectos de somenos importância (que assinalaremos devidamente), há dois, mais importantes, com os quais estamos em desacordo e que por isso mesmo vamos tratar de imediato: o primeiro diz respeito à categoria aspectual da VISÃO GLOBALIZADORA e o segundo à categoria aspectual da DURAÇÃO.

Relativamente à primeira categoria aspectual que, por oposição à VISÃO PARCIALIZADORA, se caracteriza por considerar a acção verbal como unitária, E. Coseriu (bem como W. Dietrich) acha que tal categoria se realiza em todas as línguas românicas (à excepção do francês) e que se encontra perfeitamente gramaticalizada, tendo como meios expressivos próprios as perífrases copulativas construídas com verbos do tipo: esp. **coger**, **tomar**, etc. (exs.: port.: **pego e escrevo**; **agarro e escrevo**; esp.: **tomo y escribo**; **cojo y escribo**; **agarro y escribo**; cat.:

---

[1] Cf., *supra*, Introdução, p. 14.

[2] Esta ampliação diz respeito, sobretudo, à categoria aspectual da COLOCAÇÃO (que compreende as subcategorias **ordem**, **disposição resultante** e **demarcação**), com a qual E. Coseriu concorda plenamente. *Vide*, a este propósito, deste mesmo A., o artigo intitulado «Aspect verbal ou aspects verbaux?...», in: *La Notion d'Aspect*, p. 23, nota 15.

[3] Aqui, como facilmente se entende (uma vez que tratamos exclusivamente do **aspecto**), só teremos em atenção o modelo teórico apresentado para esta mesma categoria verbal.

agafo i m'en vaig; occ.: **me preni e m'en vau**; it.: **prendo e scrivo**; **piglio e scrivo**; etc.).[4] É exactamente neste ponto que reside a nossa discordância, porquanto, na vasta bibliografia que nos serviu de fonte para a elaboração dos diferentes *corpora* de exemplos que têm por principal papel ilustrar/mostrar o uso efectivo das diferentes categorias e subcategorias aspectuais aqui consideradas[5], encontrámos apenas os seguintes exemplos que, em todo o caso (e segundo nos parece), não são construções do tipo referido pelos AA., mas tão-só perfeitos idiotismos: 1) «– Deus me disse no dia 20 de Janeiro: "Sebastião, é o teu dia. Vai salvar o mundo que se perde. ***Anda e vai*** com o teu cajado e faz o mundo andar direito".», José Lins do Rego, *Pedra Bonita*, p. 229; 2) «– Deus do céu que faz a água e o fogo me disse no dia 20 de Janeiro: "***Pega***, Sebastião, ***e sai*** com o teu cavalo branco pelo mundo. Vai salvar o mundo, Sebastião".», *Idem, Ibidem*, p. 229.

Tal objecção não tem, portanto, a intenção de excluir a VISÃO GLOBALIZADORA do sistema verbal português, mas simplesmente dizer que não se expressa perifrasticamente. Talvez os outros processos de manifestação aspectual nos possam informar da sua representação em português. Porém, como nos estamos a ocupar exclusivamente da 'expressão perifrástica' do **aspecto**, não será dado aqui maior desenvolvimento a esta questão.

Quanto à segunda categoria aspectual (a DURAÇÃO), discordamos dos AA. referidos quando afirmam que esta categoria não se realiza gramaticalmente, mas que se encontra apenas representada pelas unidades léxicas (exs.: esp.: **mirar** 'durativo', **llegar** 'momentâneo' ou 'pontual', **picotear** 'iterativo').[6] Ora, pelo que nos foi possível observar, pelo menos a subcategoria **durativo** (ou **duração indefinida**) encontra-se representada em português por construções do tipo **ter + vindo + a + infinitivo**.[7]

Finalmente, e porque as perífrases aspectuais expressam determinações posteriores das funções centrais do verbo (assunto que vamos ver já no próximo parágrafo), devemos sublinhar que os modos de expressão 'afirmativo' e 'negativo' representam a sua óptima actualização. Porém, como nos informa W. Dietrich[8], «una parcialización o globalización no tiene sentido ni en la negación ni en la exhortación. En aquellos casos en que aparecen perífrasis parcializadas, aparentemente negadas, se trata, en la mayoría de las veces, de la retractación metalingüística de todo el contenido verbal, pero no de la negación de la acción parcializada».

---

[4] Exemplos apontados por W. Dietrich em *El Aspecto Verbal Perifrástico en las Lenguas Románicas*, pp. 212-213.

[5] Cf. 'Bibliografia utilizada na exemplificação'.

[6] Exemplos referidos por W. Dietrich, *op. cit.*, p. 206.

[7] *Vide, infra*, III. 2.5.1.

[8] *Op. cit.*, pp. 213-214.

No entanto, como se há-de ver ao estudarmos a VISÃO PARCIALIZADORA, e apesar de escassearem os exemplos no modo 'imperativo', continuam a subsistir alguns casos, mas sobretudo no chamado 'imperativo negativo'. E isto, talvez, porque esta forma de expressão se serve dos significantes próprios do conjuntivo.

1. O ASPECTO VERBAL PERIFRÁSTICO COMO UM SISTEMA COMPLEMENTAR (OU MARGINAL) DA CONJUGAÇÃO FUNDAMENTAL

A **conjugação fundamental** (ou, também dita, **conjugação** – ou sistema verbal – **central**) é constituída pelas formas verbais simples que em português expressam, fundamentalmente, as categorias **tempo** e **modo**, **pessoa** e **número**. Melhor dizendo: o sistema verbal central português está estruturado em torno da 'noção temporal', ao contrário dos das línguas eslavas, por exemplo, que se estruturam em torno da 'noção aspectual'. Isto quer significar que, em português, logo que haja noção verbal, esta se organiza/estrutura no eixo do **tempo**, ao passo que nas referidas línguas (essa mesma noção verbal) se organiza/estrutura em torno do **aspecto**. Por conseguinte, as 'determinações aspectuais', em português, e as 'determinações temporais', nas línguas eslavas, representam determinações ulteriores do **tempo** e do **aspecto**, respectivamente.

Assim, e no que ao sistema verbal português diz respeito, tomando como exemplo, para ilustrar o que acabamos de dizer, o verbo **estudar** (verbo da 1.ª conjugação, tema em **-a-**), verificamos que os seguintes significantes expressam os seguintes valores de língua (ou valores sistemáticos): 1. **estudo**: '1.ª pessoa' do 'singular' do 'presente' do 'indicativo'; 2. **estudavas**: '2.ª pessoa' do 'singular' do 'pretérito imperfeito' do 'indicativo'; 3. **estudou**: '3.ª pessoa' do 'singular' do 'pretérito perfeito' do 'indicativo'; 4. **estudáramos**: '1.ª pessoa' do 'plural' do 'pretérito mais-que-perfeito' do 'indicativo'; 5. **estudareis**: '2.ª pessoa' do 'plural' do 'futuro do presente' do 'indicativo'; 6. **estudariam**: '3.ª pessoa' do 'plural' do 'futuro do pretérito' do 'indicativo'; 7. (que eu) **estude**: '1.ª pessoa' do 'singular' do 'presente' do 'conjuntivo'; 8. **estudasses**: '2.ª pessoa' do 'singular' do 'imperfeito' do 'conjuntivo'; 9. (se vós) **estudardes**: '2.ª pessoa' do 'plural' do 'futuro' do 'conjuntivo'; 10. **estuda**(!): '2.ª pessoa' do 'singular' do 'imperativo';

11. **estudar**: 'infinitivo impessoal' (ou 'não flexionado'); 12. **estudares**: '2.ª pessoa' do 'singular' do 'infinitivo pessoal' (ou 'flexionado'); 13. **estudando**: 'gerúndio' e 14. **estudado**: 'particípio passado'.[9]

Ora, porque não se estrutura em torno da 'noção aspectual' (daí podermos dizer que, *grosso modo*, as formas verbais simples carecem deste tipo de informação), o sistema verbal português, à semelhança, aliás, dos das restantes línguas românicas, para melhor (e dizemos 'melhor', pois, como referimos no capítulo precedente, pelo menos as morfotaxes do passado possuem esta informação), repetimos, para melhor expressar as diversas *nuances* aspectuais, recorre(u) também a diferentes construções perifrásticas. São estas construções que, completando a informação contida nas diversas formas verbais simples e existindo ao lado do referido sistema verbal central, constituem o(s) chamado(s) **sistema(s) complementar(es)** [ou **marginal(ais)**], tal como o(s) denomina E. Coseriu.[10]

Servindo-nos, novamente, do verbo **estudar**, vejamos como é que os diferentes valores aspectuais (a estudar nos parágrafos 2. e 3.) se expressam (isto, para além de continuarem a subsistir os conteúdos gramaticais referidos: **tempo, modo, pessoa** e **número**): 1. **estou a estudar** (ou **estou estudando**): 'visão angular'; 2. **andava a estudar** (ou **andava estudando**): 'visão comitativa'; 3. **vou estudando**: 'visão prospectiva'; 4. **vinha estudando**: 'visão retrospectiva'; 5. **continuei a estudar** (ou **continuei estudando**): 'visão continuativa'; 6. **ficará a estudar** (ou **ficará estudando**): 'visão extensiva'; 7. **estava para estudar**: 'fase iminencial'; 8. **principio a estudar, passo a estudar, começo a estudar**: 'fase inceptiva'; 9. **vou estudando** e **venho estudando**: 'fase progressiva'; 10. **continuaria a estudar** (ou **continuaria estudando**): 'fase continuativa'; 11. **estou a acabar de estudar**: 'fase pré-final'; 12. **acabo de estudar**: 'fase final'; 13. **tenho** (a lição) **estudada**: 'fase egressiva' (1.° valor); 14. **começo por estudar** (ou **começo estudando**), **acabo por estudar** (ou **acabo estudando**): 'ordem'; 15. **chegava a estudar**: 'disposição resultante'; 16. **vou estudar**: 'demarcação'; 17. **voltasse a estudar, tornasse a estudar**: 'repetição simples'; 18. **tenho vindo a estudar**: 'durativo'; 19. **tenho estudado** (muito): 'resultado efectivo'; 20. **tenho** as lições **estudadas**: 'resultado produtivo' (2.° valor); 21. (isto) **está estudado** (por mim): 'passiva de estado + acabamento'; 22. **está por estudar, continua por estudar, fica por estudar**: 'não realização da acção verbal'.

---

[9] Sobre a estrutura do **sufixo flexional** do verbo português, constituinte encarregado de expressar todos estes valores gramaticais, *vide*, por exemplo, o nosso estudo *Estrutura do Sufixo Flexional do Verbo Português: Padrão Geral* (relatório de uma aula teórico-prática), um segundo trabalho (o primeiro é este) que apresentámos à Universidade do Minho, para provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, em 30 de Setembro de 1988.

[10] Cf., deste A., o artigo «El aspecto verbal perifrástico en griego antiguo (y sus reflejos románicos)», in: *Estudios de Lingüística Románica*, p. 235 e sqq.

Veremos, nos parágrafos que se seguem, que há sistemas de perífrases que apresentam um paradigma completo e outros, pelo contrário, apenas nos oferecem algumas realizações. É por isso que se diz que este(s) sistema(s) complementar(es) é(são), em muitos casos, defectivo(s). Contudo, convém sublinhar, estas falhas ou restrições do(s) referido(s) sistema(s) verificam-se apenas na **norma**, pois, as casas vazias documentadas nesta, continuam a existir, enquanto possibilidades, no **sistema**. Este, como se sabe, caracteriza-se por apresentar um conjunto de oposições funcionais, em parte realizadas e em parte por realizar: é a célebre 'diacronia' da **norma** na 'sincronia' do **sistema**.[11]

2. CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS ASPECTUAIS DO SISTEMA LINGUÍSTICO PORTUGUÊS EXPRESSAS POR PERÍFRASES VERBAIS

A expressão do **aspecto** por meio de perífrases verbais constitui a mais importante (porque mais sistemática e mais rentável) das manifestações gramaticais desta mesma categoria verbal no sistema linguístico português. Por isso, para quem, eventualmente, pense que as construções em causa não passam de um processo enfático das respectivas formas simples, objectamos dizendo que tal posição é absolutamente contestável. Porque, se as línguas românicas (e de modo particular o português) recorreram e constantemente recorrem a esses processos, não foi/é por um mero prazer lúdico (que, por vezes, se pode manifestar nos diversos actos de fala), mas por uma forte necessidade expressiva: é que as formas simples não eram já mais suficientes para expressarem toda uma série de *nuances* decorrentes do processo verbal. Por conseguinte, as perífrases verbais (que a seguir consideramos) funcionam como verdadeiros sintagmas gramaticais, pertencentes a paradigmas próprios, portadores dos diferentes conteúdos gramaticais aspectuais, primariamente, e 'efeitos' (ou 'sentidos') – estes, quase sempre, decorrentes dos 'contextos' em que tais construções se encontram, mas também da significação interna do verbo, isto é, do seu 'carácter aspectual' –, secundariamente.

Passemos, então, à identificação, caracterização e documentação na norma dos diferentes valores aspectuais do sistema linguístico português.

[11] Cf. E. Coseriu, *art. cit.*, pp. 231-233. E, a este propósito, não resistimos à tentação de citar um excerto deste mesmo artigo com que o A., praticamente, o termina: «Nuestro sistema complementario constituye, por consiguiente, un ejemplo de sistema de posibilidades que se mantienen a través del tiempo y se realizan con grandes oscilaciones: en medida diferente y, en parte, en secciones diferentes, según las lenguas y los momentos históricos.», p. 259.

2.1. A categoria aspectual da VISÃO

Esta categoria aspectual caracteriza-se por considerar a acção verbal entre dois pontos do seu desenvolvimento (esquematicamente: A———B). Se essa consideração da acção verbal for feita só em parte, isto é, parcialmente, temos a chamada VISÃO PARCIALIZADORA; se, pelo contrário, for considerada na sua totalidade, ou seja, unitária e globalmente, temos a VISÃO GLOBALIZADORA.[12]

2.1.1. A categoria aspectual da VISÃO PARCIALIZADORA

A consideração parcial da acção verbal encontra na língua portuguesa as seguintes possibilidades (e todas realizadas perifrasticamente – é claro –): **visão angular**, **visão comitativa**, **visão retrospectiva**, **visão prospectiva**, **visão continuativa** e **visão extensiva**.[13]

Servindo-nos do esquema apresentado por E. Coseriu[14] para o sistema verbal do grego antigo e também das línguas românicas, visualizemos as relações entre os diferentes tipos de VISÃO PARCIALIZADORA (apenas estão representadas as primeiras cinco possibilidades; para a **visão extensiva**, ver fig. 2):

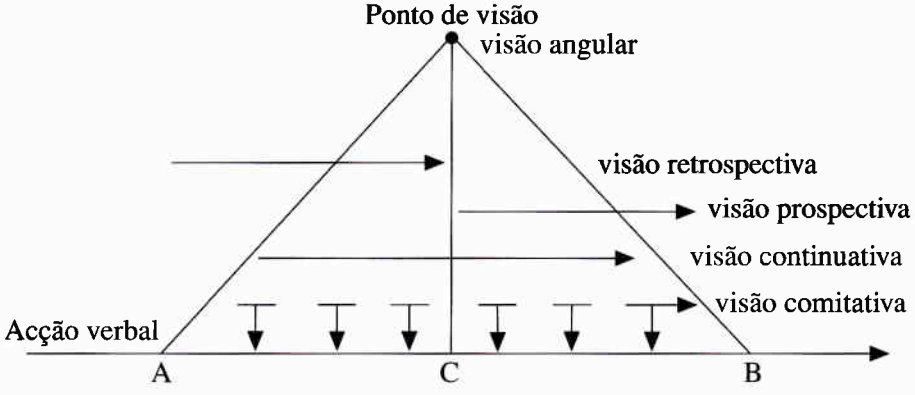


Fig. 1

Legenda:

Ponto de visão: posição do locutor
A e **B:** pontos extremos da consideração da acção verbal por parte do locutor
C: ponto que assinala a coincidência dos pontos A e B da consideração da acção verbal

[12] Sobre esta categoria aspectual e também sobre a sua não realização perifrástica em português, cf. o que se disse no início deste capítulo.

[13] Dimensão (ou subcategoria) aspectual acrescentada ao modelo coseriano por W. Dietrich (cf., deste A., *op. cit.*, pp. 211-212).

[14] *Vide* E. Coseriu, «El aspecto verbal perifrástico en griego antiguo...», p. 250, e «Aspect verbal ou aspects verbaux?...», p. 22. Este mesmo esquema é reproduzido por W. Dietrich, *op. cit.*, p. 209, esquema que os AA. não explicam devidamente. Por esta razão, resolvemos legendar a fig. 1.

2.1.1.1. A subcategoria aspectual **visão angular**

Este valor aspectual caracteriza-se por considerar estaticamente a acção verbal entre dois pontos do seu desenvolvimento (A e B, na fig. 1) que, podendo ser ou o ponto inicial ou o ponto final, em determinadas circunstâncias, também coincidem com o ponto C (cf. fig. 1), ponto ideal que corresponde ao âmbito temporal do verbo morfemático **estar**, tal como nos informa W. Dietrich[15] (ex.: **está a ler** o dia todo).

As perífrases que, em português, expressam este valor aspectual são, pois, **estar + a + infinitivo** (mais frequente na norma portuguesa europeia: Portugal) e **estar + gerúndio** (mais frequente na norma portuguesa americana: Brasil). São duas estruturas gramaticais diferentes: a primeira é formada pelo verbo auxiliar **estar** + a preposição **a** (caso de incidência indirecta) + o **infinitivo não flexionado**; a segunda, ao invés, é constituída apenas pelo verbo auxiliar **estar** + o **gerúndio** (caso da incidência directa). Todavia (e o que importa é este facto), o valor aspectual expresso é o mesmo: **visão angular**. Trata-se, por conseguinte, de duas variantes da norma linguística portuguesa para expressar a mesma função gramatical.

Ainda, e em termos da Escola Linguística de Praga, podemos dizer que tais construções representam o termo não marcado da oposição **visão angular / não visão angular**, porquanto podem compreender todas as significações dos restantes termos (como se pode observar na fig. 1), ao passo que estes últimos apenas representam o seu próprio valor.

Vejamos agora os exemplos[16] das normas portuguesa e brasileira, para ver até que ponto o(s) paradigma(s) se apresenta(m) ou não completo(s), deixando, para depois, alguns comentários atinentes ao seu grau de gramaticalização, coocorrência verbal, 'sentidos' (ou 'efeitos') secundários e outros comentários que, porventura, se torne pertinente fazer.[17]

a) ESTAR + A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «A companhia de Teatro de Braga (CENA) ***está a procurar*** lançar os alicerces do centro dramático do Minho, estrutura que seria responsável pela cobertura teatral nos distritos de Braga e Viana do Castelo.»

J. N. – 1987/04/14

---

[15] *Op. cit.*, pp. 208-209.

[16] As fontes dos exemplos (a não ser que sejam colhidos em conversas informais ou criados por nós) serão devidamente assinaladas. Ora, porque os títulos dos livros e jornais bem como os nomes dos autores são (demasiado) longos, usar-se-ão siglas (cf. lista, p. 189).

[17] Seguiremos, doravante, esta maneira de proceder.

2. PRET. IMP. «Eu era tido como elemento indisciplinável e perturbador até ao dia em que um frasco de tinta verde se entornou por cima do livro de missa quando eu ***estava a copiar*** um Cristo gravado que eu achava muito bonito.»

A. Negreiros, *E.*, p. 49

3. PRET. PERF. «Ao longo de todo o jantar (tinham-nos colado em mesinhas contíguas, mas, por sorte, quase defronte um ao outro) sei que ***estive*** constantemente ***a olhá***-la, que não podia sequer fazer outra coisa, e com tal insistência que seria desaforo se não se desse a própria circunstância da sua beleza.»

D. Mourão-Ferreira, *A. F.*, p. 21

4. PRET. M.-Q.-PERF. «Maria Guavaira ***estivera a ouvir***, calada, agora dizia como quem começa do princípio uma nova conversa, talvez não tivesse compreendido bem o que os outros disseram, (...).»

J. Saramago, *J. P.*, p. 261

5. FUT. do PRES. «Quando, na noite de 28, a RTP começar a emitir 'E Tudo o Vento Levou', ***estará a proporcionar*** à mais vasta plateia jamais reunida em Portugal o contacto com o filme dos filmes, (...).»

J. – 1987/10/23-29

6. FUT. do PRET. «Não é o caso. E, para cúmulo, já passou à beira de nós dois, da Vana e de mim, manifestando apenas diante dela (alguma vez havia de ser, alguém havia de constituir uma excepção) o fugacíssimo lampejo de quem ***estaria a reconhecê***-la. Mas, quanto a mim, nada.»

D. Mourão-Ferreira, *A. F.*, p. 107

CONJUNTIVO:

7. PRES. «Teria mesmo muito mais que dizer a este respeito mas como a minha amante, coitada, já se está a afligir demais, porque embirra imenso que ***esteja a discutir*** política, eu paro hoje por aqui porque além disso ainda tenciono ir ao **Chiado Terrasse** com ela, coitadita!»

A. Negreiros, *E.*, p. 61

8. PRET. IMP. «(...), de repente os cavalos perdiam as asas e ateava-se o rastilho, começavam a rebentar os foguetes, e na aflição do pesadelo ambos acordaram, não tinham dormido muito, havia um clarão como se o mundo ***estivesse a arder***, era o padre com um ramo inflamado que pegava fogo à máquina, (...).»

J. Saramago, *M. C.*, p. 205

9. FUT. «– Casmurro! Para quando é que você se guarda? para quando ***estiver a cair*** de maduro, já sei.»

M. de Assis, *M. P. B. C.*, p. 124

10. **IMPERATIVO:** «Veja o leitor a comparação que melhor lhe quadrar, veja-a e ***não esteja*** daí ***a torcer***-me o nariz, só porque ainda não chegamos à parte narrativa destas memórias.»

M. de Assis, *M. P. B. C.*, p. 19

FORMAS NOMINAIS:

11. INF. IMPESS. «A ligação, desta vez impecável quanto a nitidez de som, não se comparava com a da antevéspera. Mas nem a Y nem eu parecíamos ***estar a aproveitar*** devidamente essa melhoria de condições técnicas.»

D. Mourão-Ferreira, *A. F.*, p. 211

12. INF. PESS. «Ouço daqui uma objecção do leitor: – Como pode ser assim – diz ele – se nunca jamais ninguém não viu ***estarem*** os homens ***a contemplar*** o seu próprio nariz?»

M. de Assis, *M. P. B. C.*, p. 79

13. GER. «Regressaram pelo mesmo caminho, agora havia certas questões práticas para resolver, por exemplo, ***estando a fazer-se*** tarde para regressar a Lisboa, onde vão ficar os homens, (...).»

J. Saramago, *J. P.*, p. 150

b) ESTAR + GERÚNDIO

INDICATIVO:

1. PRES. «O mais triste é Amaro: tem um ar de sofredor, olhos que sempre ***estão olhando*** para parte nenhuma.»

É. Veríssimo, *C.*, pp. 7 e 8

2. PRET. IMP. «Clarissa balbucia uma desculpa, embaraçada. Não, senhora, ***estava*** só ***olhando*** uma espinhazinha que apareceu aqui na ponta do nariz...»

É. Veríssimo, *C.*, pp. 25 e 26

3. PRET. PERF. «Gotinhas de suor lhe rorejam o buço cerrado. Tem as faces avermelhadas, pois ***esteve lidando*** no fogão.»

É. Veríssimo, *C.*, p. 11

4. PRET. M.-Q.-PERF. «E mais ainda corria a notícia do namoro dele com a filha do fiscal da Recebedoria. Uma moça que não valia nada. Contava-se até que o pai deixara o município onde ***estivera servindo***, por causa da safadeza da filha.»

J. Lins do Rego, *P. B.*, p. 36

5. FUT. do PRES. «Que ***estarão conversando***? Clarissa imagina mil coisas. Como deve ser curiosa uma conversa de namorados...»

É. Veríssimo, *C.*, p. 48

6. FUT. do PRET. «Todas as mulheres do Assú tinham ouvido os seus gritos, todas ***estariam pensando*** nas razões de seus gritos. Miseráveis, desgraçadas.»

J. Lins do Rego, *P. B.*, p. 87

CONJUNTIVO:

7. PRES. «Clarissa tem os olhos fitos na janela. O Príncipe fuma sereno, como que alheio a tudo. Talvez ***esteja sonhando***...»

É. Veríssimo, *C.*, p. 182

8. PRET. IMP. «Era um encanto ir por ele; às vezes, inconscientemente, dobrava a folha como se ***estivesse lendo*** de verdade; creio que era quando os olhos me caíam na palavra do fim da página, e a mão, acostumada a ajudá-los, fazia o seu ofício...»

M. de Assis, *D. C.*, p. 250

9. FUT. «Ao domingo, ou se ***estiver chovendo***, ou na roça, em qualquer ocasião de lazer, pode tentar ver se o soneto sai. Tudo é dar-lhe uma ideia e encher o centro que falta.»

M. de Assis, *D. C.*, p. 250

FORMAS NOMINAIS:

10. INF. IMPESS. «(...): "Vós que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece ***estar chorando*** a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que têm honrado a humanidade. (...)".»

M. de Assis, *M. P. B. C.*, p. 15

11. INF. PESS. «Aceitar-se-á, portanto, como natural e legítima, a dúvida de ter sido aquele risco no chão, feito por Joana Carda com a vara de negrilho, causa directa de ***se estarem rachando*** os Pirinéus, que é o que tem vindo a ser insinuado desde o princípio.»

J. Saramago, *J. P.*, p. 31

Embora se verifique um predomínio de verbos de significação objectiva (verbos plenos) tanto com **estar + a + inf.** (***procurar***, ***copiar***, ***olhar***, ***ouvir***, ***proporcionar***, ***reconhecer***, ***discutir***, ***fazer***, etc.) como com **estar + ger.** (***olhar***, ***servir***, ***conversar***, ***pensar***, ***ler***, ***chover***, ***chorar***, etc.) – verbos das três conjugações (temas em **-a-**, **-e-** e **-i-**), impessoais, transitivos e intransitivos, etc. –, também ocorrem, todavia, verbos cópula (exs.: «– Bem. Acho que ***estás a ser*** grosseiro.», V. Ferreira,

A. ao F., p. 25; «***Estava sendo*** ruim, querendo vinganças perversas, querendo esmagar uma pobre infeliz.», J. Lins do Rego, *C.*, p. 38).

Excluindo o 'particípio', que é uma morfotaxe própria do sistema verbal central, os paradigmas de **estar + a + inf.** e **estar + ger.** não apresentam restrições na norma, a não ser na forma afirmativa do 'imperativo'. Mas, como se trata de um caso de VISÃO PARCIALIZADORA, não tem aqui (como, aliás, já foi referido atrás) muito sentido a ordem. Por outro lado, e apesar de não termos encontrado exemplos, nem para o 'gerúndio' nem para a forma negativa do 'imperativo' de **estar + ger.**, isto não significa que este mesmo paradigma apresente casas vazias. Julgamos mesmo que noutros textos, sobretudo brasileiros (que não lemos), facilmente se encontrarão exemplos para os casos apontados.

Estamos, pois, diante de perífrases verbais perfeitamente gramaticalizadas e, podemos mesmo acrescentar, são as construções que mais frequentemente aparecem não só em textos escritos como também orais.

Apesar de a **visão angular** se expressar, na norma portuguesa, por **estar + a + inf.** e, na norma brasileira, por **estar + ger.**, continuam a aparecer bastantes casos em que se verifica o contrário: **estar + ger.**, em textos portugueses, e **estar + a + inf.**, em textos brasileiros (cf. os exemplos e suas fontes). Isto significa que as referidas expressões não são exclusivas das respectivas normas literárias.

Por último, refira-se que estas construções podem indicar, secundariamente, um sentido 'durativo' e também um sentido de 'fase continuativa', ou melhor, uma neutralização das fases 'inceptiva', 'progressiva', 'continuativa' e 'pré-final' (ou 'regressiva')[18]; e, ainda, que **estar + a + infinitivo** (ou **estar + gerúndio**) de um verbo 'perfectivo' (= 'télico' ou 'momentâneo') indica 'iminência' (exs.: O comboio ***está a chegar*** / o comboio ***está a partir***). Porém, com este valor, nesta construção, não é possível o **gerúndio**.

2.1.1.2. A subcategoria aspectual **visão comitativa**

A **visão comitativa** caracteriza-se, em oposição à **visão angular**, por considerar dinamicamente a acção verbal entre dois pontos (A e B, na fig. 1), mas acompanhando-a em diferentes momentos do seu desenvolvimento. Por isso, neste caso, os dois pontos nunca podem coincidir.

Andar + a + infinitivo (mais frequente na norma portuguesa) e **andar + gerúndio** (mais frequente na norma brasileira) são as perífrases que expressam este valor aspectual.[19] São, à semelhança das perífrases de **visão angular**, duas estruturas gra-

[18] Sobre estes valores aspectuais, *vide, infra*, 2.2.2., 2.2.3., 2.2.4. e 2.2.5.

[19] W. Dietrich (*op. cit.*, p. 209) acha que, para além destas construções, outras (como ***andando desesperado, andando triste***) também expressam **visão comitativa**. Ora, porque este tipo de estruturas (**verbo + adjectivo**) cai fora da nossa concepção de 'perífrase verbal', não será aqui tido em atenção. Sobre o assunto, *vide* cap. II.1. e nota 121 do cap. I.

maticais diferentes: **andar + a + inf.** (incidência indirecta) e **andar + ger.** (incidência directa). Porém, como ambas as construções expressam o mesmo conteúdo gramatical (**visão comitativa**), trata-se de duas variantes da norma linguística portuguesa.

a) ANDAR + A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «(...). – Ora, defuntos! – respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: – ***Ando a ver*** se ponho os vadios para a rua.»

   M. de Assis, *M. P. B. C.*, p. 21

2. PRET. IMP. «Minha irmã Sabina, já então casada com o Cotrim, ***andava a cair*** de fadiga. Pobre moça! dormia três horas por noite, nada mais.»

   M. de Assis, *M. P. B. C.*, p. 53

3. PRET. PERF. «foi coincidência, não pense que ***andei a procurar*** palavras que principiassem pela mesma letra, (...).»

   J. Saramago, *A. M. R. R.*, p. 278

4. PRET. M.-Q.-PERF. «Porque ***andara a preparar-se*** para as frequências, não vira o programa de informação 'Portugal sem fim' sobre a diáspora ibérica.»

5. FUT. do PRES. «(...), que ***andará*** este tipo ***a fazer*** por aqui, (...).»

   J. Saramago, *A. M. R. R.*, p. 276

6. FUT. do PRET. «Que ***andaria a conjecturar*** para andar tão metido em si, ultimamente?»

CONJUNTIVO:

7. PRES. «Perguntou José Pequeno, E então, é isso história que se ***ande a contar*** há quase uma semana, e Manuel Milho respondeu, O ermitão deixou de ser ermitão, a rainha deixou de ser rainha, (...).»

   J. Saramago, *M. C.*, p. 263

8. PRET. IMP. «Corriam as mulheres, choravam, e as crianças acresciam o alarido, era como se ***andassem*** os carregadores ***a prender*** para a tropa ou para a Índia.»

   J. Saramago, *M. C.*, p. 292

9. FUT. «Se ***andar a trabalhar***, não poderá ir ao cinema.»

FORMAS NOMINAIS:

10. INF. IMPESS. «Qual, Não sei, mas o que te garanto é que não se trata de ***andar a cobiçar***-nos outra vez, uma mulher não tem dúvidas, (...).»

J. Saramago, *J. P.*, p. 325

11. INF. PESS. «Quer dizer, estão mesmo convencidos de que alguma coisa se empena no eixo do mundo se por acaso ***andarem a comprar*** prendas de Natal e não pararem uma vez em cada três minutos para suspirar com convicção contra tamanho estendal de hipocrisia? Então, então.»

J. – 1988/03/11-17

12. GER. «– E então?!...

– É que ***andando a investigar*** essas coisas, não poderei estar a par de todos os acontecimentos.»

b) ANDAR + GERÚNDIO

INDICATIVO:

1. PRES. «– Titia, que engraçados esses guris que vendem jornais!

   D. Zina encolhe os ombros:

   – Não vejo nada de engraçado. São uns pobres-diabos que desde pequenos ***andam lutando*** pela vida. Não são como outros que conheço que não fazem nada por achar trabalho...»

É. Veríssimo, *C.*, pp. 109-110

2. PRET. IMP. «O juiz ***andava botando*** as manguinhas de fora, desmoralizando a justiça, e o governo o mandava para o Assú para endireitar.»

J. Lins do Rego, *P. B.*, p. 36

3. PRET. PERF. «O pai soube e ***andou falando*** do padre.»

J. Lins do Rego, *P. B.*, p. 37

4. PRET. M.-Q.-PERF. «Talvez porque ***andara fazendo*** o serviço militar em África.»

5. FUT. do PRES. «Nessa ocasião ***andarei tirando*** a carta de condução.»

6. FUT. do PRET. «Que ***andariam planeando*** aquelas criaturas, naquela ocasião?»

CONJUNTIVO:

7. PRET. IMP. «Por uma das tais vozes interiores que entretêm o povo dos mais recatados mistérios da vida de família, como se linguareiro duende lhos ***andasse segredando*** ao ouvido, era que (...).»

J. Dinis, *S. P.*, p. 73

FORMAS NOMINAIS:

8. INF. IMPESS. «Enxugue os olhos, que é feio um mocinho da sua idade ***andar chorando*** na rua.»

M. de Assis, *D. C.*, p. 265

9. INF. PESS. «Ambos se tinham tornado justificadamente célebres, nas respectivas paróquias, (...), por todavia ***andarem dizendo*** amén a toda a cambada de recentes governantes e (...).»

D. Mourão-Ferreira, *A. F.*, p. 94

Aqui, mais uma vez verificamos a não exclusividade de **andar + a + inf.**, na norma portuguesa, e de **andar + ger.**, na norma brasileira (apesar de, em todo o caso, ser essa a sua regra geral).

Os instrumentos gramaticais da **visão comitativa** (**andar + a + inf.** e **andar + ger.**) coocorrem, na sua grande maioria, com os chamados verbos 'imperfectivos' (= 'atélicos' ou 'durativos') (exs.: ***lutar***, ***fazer***, ***trabalhar***, ***procurar***, etc.). Contudo, mas em menor escala, também aparecem com verbos 'perfectivos' (exs.: ***matar***, ***dizer***, ***dar***, ***prender***, etc.). E isto talvez pela quase incompatibilidade do carácter aspectual destes verbos com o valor aspectual expresso pela(s) perífrase(s). Mas esta restrição da norma não põe em causa o facto de a perífrase (enquanto todo morfemático) afectar potencial e teoricamente todo o tipo de lexemas verbais.

Também, à semelhança dos morfemas de **visão angular**, se constata um predomínio de verbos plenos (***dar***, ***fazer***, ***lutar***, ***conjecturar***, ***comprar***, ***investigar***, ***planear***, etc.). Porém, e apesar de diminuto, o uso dos verbos cópula também aparece (exs.: «Que ***andes a ser*** gastador, tudo bem. Mas que sejas mal-educado, isso é que já não está correcto.»; «Ultimamente, ***andava a ser*** demasiado preguiçoso.»). **Ser** é, por conseguinte, o único categorema que ocorre com **andar + a + inf.** (ou **andar + ger.**). Nunca aparece **estar**. Talvez (julgamos) por o carácter aspectual deste ('estático') ser incompatível com o daquele ('dinâmico'). **Andar** (auxiliar: portanto, categorema) nunca coocorre com **andar** (lexema).

Quanto às restrições na norma deste(s) paradigma(s), verificamos que são as mesmas de **estar** e explicam-se pelas mesmas razões. Também tem a mesma explicação o facto de não termos encontrado exemplos nem para o 'presente' e 'futuro do conjuntivo' e 'gerúndio' de **andar + ger.** nem para as formas negativas do 'imperativo' de ambas as construções. Em todo o caso, encontramo-nos diante de perífrases perfeitamente gramaticalizadas e de um elevado rendimento funcional.

Secundariamente, estas construções podem indicar, também, 'duração'.

E, como última observação, devemos fazer notar que aparecem ainda, como perífrases de **visão comitativa**, **viver + gerúndio** e **viver + a + infinitivo** que, segundo nos parece, e a julgar pela fonte dos exemplos que conseguimos encontrar, representam duas variantes da norma brasileira para o valor aspectual em epígrafe.

Vejamos alguns exemplos:

c) VIVER + GERÚNDIO

INDICATIVO:

1. PRES. «As minhas vizinhas ***vivem pedindo*** informações desse tal de Roque Santeiro.»

Roque Santeiro (telenovela brasileira emitida de 2.ª a 6.ª-feira na R.T.P. – 1).

2. PRET. IMP. «Por outro lado, D. Auta ***vivia chorando*** de desgosto.»

J. Lins do Rego, *P. B.*, p. 182

d) VIVER + A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «Amaro sabe a história de cor. O major ***vive a contá***-la.»

É. Veríssimo, *C.*, p. 12

2. PRET. IMP. «E o oficial foi estar com o vigário, para lhe dizer que o sargento vinha-se queixando que a mulher ***vivia a sofrer*** debiques do povo da igreja, da mulher do sacristão, das beatas.»

J. Lins do Rego, *C.*, p. 182

Talvez por serem variantes de uso menos frequente, o(s) paradigma(s) apresenta(m)-se bastante incompleto(s). De facto, comparadas com os verdadeiros sintagmas gramaticais de **visão comitativa**, verificamos que a sua efectividade (frequência) lhes fica muito aquém.

2.1.1.3. A subcategoria aspectual **visão prospectiva**

Este tipo de VISÃO PARCIALIZADORA significa a consideração dinâmica da acção verbal entre os pontos C e B (cf. fig. 1). Rigorosamente, entre o ponto C e um ponto ulterior, indefinido. Daqui o valor de 'progressividade' que lhe é inerente.

A construção perifrástica que, na norma linguística portuguesa (Portugal e Brasil), expressa esta função aspectual é **ir + gerúndio.**[20]

a) IR + GERÚNDIO

INDICATIVO:

1. PRES. «Um dos fenómenos mais curiosos que o Painel de popularidade nos tem revelado é, aliás, a estabilidade do quadro eleitoral em contraste com as profundas variações de imagem que ***vão sofrendo*** os líderes políticos, em particular Vítor Constâncio e Ramalho Eanes.»

E. – 1986/12/27

2. PRET. IMP. «Cukor trocou o filme pela rodagem de "Women" no qual, sintomaticamente, não aparece um único homem, mas pensa-se que, em segredo, continuava a aconselhar Vivien Leigh e Olivia de Havilland à medida que as filmagens ***iam decorrendo.***»

J. – 1987/12/23-29

3. PRET. PERF. «E as luzes afrouxaram na cúpula do salão, ***foram-se apagando*** a toda a roda, só o pano do palco iluminado.»

V. Ferreira, *A. ao F.*, p. 36

4. PRET. M.-Q.-PERF. «(...); e o que ***fora comprando***, ***descobrindo*** aqui e além, acumulara-o nessa casa dos Olivais, alugada então por fantasia, uma manhã que aquele pardieiro com o seu bocado de quintal em redor, lhe parecera pitoresco, sob o sol de Abril.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 156

5. FUT. do PRES. «(...), aqui te fica este outro desenho, com as indicações dos tamanhos das diferentes peças, ***irás construindo*** de baixo para cima, como se estivesses a fazer um navio, (...).»

J. Saramago, *M. C.*, p. 144

6. FUT. do PRET. «(...), o efeito desagregador da água e das correntes marítimas ***iria***, progressivamente, ***reduzindo*** a espessura da plataforma navegante até por completo se dissolver a placa superficial.»

J. Saramago, *J. P.*, p. 136

[20] Também aqui W. Dietrich (dando como exemplo a frase inexistente «Tudo já ***vai arranjado***») acha que **verbo + adjectivo** expressa **visão prospectiva**. *Vide*, a este propósito, a nota anterior.

CONJUNTIVO:

7. PRES. «– Prima Glória pode ser que, em passando os dias, ***vá esquecendo*** a promessa; (...).»

M. de Assis, *D. C.*, p. 205

8. PRET. IMP. «(...); e não lhe desagradava que um sentimento qualquer, humano e forte, lhe ***fosse arrancando*** o filho à estroinice bulhenta, ao jogo, às melancolias sem razão em que reaparecia o negro ripanço...»

E. de Queiroz, *M.*, p. 27

9. FUT. «Assim é, minha filha, e quanto mais ***se for prolongando*** a tua vida, melhor verás que o mundo é como uma grande sombra que vai passando para dentro do nosso coração, (...).»

J. Saramago, *M. C.*, p. 313

10. **IMPERATIVO:** «– Que vida, que mocidade! – murmurou Afonso. – Muito feliz é este John!... Pois ***vai-te arranjando***, filho, que já tocou a primeira vez para o almoço.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 257

FORMAS NOMINAIS:

11. INF. IMPESS. «Às vezes eu ia por uma rua e via um tipo, as pessoas diziam olha ali vai o Hermes ou o Ares e iam à sua vida.
– Não é absurdo? Você podia ***ir escrevendo*** a contar.»

V. Ferreira, *A. ao F.*, pp. 187-188

12. INF. PESS. «(...), cada vez mais preocupados com a salvação do nosso património cultural, mas cada vez menos capazes de o ***irem acrescentando.***»

D. Mourão-Ferreira, *A. F.*, p. 23

13. GER. «Toaram salvas e descargas das naus, salvou também o baluarte do Terreiro do Paço, a dois passos, e ***indo-se comunicando*** os ecos daqui e dali, retumbaram os canhões dos fortes e das torres, apresentaram armas os regimentos da corte, de Peniche e de Setúbal, formados na praça.»

J. Saramago, *M. C.*, p. 156

A primeira observação (porque demasiado evidente) que temos a fazer a esta estrutura é a de que estamos diante de um paradigma completo: todas as casas previstas pelo sistema se encontram efectivamente representadas (= ocupadas) na norma.

Depois, constatamos (e mais uma vez) que na coocorrência verbal predominam os verbos plenos (***sofrer***, ***decorrer***, ***comprar***, ***descobrir***, ***construir***, ***esquecer***, ***arrancar***, etc.). No entanto, e apesar de não haver nenhum exemplo com verbos cópula no paradigma apresentado, não se pense que estes não aparecem com o sintagma gramatical de **visão prospectiva**. Sim, também há coocorrência, mas em menor escala: (exs.: «Já ***vai estando*** bom tempo para irmos até à praia.»; «... é que ***iam sendo*** horas de acabares esse trabalho!»).

Ao contrário das anteriores, que apenas coocorrem com **ser**, esta construção perifrástica (como se pode ver pelos exemplos que acabamos de apresentar) coocorre com ambos os verbos copulativos: **ser** e **estar**.

Também (e é um caso digno de registo, porque se trata de um fenómeno que caracteriza, em bloco, as construções perifrásticas de **visão prospectiva** e de **visão retrospectiva**, em oposição às restantes estruturas da VISÃO PARCIALIZADORA, que não apresentam esta propriedade) coocorre com **ir** (lexema): (exs.: «– Como vais? – ***Vou indo*** (bem).»; «Entretanto, eu ***ia indo*** para a escola.», etc.).

Por todas estas razões (e muito embora predominem os verbos 'durativos': ***decorrer***, ***construir***, ***prolongar***, etc., o que não obsta, por conseguinte, o aparecimento de verbos 'momentâneos': ***apagar***, ***descobrir***, ***esquecer***, etc.), não podemos deixar de frisar o seu elevado rendimento funcional: o que quer significar que estamos na presença de uma construção altamente gramaticalizada.

2.1.1.4. A subcategoria aspectual **visão retrospectiva**

A **visão retrospectiva** designa a consideração dinâmica da acção verbal entre os pontos A e C (cf. fig. 1). Rigorosamente, à semelhança da **visão prospectiva** (mas em sentido inverso), entre um ponto anterior, indefinido e o ponto C. Portanto, a 'progressividade' também a caracteriza.

Vir + gerúndio é a perífrase que expressa este conteúdo gramatical aspectual na norma linguística portuguesa.[21]

a) VIR + GERÚNDIO

INDICATIVO:

1. PRES. «(...): neste capítulo último não trazendo grandes novidades aos presentes sobre os "crimes", demasiado conhecidos, que ali se ***vêm cometendo***, desde a sua formação, há coisa de 15 anos.»

J. N. – 1987/04/14

[21] Entenda-se: de Portugal e do Brasil. Doravante, e para evitar o carácter redundante destas explicitações, quando a(s) construção(ões) perifrástica(s) das respectivas normas for(em) a(s) mesma(s) para os conteúdos gramaticais em causa, tal expressão tem sempre esta significação.

2. PRET. IMP. «Os alunos do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (ISCAP) levantaram a greve que ***vinham observando*** desde segunda-feira...»

J. N. – 1987/01/09

3. PRET. PERF. «Mas há a experiência, tudo quanto ***viemos aprendendo*** lembrou Pedro Orce, (...).»

J. Saramago, *J. P.*, p. 261

4. PRET. M.-Q.-PERF. «Uma voz saída do fundo dos séculos, e que através deles, sempre sufocada, ***viera crescendo*** todavia irresistivelmente desde o Gólgota até à Bastilha!»

E. de Queiroz, *M.*, p. 609

CONJUNTIVO:

5. PRES. «Não se passa um dia que não ***venha chegando*** gente.»

J. Lins do Rego, *P. B.*, p. 226

6. PRET. IMP. «Porque tudo para mim era estranho e ameaçador, desde a montanha imóvel na enorme manhã circular até ao espectro do Calhau e dos bois, tão insólitos na sua placidez inicial, como se ***viessem carregando*** o carro, submissamente, através de longos séculos...»

V. Ferreira, *M. S.*, p. 12

7. FUT. «Sim, Nero, Augusto, Massinissa, e tu, grande César, que me incitas a fazer os meus comentários, agradeço-vos o conselho, e vou deitar ao papel as reminiscências que me ***vierem vindo.***»

M. de Assis, *D. C.*, p. 179

FORMAS NOMINAIS:

8. INF. IMPESS. «Já há muito tempo que era necessário ***vir trabalhando*** deste modo.»

Trata-se de uma construção perifrástica de uso menos frequente na norma linguística portuguesa que a anterior. Talvez por este motivo se possam explicar as restrições paradigmáticas, ou seja, o estarmos diante de algumas casas vazias. Contudo, este facto não põe em causa a sua rentabilidade funcional, portanto, a sua gramaticalidade. Para tanto, basta olhar para os exemplos que conseguimos recolher, quer em textos portugueses, quer em textos brasileiros, que são suficientemente elucidativos a este respeito.

Quanto à coocorrência verbal, verificamos que aparecem tanto verbos 'durativos' (***observar***, ***crescer***, ***trabalhar***, etc.) como verbos 'momentâneos' (***cometer***, ***chegar***, etc.); tanto verbos plenos (***aprender***, ***crescer***, ***carregar***, etc.) como verbos

cópula (exs.: «Estas crises políticas ***vêm sendo*** difíceis de resolver!»; «As condições climatéricas ***vêm estando*** óptimas para darmos uma saltada até à praia.»); e, como dissemos atrás, **vir + ger.** também ocorre com **vir** (lexema) (cf., no *corpus*, o exemplo para o 'futuro do conjuntivo').

Finalmente, e para além da 'progressividade' que caracteriza esta estrutura (bem como a de **visão prospectiva**), também pode indicar, secundariamente, 'duração': valor que de modo nenhum é incompatível com o carácter aspectual da construção.

2.1.1.5. A subcategoria aspectual **visão continuativa**

Significa esta função gramatical a consideração dinâmica da acção verbal entre os pontos A e C e C e B (cf. fig. 1) ou, melhor, antes e depois do ponto C. Temos, por conseguinte, uma combinação da 'retrospectividade' e da 'prospectividade'.

A **visão continuativa** expressa-se na norma linguística portuguesa pelas perífrases **continuar + a + infinitivo** (norma portuguesa) e **continuar + gerúndio** (norma brasileira).[22] Na primeira, estamos diante de uma construção de incidência indirecta; na segunda, pelo contrário, diante de uma construção de incidência directa. Trata-se, mais uma vez, de variantes da norma portuguesa, pois ambas as estruturas expressam a mesma função gramatical.

a) CONTINUAR + A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «"Os dias ***continuam a correr***-lhe ali naquela santa placidez em que eu fui criado e onde só vejo a minha felicidade, se nisso não consiste a felicidade de todos".»

   J. Dinis, *S. P.*, p. 52

2. PRET. IMP. «Embora mais comedidos no seu aparente optimismo do que em anterior encontro com os jornalistas, os comunistas ***continuavam a sustentar***, poucas horas antes do início das votações na especialidade, que a existência de uma "dicotomia" entre as posições do Governo e do PSD poderia viabilizar algumas das emendas defendidas pela oposição.»

   J. N. – 1987/12/23

22 Segundo W. Dietrich, **seguir** e **prosseguir + gerúndio** também expressam este valor aspectual. Porém, nós achamos que não: *vide* nota 34 do cap. I.

3. PRET. PERF. «Durante mais de um ano Selznik ***continuou a consagrar-se*** à adaptação da obra e à elaboração de um plano de trabalho detalhado.»

J. – 1987/10/23-29

4. PRET. M.-Q.-PERF. «Cedera, cedera, ***continuara a rolar*** àqueles braços, que inocentemente o continuavam a chamar.»

E. de Queiroz, *M.*, pp. 664-665

5. FUT. do PRES. «Então Blimunda disse, se não abrirmos a vela, ***continuaremos a subir***, aonde iremos parar, talvez ao sol.»

J. Saramago, *M. C.*, p. 197

6. FUT. do PRET. «A tamarineira ***continuaria a falar*** mais livre, sem a pressão de uma grandeza estranha.»

J. Lins do Rego, *P. B.*, p. 184

CONJUNTIVO:

7. PRES. «(...), talvez pela noite dentro ***continuem a conversar***, porém, (...).»

J. Saramago, *J. P.*, p. 293

8. PRET. IMP. «E quando um grito universal soou em todo o mundo, Estão salvos, estão salvos, houve quem não acreditasse e ***continuasse a chorar*** o próximo fim, (...).»

J. Saramago, *J. P.*, p. 243

9. FUT. «Se ***continuar a trabalhar*** assim, poderá vir a ser uma pessoa famosa.»

10. **IMPERATIVO:** «***Continua a estar*** atento às informações. Pois, de outro modo, correrás o risco de ficar fora do tempo.»

FORMAS NOMINAIS:

11. INF. IMPESS. «Eu quero ***continuar a ser*** suposta rainha, e o riso das meninas não mo permitiria.»

J. Dinis, *S. P.*, p. 316

12. INF. PESS. «As pessoas nascem todos os dias, só delas é que depende ***continuarem a viver*** o dia de ontem ou começarem de raiz e de berço o dia novo, hoje, (...).»

J. Saramago, *J. P.*, p. 261

13. GER. «Embora ***continuando a aumentar*** em números absolutos, a epidemia de SIDA parece estar a registar um abrandamento quanto ao ritmo a que surgem novos casos em Portugal.»

J. N. – 1988/02/04

b) CONTINUAR + GERÚNDIO

INDICATIVO:

1. PRES. «Depois deito-me para trás na cadeira.
E ***continuo fumando***.»

D. Mourão-Ferreira, *A. F.*, p. 73

2. PRET. IMP. «E Dioclécio ***continuava elogiando*** o vigário:
– Eu já conhecia de fama o teu padrinho.»

J. Lins do Rego, *P. B.*, p. 58

3. PRET. PERF. «Amaro seguiu o seu nariz e ficou. E desde então ***continuou ficando***. Parado.»

É. Veríssimo, *C.*, p. 83

4. PRET. M.-Q.-PERF. «E a Manuela ***continuara descendo*** sem olhar para trás.»

5. FUT. do PRES. «O Mandarim, no seu poleiro de alumínio, ***continuará sacudindo*** as penas verdes.»

É. Veríssimo, *C.*, p. 168

6. FUT. do PRET. «Se tal viesse a acontecer, ***continuaria fazendo*** das suas ideias verdades absolutas.»

CONJUNTIVO:

7. PRES. «Oxalá que os portugueses ***continuem sendo*** sempre bons hospitaleiros.»

8. PRET. IMP. «Quem lhes dera que o tempo ***continuasse estando*** sempre assim.»

9. FUT. «Se ***continuar chovendo*** assim, não poderei aparecer logo à noite em tua casa.»

10. **IMPERATIVO:** «***Continua exercitando***, se quiseres vir a ser um bom atleta.»

FORMAS NOMINAIS:

11. INF. IMPESS. «Gostaria de ***continuar fazendo*** aquilo que sempre fiz: pintar.»

12. INF. PESS. «É que dos bons amigos depende ***continuarem cultivando*** a verdadeira amizade.»

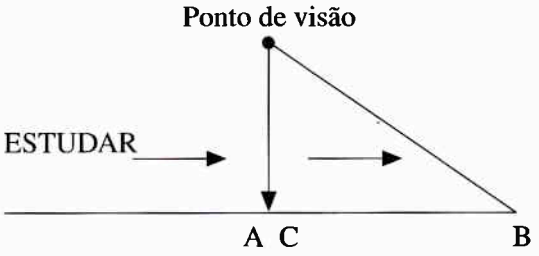
O carácter completo dos paradigmas marca bem a gramaticalidade das construções e, consequentemente, a sua rentabilidade funcional no sistema linguístico português.

A presença predominante de verbos 'durativos' (***correr***, ***sustentar***, ***falar***, ***conversar***, ***aumentar***, etc.) quadra muitíssimo bem com o 'carácter aspectual' do verbo auxiliar (**continuar**, que é 'durativo'), por um lado, e também com a significação secundária da construção (implicitamente 'durativa'), por outro.

Como última observação, e no que à natureza da significação linguística diz respeito, verbos plenos (***correr***, ***sustentar***, ***falar***, ***subir***, ***fumar***, ***elogiar***, etc.) e verbos cópula (***ser*** e ***estar***) coocorrem com ambas as estruturas gramaticais.

2.1.1.6. A subcategoria aspectual **visão extensiva**

Segundo W. Dietrich, a **visão extensiva** (subcategoria aspectual acrescentada por este autor às restantes subcategorias – que estudámos até agora – da VISÃO PARCIALIZADORA, distinguidas por E. Coseriu) representa um caso especial da **visão angular**, «en el que coinciden los puntos A y B con el comienzo y fin de la acción»[23] (cf. fig. 2, que é uma reprodução do esquema apresentado por este mesmo autor).[24]



Ex.: **Fiquei a estudar** (ou **fiquei estudando**) todo o dia.

Fig. 2

Como se pode ver por este esquema, e contrariamente à **visão angular** (onde os três pontos – A, B e C –, como vimos ao estudar esta subcategoria aspectual, podem coincidir), aqui só o ponto A pode coincidir com o ponto C e nunca com o ponto B. Por conseguinte, e também por oposição à **visão comitativa**, esta subcategoria assinala a duração ininterrupta da acção verbal entre limites fixos, isto é, considera-se a acção verbal dinamicamente em extensão, desde o princípio até ao fim.

---

[23] W. Dietrich, *op. cit.*, p. 211.
[24] *Idem, Ibidem*, p. 212.

Este valor aspectual expressa-se na norma linguística portuguesa através das perífrases **ficar + a + infinitivo** (mais frequente na norma de Portugal) e **ficar + gerúndio** (mais frequente na norma do Brasil). Trata-se, pois, de duas variantes da norma portuguesa para expressar a mesma função gramatical.

a) FICAR + A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «O relógio deu horas no campanário, o ar ***fica a vibrar***, o adro mais deserto.»

V. Ferreira, *A. ao F.*, p. 16

2. PRET. IMP. «Ouvindo falar algum tempo a tia Filomela, ***ficava***-me ***a doer*** o peito, e o pulso subia a um algarismo em que principiava a revelar aspirações a febre.»

J. Dinis, *S. P.*, p. 96

3. PRET. PERF. «De todo o modo o que me ***ficou a lembrar*** foi assim uma como apoteose de ti, a cabeleira aberta contra o fundo nocturno dos teus colegas.»

V. Ferreira, *A. ao F.*, p. 36

4. PRET. M.-Q.-PERF. «(...); e ***ficara a ler*** o jornal encostado aos travesseiros...»

E. de Queiroz, *M.*, p. 40

5. FUT. do PRES. «Um dia ele virá, ainda há poucos dias me chamou de parte para me perguntar quando veria voar a máquina, é outra a pessoa que veio, ***ficará a saber*** o que era de tanto segredo, afinal não foi essa a nossa combinação, para que nos calámos durante tantos anos, (...).»

J. Saramago, *M. C.*, p. 167

6. FUT. do PRET. «A vitória, facto que ainda lhe daria maior impacto, ***ficaria a dever-se*** quase exclusivamente a si próprio, o que o tornaria praticamente um deus para a esquerda moderna.»

J. – 1988/02/19-25

CONJUNTIVO:

7. PRES. «(...), um pouco ofegante do esforço, pega na caneta, e escreve no livro das entradas, a respeito de si mesmo, o que é necessário para que ***fique a saber-se*** quem diz ser, (...).»

J. Saramago, *A. M. R. R.*, p. 21

8. PRET. IMP. «(...), porque a outra, e tão falada, incorpórea fecundação, foi uma vez sem exemplo, só para que se ***ficasse a saber*** que Deus, quando quer, não precisa de homens, embora não possa dispensar-se de mulheres.»

J. Saramago, *M. C.*, p. 17

FORMAS NOMINAIS:

9. INF. IMPESS. «Podiam ***ficar a falar*** o resto do dia, mas D. João V, que em geral não admite resistências ao seu arbítrio, caiu em melancolia ao ver, na imaginação, o mortuário cortejo dos seus descendentes, filho, neto, bisneto, trineto, tetraneto, morrendo cada um deles sem ver a obra acabada, para isto nem vale a pena começar.»

J. Saramago, *M. C.*, p. 281

10. GER. «(...), como alguém que não teve coragem para esfolar um coelho e pediu a outra pessoa que lhe fizesse o trabalho, ***ficando a assistir*** à operação, com raiva da sua própria cobardia, (...).»

J. Saramago, *A. M. R. R.*, p. 386

b) FICAR + GERÚNDIO

INDICATIVO:

1. PRES. «Clarissa faz um muxoxo. Volta-se toda para a janela, deixa cair os braços, entorta a cabeça, alça a sobrancelha direita e ***fica olhando*** para a tia com ar de súplica...»

É. Veríssimo, *C.*, p. 14

2. PRET. IMP. «Mas ele nem sequer uma vez olhou para ela. Nunca. Clarissa vestia sempre os seus vestidos mais bonitos, e ***ficava esperando***, sentada ali no banco, debaixo do plátano... Ele surgia à janela, fumava, olhava vagamente para todos os lados e depois desaparecia...»

É. Veríssimo, *C.*, p. 207

3. PRET. PERF. «Estava fazendo um luar de leite. A mulher não me saía da cabeça. ***Fiquei maginando***. E seria mesmo para mim que ela estava olhando?»

J. Lins do Rego, *P. B.*, p. 54

4. PRET. M.-Q.-PERF. «Clarissa ***ficara*** toda a tarde ***olhando*** a chuva... Tinha sentido um cheiro bom de terra húmida, bem como este que sente agora...»

É. Veríssimo, *C.*, p. 131

5. FUT. do PRES. «(...).
Há-de compô-la em segredo, muito em segredo. Ninguém ***ficará sabendo***.»

É. Veríssimo, *C.*, p. 97

6. FUT. do PRET. «Se ele saísse pelo sertão atrás de Dioclécio, procurando o mestre para com ele aprender, o que não ***ficaria pensando*** o padre Amâncio?»

J. Lins do Rego, *P. B.*, p. 63

FORMAS NOMINAIS:

7. INF. IMPESS. «Delícia de estar sózinho na sombra tépida. Delícia de ***ficar sonhando***, calado, vendo o cérebro pensar: sem interlocutor, sem atitudes, descuidoso, abandonado, livre...»

É. Veríssimo, *C.*, p. 46

Do significado pleno 'permanecer, manter-se num dado lugar', **ficar + a + inf.** (ou **ficar + ger.**) não guarda qualquer sema. Isto quer significar que se deu um processo completo de gramaticalização, passando, por conseguinte, tais estruturas a funcionar como verdadeiros sintagmas gramaticais portadores de, pelo menos, uma significação gramatical aspectual primária: **visão extensiva**. Secundariamente, outros valores se podem deduzir. Nomeadamente o 'durativo' e, também, o 'resultativo'.[25]

Relativamente aos *corpora* aqui apresentados, verificamos que, e apesar de não termos encontrado exemplos para algumas casas do paradigma, as construções em causa funcionam efectivamente em português contemporâneo. De modo mais significativo, em todas as morfotaxes do indicativo.

Dada a natureza do seu carácter aspectual ('durativo'), **ficar** apenas coocorre com verbos desta índole, ou seja, também 'durativos'. Para corroborar esta afirmação, basta passar uma vista de olhos por todos os auxiliados (quer no infinitivo, quer no gerúndio) que aparecem em todos os exemplos dos nossos *corpora*. Todos eles são, no que diz respeito à sua significação linguística, verbos plenos. No entanto, muito embora em menor percentagem, também ocorrem verbos cópula (exs.: «Bom. Então, ***fica a ser*** assim.»; «Deste modo, o Benfica ***ficará a ser*** a melhor equipa da Europa em 1988.»).

[25] Sobre este valor aspectual (e outros ainda) e também sobre as possíveis ocorrências/combinações de ***ficar***, *vide* Herculano de Carvalho, «Ficar em casa / ficar pálido: gramaticalização e valores aspectuais», in: CARVALHO, J. G. Herculano de & SCHMIDT-RADEFELDT, J. (Orgs.), *Estudos de Linguística Portuguesa*, pp. 131-155.

O valor de 'fase continuativa' também é expresso, secundariamente, por estas construções.[26]

Uma última observação: a forma afirmativa do 'imperativo' (ex.: «Olhe, moço, eu já estou com quase cinquenta anos: não admito ironias. ***Fique sabendo*** que trabalho desde os quinze. Você nem era nascido e eu já trabalhava!», É. Veríssimo, *C.*, p. 62) não apresenta o valor aspectual que temos estado a estudar, ou melhor ainda: nem este nem outros. Porque, na sua verdadeira acepção, **fica sabendo / fique sabendo** representam um idiotismo.

2.2. A categoria aspectual da FASE (ou GRAU)

Designa esta categoria aspectual o grau de realização da acção verbal (ou seja: se esta se apresenta em curso ou já concluída, se no seu início ou ainda por começar, etc.) no momento do acto de fala.

As fases de uma acção verbal são, teoricamente, infinitas. Porém, na prática, só algumas se encontram efectivamente realizadas. Em português contemporâneo, por exemplo, é possível delimitar (e porque perifrasticamente representadas) sete fases: 1. **iminencial**, 2. **inceptiva**, 3. **progressiva**, 4. **continuativa**, 5. **pré-final** (ou regressiva), 6. **final** (ou conclusiva) e 7. **egressiva**[27] (cf. fig. 3).

Assim, e antes de estudarmos cada uma das fases e sua representação perifrástica individualmente, vejamos, através de um exemplo (neutro quanto a este tipo de informação aspectual), como as diferentes subcategorias da FASE se podem efectivar: Ex.: «O António ***estuda*** a lição»:

1. O António ***está para estudar*** a lição ('fase iminencial');
2. O António ***começa a estudar*** a lição ('fase inceptiva');
3. O António ***vai estudando*** a lição ('fase progressiva');
4. O António ***continua a estudar*** a lição ('fase continuativa');
5. O António ***está a acabar de estudar*** a lição ('fase pré-final');
6. O António ***acaba de estudar*** a lição ('fase final');
7. O António (já) ***tem*** a lição ***estudada*** ('fase egressiva').

---

[26] Cf., *infra*, 2.2.4.

[27] E. Coseriu, embora considere as mesmas sete fases, não apresenta, para o português, uma construção perifrástica própria para a **fase pré-final** (ou **regressiva**, como ele prefere denominá-la). Cf., por isso, E. Coseriu, *Das romanische Verbalsystem*, Tübingen, 1976, pp. 103-106. Por seu turno, W. Dietrich (*op. cit.*, pp. 214-219) apenas considera seis fases. Exclui a **fase regressiva**.

Diagramaticamente, podemos representá-las assim:

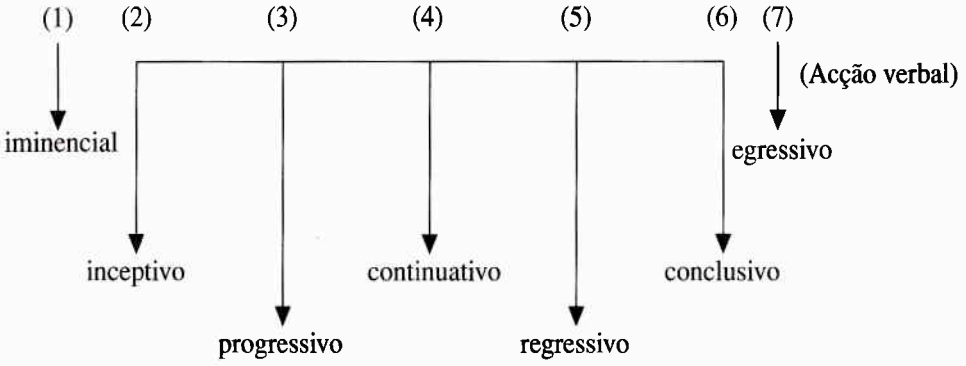


Fig. 3

Como regra geral, devemos fazer notar que só os verbos 'durativos' admitem fases. Isto não quer significar, no entanto, que todos estes verbos admitam todas as fases que acabamos de distinguir. Deste modo, por exemplo, só os verbos 'durativos – transitivos', com objecto directo expresso, podem apresentar a **fase egressiva** (cf. o enunciado n.° 7). Por outro lado, também (e isto já constitui uma excepção à regra geral), todo o tipo de verbos ('durativos' e 'momentâneos', quanto ao seu carácter aspectual) pode coocorrer, pelo menos, com o sintagma gramatical geral[28] da **fase iminencial.**

2.2.1. A subcategoria aspectual **fase iminencial**

Como se pode ver pela fig. 3-(1), esta subcategoria aspectual designa a consideração da acção verbal antes do seu começo propriamente dito.

Os instrumentos gramaticais (= perífrases) que expressam esta função aspectual na norma linguística portuguesa são os seguintes: **estar + para + infinitivo, andar + para + infinitivo, ir + a + infinitivo** e **ir + para + infinitivo.**

Muito embora expressem a mesma função gramatical, há, todavia, algo que as diferencia, indicando, por conseguinte, cada construção uma *nuance* particular da **fase iminencial**. Essa diferença, parece-nos, reside no lapso temporal que, sendo

[28] Consideramos, aqui, 'sintagma gramatical geral' da **fase iminencial** a perífrase **estar + para + infinitivo.** E isto, porque, ao lado desta construção, existem outras (**ir + a + inf., ir + para + inf.** e **andar + para + inf.**) que também expressam este conteúdo gramatical em português contemporâneo.

pouco alargado em todas (daqui expressarem 'iminência'), aparece mais lato em **andar + para + inf.** e menos lato em **ir + a + inf.**, situando-se as outras duas construções numa posição intermédia: **estar + para + inf.**, depois de **andar + para + inf.** e **ir + para + inf.**, depois daquela e antes de **ir + a + inf.** Noutros termos: do menos para o mais iminente: **andar + para + inf.**, **estar + para + inf.**, **ir + para + inf.** e **ir + a + inf.** Para além desta propriedade, o 'contexto' também parece ser fundamental para a efectivação das referidas construções.[29]

Ora, porque expressam o mesmo conteúdo gramatical e se distinguem pelas razões aduzidas, julgamos poder considerar as referidas estruturas (por oposição a outras do tipo **estar + a + inf. / estar + ger.**, **continuar + a + inf. / continuar + ger.**, etc., que são 'variantes', muito embora diferentemente fixadas pelas normas portuguesa e brasileira, 'livres' ou 'facultativas'), *mutatis mutandis*, e porque o 'contexto' é deveras importante, como 'variantes contextuais'.

Vejamos, então, o que se passa na norma linguística portuguesa com estas construções.

a) ESTAR + PARA + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «É quando somos velhos que as coisas que ***estão para vir*** começam a acontecer, e uma razão de ser assim é que já somos capazes de acreditar naquilo de que duvidávamos, e mesmo não podendo acreditar que tenha sido, acreditamos que será, Eu voei, pai, Filho, eu acredito.»

J. Saramago, *M. C.*, p. 267

2. PRET. IMP. «Temendo, com mais razões do que ninguém, o que ***estava para acontecer***, os habitantes de Cerbère começaram a abandonar a cidade, (...).»

J. Saramago, *J. P.*, p. 30

3. PRET. PERF. «A viscondessa pareceu toda aflita por se não ter lembrado... E ela que tinha o propósito feito!
– Pois ***estive para*** to ***mandar*** dizer! – exclamou D. Ana.
– E os Brancos que tanto o agradecem, filha!»

E. de Queiroz, *M.*, p. 71

4. PRET. M.-Q.-PERF. «Mais de uma vez, pelo Aterro fora, ***estivera para*** lhe ***dizer***: – Podes falar da mamã, amigo Alencar, que eu sei perfeitamente que ela fugiu com um italiano!»

E. de Queiroz, *M.*, p. 182

[29] Sobre esta matéria, *vide* os comentários que seguem os exemplos de cada uma das perífrases em causa.

5. FUT. DO PRES. «Seja assim, então posso pedir-te que vamos devagar, quem sabe o que ***estará para acontecer***.»

J. Saramago, *J. P.*, p. 68

6. FUT. DO PRET. «(...), quem aqui tivesse vindo desprevenido julgaria que ***estaria para travar-se*** uma grande batalha, contra o costume indo ao combate o rei e o ladrão, além do soldado e capitão que sempre vão.»

J. Saramago, *M. C.*, p. 315

CONJUNTIVO:

7. PRES. «Hão-de aparecer-lhe em casa sempre que ***esteja para partir*** para o trabalho.»
8. PRET. IMP. «Se fosse eu que ***estivesse para viajar***, teria organizado as coisas de outro modo.»
9. FUT. «Sempre que ***estiver para se deitar***, verifique se fez tudo o que tinha planeado fazer nesse dia.»

FORMAS NOMINAIS:

10. INF. IMPESS. «Quem lhe dera ***estar para partir*** para férias!»

Esta perífrase aparece muito mais frequentemente que as restantes para expressar o referido conteúdo gramatical. Por este motivo, e também porque *grosso modo* não requer um contexto de ocorrência próprio, consideramo-la como o sintagma gramatical geral da **fase iminencial**. Todavia, e apesar desta propriedade, o seu paradigma não se apresenta completo. Mas, comparado com os das restantes perífrases de **fase iminencial**, as casas vazias são muito menos numerosas: todas as morfotaxes do modo indicativo se encontram suficientemente documentadas; as morfotaxes do modo conjuntivo e as das formas nominais também vão aparecendo, embora em menor medida, nalguns casos.

Uma outra observação prende-se com a significação interna dos verbos que efectivamente coocorrem com esta estrutura. Assim, se, por um lado, só os verbos 'durativos' admitem fases, não devemos deixar de observar, sublinhando bem, por outro lado, que apenas os sintagmas gramaticais de **fase iminencial** podem coocorrer com verbos 'momentâneos' (exs.: ***vir***, ***chegar***, ***partir***, ***sair***, ***entrar***, ***acontecer***, etc.).

Estar nunca ocorre. E quanto a **ser**, que teoricamente pode coocorrer, não encontramos qualquer exemplo.

Como muito bem salientou W. Dietrich[30], **estar + para + inf.** expressa, secundariamente, a 'disposição' (significado léxico: cf. os exemplos para o pretérito

[30] *Op. cit.*, p. 215.

imperfeito e futuro do conjuntivo), valor que aparece, de forma mais evidente, quando se nega a construção: «Agora ***não estou para conversar*** sobre esse assunto.». Porém, em casos como este último exemplo, não se trata de uma verdadeira perífrase verbal mas, sim, de um idiotismo em que **estar para**, com sentido análogo ao do coloquialismo brasileiro **estar a fim de**, pode reger, e rege, pronomes e substantivos (exs.: «***Não estou para*** isso.», «***Não estou para*** chatices.», «***Não estava para*** encrencas.»).

b) ANDAR + PARA + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «Ó Mestre desculpe, (...), mas há muito tempo que ***ando para*** lhe ***dar*** uma palavrinha!»

D. Mourão-Ferreira, *A. F.*, p. 69

2. PRET. IMP. «Já há dias que ***andava para*** lhe ***escrever***. Porém, só agora o pude fazer.»
3. PRET. PERF. «***Andei*** (uns dias) ***para escrever***-lhe, porém o tempo foi passando sem o ter conseguido.»
4. PRET. M.-Q.-PERF. «Há dias, aquando da visita do Presidente da República ao distrito da Guarda, um popular ***andara para perguntar***-lhe o porquê da sua popularidade.»

Esta construção perifrástica apresenta um paradigma bastante incompleto: apenas algumas morfotaxes do modo indicativo. Tal facto parece dever-se ao seu uso quase nada documentado e também ao contexto de ocorrência próprio, isto é: precisa de um circunstante temporal mais ou menos lato do tipo 'já há dias', 'há tempos', etc. para que possa realmente efectivar-se.

Quanto à coocorrência verbal, verificamos que tanto aparecem verbos 'durativos' (***escrever***) como 'momentâneos' (***dar***, ***partir***, ***perguntar***). Os verbos cópula (***ser*** e ***estar***) também podem coocorrer com esta construção (exs.: «Já ***ando para estar*** com o meu amigo Carlos há alguns dias, mas não o tenho visto.»; «O Benfica já ***anda para ser*** o vencedor do campeonato nacional da 1.ª divisão de futebol há duas épocas, e ainda não foi capaz.»).

c) IR + PARA + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «Ricardo Reis ***vai para consolá***-la, ***segurar***-lhe o braço, foi esse o seu primeiro gesto, lembram-se, mas ela furta-se, (...).»

J. Saramago, *A. M. R. R.*, p. 391

2. PRET. IMP. «— A sua mamã? Ela ***ia para responder*** mas felizmente... Quantos lugares deseja V. Exa.? O senhor Barbosa disse um, mas voltou-se para ela e como já tivesse, disse outra vez um e que guardasse o resto para ele.»

A. Negreiros, *E.*, p. 25

3. PRET. PERF. «No dia seguinte o carteiro trouxe uma carta registada que quando eu abri foi logo um estojo de barba com sabonete e tudo, e quando ***fui para mostrar*** este presente à minha amante encontrei-a sentada sobre uma vela acesa a cortar reflexos com uma tesoura das unhas que já faltava no meu estojo de barba quando eu o abri.»

A. Negreiros, *E.*, p. 57

Estamos, mais uma vez, na presença de uma estrutura perifrástica extremamente marginal e cujo paradigma se apresenta altamente defectivo: estão documentadas apenas algumas morfotaxes do modo indicativo. A *nuance* aspectual desta construção parece ser a de uma acção em que se deu o primeiro passo mas que não foi por diante. Isto quer significar que o contexto de ocorrência de **ir + para + inf.** exige quase sempre uma contraposição (também quase sempre expressa pela conjunção coordenativa adversativa **mas**) que, interrompendo-a mesmo em cima da linha do seu quase começo, a caracteriza, por conseguinte, como instrumento de **fase iminencial**.

d) IR + A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRET. IMP. «Ele parou um instante, fez-me sinal com um dedo em gancho a mandar-me aproximar. Entrei e ***ia a dizer***, mas ele, a palma na frente, e então sustive-me.»

V. Ferreira, *A. ao F.*, p. 97

2. PRET. PERF. «Mas quando Ega, antes de partir, ***foi a recapitular*** os seus negócios de casa, de dinheiro, encontrou-se diante de coisas abomináveis.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 289

Tal como o paradigma da construção anterior, este também é bastante defectivo. Talvez até mais do que o anterior, já que **ir + a + inf.** aparece quase exclusivamente na morfotaxe 'pretérito imperfeito do indicativo'. É, aliás, a morfotaxe que melhor documenta o seu emprego/valor.

Também, à semelhança de **ir + para + inf.**, esta construção perifrástica exige sempre uma contraposição que se manifesta, ou através de uma proposição intro-

duzida pela conjunção coordenativa adversativa **mas** (cf. 1), ou através de uma outra proposição que, interrompendo-a, prevalece sobre a anterior (cf. 2).

Relativamente à coocorrência verbal, e ao contrário da anterior (que pode coocorrer com verbos 'durativos' e 'momentâneos'), esta só ocorre com verbos 'momentâneos'. Os verbos cópula (***ser*** e ***estar***) também não se encontram documentados.[31]

2.2.2. A subcategoria aspectual **fase inceptiva**

A **fase inceptiva** caracteriza-se por assinalar o momento exacto do começo efectivo de uma acção verbal [cf. fig. 3-(2)].

De entre todas as categorias e subcategorias aspectuais aqui consideradas como verdadeiros valores do sistema linguístico português, a subcategoria da **fase inceptiva** é aquela que maior número de significantes (= construções perifrásticas) apresenta. Senão vejamos: **começar + a + infinitivo, principiar + a + infinitivo, recomeçar + a + infinitivo** ('perífrases extensivas', porque construídas com *verba adiecta*); **pôr-se + a + infinitivo, passar + a + infinitivo, romper + a + infinitivo, deitar + a + infinitivo, pegar + a + infinitivo, desatar+ a + infinitivo, largar + a + infinitivo, entrar + a + infinitivo** e **meter-se + a + infinitivo** ('perífrases intensivas', porque construídas com *verba denominativa*).[32]

Embora expressem o mesmo conteúdo aspectual, algumas destas construções perifrásticas distinguem-se, todavia, pela *nuance* especial de **fase inceptiva** que veiculam (umas) bem como pela coocorrência verbal (outras). Assim, tendo em consideração a realidade deste leque bastante alargado de construções para a **fase inceptiva** e tomando (pela sua frequência e percepção imediata) **começar + a + inf.** como sintagma gramatical geral deste valor aspectual, podemos considerar que **principiar + a + inf.** representa uma sua variante, talvez, estilística; **recomeçar + a + inf., pôr-se + a + inf.** e **passar + a + inf.** (pela *nuance* aspectual que as caracteriza), à semelhança das perífrases de **fase iminencial**,

---

[31] Apesar destas diferenças que fomos assinalando para as duas últimas construções perifrásticas, continuamos a achar que só um exercício de abstracção subtil poderá, em muitos casos, descortinar a sua verdadeira diferença.

[32] Sobre 'perífrases extensivas' (com *verba adiecta*) e 'perífrases intensivas' (com *verba denominativa*), *vide* cap. II.1.3.

Para além destas construções, W. Dietrich também considera perífrases de **fase inceptiva** as seguintes: 1. **sair + ger.**; 2. **agarrar + a + inf., dar + a + inf., cair + a + inf.**; 3. **desandar + a + inf., despejar + a + inf.**, construções que não constituem verdadeiras perífrases gramaticais, porque: 1. representam duas proposições; 2. são locuções verbais e 3. não as documentámos nos textos que nos serviram de fonte para a exemplificação, respectivamente.

Passar + a + inf., principiar + a + inf., recomeçar + a + inf. e ***meter-se + a + inf.*** também são perífrases de **fase inceptiva** que não foram vistas por Dietrich.

como 'variantes contextuais'; **romper + a + inf.**, **deitar + a + inf.**, **desatar + a + inf.**, **pegar + a + inf.** e **largar + a + inf.**, sobretudo pela coocorrência verbal, também como 'variantes contextuais' e, finalmente, **entrar + a + inf.** e **meter-se + a + inf.**, a julgar pelos exemplos encontrados, como variantes da norma brasileira.

Para se poder verificar esta interpretação, atente-se no estudo que vamos fazer, de imediato, dos respectivos paradigmas.

a) COMEÇAR+ A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «Em noites que vem el-rei, os percevejos ***começam a atormentar*** mais tarde por via da agitação dos colchões, são bichos que gostam de sossego e gente adormecida.»

J. Saramago, *M. C.*, p. 16

2. PRET. IMP. «Eu ouvia Flora e ***começava a sentir*** que o que tinha razão era a sua presença, a densidade do seu corpo, o lineamento sólido do seu busto, o vigor que lhe estalava o vestido.»

V. Ferreira, *A. ao F.*, p. 73

3. PRET. PERF. «Oriana – quando foi que te conheci? Em que ponto do meu destino ***começaste a existir***? Nunca mais. Deixa-me afundar na minha melancolia.»

V. Ferreira, *A. ao F.*, pp. 30-31

4. PRET. M.-Q.-PERF. «O livro do Ega! Fora em Coimbra, nos dois últimos anos, que ele ***começara a falar*** do seu livro, contando o plano, soltando títulos de capítulos, citando pelos cafés frases de grande sonoridade.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 111

5. FUT. DO PRES. «Para o fim da manhã ***começará a aquecer***, por enquanto há uma brisa frescal e límpida, (...).»

J. Saramago, *J. P.*, p. 17

6. FUT. DO PRET. «Esta foi a boa nova que levaram, festejada como merecia, no dia seguinte ***começariam a escolher*** e a pôr de parte o que fosse indispensável transportar, (...).»

J. Saramago, *J. P.*, p. 208

CONJUNTIVO:

7. PRES. «Os moradores de Pêro Pinheiro desceram à estrada para admirar o aparato, nunca se viu tanta junta de bois desde que começou a obra, nunca se ouviu tão alto

vozear, e há quem ***comece a ter*** saudades de ver partir aquela tão formosa pedra, criada aqui nesta nossa terra de Pêro Pinheiro, (...).»

J. Saramago, *M. C.*, p. 250

8. PRET. IMP. «— Além disso não imaginei que Vossa Excelência ***começasse a receber*** tão cedo... Vossa Excelência antigamente era só depois da Serração da Velha. Até me lembro que o ano passado...»

E. de Queiroz, *M.*, p. 602

9. **IMPERATIVO**: «São horas. ***Comecem a trabalhar***!»

FORMAS NOMINAIS:

10. INF. IMPESS. «Nada mais absurdo que ***começar a ensinar*** a uma criança numa língua morta quem foi Fábio, rei dos Sabinos, o caso dos Gracos, e outros negócios de uma nação extinta, deixando-o ao mesmo tempo sem saber o que é a chuva que a molha, como se faz o pão que come, e todas as outras coisas do universo em que vive...»

E. de Queiroz, *M.*, p. 63

11. INF. PESS. «(...) — o nosso mau hábito de vivermos em promiscuidade de sentimentos e não aproveitarmos a vida para ***começarmos a viver*** mais cedo e o mau hábito de enchermos as crianças de beijos e cuspo tudo isso e o mais que não digo porque são horas do correio, tudo isso é um atraso do homem que os outros animais já perfeitamente ultrapassaram.»

V. Ferreira, *A. ao F.*, p. 142

12. GER. «O menino continuou em Benfica, dando os seus lentos passeios a cavalo, de criado de farda atrás, ***começando*** já ***a ir*** beber a sua genebra aos botequins de Lisboa... Depois foi despontando naquela organização uma grande tendência amorosa: aos dezanove anos teve o seu bastardozinho.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 20

Apesar de não termos encontrado qualquer exemplo para o futuro do conjuntivo, podemos afirmar que **começar + a + inf.** apresenta um paradigma completo e de grande rentabilidade funcional, porque (e repetimo-lo) representa o instrumento gramatical geral da **fase inceptiva**. Esta propriedade justifica por si só (pese muito embora o facto de o valor aspectual em causa ser denotado substancialmente pela significação interna do verbo auxiliar) a sua gramaticalidade.

Como sintagma gramatical geral da **fase inceptiva** pode coocorrer, *lato sensu*, com todo o tipo de verbos plenos (cf. os exemplos que ilustram bem o que se acaba de dizer). Também se encontram documentados, na norma linguística portu-

guesa, casos da sua ocorrência com verbos cópula (exs.: «As pessoas ***começam a estar*** fartas de tantas promessas.»; «A partir dessa data, a festa ***começou a ser*** um hábito.»; etc.).

b) PRINCIPIAR+ A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «— Ai, enganou-se. Está assim um momento e ele aí ***principia a entristecer***, a entristecer, a entristecer, que me corta o coração só em olhar para ele.»

J. Dinis, *S. P.*, p. 25

2. PRET. IMP. «Os cabelos desatados saíam-lhe em madeixas abundantes por debaixo de um lenço escarlate, disposto em volta da cabeça com artístico e indescritível desleixo; outro da mesma cor se lhe cruzava no seio, cujas formas ***principiavam a desenhar-se*** em curvas graciosas; (...).»

J. Dinis, *S. P.*, p. 13

3. PRET. PERF. «Tinham alugado a Arroios um primeiro andar no palacete dos Vargas; e a rapariga ***principiou a aparecer*** em S. Carlos, fazendo uma impressão – uma impressão de causar aneurismas, dizia o Alencar!»

E. de Queiroz, *M.*, p. 23

4. PRET. M.-Q.-PERF. «Desde aquele dia do carão do juiz que ele ***principiara a ter*** raiva. Nunca tivera ódio a ninguém.»

J. Lins do Rego, *P. B.*, p. 43

5. **IMPERATIVO**: «Depois veio um pensamento à tia Maquelina, pensamento um pouco interesseiro é verdade, mas desculpem-na, e não ma ***principiem*** já por isso ***a olhar*** com maus olhos; (...).»

J. Dinis, *S. P.*, p. 86

FORMAS NOMINAIS:

6. INF. IMPESS. «Marcenda retirou a mão esquerda do bolso, acomodou-a no regaço, pôs sobre ela a outra mão, parecia que ia ***principiar a expor*** os seus males, (...).»

J. Saramago, *A. M. R. R.*, pp. 290-291

Todas as observações que se fizeram acerca de **começar + a + inf.** (e porque se trata apenas de uma sua variante estilística) também servem para **principiar + a + inf.** Porém, apenas uma última nota relativamente ao seu paradigma: o carácter incompleto deste deve-se ao facto de não termos encontrado nenhum exemplo

contextualizado. Por isso, as casas vazias que aqui se documentam não correspondem à realidade dos factos linguísticos do português actual, já que na norma linguística portuguesa formas como ***principiarei a estudar***, ***principiaria a estar*** (feliz), ***principie a cantar***, ***principiasse a considerar***, ***principiarmos a ser*** (alguém), ***principiarem a comer*** e ***principiando a chover*** são perfeitamente normais e funcionais.

c) RECOMEÇAR + A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «A máquina dá um salto brusco, levanta a cabeça, cavalo a que puxaram o bridão, suspende-se por um segundo, hesita, depois ***recomeça a cair***, mas menos depressa, e Blimunda grita, Baltasar, Baltasar, (...).»

J. Saramago, *M. C.*, p. 203

2. PRET. IMP. «***Recomeçava a andar*** José Anaiço, era este o seu nome, e os estorninhos levantavam-se de rompão, todos ao mesmo tempo, vruuuuuuuuuu.»

J. Saramago, *J. P.*, p. 16

3. PRET. PERF. «E ***recomeçou a passear***, enquanto o Vilaça recolhia religiosamente o documento que tinha relido muitas vezes, na admiração do sentimento, do estilo, do ideal daquela página.»

E. de Queiroz, *M.*, pp. 80-81

4. PRET. M.-Q.-PERF. «Afonso da Maia, no entanto, com as pernas estiradas para o lume, ***recomeçara a falar*** do Silveirinha.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 78

CONJUNTIVO:

5. PRET. IMP. «(...) ou que subitamente os automóveis e os autocarros ***recomeçassem a andar***, e a praça se enchesse de gente, (...).»

J. Saramago, *J. P.*, p. 233

FORMAS NOMINAIS:

6. INF. IMPESS. «A partir do dia um de Junho estará desempregado, terá de ***recomeçar a percorrer*** as policlínicas à procura dum lugar vago, (...).»

J. Saramago, *A. M. R. R.*, p. 236

7. GER. «(...).
– Ele esteve lá no escritório – dizia Vilaça ***recomeçando a baralhar***.
– Esteve lá a indagar o que tinha custado o consultório, a mobília de veludo, etc.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 116

Recomeçar + a + inf. distingue-se de **começar + a + inf.** não por uma questão de natureza estilística, mas sim porque o seu conteúdo aspectual é, rigorosamente, o de um novo começo, ou seja: uma acção verbal que tinha começado e, por qualquer razão, foi interrompida e que, depois, voltou a iniciar-se.[33] Exprimem, por conseguinte, dois valores semânticos distintos dentro do mesmo valor aspectual **inceptivo**.

No que diz respeito à coocorrência verbal e à sua gramaticalidade (portanto, funcionalidade na norma linguística portuguesa), são válidas todas as observações relativas às restantes construções de **fase inceptiva**.

Considerámos até aqui as perífrases de **fase inceptiva** cujo valor aspectual está essencialmente contido no respectivo auxiliar (*verbum adiectum*, de carácter aspectual inceptivo). Agora vamos estudar uma série de construções cujo valor aspectual **inceptivo** depende do todo perifrástico, onde o verbo auxiliar (*verbum denominativum*) perde totalmente o seu significado léxico. Por esta razão, estamos na presença de perífrases cuja gramaticalidade, comparativamente às anteriores, se torna mais patente e, por consequência, mais fortemente marcada.

d) PÔR-SE + A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «– Não fico ofendido.
   – Devias pensar que não é justo.
   – Não penso.
   – ***Ponho-me a pensar*** porquê e não sei bem. Creio que por ter colaborado pouco na metafísica.»

   V. Ferreira, *A. ao F.*, p. 27

2. PRET. IMP. «Às vezes quando encontrava os mendigos ***punha-se a chorar*** e convidava-os para ir para as terras e dava-lhes uma moeda de prata.»

   A. Negreiros, *E.*, p. 62

3. PRET. PERF. «É um problema que me interessa pouco, essa coisa da paidocracia, da importância que toda a gente ***se pôs a descobrir*** nos meninos impertinentes.»

   V. Ferreira, *A. ao F.*, p. 68

[33] Sobre este conteúdo aspectual (e outros afins), *vide, infra*, a análise que fazemos das construções perifrásticas **parar + de + inf., cessar + de + inf.** e **deixar + de + inf.**

4. PRET. M.-Q.-PERF. «Em toda essa noite, Blimunda não dormiu. ***Pusera-se a esperar*** que Baltasar regressasse ao cair do dia, como em outras ocasiões acontecera, (...).»

J. Saramago, *M. C.*, p. 337

5. FUT. DO PRES. «***Por-me-ei a trabalhar*** se necessário for.»

6. FUT. do PRET. «As crianças ***por-se-iam a chorar*** se não tivessem sido bem alimentadas.»

CONJUNTIVO:

7. PRES. «É provável que por isso mesmo ela ***se ponha a rir***, se vossemecê lhe chamar rainha e o negue; (...).»

J. Dinis, *S. P.*, p. 283

8. PRET. IMP. «Provavelmente não tenho pena de minha mãe. Mas não sei, quem é que sabe o que realmente sente? Sinto-me triste, com um pequeno toque talvez ***me pusesse a chorar***. Mas não sei se tenho pena.»

V. Ferreira, *A. ao F.*, p. 120

9. FUT. «(...), muito se vão rir as mulheres da Nazaré quando a cabeça ***se*** lhes ***puser a andar*** à roda, não estão habituadas.»

J. Saramago, *A. M. R. R.*, p. 113

10. **IMPERATIVO:** «Olhe lá, ó sua bisbilhoteira, eu sou a mulher-a-dias do inquilino novo, ouviu, não ***se ponha*** para aí ***a imaginar*** outras coisas, (...).»

J. Saramago, *A. M. R. R.*, p. 237

FORMAS NOMINAIS:

11. INF. IMPESS. «Numa noite daquelas, toda de poesia, quando os homens de letras se deviam mostrar como são, filhos da Democracia e da Liberdade, vir aquele pulha ***pôr-se*** ali ***a lamber*** os pés à família real... Era simplesmente ascoroso!»

E. de Queiroz, *M.*, p. 591

12. INF. PESS. «Talvez fosse apenas o desejo (porque não legítimo?) de imprimir ainda um saudável safanão à minha existência, antes de ***se porem*** para aí ***a chamar***-me venerável ou execrável, precursor ou defunto; (...).»

D. Mourão-Ferreira, *A. F.*, p. 168

13. GER. «– Que é isso? Constipação? – perguntou Carlos.
– Tudo – disse o marquês, ***pondo-se a caminhar*** ao lado dele com uma lentidão de moribundo.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 303

A *nuance* aspectual que parece distinguir **pôr-se + a + inf.** das demais construções de **fase inceptiva** é a de que este valor (assim o julgamos) se apresenta como que predeterminado por uma espécie de 'motivação' (ou, se se preferir, 'predisposição') subjacente. Ou, então, por sugestão do Prof. Herculano de Carvalho, "no uso 'normal', não é ao início da 'acção' que se liga, mas à acção mesma a que se entrega o sujeito. Aliás, isso mesmo se passa muitas vezes com o protótipo das perífrases inceptivas, isto é, com **começar a + inf.** Por exemplo, em «Todas as vezes que lhe falam do falecido, **começa a chorar**.» não interessa que ela 'comece...' mas que ela se 'entregue' ao choro, isto é, **se ponha a chorar**". Este valor é (talvez) próprio do estilo coloquial. O seu valor no sistema e na norma, no estilo reflectido, é **inceptivo**. Relativamente à sua funcionalidade na norma, temos a dizer que o seu paradigma se apresenta completo e perfeitamente gramaticalizado e, ainda, que, para além dos verbos 'durativos' (***andar***, ***imaginar***, ***trabalhar***, ***esperar***, etc.), os verbos 'momentâneos' também podem coocorrer (***descobrir***, ***chamar***, etc.). A sua não coocorrência com os verbos cópula (***ser*** e ***estar***) parece ser, pelo menos, numa análise mais superficial, a sua única restrição na norma.

e) PASSAR + A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «(...), pode a verdade estar na boca das crianças, mas para a dizerem têm de crescer primeiro, e então ***passam a mentir***, (...).»

J. Saramago, *M. C.*, p. 210

2. PRET. IMP. «Passara então um tempo em Londres: e daí viera habitar Paris, com Mr. de l'Estorade, um jogador, um espadachim, que acabou de a arrasar, e que a abandonou legando-lhe esse nome de l'Estorade, que lhe era a ele de ora em diante inútil porque ***passava a adoptar*** outro mais sonoro de Vicomte de Manderville.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 80

3. PRET. PERF. «Com ele (Cavaco Silva), o PSD deixou de chorar a morte de Sá Carneiro e ***passou a acreditar*** no presente.»

E. – 1986/12/27

4. PRET. M.-Q.-PERF. «Não se falava mais nele, ***passara a ser respeitado***, ***a ser*** uma excepção na terra.»

J. Lins do Rego, *P. B.*, pp. 35-36

5. FUT. do PRES. «A partir de 1993, vinho português na CEE ***passará a ter*** imposto – uma proposta da comissão europeia.»

D. M. – 1987/11/17

6. FUT. do PRET. «Depois de ler tais autores, ficou a conhecer as estruturas com as quais ***passaria a operar*** posteriormente.»

CONJUNTIVO:

7. PRES. «E se se vir então que não encerra nada, demitamo-nos logo voluntariamente da nossa posição de *país* para que não temos elementos, ***passemos a ser*** uma fértil e estúpida província espanhola e plantemos mais legumes!»

E. de Queiroz, *M.*, p. 385

8. PRET. IMP. «Acabado o jantar e dita a oração de *graças*, a senhora de Entre-Arroios, depois de nos dar as *boas-tardes* do estilo, chamou a atenção dos circunstantes, pedindo que se ***passasse a discutir*** o futuro de Tomasinho.»

J. Dinis, *S. P.*, p. 36

9. FUT. «(...), se as sentenças viradas do avesso ***passarem a ser*** leis, que mundo faremos com elas, (...).»

J. Saramago, *A. M. R. R.*, p. 62

FORMAS NOMINAIS:

10. INF. IMPESS. «– Agora que tencionas tu fazer?
– Agora, general? – respondeu Carlos sorrindo e pousando o copo. – Descansar primeiro e depois ***passar a ser*** uma glória nacional!»

E. de Queiroz, *M.*, p. 97

11. INF. PESS. «(...), não julguem os espanhóis e os portugueses que podem entrar-nos pela casa dentro sem mais nem quê, a pretexto de ***passarmos a ser*** vizinhos de patamar.»

J. Saramago, *J. P.*, p. 283

12. GER. «À data da estreia, ocorrida como não podia deixar de ser em Atlanta, a 15 de Dezembro de 1939, os custos elevavam-se a mais de quatro milhões de dólares, recorde que seria no entanto compensado por outro, o das receitas, conseguindo só até Maio de 1940 e no mercado nacional, cerca de vinte milhões de dólares, ***passando a liderar*** até 1965 – e a "Música no Coração" – o *top* das receitas.»

J. – 1987/10/23-29

Expressando a 'inceptividade' da acção verbal, **passar + a + inf.** apresenta-se como uma 'variante contextual' do sintagma gramatical geral deste valor aspectual, porque implica a presença explícita ou implícita de um contexto próprio de ocorrência, a saber: o início da acção com o abandono de uma orientação anterior que vinha sendo habitual.

O paradigma, com excepção da morfotaxe do imperativo (para a qual não documentámos qualquer exemplo), encontra-se, tal como **pôr-se + a + inf.**, completo e perfeitamente funcional na norma linguística portuguesa. E no que respeita à coocorrência verbal, existe, porém, uma diferença entre as referidas construções: a que agora estamos a estudar coocorre perfeitamente com os verbos cópula (cf. exemplos do *corpus*) e aquela não.

f) ROMPER + A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «A senhora põe-se ao piano, rosna uma coisa sobre *piedra e sepultura*, e ***rompe a gemer*** num gemido que não findava: *Ā-ã-ã-ã-ã-ah...*»

E. de Queiroz, *M.*, p. 651

2. PRET. IMP. «(...) e quando tentava elevar-se às conversações que ouvia, ***rompia a chamar*** ladrões aos republicanos, a celebrar os tempos de D. Isabel, a sua *gracia*, o seu *salero* – sendo muito conservadora como todas as prostitutas.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 94

3. PRET. PERF. «Olhávamos para baixo à espera que ela saísse. E quando enfim saiu, Miguel ***rompeu a chamá***-la. Ela trilou dois dedos sintéticos no ar a responder.»

V. Ferreira, *A. ao F.*, p. 30

4. PRET. M.-Q.-PERF. «Ega ***rompera*** logo ***a contar*** o seu caso – enquanto Craft, sem espanto nem exclamações, ia preparando metodicamente sobre a mesa três grogues de conhaque e limão.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 274

CONJUNTIVO:

5. PRET. IMP. «Um instante Carlos receou que ela ***rompesse a ladrar***. Mas a cadelinha, de repente, namorara-se dele, deitada já na cadeira, de patas ao ar, descomposta, abandonando o ventrezinho às suas carícias.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 348

FORMAS NOMINAIS:

6. INF. IMPESS. «Seria só questão de inesperadamente ***romper a falar***-lhe da Y, sem sequer a identificar, tratando apenas de tentar descrevê-la, (...).»

D. Mourão-Ferreira, *A. F.*, p. 182

Romper + a + inf. faz parte de um grupo de construções perifrásticas (as outras são **deitar + a + inf.**, **pegar + a + inf.**, **desatar + a + inf.** e **largar + a + inf.**) que se caracteriza por apresentar um paradigma bastante defectivo na norma e ainda por expressar, digamos assim, 'ingressão abrupta' de uma acção verbal mais do que o valor aspectual que estamos a estudar.[34] Porém, como a seguir se verá, algumas distinguem-se entre si por coocorrerem preferentemente com este ou aquele tipo de verbos e não com outros.[35] Assim, por exemplo, a perífrase de que estamos a tratar coocorre numa percentagem elevada (cf. os exemplos) com verbos do tipo de ***gemer***, ***chamar***, ***chorar***, ***ladrar***, ***falar***. Em menor percentagem, todavia, também pode coocorrer com outro(s) tipo(s) de verbos: ***contar***, etc.

g) DEITAR + A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «Sempre que vê uma sombra na escuridão, ***deita a fugir*** que nem uma cavalgadura.»

2. PRET. IMP. «A raposa, quando via algum humano, ***deitava a correr*** velozmente tentando esconder-se.»

3. PRET. PERF. «– Esteve aí, mas ***deitou a correr***, para ir arranjar uma comenda para o Euzébiozinho – disse Carlos, abrindo a carta.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 254

4. PRET. M.-Q.-PERF. «Porque o vira (e não contava), ***deitara a fugir*** que nem um louco.»

---

[34] Duvidando o nosso orientador que as perífrases **desatar + a + inf.** e **romper + a + inf.** "tenham valor inceptivo e até aspectual", como nos confessou numa (a última) das nossas sessões de trabalho (e mandando, para o efeito, confrontá-las com as expressões: 1. **desatar em pranto, desatar às gargalhadas;** 2. **romper em pranto / lágrimas, romper às gargalhadas, romper em gritos**), admite, no entanto, e por sugestão nossa, que talvez expressem valor aspectual **ingressivo**. Prometemos (num futuro próximo) regressar a estas matérias e tentar dilucidar melhor a(s) significação(ões) das referidas construções perifrásticas.

[35] Cf. os respectivos *corpora* de exemplos e seus comentários. Como propriedade comum a estas cinco construções parece ser também a sua não coocorrência com os verbos cópula.

FORMAS NOMINAIS:

5. GER. «E ***deitando a correr*** com uma graciosa agilidade, foi buscar a chave que Roberta lhe pedia.»

J. Dinis, *S. P.*, p. 299

Como se pode ver pelos exemplos do paradigma, **deitar + a + inf.** é uma estrutura que, contrariamente à anterior, coocorre unicamente com os verbos ***correr*** e ***fugir***.

h) DESATAR + A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «(...). E quando oiço falar dessas histórias caricatas, ***desato a rir*** até perder o fôlego.»

2. PRET. IMP. «Então, porque não ***desatava*** eu ***a falar***-lhe da Y? Só com receio de a magoar?»

D. Mourão-Ferreira, *A. F.*, p. 183

3. PRET. PERF. «O Sócrates é um tipo de maus costumes, como sabe, e depois daquela jigajoga das perguntas para me entalar, ***desatou a fazer*** um elogio descarado dos adolescentes.»

V. Ferreira, *A. ao F.*, p. 138

4. PRET. M.-Q.-PERF. «Logo que ouvira tocar a campainha, ***desatara a correr*** para ver quem era.»

5. FUT. do PRES. «Se os pais não lhes comprarem o que tinham prometido, os filhos ***desatarão a chorar*** feitos uns desalmados.»

Se bem se reparou nos exemplos, **desatar + a + inf.** parece representar uma combinação de **romper + a + inf.** e **deitar + a + inf.**, pois, ao contrário destas últimas (que ocorrem com verbos de campos semânticos distintos), coocorre com ambos os tipos de verbos (1. ***rir***, ***chorar*** e 2. ***correr***) sem, no entanto, deixar de combinar-se com outros verbos (***falar***, ***fazer***, etc.).

i) PEGAR + A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «(...). É então que ***pegam a falar*** do passado.»

2. PRET. IMP. «Sempre que se encontravam na rua ***pegavam a discutir*** política.»

3. PRET. PERF. «Neste ponto do discurso, deixei-o falar sozinho e ***peguei a cismar*** comigo.»

M. de Assis, *D. C.*, p. 326

Pegar + a + inf. parece distinguir-se do grupo das cinco construções que estamos a analisar, porque (e assim se caracterizando) não apresenta preferências de combinação/coocorrência e também (pois não encontramos quaisquer exemplos na norma linguística portuguesa) porque não aparece com os verbos preferidos das demais perífrases (ou seja, das outras quatro estruturas). São, por isso, muito poucos os exemplos para permitirem uma avaliação pertinente. Em todo o caso, não é uma perífrase de uso corrente.

j) LARGAR + A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «O povo de Elvas e de muitas léguas em redor assiste na estrada, depois ***larga a correr*** através dos campos para se colocar, espectador, ao longo do rio, é um mar de gente de um e outro lado, portugueses de cá, espanhóis de lá, dão vivas e parabéns, (...).»

J. Saramago, *M. C.*, p. 316

2. PRET. IMP. «Mal se aproximavam, os cães ***largavam a ladrar***, mas daí a pouco calavam-se, (...).»

J. Saramago, *J. P.*, p. 248

3. PRET. PERF. «Então o avô, sem se conter, ***largou a rir***, caído para o espaldar da cadeira:
– Essa é boa! Eh! Eh! Já faz ladear a 'Brígida'!»

E. de Queiroz, *M.*, p. 62

4. PRET. M.-Q.-PERF. «Quando chegara à casa do seu amigo Jorge e vira o grande cão que guardava os portões, ***largara a correr*** que nem um doido.»

Largar + a + inf. (a última construção perifrástica deste grupo das cinco), sem deixar de poder combinar-se com outros verbos, coocorre (quase?) sempre com ***correr***.

Finalmente, ainda como construções de **fase inceptiva**, mas apenas variantes da norma brasileira (porque só as documentámos em textos desta variante do português), temos **entrar + a + inf.** e **meter-se + a + inf.**

l) ENTRAR + A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «Estávamos contentes, ***entramos a falar*** do futuro.»

M. de Assis, *D. C.*, p. 241

2. PRET. IMP. «Pobre Luís Dutra! Apenas publicava alguma coisa, corria à minha casa, e ***entrava a girar*** em volta de mim, à espreita de um juízo, de uma palavra, de um gesto, que lhe aprovasse a recente produção, (...).»

M. de Assis, *M. P. B. C.*, p. 78

3. PRET. PERF. «O major agradeceu comovido. E ***entrou a falar*** do Assú. Lembrava-se como se fosse hoje da chegada do padre Amâncio.»

J. Lins do Rego, *P. B.*, p. 93

CONJUNTIVO:

4. PRET. IMP. «(...), até que outro tiroteio desviasse a tropa para outras famílias e outro pai e outra mãe de cangaceiros ***entrasse a pagar*** pelos crimes dos filhos.»

J. Lins do Rego, *P. B.*, p. 166

m) METER-SE + A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRET. PERF. «Li-a e ***meti-me a refutá***-la. Não me recorda um só dos argumentos que empreguei, nem talvez interesse conhecê-los, agora que o século está a expirar; (...).»

M. de Assis, *D. C.*, p. 287

2. PRET. M.-Q.-PERF. «Desde que ***se metera a desenhar***, era uma das suas diversões; tudo lhe servia de papel e lápis.»

M. de Assis, *D. C.*, p. 236

CONJUNTIVO:

3. PRES. «(...): "Não tenhas ciúmes de tua mulher para que ela não ***se meta a enganar***-te com a malícia que aprender de ti".»

M. de Assis, *D. C.*, p. 346

4. PRET. IMP. «Se ele ***se metesse a censurar*** o procedimento dos soldados, diriam logo: "Protector de bandidos. O que ele quer é deixar o Assú livre da força para melhor se entender com os cabras".»

J. Lins do Rego, *P. B.*, p. 178

Entrar + a + inf. e **meter-se + a + inf.**, talvez por serem variantes de uso mais reduzido, apresentam os paradigmas bastante incompletos. E, relativamente à coocorrência verbal, parecem combinar-se apenas com verbos 'durativos' (cf. exemplos dos paradigmas), rejeitando, por conseguinte, verbos 'momentâneos' e também os verbos cópula.

2.2.3. A subategoria aspectual **fase progressiva**

Expressa esta subcategoria a consideração da acção verbal depois do seu começo, isto é, em progressão [cf. fig. 3 – (3)].

Ir + gerúndio (progressiva prospectiva) e **vir + gerúndio** (progressiva retrospectiva) são as construções que expressam este valor aspectual na norma linguística portuguesa. São perífrases que apresentam um sincretismo formal e também de conteúdo com a **visão prospectiva** e a **visão retrospectiva**, respectivamente. Por isso, e segundo Coseriu e Dietrich, o carácter 'progressivo' apresenta-se como uma função secundária das subcategorias da VISÃO PARCIALIZADORA.[36]

2.2.4. A subcategoria aspectual **fase continuativa**

A **fase continuativa** assinala a consideração da acção verbal mais ou menos a meio da linha do seu percurso total, ou seja: depois da sua progressão e bastante antes da sua conclusão [cf. fig. 3 – (4)].

As perífrases que na norma portuguesa expressam este conteúdo aspectual são as mesmas que realizam a subcategoria da VISÃO PARCIALIZADORA, **visão continuativa**: **continuar + a + inf.** e **continuar + ger.** Daí representarem um sincretismo formal e também de conteúdo.

[36] Para os exemplos, *vide* os paradigmas da **visão prospectiva (ir + ger.)** e da **visão retrospectiva (vir + ger.)** já estudados.

Para além destas estruturas, **ficar + a + inf.**, **ficar + ger.**, **andar + a + inf.** e **andar + ger.** também expressam, secundariamente, esta função gramatical aspectual.[37]

2.2.5. A subcategoria aspectual **fase pré-final**

Significa este valor a consideração da acção verbal quase no seu termo, isto é: distante do ponto médio do seu percurso e próximo da conclusão [cf. fig. 3 – (5)].

Estar + a + acabar + de + infinitivo (que é, rigorosamente, uma combinação de duas perífrases: **estar a + acabar de + infinitivo**) é o instrumento que serve à expressão deste conteúdo gramatical na norma linguística portuguesa.[38]

ESTAR+ A + ACABAR + DE + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «O senhor Presidente ***está a acabar de escrever*** uma carta e já vai.»

2. PRET. IMP. «O senhor Barbosa é que foi dar à manivela depois de a ter visto e não se pôde conter sem acender um charuto com cinta de ouro que queria guardar para a saída do espectáculo. Só quando ***estava*** quase ***a acabar de*** o ***fumar*** é que se lembrou de perguntar se as incomodava o fumo.»

A. Negreiros, *E.*, pp. 22-23

3. FUT. do PRES. «Nessa altura ***estarei a acabar de ler*** o novo volume sobre a guerra colonial que foi publicado há dias.»

4. FUT. do PRET. «Ah! Nessa ocasião, ***estaria a acabar de licenciar-se*** em Medicina.»

CONJUNTIVO:

5. PRES. «– A Manuela ainda não chegou.
   – Talvez ***esteja a acabar de redigir*** o último capítulo do seu trabalho.»

---

[37] Para os exemplos, *vide* os paradigmas da **visão continuativa** (**continuar + a + inf.** e **continuar + ger.**), da **visão extensiva** (**ficar + a + inf.** e **ficar+ ger.**) e da **visão comitativa** (**andar + a + inf.** e **andar + ger.**).

[38] Talvez também **estar + para + acabar + de + inf.** expresse este valor aspectual. Porém, como não encontrámos qualquer exemplo no nosso *corpus*, resolvemos não a incluir/considerar enquanto não tivermos mais informações sobre a sua verdadeira essência.

6. PRET. IMP. «Se ***estivessem a acabar de preparar*** as coisas para a festa não teriam vindo tão cedo.»

7. FUT. «Se ***estiver a acabar de fazer*** qualquer coisa, nunca a abandono. Tenho que a acabar mesmo.»

FORMAS NOMINAIS:

8. INF. IMPESS. «Poderão ***estar a acabar de construir*** a sua própria casa, mas nunca nos informaram de nada.»

9. INF. PESS. «Quem lhes dera ***estarem a acabar de fazer*** a legislação sobre a reforma do sistema educativo em Portugal!»

10. GER. «***Estando a acabar de tomar*** banho, a senhora Antónia escorregou na banheira e deslocou o osso da bacia.»

Este paradigma, que, aliás, se apresenta bastante completo, parece não funcionar nas morfotaxes 'pretérito perfeito', 'pretérito mais-que-perfeito' do indicativo e 'imperativo'. Pelo menos não são sentidas como funcionais/normais na norma linguística portuguesa contemporânea: nas duas primeiras, porque conserva o significado léxico; na última, porque não funciona mesmo, pois a ordem ou a exortação, neste caso, não tem sentido.

Também, como os exemplos documentam, só os verbos 'durativos' coocorrem efectivamente com esta construção.

2.2.6. A subcategoria aspectual **fase final**

O valor aspectual **fase final** (ou **conclusiva**) assinala a consideração da acção verbal (que se vinha desenvolvendo) no seu momento derradeiro [cf. fig. 3 – (6)].

A perífrase que expressa esta função gramatical na norma linguística portuguesa é **acabar + de + infinitivo**.[39] Para além desta estrutura, existe, todavia, uma outra (sua variante) que, embora muito menos frequente, também pode expressar este valor aspectual: **terminar + de + infinitivo** (exs.: «O aluno ***terminou de fazer*** a sua cópia.»; «Os operários ***terminarão de construir*** os primeiros pisos do bloco habitacional SOTTO MAYOR na próxima semana.»; etc.).

[39] Sobre **acabar + de + inf.** (de valor temporal) e **acabar + de + inf.** (de valor aspectual), *vide* cap. II.1.4.

ACABAR + DE + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «Afonso da Maia aprovou plenamente a compra das colecções do Craft. "É um valor", disse ele ao Vilaça, "e ***acabamos de encher*** com boa arte Santa Olávia e o Ramalhete".»

E. de Queiroz, *M.*, p. 415

2. PRET. IMP. «Lalá não ***acabava de rir*** e eu deixei-a estar, Miguel voltou-se a olhar. Depois cessou.»

V. Ferreira, *A. ao F.*, p. 128

3. PRET. PERF. «Havia o ruído do tráfego e isso era afinal um modo de preencher o vazio. E quando ***acabou de fumar***, ela disse:
– Precisava de tomar um banho e dormir um pouco.»

V. Ferreira, *A. ao F.*, p. 189

4. PRET. M.-Q.-PERF. «O fulano ***acabara de jantar***. No prato onde comera, jaziam, apetitosos, os restos do frango pedrês que a patroa velha degolara de manhãzinha.»

M. Torga, *B.* (conto 'Nero'), p. 16

5. FUT. do PRES. «Só daqui a alguns dias é que ***acabarei de redigir*** este capítulo.»

6. FUT. do PRET. «Afonso, no entanto, perguntava também ao Ega pela comédia – O quê! Já abandonada? Quando ***acabaria*** então o bravo John ***de fazer*** bocados incompletos de obras-primas?...»

E. de Queiroz, *M.*, p. 384

CONJUNTIVO:

7. PRES. «Subitamente, el-rei compreende que a sua vida será curta, que curtas são todas as vidas, que muita gente morreu e morrerá antes que se ***acabe de construir*** Mafra, que ele próprio poderá amanhã fechar os olhos para todo o sempre.»

J. Saramago, *M. C.*, p. 288

8. PRET. IMP. «Mas foi necessário que o marquês ***acabasse de bracejar, de desenrolar*** o arrazoado com que estava acabrunhando o Craft – que do fundo da poltrona, de cachimbo na mão e com ar de sono, respondia por monossílabos.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 214

9. FUT. «Se ***acabarem de construir*** a casa a tempo, poderão gozar de uma bela gorjeta.»

10. **IMPERATIVO:** «***Acabem de se aprontar***, que está na hora da cerimónia.»

FORMAS NOMINAIS:

11. INF. IMPESS. «– Aí temos o nosso Maia, Carolus Eduardus ab Maia, começando a sua gloriosa carreira, preparado para salvar a humanidade enferma – ou ***acabar de*** a ***matar***, segundo as circunstâncias!»

E. de Queiroz, *M.*, p. 95

12. INF. PESS. «(...), sobre o Rossio caem as grandes sombras do convento do Carmo, as mulheres mortas são descidas sobre os tições para ***se acabarem de consumir***, e quando já for noite serão as cinzas espalhadas, (...).»

J. Saramago, *M. C.*, p. 54

13. GER. «Carlos encontrava quase sempre o avô já na sala de jantar, ***acabando de percorrer*** algum jornal junto ao fogão, onde a tépida suavidade daquele fim de Outono não permitia acender o lume, mas verdejando todo de plantas de estufa.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 101

Acabar + de + inf. apresenta o seu paradigma completo na norma: esta é a sua principal característica. Só se combina, como é lógico, com verbos 'durativos'.

Na forma negativa (cf. exemplo n.° 2, para o 'pretérito imperfeito do indicativo'), conserva, de forma mais clara, o seu significado léxico. E, neste caso, indica, por conseguinte, não o seu término, mas sim a permanência/continuação numa fase anterior.

2.2.7. A subcategoria aspectual **fase egressiva**

Este valor aspectual corresponde à consideração da acção verbal depois do seu ponto final, isto é, depois da sua conclusão [cf. fig. 3 – (7)].

Este valor aspectual encontra, na norma linguística portuguesa actual, o seguinte instrumento de expressão gramatical: **ter + particípio flexionado**. Esta construção, como é de fácil intuição, só pode ocorrer, neste sentido, com verbos transitivos com objecto directo expresso. Assim, por exemplo, em «Os obreiros ***começam a construir*** a casa social.», temos: 1. Os obreiros (já) ***têm*** a casa social ***construída***; 2. (...) ***tinham*** a casa social ***construída***; 3. (...) ***terão*** a casa social

construída; 4. (...) ***teriam*** a casa social ***construída***; 5. (...) ***tenham*** a casa social ***construída***; 6. (...) ***tivessem*** a casa social ***construída***; 7. (...) ***tiverem*** a casa social ***construída***; 8. (...) ***ter*** a casa social ***construída***; 9. (...) ***tendo*** a casa social ***construída***.

Note-se que, apesar de o particípio se encontrar flexionado, este facto não impede de que se considere a construção como uma verdadeira perífrase verbal, porque o particípio tem aí um valor manifestamente verbal – 'participando' embora do valor de adjectivo.

Tendo estudado as principais 'fases' de uma acção verbal e sua expressão perifrástica em português contemporâneo, resta-nos analisar três outras construções (consideradas por W. Dietrich como perífrases de **fase final**[40], mas que, para nós, não possuem essa função nem indicam propriamente uma fase especial do desenrolar de uma acção verbal) que são: **parar + de + inf.**, **cessar + de + inf.** e **deixar + de + inf.** Estas estruturas funcionam, segundo nos parece, como 'paragens' no desenvolvimento de uma acção verbal, isto é, podem interceptar o curso de uma qualquer acção verbal depois da **fase inceptiva** e antes da **fase final**.

a) PARAR + DE + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «Deixe lá, quando os homens forem todos poetas ***param de escrever*** versos.»

J. Saramago, *J. P.*, p. 65

2. PRET. IMP. «Ai esta terra, repetiu, e não ***parava de rir***, (...).»

J. Saramago, *A. M. R. R.*, p. 281

3. PRET. PERF. «– Sabes, Claudinho, Deus não existe.
Olho-a, ela está a rir-se para mim. Meu pai não ***parou de comer***. E eu digo:
– Ah, sim? Mas isso é estupendo. Como diabo é que ele não existe?»

V. Ferreira, *A. ao F.*, pp. 18-19

4. PRET. M.-Q.-PERF. «... e a criança ***parara de chorar***.»

[40] *Op. cit.*, p. 218.

FORMAS NOMINAIS:

5. INF. IMPESS. «Quero ***parar de pensar*** e não sou capaz.»

6. GER. «Ao nome do Ega, Vilaça, ***parando de baralhar*** as cartas, erguera a face curiosa:
– Então sempre é certo que ele vai montar casa?»

E. de Queiroz, *M.*, p. 116

b) CESSAR + DE + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRET. IMP. «(...); e não ***cessava de repeti***-lo, à medida que avançava, como a prometer que me reservaria a apoteose daquela ronda de saudações.»

D. Mourão-Ferreira, *A. F.*, p. 101

2. PRET. PERF. «Caetano da Maia limitou-se a desterrar o filho para a Quinta de Santa Olávia; mas não ***cessou de chorar*** no seio dos padres que vinham a Benfica a desgraça da sua casa.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 14

3. PRET. M.-Q.-PERF. «E o velho negreiro esfregava as mãos, satisfeito de o saber assim feliz em Santa Olávia, porque nunca ***cessara de tremer*** à ideia de ver em Arroios, diante de si, aquele fidalgo tão severo e de vida tão pura.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 38

Parar + de + inf. e **cessar + de + inf.**, na forma afirmativa, significam uma interrupção mais ou menos longa do desenvolvimento próprio de uma acção verbal. Pelo contrário, na forma negativa (a maior parte dos casos documentados) significa a permanência na respectiva fase do seu desenrolar.

Relativamente à coocorrência verbal, são construções que se combinam tanto com verbos plenos como com verbos cópula. Os verbos plenos são, de preferência, 'durativos', como é lógico.

Finalmente, o carácter incompleto dos paradigmas aqui apresentados não quer significar que estejamos diante de casas efectivamente vazias na norma, mas tão-só que não foram encontrados os exemplos. Portanto, todas as outras morfotaxes são perfeitamente normais e funcionais em português contemporâneo.

c) DEIXAR + DE + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «A nuvem afastou-se para dentro da terra, maneira de dizer, pela terra dentro, para o interior dos campos, embora nunca se possa saber que faz uma nuvem quando ***deixamos de olhar*** para ela, ou quando se esconde por trás daquele monte, (...).»

J. Saramago, *M. C.*, p. 330

2. PRET. IMP. «E também me disse que ***deixava de vir*** ao médico a Lisboa, que não tem cura, coitada, (...).»

J. Saramago, *A. M. R. R.*, p. 304

3. PRET. PERF. «Quem é? eu perguntava e ela ia remediando a minha curiosidade, até que ***deixei de perguntar***, farto.»

V. Ferreira, *A. ao F.*, p. 113

4. PRET. M.-Q.-PERF. «Também queria saber o que eu tinha feito do cavalo que era tão airoso que um domingo até ***deixara de ouvir*** missa por ter ficado a ver-me a dar galopes no adro e a saltar uma oliveira que tinham tirado por causa da barraca da quermesse.»

A. Negreiros, *E.*, p. 51

5. FUT. do PRET. «(...), com algum estudo ***deixaria de cometer*** erros de ortografia, livrava-se daquela vida de criada de hotel.»

J. Saramago, *A. M. R. R.*, p. 326

CONJUNTIVO:

6. PRES. «(...), faça-o pelo seu pai, mesmo que ***deixe de acreditar*** na cura, (...).»

J. Saramago, *A. M. R. R.*, p. 131

7. PRET. IMP. «(...), talvez fosse ao médico e ***deixasse de beber***, (...).»

J. Saramago, *A. M. R. R.*, p. 52

8. **IMPERATIVO:** «(...), se é mulher que queres ser, ***deixa de ser*** rainha, o resto só saberás depois, (...).»

J. Saramago, *M. C.*, p. 255

FORMAS NOMINAIS:

9. INF. IMPESS. «Mas não consigo ***deixar de realizá***-los como qualquer coisa a meio caminho entre um passatempo e um culto.»

D. Mourão-Ferreira, *A. F.*, p. 19

10. GER. «Que acontecerá quando se interpuser no caminho da península uma fossa abissal, ***deixando de existir***, portanto, uma superfície contínua de desligamento.»

J. Saramago, *J. P.*, p. 138

Contrariamente às duas últimas perífrases, **deixar + de + inf.** significa um 'abandono' de algo que se vinha, vem ou virá fazendo. Isto, na forma afirmativa. Na negativa, significa também permanência nesse estado/fase.

Relativamente à coocorrência verbal e ao carácter incompleto do paradigma, o mesmo que se passa com **parar + de + inf.** e **cessar + de + inf.**

2.3. A categoria aspectual da **colocação**

Esta categoria aspectual, ao contrário das duas anteriores (que nos informam acerca do desenvolvimento da acção verbal), assinala a relação de uma acção com outra (ou outras) acção(ões) do contexto. Este, como W. Dietrich (autor que acrescentou esta categoria aspectual ao modelo coseriano) refere, «se introduce implícitamente y a menudo sólo en general, es decir, no en relación a determinadas acciones, sino sólo en relación con ciertas acciones posibles, y constituye un segundo plano con respecto al cual se considera o 'coloca' la acción explícita».[41] Assim sendo, os termos da oposição correspondem ao 'plano da acção considerada' e ao 'plano da acção (ou acções) não considerada(s)', ou, simplesmente, **considerada/não considerada(s)**.

A **colocação** compreende três subcategorias e todas representadas perifrasticamente na norma linguística portuguesa contemporânea, a saber: 1. **alinhamento** (ou **ordem**), 2. **disposição resultante** e 3. **demarcação**.

2.3.1. A subcategoria aspectual **alinhamento** (ou **ordem**)

Significa esta subcategoria a 'ordem' de ocorrência da acção verbal 'considerada'. De acordo com este princípio, uma acção pode alinhar-se no seu começo, no meio, ou

[41] *Op. cit.*, p. 220.

no seu termo. Em português, porém, só o 'alinhamento' da acção verbal no seu começo (cf. fig. 4) e no seu termo (cf. fig. 5) se encontra realizado perifrasticamente.[42]

Os significantes (= perífrases) que expressam este(s) valor(es) aspectual(ais) na norma linguística portuguesa são **começar + por + infinitivo** (ou **começar + gerúndio**), para o começo; **acabar + por + infinitivo** (ou **acabar + gerúndio**) e **terminar + por + infinitivo** (ou **terminar + gerúndio**), para o fim.

1. **começa por**

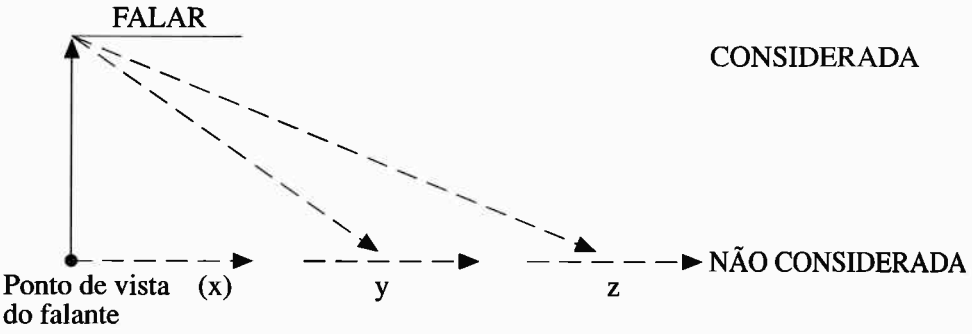


Fig. 4

2. **acaba por**

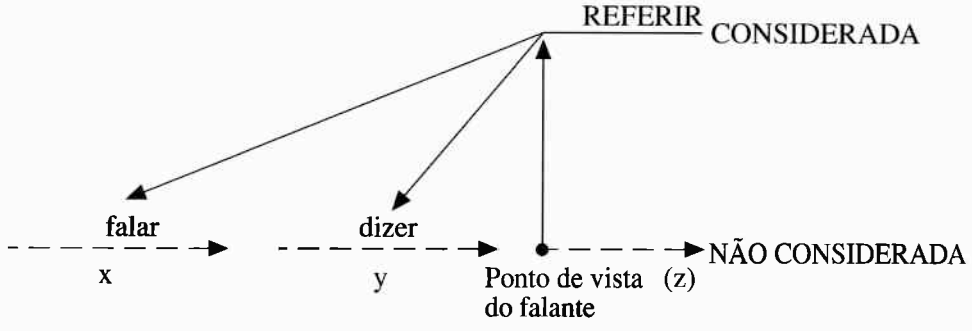


Fig. 5

[42] As figuras n.os 4 e 5, aqui reproduzidas, são de autoria de W. Dietrich (cf., por isso, *op. cit.*, pp. 220 e 221).

Antes de estudarmos os seus paradigmas, convém referir que **começar + por + infinitivo** e **começar + ger.**, por um lado, e **acabar + por + inf.** e **acabar + ger.**, por outro, representam variantes da **norma**, para o alinhamento da acção verbal no seu começo e no seu término, respectivamente; e que **terminar + por + inf.** e **terminar + ger.** constituem variantes de **acabar + por + inf.** e **acabar + ger.**, também respectivamente.

a) COMEÇAR + POR + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «(...), embora se saiba que muitas vezes ***começamos por falar*** de horizonte porque é o mais curto caminho para chegar ao coração.»

J. Saramago, *A. M. R. R.*, p. 352

2. PRET. IMP. «***Começavam por falar*** de Miss Sara, daquele tempo agreste e húmido que lhe era tão desfavorável.»

E. de Queiroz, *M.*, pp. 365-366

3. PRET. PERF. «– Inês – disse eu – precisava muito de falar consigo – disse-lhe quando me sentei ao pé. ***Começou por ter*** dores fortes de cabeça. Depois a vista turbou-se-lhe. Depois ficou logo em coma, levaram-na para o hospital. Derrame cerebral, levaram-na, morreu.»

V. Ferreira, *A. ao F.*, p. 80

4. PRET. M.-Q.-PERF. «***Começara por referir*** o que tinham pensado outros autores sobre o mesmo assunto. Depois, adiantou a sua própria opinião.»

5. FUT. do PRES. «Os congressistas ***começarão por expor*** os problemas teóricos da questão, para, depois, passarem à prática.»

6. FUT. do PRET. «Davam por falta do frade, ***começariam por buscá***-lo na cela, depois por todo o convento, no refeitório, na sala do capítulo, na livraria, na horta, o abade dá-lo-ia por fugido, (...).»

J. Saramago, *M. C.*, pp. 346-347

CONJUNTIVO:

7. PRES. «Oxalá ***comecem por debater*** a problemática do pacote laboral, pois, de outro modo, haverá grandes querelas entre as partes interessadas.»

8. PRET. IMP. «Se ***começasse por ser*** menos radical, teria tido menos dores de cabeça.»

9. **IMPERATIVO:** «***Comece por acreditar*** que isso é perfeitamente normal.»

J. – 1988/04/8-14

FORMAS NOMINAIS:

10. INF. IMPESS. «A Flora já sabe qual o motivo deste inquérito. Podia ***começar*** justamente ***por perguntar***-lhe o que pensa dele, ou seja, se acha oportuno que nos interroguemos sobre a situação da juventude, tanto mais que Flora é professora de jovens.»

V. Ferreira, *A. ao F.*, p. 70

11. GER. «Para si mesma tinha escolhido mais um *bloody Mary*, e veio deitar-se de bruços junto do meu cadeirão, ***começando*** logo ***por*** me ***perguntar***:
"Você viu aquilo? Ouviu aquilo?"»

D. Mourão-Ferreira, *A. F.*, p. 96

b) COMEÇAR + GERÚNDIO

INDICATIVO:

1. PRES. «No início de cada semana académica, os estudantes ***começam cantando*** o fado numa 'serenata monumental'.»

2. PRET. IMP. «Sempre que se interrogava alguém sobre a justiça social, as pessoas que se encontravam perto ***começavam ripostando*** com gargalhadas irónicas.»

3. PRET. PERF. «Como que hipnotizado, ***comecei descrevendo*** à Y – a tentar descrever-lhe – esta casa que eu tinha a certeza de nunca ter visto, mas que mentalmente se me representava nos seus mínimos pormenores.»

D. Mourão-Ferreira, *A. F.* , p. 51

A desproporcionalidade dos paradigmas apenas nos informa da sua vitalidade na norma (**começar + por + inf.** é muito mais frequente que **começar + ger.**) e não do seu carácter funcional: ambas as construções são perfeitamente normais, porquanto se efectivam na respectiva norma, tal como os exemplos o demonstram (muito embora faltem exemplos contextualizados para todas as morfotaxes).

E no que à coocorrência/combinação verbal diz respeito, documentamos, quer o uso de verbos plenos ('durativos' e 'momentâneos'), quer o uso de verbos cópula.

c) ACABAR + POR + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «Através do espantoso percurso das personagens principais ***acaba por ressaltar*** afinal uma veemente elegia da perseverança e da luta pela sobrevivência, numa dimensão telúrica portentosa, sentimentos que caem bem em qualquer momento mas que aqui se justificam amplamente.»

J. – 1987/10/23-29

2. PRET. IMP. «Era um tipo perigoso. Inventava as palavras e a gente ***acabava por ter*** de meter lá as coisas mesmo que lá não coubessem.»

V. Ferreira, *A. ao F.*, p. 188

3. PRET. PERF. «O PRD, com Ramalho Eanes, mostrou-se porventura mais activo, mas essa actividade ***acabou por acentuar*** a ideia de que não tem estratégia.»

E. – 1986/12/27

4. PRET. M.-Q.-PERF. «Completamente arrasada, (...), por mais um dos seus incontáveis concursos, ***acabara por decidir***, com o seu clínico pragmatismo de para grandes males grandes remédios, empenhar umas jóias de família e (...).»

D. Mourão-Ferreira, *A. F.*, p. 89

5. FUT. do PRES. «Enfim, tudo ***acabará por saber-se*** com o tempo. Agora faz sol, não tem chovido, e os matos estão cobertos de flores, os pássaros cantam.»

J. Saramago, *M. C.*, pp. 36-37

6. FUT. do PRET. «(...). Este pensou então em Errol Flynn, mas ***acabaria por ser convencido*** pela opinião pública.»

J. – 1987/10/23-29

CONJUNTIVO:

7. PRES. «Depois de tanto me terem prevenido de que não abrisse bico sobre o meu caso, em Espanha não irão gostar quando souberem, mas se eu ficar por cá uns dias talvez que ***acabem por esquecer-se*** de mim.»

J. Saramago, *J. P.*, p. 114

8. PRET. IMP. «A ligação estava tão má que eu tinha de ir repetindo praticamente tudo o que a Y murmurava para que tudo ***acabasse por fazer*** sentido.»

D. Mourão-Ferreira, *A. F.*, p. 189

FORMAS NOMINAIS:

9. INF. IMPESS. «Não me diga, Ai digo, digo, vai ver que eles vão ***acabar por confessar***.»

J. Saramago, *J. P.*, p. 39

10. GER. «Vi então o imperador escutando-me, reflectindo e ***acabando por dizer*** que sim, que iria falar a minha mãe; eu beijava-lhe a mão com lágrimas.»

M. de Assis, *D. C.*, p. 212

d) ACABAR + GERÚNDIO

INDICATIVO:

1. PRES. «Mandarim grita: "Clariiissa!"
Ela nem sequer levanta os olhos para o papagaio. Pode gritar à vontade. Não tem mais espírito. Também isto todos os dias ***acaba cansando***.»

É. Veríssimo, *C.*, p. 76

2. PRET. IMP. «(...); por outro lado, se contasse um, teria que contar todos os que a ele se prendessem, e ***acabava fazendo*** um capítulo de psicologia.»

M. de Assis, *M. P. B. C.*, p. 171

3. PRET. PERF. «E Bento ***acabou se acamaradando*** com Severino.»

J. Lins do Rego, *P. B.*, p. 174

4. PRET. M.-Q.-PERF. «Meu pai, que, à força de persuadir os outros da nossa nobreza, ***acabara persuadindo-se*** a si próprio, nutria contra ele um ódio puramente mental.»

M. de Assis, *M. P. B. C.*, p. 33

5. FUT. do PRET. «Em pouco tempo eu me acostumaria aos companheiros e aos mestres, e ***acabaria gostando*** de viver com eles.»

M. de Assis, *D. C.*, p. 232

CONJUNTIVO:

6. PRET. IMP. «Capitu agarrou-me, mas, ou por temer que eu ***acabasse fugindo***, ou por negar de outra maneira, correu adiante e apagou o escrito.»

M. de Assis, *D. C.*, p. 194

FORMAS NOMINAIS:

7. INF. IMPESS. «(...); tais eram que me fariam capaz de ***acabar casando*** com ela, se não fosse Capitu.»

M. de Assis, *D. C.*, p. 251

Apesar de não termos encontrado exemplos para todas as casas da norma, não podemos deixar de frisar a funcionalidade e a vitalidade das referidas construções, como expressão do 'alinhamento no fim', em português contemporâneo.

Como se pode averiguar pelas fontes dos exemplos, verificamos que **acabar + por + inf.** é a estrutura que se usa de preferência na norma portuguesa de Portugal e **acabar + ger.** é, pelo contrário, a estrutura preferida na norma portuguesa do Brasil.[43]

A coocorrência verbal destas duas perífrases é semelhante à das perífrases anteriores (**começar + a + inf.** e **começar + ger.**).

e) TERMINAR + POR + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRET. IMP. «(...); até que, com um esforço, sacudia este torpor, passeava na sala, abria aqui e além pelas estantes um livro, tocava no piano dois compassos de valsa, espreguiçava-se – e, com os olhos nas flores do tapete, ***terminava por decidir*** que aquelas duas horas de consultório eram estúpidas!»

E. de Queiroz, *M.*, p. 103

2. PRET. PERF. «Agora, uma estreita tira de água e monte que se avistava entre dois prédios de cinco andares, separados por um corte de rua, formava toda a paisagem defronte do Ramalhete. E, todavia, Afonso ***terminou por*** lhe ***descobrir*** um encanto íntimo.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 10

3. PRET. M.-Q.-PERF. «Houve um silêncio. A sr.ª Adélia ***terminara por descansar*** familiarmente numa cadeira, com a sua trouxazinha no regaço.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 284

FORMAS NOMINAIS:

4. GER. «D. Margarida saudou-me com o mais amável dos seus sorrisos, e dirigiu-me duas graças benevolamente maliciosas, sobre o meu passeio em jejum, ***terminando por*** me ***colocar*** à sua direita, defronte de um magnífico chocolate que deveras me deleitou.»

J. Dinis, *S. P.*, p. 14

[43] Esta mesma observação serve para **começar + por + inf.** e **começar + ger.**

f) TERMINAR + GERÚNDIO

INDICATIVO:

1. PRES. «Lembrava-se bem das palavras dele: "António, não há o que fazer mais. ***Terminam liquidando*** os pobres".»

J. Lins do Rego, *P. B.*, p. 232

2. PRET. PERF. «E o que sucedeu foi uma desgraça. Dois meninos da cidade ***terminaram caindo*** na sedução do tal.»

J. Lins do Rego, *P. B.*, p. 56

CONJUNTIVO:

3. PRET. IMP. «Ele mesmo se assustava, temia que ***terminasse acreditando*** nas histórias da Pedra.»

J. Lins do Rego, *P. B.*, p. 215

Estas estruturas, que nós considerámos como variantes de **acabar + por + inf.** e **acabar + ger.**, respectivamente, são de uso bastante mais reduzido que estas últimas. E, a comprovar pelos exemplos documentados, podemos até dizer que se apresentam como variantes estilísticas típicas de certos autores: **terminar + por + inf.**, em textos portugueses (Eça de Queiroz e Júlio Dinis) e **terminar + ger.**, em textos brasileiros (José Lins do Rego).

Quanto à combinação de ocorrência verbal, embora faltem exemplos para comprová-lo na sua totalidade, podemos dizer que é semelhante à das construções suas congéneres que estudámos há pouco.

Devemos considerar, finalmente, uma outra variante, tipicamente estilística, de **acabar + por + inf.** (que apenas documentámos em Eça de Queiroz) e que, relativamente à sua frequência de ocorrência, é aquela que (comparada com as restantes) aparece muitíssimo mais raramente, a saber: **findar + por + infinitivo**. Vejamos, então, alguns exemplos do seu paradigma que comprovam o que acabamos de dizer.

g) FINDAR + POR + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRET. PERF. «E suspirou, ***findou por dizer***, um pouco murcho, que era por ser entre cavalheiros, e com amizade, que aceitava os cem mil réis...»

E. de Queiroz, *M.*, p. 541

FORMAS NOMINAIS:

2. GER. «Era esse medo que já na véspera o trouxera todo o dia por fora no *dog-cart*, ***findando por jantar*** lugubremente com o Cruges, escondido num gabinete do Augusto.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 665

2.3.2. A subcategoria aspectual **disposição resultante**

Ao invés da anterior subcategoria, a **disposição resultante** indica que a acção verbal se apresenta como um resultado relativamente às acções não 'consideradas' anteriormente. Melhor: relativamente às acções anteriores não explicitadas (cf. fig. 6).[44]

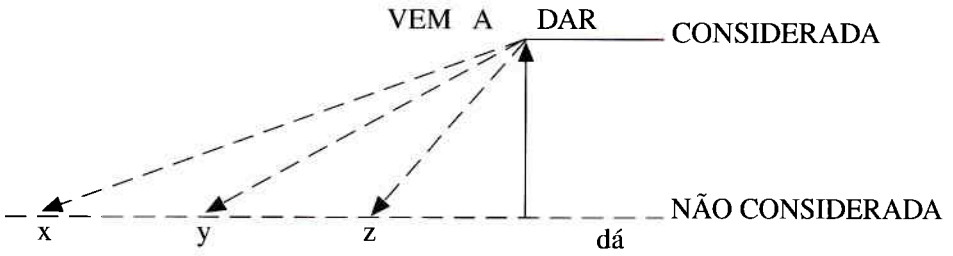


Fig. 6

Esta significação gramatical realiza-se, na norma linguística portuguesa, através das perífrases **vir + a + infinitivo** e **chegar + a + infinitivo**.

Pensamos, todavia, que estas duas construções (muito embora expressem a mesma função aspectual – daí representarem duas variantes 'livres') se distinguem entre si, porque **chegar + a + inf.** 'sub-entende' sempre uma espécie de 'alinhamento'.

a) VIR + A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «Podemos mesmo chamar-lhe o século da juventude. Já se lhe chamou o século da criança, disse eu. Exacto, disse ela, mas ***vem a dar*** no mesmo. A criança,

[44] Reproduzimos aqui o esquema de W. Dietrich (*op. cit.*, p. 222).

veja, só começou a ser um interesse quando o homem começou a tê-lo, ou seja, digamos, desde o século XV, XVI.»

V. Ferreira, *A. ao F.*, p. 71

2. PRET. IMP. «O Ramalhete estava tomando uma melancolia de mosteiro. Se assim continuassem mais alguns meses, sem que se sentisse ali um calor de vestido, um aroma de mulher, ***vinha a nascer*** a erva pelos tapetes.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 208

3. PRET. PERF. «No entanto, sentindo a concorrência, Selznick ***veio a demover-se*** e chegou mesmo a pagar pelos direitos a soma, astronómica para a altura, de cinquenta mil dólares, que afinal se viria a diluir face ao orçamento total do filme.»

J. – 1987/10/23-29

4. FUT. do PRES. «(...), tanto mais que se fala em próxima chegada de uma frota da Holanda carregada do mesmo género, mas desta vez ***virá a saber-se*** que a assaltou uma esquadra francesa quase na entrada da barra, (...).»

J. Saramago, *M. C.*, pp. 59-60

5. FUT. do PRET. «(...). ***Viria*** afinal ***a verificar-se*** a hipótese mais provável embora fosse a primeira vez que o filme mais lucrativo do ano ganhava o óscar principal, para o *melhor filme*, em concorrência com, por exemplo, "Ninotchka", "Stagecoach", "The Wizard of Oz" ou "Wuthering Heights".»

J. – 1987/10/23-29

CONJUNTIVO:

6. PRES. «É tempo de explicar que quanto aqui se diz ou ***venha a dizer*** é verdade pura e pode ser comprovado em qualquer mapa, (...).»

J. Saramago, *J. P.*, p. 20

7. PRET. IMP. «As senhoras sobretudo lamentavam que um rapaz que ia crescendo tão formoso, tão bom cavalheiro, ***viesse a estragar*** a vida receitando emplastros, e sujando as mãos no jorro das sangrias.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 88

8. FUT. «Enfim, saia o estudante absolvido desta suspeita, senão ***vier a achar-se*** noutra igualmente duvidosa.»

J. Saramago, *M. C.*, p. 25

FORMAS NOMINAIS:

9. INF. IMPESS. «O traumatismo de uma nova vitória de Mitterrand originaria na direita francesa uma autêntica tempestade, o que favoreceria o seu agrupamento de extrema-direita, que poderia ***vir*** assim ***a seduzir*** alguns sectores que não acreditam por agora nele.»

J. – 1988/02/19-25

10. INF. PESS. «O PCP ainda aventava publicamente, a meio da tarde de ontem, a possibilidade de algumas das suas cerca de 200 propostas de alteração ao Orçamento apresentado pelo Governo ***virem a fazer*** vencimento na Comissão Parlamentar de Economia e Finanças.»

J. N. – 1987/12/23

11. GER. «(...), e se mais não aviou foi porque enfim o prenderam, aqui ***vindo a ser sentenciado*** por ser perto a casa do assassinado, com grande concorrência de povo, (...).»

J. Saramago, *A. M. R. R.*, p. 37

b) CHEGAR + A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «São a esperança e a saudade. Com os olhos naquela, quase ***chegamos a olvidar*** inteiramente a existência da última; (...).»

J. Dinis, *S. P.*, p. 12

2. PRET. IMP. «E aquela confiança tão nobre de Afonso da Maia no orgulho patrício, nos brios de raça de seu filho, ***chegava a tranquilizar*** Vilaça.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 29

3. PRET. PERF. «Um homem que ganhou 50 000 dólares numa lotaria do Estado norte-americano da Virgínia Ocidental não ***chegou a concretizar*** planos para gastar o dinheiro, porque morreu no dia seguinte, disseram ontem funcionários.»

D. M. – 1987/11/17

4. PRET. M.-Q.-PERF. «Tivera vontade, ainda ***chegara a vestir*** o seu terno preto a pedido da mulher.»

J. Lins do Rego, *P. B.*, p. 15

5. FUT. do PRES. «E estando já passados quase dois anos que se queimaram pessoas em Lisboa, está o Rossio cheio de povo, duas vezes em festa por ser domingo e haver auto-de-fé, nunca se ***chegará a saber*** de que mais gostam os moradores, se disto, se das touradas, mesmo quando só estas se usarem.»

J. Saramago, *M. C.*, p. 50

6. FUT. do PRET. «Se os narizes se contemplassem exclusivamente uns aos outros, o gênero humano não ***chegaria a durar*** dois séculos: extinguia-se com as primeiras tribos.»

M. de Assis, *M. P. B. C.*, p. 79

CONJUNTIVO:

7. PRES. «(...); ou então, e melhor ainda, uns lábios femininos, uma voz com o timbre dos quinze ou vinte anos, que muita vez ***chegue a fazer***-nos esquecer do conto só para nos lembrarmos da contadora.»

J. Dinis, *S. P.*, p. 22

8. PRET. IMP. «Os desígnios insondáveis de Deus não permitiriam que ele ***chegasse a atingir*** a sagrada dignidade do sacerdócio, que era o seu sonho mais ardente.»

V. Ferreira, *M. S.*, p. 208

9. FUT. «(...), se o padre Bartolomeu de Gusmão, ou só Lourenço, ***chegar a voar*** um dia, não se tornará anjo por tão pouco, requerem-se outras qualidades, (...).»

J. Saramago, *M. C.*, p. 153

10. **IMPERATIVO:** «Abane a cabeça, leitor; faça todos os gestos de incredulidade. ***Chegue a deitar*** fora este livro, se o tédio já o não obrigou a isso antes; tudo é possível.»

M. de Assis, *D. C.*, p. 238

FORMAS NOMINAIS:

11. INF. IMPESS. «E por falar de Joana Carda, ainda falta a sua bagagem, e mais, antes de ***chegar a arrumá***-la neste impossível é preciso ir buscá-la, (...).»

J. Saramago, *J. P.*, p. 156

12. INF. PESS. «Tem-se falado nos perigos que Portugal corre se vier a chocar com os Açores, e também nos efeitos secundários, se directos não ***chegarem a ser***, de que está ameaçada a Galiza, mas muito mais grave é, por certo, a situação da população das ilhas.»

J. Saramago, *J. P.*, pp. 212-213

13. GER. «Era o secretário de Steinbroken, ***chegando***, subtilmente, ***a tomar*** também parte no saque à bolsa do Maia, propondo dois soberanos, em seu nome e em nome do seu chefe, como uma aposta colectiva da Legação, a aposta do reino da Finlândia.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 334

À excepção do imperativo (parece que a ordem não tem aqui sentido) de **vir + a + inf.**, podemos afirmar, com toda a segurança, que estamos na presença de dois paradigmas absolutamente normais/funcionais. Ou melhor: paradigmas de um elevado rendimento funcional em português contemporâneo. E, como os exemplos testemunham, são estruturas que se combinam (coocorrem) com todo o tipo de verbos (verbos plenos e verbos cópula). Outra prova, portanto, a corroborar o seu elevado rendimento funcional.

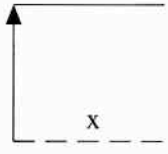
2.3.3. A subcategoria aspectual **demarcação**

Como nos informa W. Dietrich[45], «la acción se representa en este caso como expresamente separada, 'demarcada', 'destacada' del contexto, permaneciendo implícito, en general, el contexto mismo (plano no considerado)». Deste modo, a **demarcação** não se apresenta na qualidade de um resultado como na subcategoria anterior, mas sim de maneira absoluta. Daqui, portanto, os significados secundários: 'próximo', 'inesperado', 'especial', etc.

Ir + infinitivo e **vir + infinitivo** (perífrases que expressam primariamente a dimensão temporal denominada por E. Coseriu[46] de 'segunda perspectiva prospectiva' e 'retrospectiva', respectivamente), quando o contexto as não permite identificar directamente como portadoras destas funções temporais, servem à expressão da subcategoria aspectual que estamos a tratar agora.

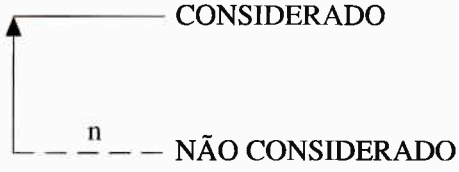
Ora, porque os pontos de vista do falante no plano respectivo são diferentes, devemos, por conseguinte, distinguir duas classes de **demarcação** que, de acordo com este princípio, podemos designar por **demarcação prospectiva** (***ir + inf.***) e **demarcação retrospectiva** (***vir + inf.***), também respectivamente (cf. fig. 7).[47]

1. VAI EXPOR



1. **demarcação prospectiva**

2. VEM CONFIRMAR



2. **demarcação retrospectiva**

Fig. 7

[45] *Op. cit.*, pp. 222-223.
[46] «Aspect verbal ou aspects verbaux?...», in: *La Notion d'Aspect*, p. 20.
[47] Mais uma vez se reproduzem aqui os esquemas de Wolf Dietrich (*op. cit.*, p. 223).

No estilo coloquial (talvez sobretudo no perfeito e no presente com valor de passado) falta muitas vezes valor aspectual, sendo então a perífrase **foi (vai) + inf.** equivalente expressivo da forma simples do verbo auxiliado: «Pois tu não sabes o que aquele maroto ***foi dizer***?». Este facto, de que, precisamente por pertencer à linguagem coloquial, haverá poucos exemplos nos textos escritos, pode porém documentar-se já em Bernardim Ribeiro, no romance de Avalor da *Menina e Moça* (pp. 118-121), onde encontramos: «Dês – que os ouvidos aos olhos – a tristeza ***foi igualar***, / assi como ia a cavalo – ***foi*** pola ágoa dentro ***entrar***»; e duas linhas adiante: «mas indo assi, por acerto – ***foi*** com um barco n'ágoa ***dar***»; e logo depois «salta assi como ia dentro – e ***foi*** a amarra ***cortar***» – onde ***foi igualar***, ***foi entrar***, ***foi dar***, ***foi cortar*** representam as formas simples ***igualou***, ***entrou***, ***deu*** e ***cortou***.

a) IR+ INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «Morri de uma pneumonia; (...). ***Vou expor***-lhe sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo.»

M. de Assis, *M. P. B. C.*, p. 16

2. PRET. IMP. «– Sabe?– disse Inês. – Tinha um ar feliz. Os cabelos pela almofada, um ar sereno. Era horrível. Um ar feliz e ***ia morrer***. Um ar inocente. Não lhe sei explicar.»

V. Ferreira, *A ao F.*, p. 80

3. PRET. PERF. «Então ela não ***foi dizer*** à senhora que o patrão lhe tinha oferecido uma carta?! Que parva!...»

A. Negreiros, *E.*, p. 19

4. FUT. do PRES. «A Tina não tinha já morrido? Mas é impossível, a Tina não pode morrer, não ***irei*** jamais ***matá***-la. Tina, ó Tina. Estou tão cansado, Tina. Desde a mais remota infância, a tua presença.»

V. Ferreira, *A. ao F.*, p. 185

5. FUT. do PRET. «Foi então que Selznick estabeleceu um acordo com a MGM (que se ***iria tornar*** particularmente proveitoso para esta), segundo o qual, em troca de Clark Gable e de um avanço de um milhão de dólares, a MGM ficaria com direitos de distribuição e ainda 50% dos lucros.»

J. – 1987/10/23-29

CONJUNTIVO:

6. PRES. «Está de perfil como sempre a vejo e olho-a tão intensamente. Temo que ela se volte e ***vá falar*** – e que é que irias dizer? O nosso encontro é no eterno, meto de novo a fotografia no envelope.»

V. Ferreira, *A. ao F.*, p. 83

7. PRET. IMP. «Ela não pôde mais que responder, Ando à procura do meu homem, e não sabia como continuar, o frade pensaria que ela estava doida se lhe ***fosse falar*** em máquina voadora, em passarola, em nuvens fechadas.»

J. Saramago, *M. C.*, p. 342

8. FUT. «(...), e com o que acabo de dizer estou nas mãos de ambos e perdido estarei se me ***forem denunciar***.»

J. Saramago, *M. C.*, p. 192

9. **IMPERATIVO:** «E logo, sem uma transição, toda frisada de gritos como se a tivessem furado:
   – Pois se não tem vocação, rua! Vá lá para a fome dos Borralhos! ***Vá comer*** palha! Aqui nem mais uma hora! Rua!»

V. Ferreira, *M. S.*, p. 95

FORMAS NOMINAIS:

10. INF. IMPESS. «Que é que se ganhou em saber que não era Júpiter que atirava os raios? Tivemos de ***ir procurar*** o mistério noutro lado para restabelecer a ordem.»

V. Ferreira, *A. ao F.*, p. 105

11. INF. PESS. «E sendo o calor tanto, vão-se refrescando os assistentes, com a conhecida limonada, o geral púcaro de água, a talhada de melancia, que não seria por ***irem morrer*** aqueles que consumiriam estes.»

J. Saramago, *M. C.*, p. 51

12. GER. «Carregou-se o sobrecenho de D. João V, porque a cansada lisonja em nada o aliviaria, ***indo abrir*** a boca para responder com secura, preferiu chamar outra vez os secretários e perguntar-lhes em que data voltaria a cair a um domingo o seu aniversário, (...).»

J. Saramago, *M. C.*, p. 290

b) VIR + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «De facto, além de lhe agradecer a encomenda que nos fez, ***venho confirmar*** oficialmente que o seu nome acaba de dar entrada no nosso Grande Concurso – veja o NÚMERO DA SORTE no rótulo da embalagem que receberá dentro de dias.»

   Correspondência particular das *Selecções* do Reader's Digest

2. PRET. IMP. «Vilaça costumava dizer que lhe lembrava sempre o que se conta dos patriarcas, quando o ***vinha encontrar*** ao canto da chaminé, na sua coçada quinzena de veludinho, sereno, risonho, com um livro na mão, o seu velho gato aos pés.»

   E. de Queiroz, *M.*, p. 12

3. PRET. PERF. «Ao princípio os emigrados liberais, Palmela e a gente do "Belfast", ainda o ***vieram desassossegar*** e consumir.»

   E. de Queiroz, *M.*, p. 16

4. PRET. M.-Q.-PERF. «Era a sorte de todos pagar até à última gota de sangue. Pelo sacrifício que ***viera desencantar*** as riquezas da lagoa.»

   J. Lins do Rego, *P. B.*, p. 191

5. FUT. do PRET. «O grito de Blimunda, terceiro, e sempre o mesmo nome, não foi agudo, apenas uma explosão sufocada, como se as tripas lhe estivessem sendo arrancadas por gigantesca mão, Baltasar, e ao dizê-lo compreendeu que desde o princípio soubera que ***viria encontrar*** deserto este lugar.»

   J. Saramago, *M. C.*, p. 340

CONJUNTIVO:

6. PRES. «(...), caríssimo Reis, vejo-o aí a ler um romance policial, com uma botija aos pés, à espera de uma criada que lhe ***venha aquecer*** o resto, (...).»

   J. Saramago, *A. M. R. R.*, p. 118

7. PRET. IMP. «Calada como um testamento, aguardou que o rapaz ***viesse falar***-lhe a sério. Lá com palavrinhas de amor, não!»

   M. Torga, *B.* (conto 'Madalena'), p. 43

8. **IMPERATIVO:** «(...), ***vem sentar***-te comigo, Lídia, à beira-rio, (...).»

   J. Saramago, *A. M. R. R.*, p. 48

FORMAS NOMINAIS:

9. INF. IMPESS. «De repente, pus-me a imaginar que naquele mesmo instante uma vagarosa mão, suada e fria, poderia ***vir pousar***-me sobre a face. E logo, apavorado, mergulhei nos cobertores.»

V. Ferreira, *M. S.*, p. 73

10. INF. PESS. «Ora estas ranhosas, quem é que elas julgam que são para me ***virem dar*** sentenças.»

J. Saramago, *A. M. R. R.*, p. 254

Os paradigmas de **ir + inf.** e **vir + inf.** apresentam-se praticamente completos (as casas vazias devem-se sobretudo ao facto de não termos encontrado exemplos contextualizados). Esta propriedade determina, por conseguinte, a sua vitalidade e funcionalidade na norma linguística portuguesa.

Verbos 'durativos' e 'momentâneos', como documentam os exemplos, coocorrem perfeitamente com as estruturas referidas. A única restrição parece dizer respeito à combinação de **vir + inf.** com os verbos cópula (que julgamos não funcionar mesmo), ao passo que **ir + inf.** se combina normalmente com esta classe de significantes linguísticos (exs.: «***Vai estar*** bom tempo para a nossa semana de férias, segundo informou o Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.»; «Os noivos ***vão ser*** felizes pela vida fora!»).

Como última observação, refira-se que ambas as construções são tão viáveis na forma negativa quanto na afirmativa.

2.4. A categoria aspectual da REPETIÇÃO

Esta categoria, também dita NÚMERO VERBAL, distingue-se (como vamos ver de seguida) da DURAÇÃO, porque lhe correspondem oposições distintas, a saber: 'semelfactivo' (—), isto é, uma única vez; 'repetição simples' (— —), ou seja, duas vezes; 'frequentativo' (— — — — ...), várias vezes. Isto quer significar (caracterizando, portanto, a categoria aspectual da REPETIÇÃO) que a acção verbal se pode apresentar como única, como repetida uma vez, ou como repetida várias vezes.

Exceptuando a subcategoria **repetição simples** (a única que se encontra gramaticalizada em português), as demais subcategorias apresentam-se, nesta mesma língua, como significados léxicos, expressos, ora pelo semantema verbal, ora pelo contexto.[48]

[48] Sobre esta matéria, *vide* cap. II.2.1.

2.4.1. A subcategoria aspectual **repetição simples**

Esta função gramatical, que já foi devidamente definida e caracterizada, expressa-se na norma linguística portuguesa por intermédio das perífrases **voltar + a + infinitivo** e **tornar + a + infinitivo**, construções que, em última análise, poderão talvez ser consideradas como variantes 'estilísticas', já que não existem outras razões, de forma explícita e/ou implícita, que nos obriguem a considerá-las de outro modo. São, portanto, variantes de 'norma'.

a) VOLTAR + A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «O funcionário da porta já me conhece, soergue-se em reverência, ***volta a sentar-se*** à secretária. É Outubro, espreito-o nos pátios do recreio pelas portas envidraçadas de um e de outro lado.»

   V. Ferreira, *A. ao F.*, p. 111

2. PRET. IMP. «Escrevia a Oriana, raro me respondia, eu ***voltava a escrever***. E um dia não me respondeu. E de súbito, uma manhã, um telegrama. Fiquei paralisado.»

   V. Ferreira, *A. ao F.*, p. 50

3. PRET. PERF. «Apesar de pontuais recuperações Wall Street ***voltou a "quebrar"*** e Lisboa continua a descer.»

   J. N. – 1987/10/23

4. PRET. M.-Q.-PERF. «Justamente, nesses últimos tempos, Craft ***voltara a falar***, e mais decidido, no antigo plano de vender a quinta, e desfazer-se das suas colecções.»

   E. de Queiroz, *M.*, p. 407

5. FUT. do PRES. «Daqui a pouco vêm os funcionários do enterro. Nunca mais ***voltaremos a falar***. Vais sentir a falta do que não dissemos.»

   V. Ferreira, *A. ao F.*, p. 13

6. FUT. do PRET. «E foi assim que eu disse ao Gama um adeus urgente, desesperado de tudo, sem de longe imaginar que nunca mais, até hoje, ***voltaria a conversar*** longamente com ele.»

   V. Ferreira, *M. S.*, p. 103

CONJUNTIVO:

7. PRES. «Carlos, acompanhando-a abaixo à rua, lamentava a fealdade da sua escada de pedra:
   – Mas vou mandar tapetar tudo para quando a senhora condessa ***volte a dar***-me a honra de me vir consultar...»

E. de Queiroz, *M.*, p. 209

8. PRET. IMP. «(...), que respondeu que se alguém ***voltasse a falar*** no assunto incorreria na sua cólera, e assim aconteceu, todos se calaram, (...).»

J. Saramago, *M. C.*, p. 281

9. FUT. «Se ***voltardes a ser*** amigos, será óptimo.»

10. **IMPERATIVO:** «***Volte a ter*** cabelo.
    O Hair Club, com a sua larga experiência na técnica de integração de cabelo, tem a melhor solução para o seu cabelo.
    MARQUE JÁ A SUA CONSULTA.»

J. N. – 1988/02/29

FORMAS NOMINAIS:

11. INF. IMPESS. «Não vamos pedir contas à Patagónia do que aconteceu na História. Dá-me então o bago que puderes, não devo ***voltar a maçar***-te.»

V. Ferreira, *A. ao F.*, p. 260

12. GER. «É então que me propõe, ***voltando a sorrir***, só mais uns minutos de repouso em cima do divã, ainda antes de nos vestirmos.»

D. Mourão-Ferreira, *A. F.*, p. 67

b) TORNAR + A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «D. Maria Ana deitou-se muito cedo, rezou antes de ir para a cama, em murmurado coro com as damas que a servem, e depois, coberta já pelo seu cobertor de penas, ***torna a rezar***, reza infinitamente, (...).»

J. Saramago, *M. C.*, p. 31

2. PRET. IMP. «Perto de nós um tipo meditativo
– Divino
dizia e ***tornava a dizer***, a beiça estendida, e o maestro, de costas para a orquestra, descansava.»

V. Ferreira, *A. ao F.*, pp. 95-96

3. PRET. PERF. «Os dois velhos abraçaram-se; depois um momento os seus olhos encontraram-se, vivos e húmidos, e ***tornaram a apertar-se*** comovidos.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 54

4. PRET. M.-Q.-PERF. «Duas semanas farejara o Aterro como um cão perdido: fizera peregrinações ridículas de teatro em teatro: numa manhã de domingo percorrera as missas! E não a ***tornara a ver.*** Agora sabia-se em Sintra, voava a Sintra, e não a via também.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 244

5. FUT. do PRES. «Do alto já não se vê o músico, vai por aí, por essas azinhagas, porventura desviando o caminho, porventura olhando para cima, torna a ver a passarola, acena com o chapéu, uma vez só, melhor é disfarçar, fingir que não sabe nada, por isso não o viram da nave, quem sabe se ***tornarão a encontrar-se***.»

J. Saramago, *M. C.*, pp. 198-199

6. FUT. do PRET. «Trabalharam eles afanosamente as suas aritméticas e com alguma dúvida responderam que o acontecimento ***tornaria a dar-se*** dez anos depois, em mil setecentos e quarenta.»

J. Saramago, *M. C.*, p. 290

CONJUNTIVO:

7. PRES. «Terei de informar el-rei de que a máquina está construída, mas antes haveremos de experimentá-la, não quero que ***tornem a rir-se*** de mim, como há quinze anos fizeram, agora voltem para a quinta, breve lá irei.»

J. Saramago, *M. C.*, p. 187

8. PRET. IMP. «Mais declaro que se por acaso ***tornasse a suceder*** soltar eu alguma palavra ofensiva para Vossa Excelência, não lhe devia dar Vossa Excelência ou aqueles que a escutassem mais importância do que a que se dá a uma involuntária baforada de álcool – pois que, por um hábito hereditário que reaparece frequentemente na minha família, me acho repetidas vezes em estado de embriaguez...»

E. de Queiroz, *M.*, p. 560

9. FUT. «(...), e agora vou-me, mas não tenhas inveja de mim, porque lá nem eu posso entrar, quanto mais tu, imagina se fores capaz, se um dia nos ***tornarmos a encontrar***, eu te contarei como foi, se a mim mo contarem antes, para sabermos as coisas é assim que terá de ser, vamo-las dizendo uns aos outros.»

J. Saramago, *M. C.*, p. 317

10. **IMPERATIVO:** «***Torne a cantar*** essa canção, se faz favor!»

FORMAS NOMINAIS:

11. INF. IMPESS. «Ele tê-la-ia pois encontrado, ali mesmo naquele terraço, vendo também cair a tarde – se ela não estivesse impaciente por ***tornar a ver*** a filha, algum bebezinho loiro que ficara só com a ama.»

E. de Queiroz, *M.*, p. 245

12. INF. PESS. «(...), os pescadores puderam vencer a resistência do mar e, algumas horas depois, desembarcavam na praia de Espinho, jurando nunca mais ***tornarem a meter-se*** ao mar numa noite como aquela por dinheiro nenhum deste mundo.»

J. Dinis, *S. P.*, p. 239

13. GER. «Mas então reparou no Brown, e ***tornando a erguer-se***, fez a apresentação do procurador:
– O sr. Brown, o amigo Vilaça...»

E. de Queiroz, *M.*, p. 60

Voltar + a + inf. e **tornar + a + inf.** apresentam na norma os paradigmas completos e, como documentam todos os exemplos, estes auxiliares encontram-se perfeitamente gramaticalizados (o seu significado léxico não está presente), demonstrando, por isso, o seu elevado rendimento funcional.

Quanto à coocorrência verbal, verificamos que não há quaisquer restrições, podendo combinar-se normalmente com todo o tipo de verbos plenos e verbos cópula. Esta é, pois, outra prova da sua eficácia.

2.5. A categoria aspectual da DURAÇÃO

Como o próprio termo indica, a categoria aspectual da DURAÇÃO expressa o lapso temporal que é necessário à real efectivação de uma acção verbal. Assim, se uma acção verbal não precisa, propriamente, de um tempo determinado para se realizar, dizemos que se trata de uma acção 'momentânea' (ou 'pontual')

– esta função não constitui uma subcategoria gramaticalizada em português contemporâneo, pois apenas se realiza lexicalmente: exs.: ***chegar***, ***partir***, etc; se, pelo contrário, necessita de tempo (curto ou longo – não importa), estamos diante de uma acção 'durativa'. Esta, que em termos percentuais se encontra largamente representada pelos semantemas verbais, isto é, lexicalmente (exs.: ***dormir***, ***durar***, ***continuar***, ***cantar***, etc.) também se realiza (embora assim o não pense W. Dietrich[49]) gramaticalmente.Todavia, em menor percentagem. Isto, porque os seus instrumentos gramaticais (= perífrases) funcionam quase exclusivamente (porquanto de forma mais evidente) na morfotaxe chamada 'pretérito perfeito composto' do indicativo. Porém, como se verá a seguir, também podem funcionar (mas de forma menos evidente) nas restantes morfotaxes dos 'tempos compostos'.

2.5.1. A subcategoria aspectual **durativo** (ou **duração indefinida**)

Esta função gramatical, que significa, portanto, que uma acção verbal necessita de tempo (quase sempre indefinido, isto é, não cronometrado) para se realizar, expressa-se na norma linguística portuguesa mediante as seguintes perífrases, ou melhor, combinações perifrásticas: **ter + vindo + a + infinitivo**, **ter + estado + a + infinitivo**, **ter + andado + a + infinitivo**, **ter + continuado + a + infinitivo** e **ter + ficado + a + infinitivo** (as últimas quatro interpretadas como TER + perífrases de VISÃO PARCIALIZADORA, em geral).

a) TER + VINDO + A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRET. PERF. (COMPOSTO): «Ainda menos, com toda a certeza, aquilo que desejaria ter feito, e de que pouco a pouco ***tenho vindo a desistir***.»

D. Mourão-Ferreira, *A. F.*, p. 19

Mas também (apenas exemplos simples, isto é, não propriamente contextualizados): 1. ***tinha vindo a estudar***, 2. ***terei vindo a dizer***, 3. ***teria vindo a considerar***;

[49] *Op. cit.*, p. 206.

4. ***tenha vindo a referir***, 5. ***tivesse vindo a agravar-se***, 6. ***tiver vindo a seduzir***; 7. ***ter vindo a desistir***, 8. ***tendo vindo a estudar***[50].

b) TER + ESTADO + A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRET. PERF. (COMPOSTO): «O seu pediatra estacou, muito grave, mesmo sombrio, suspendendo o gesto de empurrar o guarda-vento:
"A propósito de consultas... ***Tenho estado a pensar*** se lhe devo dizer... Parece-me melhor que sim". Pequena pausa; compungida.»

D. Mourão-Ferreira, *A. F.*, p. 131

c) TER + ANDADO + A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRET. PERF. (COMPOSTO): «Mas o que mais me importava não é isso e ***tenho andado a ver*** se cá está. Os turcos e Bizâncio afundaram isto durante séculos e não sei se está.»

V. Ferreira, *A. ao F.*, p. 139

d) TER + CONTINUADO + A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRET. PERF. (COMPOSTO): «***Temos continuado a trabalhar*** nessa zona, embora neste momento tenhamos outros pontos de incidência, (...).»

D. M. – 1987/02/09

e) TER + FICADO + A + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRET. PERF. (COMPOSTO): «***Tenho ficado a ler*** as melhores crónicas políticas.»

Estas construções, porque expressam **duração**, não coocorrem com verbos 'momentâneos'. Apenas, como é lógico, com verbos 'durativos'. E no que aos ver-

[50] Porque é de mais evidente e porque se tornaria demasiado redundante, não indicaremos no texto, para as restantes construções, os exemplos simples como fizemos para esta.

bos cópula diz respeito, **ter + estado + a + inf.**, **ter + andado + a + inf.** e **ter + ficado + a + inf.** combinam-se unicamente com ***ser***; **ter + vindo + a + inf.** e **ter + continuado + a + inf.** podem combinar-se com ***ser*** e ***estar*** (exs.: «Não acha que ***tem estado a ser*** um pouco injusto com o senhor António?»; «***Temos andado a ser*** pouco cumpridores.»; «Agora é a Maria que ***tem ficado a ser*** a 'mãe' dos miúdos.»; «***Tenho vindo a ser*** mais feliz ultimamente.»; «***Tenho vindo a estar*** com os meus amigos ultimamente.»; «O senhor João ***tem continuado a ser*** um homem de sucesso.»; «O senhor João ***tem continuado a estar*** com os seus representantes.»).

Comparados com outros, já estudados (**estar + a + inf.**, **ir + ger.**, **voltar + a + inf.**, por exemplo, que se apresentam completos), os paradigmas destas estruturas (uma vez que, praticamente, só funcionam no pretérito perfeito do indicativo e também no pretérito perfeito do conjuntivo) apresentam-se bastante incompletos. Porém, esta realidade dos factos linguísticos do português não pretende significar que tais estruturas não são funcionais na respectiva norma. Como contraprova falam os exemplos referidos há instantes.

Observe-se que **ter + vindo**, **estado**, **continuado**, **ficado + inf.** não constituem perífrases de *per si:* são as perífrases **vir**, **estar**, **continuar**, **ficar** nas formas compostas desses verbos com o auxiliar de conjugação **ter**. O valor aspectual que aqui se atribui a estas sequências advém-lhes tão somente do valor aspectual que cabe à combinação de **ter + part.** na conjugação composta.[51]

2.6. A categoria aspectual do RESULTADO

Esta categoria caracteriza-se por indicar se uma acção verbal chegou ('resultativo') ou não chegou ('não-resultativo') ao seu resultado/efeito.

O **resultativo** pode ser 'subjectivo' ou 'objectivo'. É 'subjectivo', se se referir ao sujeito agente; é 'objectivo', se, pelo contrário, se referir ao produto da acção. Ao primeiro dá-se o nome de **resultado efectivo** e ao segundo de **resultado produtivo**.

2.6.1. A subcategoria aspectual **resultado efectivo**

Ter + particípio passado é a expressão da norma linguística portuguesa que realiza esta função gramatical. Trata-se de um paradigma reduzidíssimo, visto que constituído apenas pelo pretérito perfeito do indicativo, também chamado

[51] Cf. José G. Herculano de Carvalho, «Temps et aspect: problèmes généraux et leur incidence en portugais, français et russe», in: *Estudos Linguísticos*, vol. 3.°. Coimbra: Coimbra Editora, 1984, pp. 199-235.

'perfeito composto'. A coocorrência verbal faz-se, rigorosamente, com verbos 'durativos'.

INDICATIVO:

1. PRET. PERF. «O IPPC ***tem realizado*** um trabalho que se orienta para o levantamento, investigação e conservação do nosso património cultural.»

D. M. – 1987/02/09

2.6.2. A subcategoria aspectual **resultado produtivo**

Por seu turno, **ter + objecto directo + particípio concordando em género e número com o objecto** é a construção perifrástica que, na norma linguística portuguesa, serve, secundariamente, à expressão desta significação gramatical (cf. com o valor aspectual **fase egressiva**).

O paradigma apresenta-se completo. A coocorrência verbal, porém, está limitada aos verbos transitivos com objecto directo explícito. Vejamos, então, alguns exemplos apenas:

INDICATIVO:

1. PRES. «***Tenho*** as cartas ***escritas***.» (ou «***Tenho escritas*** as cartas.»)

2. PRET. IMP. «***Tinha*** as aulas ***preparadas***.» (ou «***Tinha preparadas*** as aulas.»)

3. PRET. PERF. «A polícia ***teve*** as cartas de condução ***apreendidas*** durante bastante tempo.»

CONJUNTIVO:

4. PRES. «Oxalá que os madeireiros ***tenham*** as árvores ***cortadas***.»

5. **IMPERATIVO:** «***Tem*** as cartas ***escritas*** até às cinco horas, está bem?»

FORMAS NOMINAIS:

6. INF. IMPESS. «O livreiro já deve ***ter*** os livros ***vendidos***.»

2.7. A categoria aspectual do CUMPRIMENTO (ou ACABAMENTO)

Esta função gramatical significa o 'acabamento/conclusão' objectivo/a de uma acção verbal. Porém, como W. Dietrich afirma[52], «el cumplimiento (——|) no-cumplimiento de la acción verbal (——→...), o bien la neutralidad respecto a esta oposición (facticidad: ——), no forma en el románico una categoría gramatical». Ora, sendo o português uma língua românica e também porque a sua realidade linguística o comprova, esta observação de Dietrich é perfeitamente pertinente. Todavia, e apesar de o valor referido se expressar lexical e flexionalmente em português, não devemos esquecer que a perífrase diatética **estar + particípio** (passiva de estado) expressa, pelo menos secundariamente, este mesmo conteúdo gramatical.

Como é próprio da sua natureza, **estar + particípio** apenas coocorre com verbos transitivos e, em princípio, com objecto directo expresso.

O seu paradigma [1. ***está estudada*** (a lição), 2. ***estará lido*** (o livro), 3. ***esteja comprado*** (o carro), etc.] parece funcionar na sua totalidade, na norma.[53]

3. OUTROS VALORES ASPECTUAIS, EXPRESSOS POR PERÍFRASES VERBAIS, NÃO REFERIDOS EM 2.

A abertura desta alínea justifica-se porque queremos considerar três outras construções perifrásticas que, segundo tudo leva a crer, expressam outros tantos valores aspectuais que não foram contemplados nem pelo modelo coseriano nem pelo modelo de Wolf Dietrich (que acabámos de tratar).

As perífrases visadas são, pois, **estar + por + infinitivo**[54], **continuar + por + infinitivo** e **ficar + por + infinitivo**.

O valor aspectual que tais estruturas parecem expressar consiste na **não realização da acção verbal**.[55]

---

[52] *Op. cit.*, p. 207.

[53] Não apresentamos outros exemplos contextualizados, porque julgamos serem perfeitamente dispensáveis, já que **estar + particípio** expressa primariamente a **passiva de estado** e, como se sabe, esta funciona cabalmente na norma linguística portuguesa.

[54] Esta perífrase é considerada por W. Dietrich (*op. cit.*, p. 215) como instrumento gramatical de **fase iminencial**. Esta interpretação é absolutamente contestável, porquanto a realidade do sistema linguístico português não o comprova. Cf., por isso, os exemplos do paradigma de **estar + por + inf**.

[55] Trata-se de uma expressão demasiado longa: por isso mesmo, provisória. No entanto, é a melhor que nos ocorreu e, neste caso concreto, serve perfeitamente à expressão do nosso pensamento.

Esta categoria aspectual caracteriza-se, por conseguinte, por expressar o estado efectivo/objectivo de uma acção verbal que, em princípio, deveria ter-se já realizado, ou seja, concluído, mas que, por qualquer motivo (razão de ordem externa), não se concluiu.

Expressando o mesmo conteúdo aspectual, as três construções referenciadas distinguem-se, todavia, porque indicam uma *nuance* própria dentro da categoria mais geral que as engloba. Assim, admitindo um espaço temporal limitado (mas nunca preciso em termos reais) para que uma acção se desenvolva até ao fim, **estar + por + inf.** é o termo geral (por isso, neutro) do referido valor, porquanto pode compreender os restantes; **continuar + por + inf.** é o termo negativo, já que assinala a permanência no referido estado e, finalmente, **ficar + por + inf.** representa o termo positivo, porque marca definitivamente o valor aspectual em causa.

a) ESTAR + POR + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «Em Lisboa, por exemplo, não tendo o milagre sido notório, ainda hoje ***está por apurar*** quem foi o do assalto, embora sejam permitidas algumas desconfianças, porventura absolvidas, e quem delas for objecto, pela boa intenção que derradeiramente o motivou.»

J. Saramago, *M. C.*, p. 21

2. PRET. IMP. «Aos poucos os outros calaram-se, compreendiam que a última palavra ***estava por dizer***, se realmente existe para todas as coisas uma última palavra, (...).»

J. Saramago, *J. P.*, p. 201

b) CONTINUAR + POR + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «***Continua por aparecer*** o corpo de um pescador.»

J. N. – 1988/02/05

2. PRET. IMP. «(...), porquanto os segredos da deslocação geológica, melhor dizendo, o enigma tectónico, ***continuavam por desvendar***, tão indecifráveis hoje como no primeiro dia.»

J. Saramago, *J. P.*, p. 297

c) FICAR + POR + INFINITIVO

INDICATIVO:

1. PRES. «Ignorância desculpável, aliás. A gente entende pouco do semelhante. Cada um de nós é um enigma, que a maior parte das vezes ***fica por decifrar***.»

M. Torga, *B.* (conto 'Bambo'), p. 63

2. PRET. IMP. «***Ficava por dizer*** quando tinha casado com Blimunda, se durante o tempo de soldado, se depois dele, e que casamento era esse, qual a eira e qual a beira, (...).»

J. Saramago, *M. C.*, p. 102

3. FUT. do PRES. «Não adianta estar prevenido, por mais que você fale, por mais que todos falemos, ***ficará*** sempre uma palavrinha ***por dizer***, (...).»

J. Saramago, *A. M. R. R.*, p. 182

Aparentemente não há quaisquer restrições na norma no que diz respeito aos seus respectivos paradigmas. Todavia, as perífrases em causa aparecem muito mais frequentemente no modo indicativo e, neste, de preferência nas morfotaxes 'presente' e 'pretérito imperfeito', como, aliás, os exemplos, que conseguimos encontrar, documentam.

Quanto à coocorrência verbal, parece haver uma preferência pelos verbos 'declarativos' (nos sete exemplos, três combinam-se com ***dizer***), particularmente, e pelos verbos 'durativos', em sentido geral. Os verbos cópula (***ser*** e ***estar***) parecem rejeitar a sua combinação com estas estruturas.

IV

ORIGEM DAS *PERÍFRASES VERBAIS ASPECTUAIS*

Uma vez chegados a este momento do trabalho (estamos praticamente no seu termo), e depois de termos estudado a expressão dos 'principais' valores aspectuais que, sincronicamente, funcionam em português contemporâneo, não será de todo descabido (muito pelo contrário) se nos questionarmos sobre a origem destas mesmas construções.

Têm-se apresentado, para este fenómeno, duas soluções: a poligénese ou a monogénese. Perante esta dupla solução (hipotética), colocam-se-nos, pois, as seguintes questões: terão, então, tido uma origem poligenética (isto é, surgiram 'espontânea' e independentemente em várias línguas)? Ou, ao invés, uma origem monogenética (ou seja, surgiram numa determinada língua particular e, depois, graças a diferentes condicionalismos de ordem histórica e linguística, irradiaram para outras línguas)? É para esta última solução que vários linguistas (Eugenio Coseriu e Wolf Dietrich, entre outros) se inclinam. E o primeiro dos autores referidos, a propósito da construção paratáctica (espanhola) 'tomo y me voy', afirma mesmo[1]: «hay que admitir que [esta construção] se difundió desde algún centro que habrá que determinar». É, pois, nesta direcção que E. Coseriu e, na sua esteira, W. Dietrich bosquejam a origem não só desta mas também de outras construções de natureza aspectual que, hoje, funcionam nas diferentes línguas românicas.

Assim, para os dois autores acabados de mencionar, a origem de pelo menos algumas perífrases aspectuais está no grego antigo (mais precisamente na κοινή) e no grego cristão. Deste, pela tradução dos textos bíblicos (*Vulgata*), passaram ao latim coloquial tardio. E este, como sua origem directa, projectou-se nas actuais línguas românicas.

Antes, porém, de prosseguirmos na averiguação (através de exemplos ilustrativos) da hipotética origem grega destas construções, convém frisar que Coseriu foi

[1] E. Coseriu, «Tomo y me voy: un problema de sintaxis comparada europea», in: *Estudios de Lingüística Románica*, p. 132.

o primeiro a documentá-la, num primeiríssimo momento, em dois artigos esparsos[2], e, posteriormente, num estudo mais elucidativo[3] (sobre um conjunto de construções perifrásticas – de **visão parcializadora** e **visão globalizadora** – do grego antigo), pelas semelhanças mais funcionais do que propriamente formais existentes entre essas perífrases gregas e algumas das das actuais línguas românicas. E no que à origem da categoria aspectual da VISÃO diz respeito, Coseriu é praticamente peremptório quando escreve[4]: «Es lícito, pues, suponer que toda la categoría aspectiva de la 'visión' es en las lenguas románicas de origen griego y que (...) no hace sino reproducir con materia románica contenidos griegos, pues el latín, en realidad, no conocía nada análogo».

A 'matéria românica', aqui referida pelo A., consiste nas novas estruturas (**auxiliar conjugado + gerúndio** ou **auxiliar conjugado + preposição + infinitivo** e, ainda, **auxiliar conjugado + conjunção copulativa + verbo principal conjugado**) que substituíram as estruturas gregas (**particípio presente do verbo principal + auxiliar conjugado** e **auxiliar no particípio + verbo principal conjugado**), para a VISÃO PARCIALIZADORA e VISÃO GLOBALIZADORA, respectivamente. Esta é, pois, a sua principal e única diferença, já que as funções gramaticais são as mesmas (como, a seguir, se verá mais pormenorizadamente).

Contudo (mas seguindo a mesma linha de orientação do mestre), foi W. Dietrich quem mais e melhor (porque sistemática e largamente documentada) desenvolveu esta matéria.[5] Dizemos "sistemática e largamente documentada", exactamente, porque o A. parte da época arcaica (Homero) e vem até à κοινή tardia (Luciano), considerando ainda textos seleccionados da literatura cristã conectada com o Novo Testamento até à época bizantina (isto, para as construções gregas) e traduções da Bíblia e textos da literatura profana, mais importante, do latim coloquial tardio (para as construções latinas).

Vamos, pois, tomando como ponto de referência a investigação realizada por estes dois linguistas, ver em que consiste essa semelhança, sobretudo funcional (daqui o ter-se aventado a hipótese da sua origem nas línguas românicas), das construções em causa nos referidos sistemas linguísticos (ou seja, em grego antigo e em grego cristão e também em latim coloquial tardio).

---

[2] «Sobre las llamadas 'construcciones con verbos de movimiento': un problema hispánico» e «Tomo y me voy:...», in: *Estudios de Lingüística Románica*, pp. 77-78 e 141 e sqq., respectivamente.

[3] «El aspecto verbal perifrástico en griego antiguo (y sus reflejos románicos)», in: *Estudios de Lingüística Románica*, pp. 231-263.

[4] E. Coseriu, «Tomo y me voy:...», p. 147.

[5] Fê-lo em *El Aspecto Verbal Perifrástico en las Lenguas Románicas*, onde dedica, em capítulos separados, longas páginas às perífrases verbais aspectuais gregas (cap. 5, pp. 272-433) e latinas (cap. 6, pp. 434-476).

Γράφων εἰμί (ou, invertendo, para que se torne mais clara a correspondência, εἰμὶ γράφων) e λαβὼν γράφω constituem os dois tipos perifrásticos gerais que representavam em grego, respectivamente, as categorias aspectuais da VISÃO PARCIALIZADORA e da VISÃO GLOBALIZADORA. Para além destas, existiam, contudo, outras que expressavam, também respectivamente, os referidos conteúdos gramaticais, a saber: ἔρχομαι, εἰμί, ἥκω + **particípio do futuro**; κυρέω, τυγχάνω, ἕστηκα, γίγνομαι, etc. + **particípio do presente**; ἔρχομαι, πέλω, εἶμι, ἥκω, βαίνω, διατελῶ + **particípio do presente**; ἐλθών, ἰών, κιών, μολών + **verbo conjugado**.

A **visão angular** realizava-se em grego através das seguintes estruturas perifrásticas:

a) εἰμί + **particípio presente** (construção geral, já que as outras que vamos ver a seguir contêm um sema adicional que indica a classe da **visão angular** ou uma sua determinação ulterior):

1. Ιωσηφ δέκα ἑπτὰ ἐτῶν ἦν ποιμαίνων μετὰ τῶν ἀδελφῶν αὐτοῦ τὰ πρόβατα..., [trad. port.: «José com dezassete anos de idade ***estava a apascentar*** (ou ***estava apascentando***) o(s) rebanho(s) com os seus irmãos...,»]

LXX *Gn.* 37, 2,[6]

2. οὐκ ἔστιν προφητεύων; [trad. port.: «não ***está a profetizar*** (ou ***está profetizando***)?»]

LXX *Cr.* 2, 18, 7

3. ἦν γὰρ διδάσκων αὐτοὺς ὡς ἐξουσίαν ἔχων, [trad. port.: «com efeito, ***estava a ensiná***-los como quem tem autoridade,»]

NT *Mt.* 7, 29 e *Mc.* 1, 22

4. καὶ ὤφθη αὐτοῖς Ἠλίας σὺν Μωυσεῖ, καὶ ἦσαν συλλαλοῦντες τῷ Ἰησοῦ [trad. port.: «e apareceu-lhes Elias com Moisés, e ***estavam a conversar*** (ou ***estavam conversando***) com Jesus,»]

NT *Mc.* 9, 4

5. καὶ οἱ ἀστέρες ἔσονται ἐκ τοῦ οὐρανοῦ πίπτοντες , [trad. port.: «e as estrelas ***estarão a cair*** (ou ***estarão caindo***) do céu,»]

NT *Mc.* 13, 25

[6] Os exemplos, que aqui numerámos de propósito, encontram-se em W. Dietrich, *op. cit.*, de onde os retirámos: 1: p. 299; 2: p. 303; 3: p. 313; 4: p. 316; 5: p. 316; 6: p. 317; 7: p. 350; 8: p. 351; 9: p. 352; 10: p. 353; 11: p. 356; 12: p. 357; 13: p. 359; 14: p. 361; 15: p. 362; 16: p. 363; 17: p. 368; 18: p. 368; 19: p. 382; 20: p. 386; 21: p. 388; 22: p. 393; 23: p. 393; 24: p. 401; 25: p. 403.

6. καὶ ἦν ὁ λαὸς προσδοκῶν τὸν Ζαχαρίαν, καὶ ἐθαύμαζον, [trad. port.: «e o povo ***estava esperando*** por Zacarias, e admiravam-se,»]

NT *Lc.* 1, 21

b) τυγχάνω + **particípio presente**: 'visão angular' + 'coincidência', 'casualidade' (lit. **acontecer estando / sendo / dormindo**, etc.):

7. ὁ δὲ Θρασυδαῖος ἔτι καθεύδων ἐτύγχανεν, [trad. port.: «e **por acaso** Trasideu ***estava*** ainda ***a dormir***,»]

XEN. *Hell.* 3, 2, 28

8. καὶ οἱ Ἀργεῖοι αὐτοῦ ἐτύγχανον τότε ποιοῦντες τὴν θυσίαν τῷ Ποσειδῶνι, [trad. port.: «e os habitantes de Argos ***estavam***, então, **por acaso *a celebrar*** o sacrifício em honra de Poseidon,»]

XEN. *Hell.* 4, 5, 1

c) κυρέω + **particípio presente**: 'visão angular' + 'casualidade':

9. εἰ μὴ κυρῶ / λεύσσων μάταια, [trad. port.: «se não ***estou a ver*** (ou ***estou vendo***) algo de falso,»]

Sófocles *Tr.* 406-7

d) ἕστηκα + **particípio presente**: 'visão angular' simplesmente:

10. καὶ εἰστήκει ὁ λαὸς θεωρῶν, [trad. port.: «e o povo ***estava a olhar*** (ou ***estava olhando***),»]

NT *Lc.* 23, 35

e) γίγνομαι + **particípio presente**: 'visão angular' + categoria da **colocação** ('disposição resultante'):

11. ἐγένετο Ἰωάννης βαπτίζων ἐν τῇ ἐρήμῳ καὶ κηρύσσων βάπτισμα..., [trad. port.: «ocorreu que João ***esteve a baptizar*** no deserto e ***a pregar*** o baptismo...,»]

NT *Mc.* 1, 4

As categorias aspectuais **visão prospectiva**, **visão retrospectiva** e **visão comitativa** (que nas línguas românicas – e particularmente em português – se diferenciam funcional e formalmente) encontravam-se representadas em grego pelas seguintes construções: ἔρχομαι, πέλω, εἶμι, βαίνω, ἥκω + **particípio presente**:

a) ἔρχομαι (πέλω) + **particípio presente**:

12. εἰ πὰρ μέλος ἔρχομαι ψάγιον ὄαρον ἐννέπων, [trad. port.: «se ***vou cantando*** uma má canção...,»]

Píndaro *Nem.* 7, 69

13. ἦλθον λέγουσαι καὶ ὑπτασίαν ἀγγέλων ἑωρακέναι, [trad. port.: «***foram dizendo*** que também tinham tido uma visão de anjos,»]

NT *Lc.* 24, 23

b) εἶμι + **particípio presente**:

14. ἐκ σταθμῶν ἅλις εἶσιν ὀπηδεύοντα νομῆι, [trad. port.: «***vão acompanhando***, em grupo, dos estábulos para a pastagem,»]

Apolónio de Rodes 4, 675

c) βαίνω + **particípio presente**:

15. νόστου κηδοσύνησιν ἔβη διζήμενος Ἀργὼ / τῆλε δι' ἠπείροιο, [trad. port.: «***ia sentindo***, longe da terra, a nostalgia do regresso à pátria,»]

Apolónio de Rodes 4, 1473-4

d) ἥκω + **particípio presente**:

16. ἥκω σεβίζων σόν, Κλυταιμήστρα, κράτος..., [trad. port.: «***venho venerando***, Clitemnestra, o teu poder...,»]

Ésquilo *Ag.* 258

Finalmente, a **visão continuativa** e a **visão extensiva** expressavam-se, respectivamente, em grego por intermédio das perífrases διατελέω e διάγω + **particípio presente**, entre outras.

a) διατελέω + **particípio presente** ('visão continuativa'):

17. ταύτας γὰρ ἀεὶ τὰς χώρας Ἰλλυριοὶ πορθοῦντες διετέλουν, [trad. port.: «com efeito, os Ilírios ***continuam a saquear*** estas regiões,»]

Políbio *Hist.* 2, 5, 1

b) διάγω + **particípio presente** ('visão extensiva'):

18. οἱ μὲν δὴ παῖδες εἰς τὰ διδασκαλεῖα φοιτῶντες διάγουσι μανθάνοντες δικαιοσύνην, [trad. port.: «com certeza que as crianças, que frequentam as escolas, ***ficam a estudar*** a justiça,»]

XEN. *Cyr.* 1, 2, 6

A **visão globalizadora**, que em português não se encontra representada perifrasticamente[7], realizava-se em grego por meio das seguintes estruturas[8]:

a) ἐλθών + **verbo conjugado**:

19. ἐλθών μου τά τε σκεύη καὶ τοὺς οἰκέτας καὶ τὰ πρόβατα ἔλαβεν ἀντὶ τοῦ ἀπολαβεῖν, [trad. port.: «e foi levar as minhas armas, os meus familiares e rebanhos, em vez de os deixar,»]

DEM. 47, 76

20. καὶ τότε ἐλθὼν πρόσφερε τὸ δῶρον σου, [trad. port.: «e então vai deixar a tua oferta,»]

NT *Mt.* 5, 24

21. καὶ ἐλθόντες λέγουσι αὐτῷ, [trad. port.: «e vieram dizer-lhe,»]

NT *Mc.* 12, 14

b) ἰών, παρών + **verbo conjugado**:

22. οὐ μή προσοίσεις χεῖρα, βακχεύσεις δ' ἰών, [trad. port.: «não me pegarás na mão, pois vais entrar em delírio,»]

Eurípides *Ba.* 343

23. τοιαῦτ' ἄνολβον ἄνδρ' ἐνουθέτει παρών, [trad. port.: «assim veio advertir o desgraçado,»]

Sófocles *Aj.* 1156

c) λαβών + **verbo conjugado**:

24. ἐπίθες λαβὼν δὴ καὶ σὺ λιβανωτόν, [trad. port.: «vai oferecer também tu incenso!»]

Aristófanes *Rãs*, 888

d) μολών + **verbo conjugado**:

25. ὦ Θάνατε, Θάνατε, νῦν μ' ἐπίσκεψαι μολών, [trad. port.: «Ó morte, morte, vem visitar-me!»

Sófocles *Aj.* 854

---

[7] Sobre esta matéria, cf. o início do cap. III.

[8] Estas construções são (ao contrário do grego moderno: πιάνουν καὶ γράφουν e das línguas românicas onde se realizam – espanhol, por exemplo –: ***tomo y me voy***: perífrases paratácticas) hipotácticas.

Uma vez que o latim clássico não conhecia este tipo de perífrases (à excepção da do tipo 'urbem ***captam habeo / teneo***', para o resultado produtivo), as construções aspectuais que a seguir se apresentam (também para os dois tipos de VISÃO) constituem traduções dos textos bíblicos e exemplos extraídos da literatura posterior ao séc. II da nossa era.

A **visão angular** expressava-se no latim coloquial tardio pelas perífrases ***esse* + particípio presente**, ***esse* + ablativo de gerúndio**, ***stare* + particípio presente** e ***stare* + ablativo de gerúndio**.

a) ***esse* + part. presente:**

1. ... et ***erat cogitans*** [trad. port.: «...e ***estava a pensar*** (ou ***estava pensando***)»]

NT *Lc.* 1, 29 VL[9]

2. ... et ***erat docens*** illos [trad. port.: «...e ***estava a ensiná***-los»]

NT *Lc.* 4, 31 VL a d f

3. Contra Athanasius ***est*** in timore dei ita ***permanens***, ut nihil commisisse... inueniatur [trad. port.: «Pelo contrário, Atanásio tanto ***está permanecendo*** no temor de Deus que nada se encontra que ele tenha cometido.»]

Lucifer Calaritanus *De S. Athan.* II 16 (176, 8)

4. ***ero*** intentione erecta ***praestolans*** illa agmina [trad. port.: «***estarei aguardando*** com confiança aqueles exércitos.»]

Gesta Francorum 20, 49-50 (Lees, p. 43)

b) ***esse* + ablativo de gerúndio:**

5. Tunc in monte ***erat*** Darius ***vociferando*** et ***congregando*** multitudinem hostium et portaverunt eum Dario regi [trad. port.: «Então, Dario ***estava a gritar*** no monte e ***a juntar*** as massas dos inimigos e levaram-no ao rei Dario.»]

LEÓN *Alex.* 2, 14

[9] Este exemplo e os que se seguem encontram-se em W. Dietrich, *op. cit.*, respectivamente: 1: p. 449; 2: p. 450; 3: p. 459; 4: p. 462; 5: p. 462; 6: p. 463; 7: p. 464; 8: p. 465; 9: p. 466; 10: p. 467; 11: p. 469; 12: p. 469; 13: p. 472; 14: p. 473; 15: p. 473; 16: p. 474.

c) *stare* + **particípio presente:**

6. ***Stabant*** autem principes sacerdotum et scribae constanter ***accusantes*** eum [trad. port.:«Porém, os príncipes dos sacerdotes e os escribas ***estavam*** constantemente ***a acusá***-lo.»]

NT *Lc.* 23,10

d) *stare* + **ablativo de gerúndio:**

7. quae fidei merito nunc ***stat spargendo*** medellas / corpora multa medens, cortice nuda manens [trad. port.: «agora ***está multiplicando*** as curas pelo mérito da fé, curando muitos corpos, permanecendo de cabeça descoberta.»]

Venâncio Fortunato *Carm.* 5,14,5

Ire + **particípio presente** (ou ***ire*** + **ablativo de gerúndio**) e ***venire*** + **particípio de presente** expressavam **visão prospectiva** e **visão retrospectiva**, respectivamente.

a) *ire* + **part. presente / ablativo de gerúndio:**

8. ***ibat proficiens*** atque ***succrescens*** donec magnus vehementer effectus est [trad. port.: «***ia progredindo*** e ***crescendo*** até se tornar extremamente grande.»]

AT *Gn.* 26, 13

9. congregasti socios tuos et ***vadis pugnando*** et ***dissipando*** civitates [trad. port.: «reuniste os teus companheiros e ***vais assediando*** e ***destruindo*** as cidades.»]

LEÓN *Alex.* 1, 40

b) *venire* + **part. presente:**

10. ***venit*** Johannes baptista ***praedicans*** in deserto Iudaeae et ***dicens*** [trad. port.: «João Baptista ***vem pregando*** no deserto da Judeia e ***dizendo***...»]

NT *Mt.* 3, 1 Vulg. / VL g

A **visão continuativa** e a **visão extensiva**, que não representavam uma separação caracterizada funcional e morfologicamente, expressavam-se em latim através das perífrases ***permanere***, ***persistere***, ***perseverare***, ***instare*** + **particípio presente** ou **ablativo de gerúndio**. Porque se tratava de variantes, apenas dois exemplos:

um com ***instare*** + **particípio presente** e outro com ***permanere*** + **ablativo de gerúndio**:

11. at illi ***instabant*** vocibus magnis ***postulantes***, ut crucifigeretur [trad. port.: «eles, porém, com grandes gritos, ***continuavam exigindo*** que fosse crucificado.»]

NT *Lc.* 23, 23 Vulg.

12. ***permanent negando*** Dominum Christum unicum filium Dei [trad. port.: «***continuam a negar*** a Cristo Senhor, único filho de Deus»]

Lucif. *Epist.* 6

Por último, a **visão globalizadora** tinha em ***veniens*** + **verbo conjugado** o seu principal meio expressivo (construção apenas documentada nos textos bíblicos):

13. ego ***veniens curabo*** eum [trad. port.: «eu virei curá-lo»]

NT *Mt.* 8, 7 VL

14. ut ***veniens salvaret*** servum eius [trad. port.: «...que viesse salvar o seu servo»]

NT *Lc.* 7, 3 VL b d g

Para além desta perífrase, W. Dietrich é de opinião que ***em*** + **imperativo de outro verbo conjugado** (que corresponde ao grego λαβών + **verbo conjugado**) também expressava **visão globalizadora**:

15. ***em aspecta***, rideo [trad. port.: «olha, rio»]

Plauto *Asin.* 841

16. ***em vide*** ut discidit labrum [trad. port.: «olha como ele me desfez o lábio!...»]

Terêncio *Ad.* 559

Através dos exemplos do latim coloquial tardio (que acabámos de citar), o elo de ligação entre as construções gregas e às das actuais línguas românicas torna-se mais claro, sobretudo no que diz respeito aos conteúdos aspectuais considerados nos referidos sistemas linguísticos. Por outras palavras: verificamos que as categorias gramaticais aspectuais se mantiveram e que apenas as formas normais de expressão se substituíram.

Quanto às restantes categorias aspectuais (nomeadamente da **fase** e da **colocação** – que eram débeis e pouco representadas em grego), os paralelismos não são tão evidentes. Por exemplo, as **fases iminencial** e **egressiva** (que não se encontram

realizadas perifrasticamente em todas as línguas românicas) parecem ser inovações românicas, já que não encontram protótipos nem gregos nem latinos.

Como última observação, frise-se que o principal condicionalismo histórico, impulsionador deste tipo de construções, parece ter sido sem dúvida alguma o Cristianismo que, como uma doutrina alta e verdadeiramente humanizante, suscitava novas necessidades expressivas.[10]

[10] Assim o pensa, por exemplo, E. Coseriu, «Sobre el futuro romance», in: *Estudios de Lingüística Románica*, p. 36.

CONCLUSÃO

Mesmo no remate da nossa investigação, apenas umas breves palavras sobre a tese aqui defendida, ou seja, sobre uma das manifestações gramaticais da categoria **aspecto** em português contemporâneo: a sua expressão através de perífrases verbais.

No conjunto do trabalho, orquestrado em torno de quatro capítulos, os II e III representam o seu núcleo, uma vez que é aí que se trata dos problemas de natureza teórica que dizem respeito à expressão perifrástica do **aspecto** (II) e da comprovação da sua funcionalidade efectiva na norma linguística portuguesa (III); o I, que se situa entre o núcleo e a periferia, posicionando o estado actual da investigação sobre a referida categoria verbal, permite situar este que aqui se apresenta; e, finalmente, o IV (e último), ocupando a periferia (porque, de natureza diacrónica, se opõe à sincronia que caracteriza o trabalho), tenta mostrar a origem monogenética das construções perifrásticas aspectuais.

De acordo com o modelo coseriano e de W. Dietrich sobre o **aspecto verbal perifrástico** nas línguas românicas, foi nossa principal preocupação tentar averiguar quais as categorias e subcategorias aspectuais que se encontram efectivamente representadas perifrasticamente em português contemporâneo, isto é, quais os valores de língua que as diferentes perífrases verbais do português realizam na norma. Há algumas (a **visão**, a **fase**, a **colocação** e a **repetição simples**) que são sobejamente representadas. Outras (as restantes), porém, só o são parcialmente. No entanto, e apesar deste senão, continuamos a achar que a expressão perifrástica do **aspecto** em português está em franco desenvolvimento, quer dizer, caminha para uma forte sistematização. E isto, graças ao processo de gramaticalização que tais construções vão sofrendo, passando da periferia (construções léxicas) para o centro (verdadeiros instrumentos gramaticais).

Tudo isto quer significar que o sistema verbal português, estruturando-se em torno da 'noção temporal', está, ulteriormente, recoberto por várias 'capas' de valores aspectuais. E, como vimos, são as perífrases que melhor os expressam.

Deste modo, podemos afirmar que toda a construção perifrástica (que aqui considerámos), funcionando, pois, como verdadeiro instrumento gramatical, expressa positivamente um determinado valor aspectual, sem deixar (à semelhança de outros significantes gramaticais), todavia, de poder comportar outros. Porém, secundariamente. E quase sempre documentados em contextos próprios, ou seja, na 'fala'. Em «***Ando a ler*** *As Naus* de António Lobo Antunes», por exemplo, verificamos que apenas a **visão comitativa** está positivamente marcada. No entanto, 'valores' como a **duração**, a **fase continuativa**, entre outros, podem perfeitamente deduzir-se do contexto em causa.

Pretendeu-se, em suma, com este trabalho, contribuir para tornar mais explícito aquele que nos parece ser, sem qualquer dúvida, o principal funcionamento da categoria verbal **aspecto** no sistema linguístico do português contemporâneo.

ÍNDICE DAS *PERÍFRASES VERBAIS ASPECTUAIS* ESTUDADAS

Para uma consulta rápida, fácil e eficiente das perífrases verbais (estudadas no capítulo III), organizamos o seguinte índice alfabético, com indicação da(s) respectiva(s) página(s) de ocorrência/tratamento:

1. **Acabar** + gerúndio ..... 137-139 e 142-143
2. **Acabar** + **de** + infinitivo 131-133
3. **Acabar** + **por** + infinitivo ..... 137-139; 141-142 e 143
4. **Andar** + **a** + infinitivo ..... 93-95; 96 e 130
5. **Andar** + gerúndio ..... 93-94; 95-96 e 130
6. **Andar** + **para** + infinitivo ..... 110-111 e 113
7. **Cessar** + **de** + infinitivo ..... 134 e 135
8. **Chegar** + **a** + infinitivo ..... 145 e 147-149
9. **Começar** + **a** + infinitivo 115-118
10. **Começar** + gerúndio ..... 137-139 e 140
11. **Começar** + **por** + infinitivo 137-140
12. **Continuar** + **a** + infinitivo ..... 102-103; 104-105 e 129
13. **Continuar** + gerúndio ..... 102; 104-105 e 129
14. **Continuar** + **por** + infinitivo 162-164
15. **Deitar** + **a** + infinitivo ..... 115-116 e 125-126
16. **Deixar** + **de** + infinitivo ..... 134 e 136-137
17. **Desatar** + **a** + infinitivo ..... 115-116; 125 e 126
18. **Entrar** + **a** + infinitivo ..... 115-116 e 127-128
19. **Estar** + **a** + **acabar** + **de** + infinitivo 130-131

20. **Estar** + **a** + infinitivo ..... 89-91 e 92-93
21. **Estar** + gerúndio ..... 89 e 91-93
22. **Estar** + **para** + infinitivo 110-113
23. **Estar** + particípio passado 162
24. **Estar** + **por** + infinitivo 162-164
25. **Ficar** + **a** + infinitivo ..... 105-107; 108-109 e 130
26. **Ficar** + gerúndio ..... 105-106; 107-109 e 130
27. **Ficar** + **por** + infinitivo 162-164
28. **Findar** + **por** + infinitivo ..... 137-139 e 144-145
29. **Ir** + **a** + infinitivo ..... 110-111 e 114-115
30. **Ir** + gerúndio ..... 97-100 e 129
31. **Ir** + infinitivo ..... 149-151 e 153
32. **Ir** + **para** + infinitivo ..... 110-111 e 113-114
33. **Largar** + **a** + infinitivo ..... 115-116; 125 e 127
34. **Meter-se** + **a** + infinitivo ..... 115-116; 127 e 128-129
35. **Parar** + **de** + infinitivo ..... 134-135 e 137
36. **Passar** + **a** + infinitivo ..... 115-116 e 122-124
37. **Pegar** + **a** + infinitivo ..... 115-116; 125 e 126-127
38. **Pôr-se** + **a** + infinitivo ..... 115-116 e 120-122
39. **Principiar** + **a** + infinitivo ..... 115-116 e 118-119
40. **Principiar** + gerúndio 137-139
41. **Principiar** + **por** + infinitivo 137-139
42. **Recomeçar** + **a** + infinitivo ..... 115-116 e 119-120
43. **Romper** + **a** + infinitivo ..... 115-116; 124-125 e 126
44. **Ter** + **andado** + **a** + infinitivo ..... 157-158 e 159-160
45. **Ter** + **continuado** + **a** + infinitivo ..... 157-158 e 159-160
46. **Ter** + **estado** + **a** + infinitivo ..... 157-158 e 159-160
47. **Ter** + **ficado** + **a** + infinitivo ..... 157-158 e 159-160
48. **Ter** + **vindo** + **a** + infinitivo ..... 157-158 e 158-160
49. **Ter** + particípio flexionado ..... 160 e 161

50. **Ter** + particípio passado ..... 160 e 161
51. **Terminar** + **de** + infinitivo 131
52. **Terminar** + gerúndio ..... 137-139 e 144
53. **Terminar** + **por** + infinitivo ..... 137-139; 143 e 144
54. **Tornar** + **a** + infinitivo ..... 153-154 e 155-157
55. **Vir** + **a** + infinitivo ..... 145-147 e 149
56. **Vir** + gerúndio ..... 100-102 e 129
57. **Vir** + infinitivo ..... 149-150 e 152-153
58. **Viver** + **a** + infinitivo ..... 93-94 e 97
59. **Viver** + gerúndio ..... 93-94 e 97
60. **Voltar** + **a** + infinitivo ..... 153-155 e 157

BIBLIOGRAFIA

I. BIBLIOGRAFIA TEÓRICO-METODOLÓGICA

A. A. V. V. – *Quelques aspects de l'aspect*. DRLAV. Paris: Université de Paris VII, 1978. [c/o Grunig et Clément – 22, rue Mousset-Robert, F 75012 Paris].

AISSEN, Judith & HANKAMER, Jorge – Art. "Gramática", in: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 2: Linguagem-Enunciação. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984. (Tradução, deste artigo, de Inês Silva Duarte).

ALMEIDA, João de – *Introdução ao Estudo das Perífrases Verbais de Infinitivo*. Assis – São Paulo: ILHPA-HUCITEC, 1980.

AUTHIER, Jacqueline – «Points de contacts entre traits sémantiques de verbes, aspect, voix passive, entre linguistique et extra-linguistique: remarques informelles», in: *Quelques aspects de l'aspect*, pp. 159-176.

BOLÉO, Manuel de Paiva – *O Perfeito e o Pretérito em Português em confronto com as outras línguas românicas* (estudo de carácter sintáctico-estilístico). Coimbra: Biblioteca da Universidade, 1936.

BOLÉO, Manuel de Paiva – «Tempos e modos em português. Contribuição para o estudo da sintaxe e da estilística do verbo», in: *Boletim de Filologia*, tomo III, fascs. 1 e 2. Imprensa Nacional de Lisboa, 1934-1935, pp. 15-36.

BOLÉO, Manuel de Paiva – «Os valores temporais e modais do futuro imperfeito e do futuro perifrástico em português», in: *Biblos*, revista da Faculdade de Letras (Miscelânea em homenagem ao Prof. Doutor J. Providência Costa), vol. 41. Coimbra, 1965, pp. 87-115.

BUSSE, Winfried & VILELA, Mário – *Gramática de Valências*. Coimbra: Livraria Almedina, 1986.

CÂMARA JR., J. Mattoso – *História e Estrutura da Língua Portuguesa* (3.ª edição). Rio de Janeiro: Padrão – Livraria Editora Ltda., 1979, pp. 163-171.

CÂMARA JR., J. Mattoso – *Princípios de Lingüística Geral* (6.ª edição – com atualização ortográfica). Rio de Janeiro: Padrão – Livraria Editora Ltda., 1980, pp. 140-148.

CAMPOS, Henriqueta Costa – «Pretérito perfeito simples/pretérito perfeito composto: uma oposição aspectual e temporal», in: *Letras Soltas*, vol. 2. Secção de Linguística. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 1984, pp. 11-53.

CARVALHO, José G. Herculano de – «As 'partes da oração'» (ms. inédito, fornecido pelo Autor, 79 páginas).

CARVALHO, José G. Herculano de – «Ficar em casa / ficar pálido: gramaticalização e valores aspectuais», in: CARVALHO, José G. Herculano de & SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen (Orgs.), *Estudos de Linguística Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora (Colecção Linguística "Coimbra Editora", 1.° vol.), 1984, pp. 131-155.

CARVALHO, José G. Herculano de – «Temps et aspect: problèmes généraux et leur incidence en portugais, français et russe», in: *Estudos Linguísticos* (vol. 3.°). Coimbra: Coimbra Editora, 1984, pp. 199-235.

CARVALHO, José G. Herculano de – *Teoria da Linguagem*. (Natureza do fenómeno linguístico e análise das línguas). Tomos I e II. Coimbra: Atlântida Editora, S. A. R. L., 1979.

CARVALHO, José G. Herculano de – Art. "Aspecto", in: *Verbo*, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, vol. 2.

CARVALHO, José G. Herculano de – «Tempo e aspecto numas páginas de *A Relíquia*», in: *Estudos Linguísticos* (vol. 3.°). Coimbra: Coimbra Editora, 1984, pp. 237-246.

CARVALHO, José G. Herculano de & SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen (Orgs.) – *Estudos de Linguística Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora (Colecção Linguística "Coimbra Editora", 1.° vol.), 1984.

CASTELEIRO, João Malaca – «Aspectos da sintaxe do português falado no interior do país», in: *Boletim de Filologia*, tomo XXIV (1975), fascs. 1-4. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1975, pp. 64-69.

CASTILHO, Ataliba T. de – *Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1967. (Colecção de teses 6); *Alfa* 12 (1968), pp. 7-135.

CLÉMENT, Danièle – «Une présentation de la contribution d'Erwin Koschmieder à l'étude de l'aspect», in: *Quelques aspects de l'aspect*, pp. 49-68.

COSERIU, Eugenio – «Aspect verbal ou aspects verbaux? Quelques questions de théorie et de méthode», in: *La Notion d'Aspect*, pp. 13-25.

COSERIU, Eugenio – «Sobre las llamadas "construcciones con verbos de movimiento": un problema hispánico», in: *Estudios de Lingüística Románica*. Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1977, pp. 70-78.

COSERIU, Eugenio – «"Tomo y me voy". Un problema de sintaxis comparada europea», in: *Estudios de Lingüística Románica*. Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1977, pp. 79-151.

COSERIU, Eugenio – «El aspecto verbal perifrástico en griego antiguo (y sus reflejos románicos)», in: *Estudios de Lingüística Románica*. Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1977, pp. 231-263.

COSERIU, Eugenio – *Sincronía, Diacronía y História. El problema del cambio lingüístico* (2.ª ed.). Madrid: Editorial Gredos, 1973, cap. VI.

COSERIU, Eugenio – «Semántica y Gramática», in: *Gramática, Semántica, Universales* (Estudios de Lingüística Funcional). Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1978, pp. 128-147.

COSERIU, Eugenio – «Sobre las categorías verbales ("Partes de la oración")», in: *Gramática, Semántica, Universales* (Estudios de Lingüística Funcional). Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1978, pp. 50-79.

COSERIU, Eugenio – «Los universales del lenguaje (y los otros)», in: *Gramática, Semántica, Universales* (Estudios de Lingüística Funcional). Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1978, pp. 148-205.

COSTA, Albano Dias da – «Periphrastic verbal expressions in Portuguese», in: SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen (Org.), *Readings in Portuguese Linguistics (Linguistics Series,* 22). Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 1976, pp. 187-243

CULIOLI, Antoine – «Valeurs aspectuelles et opérations énonciatives: l'aoristique», in: *La Notion d'Aspect*, pp. 181-193.

CUNHA, Celso & CINTRA, L. F. Lindley – *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (1.ª edição). Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1984.

DAVID, Jean & MARTIN, Robert (ed.) – *La Notion d'Aspect*. Recherches linguistiques V. Paris: Librairie Klincksieck, 1980.

DESCLES, J. P. – «Construction formelle de la catégorie grammaticale de l'aspect (essai)», in: *La Notion d'Aspect*, pp. 195-237.

DIAS, Epiphanio da Silva – *Syntaxe Histórica Portuguesa* (5.ª edição). Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1970, pp. 183-250.

DIETRICH, Wolf – «As perífrases verbais de 'modalidade' em português», in: CARVALHO, José G. Herculano de & SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen (Orgs.), *Estudos de Linguística Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora (Colecção Linguística "Coimbra Editora", 1.° vol.), 1984, pp. 59-91.

DIETRICH, Wolf – *Der periphrastische Verbalaspekt in den romanischen Sprachen*. Tübigen: Max Niemeyer Verlag, 1973. [Versión española de Marcos Martínez Hernández (revisada por el Autor): *El Aspecto Verbal Perifrástico en las Lenguas Románicas*. (Estudios sobre el actual sistema verbal de las lenguas románicas y sobre el problema del origen del aspecto verbal perifrástico). Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1983].

DUARTE, Inês Silva – «A categoria linguística aspecto», in: *Gramática da Língua Portuguesa*. (*vide* MATEUS, M.ª Helena Mira).

DUBOIS, Jean *et alii* – Verbetes "aspect" e "auxiliaire", in: *Dictionnaire de Linguistique*. Paris: Librairie Larousse, 1973.

ELIA, Sílvio – Art. "verbo", in: *Verbo*, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, vol. 18.

FIGUEIREDO, José Nunes & FERREIRA, A. Gomes – *Compêndio de Gramática Portuguesa* (2.ª edição) – para os 1.°, 2.° e 3.° anos do Liceu. Porto: Porto Editora, 1973.

FLYDAL, Leiv – «*Aller* et *venir de* suivis de l'infinitif comme expressions de rapports temporels», in: *II Hist. – Filos. Klasse* (n.° 3). Oslo: I Kommisjon hos Jacob Dybwad, 1943.

FONSECA, F. Irene – Arts. "Aspecto" e "Auxiliar", in: *Verbo*, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, vol. 19 (suplemento de A. – G.).

FRANÇOIS, Jacques – «La catégorie de l'Aktionsart dans la linguistique allemande. Exposé critique de travaux récents», in: *Quelques aspects de l'aspect*, pp. 69-100.

FUCHS, Catherine – «L'aspect, un problème de linguistique générale: éléments de réponse dans une perspective énonciative», in: *Quelques aspects de l'aspect*, pp. 1-30.

GARCÍA HERNÁNDEZ, Benjamín – *Semántica Estructural y Lexemática del Verbo*. Manuales Avesta: Série Universitária. Reus (Tarragona), 1980, pp. 83-121.

GARDIES, Jean-Louis – «Éléments pour une grammaire pure de l'aspect», in: *Modèles Linguistiques*. Tome III, fasc. 1, 1981. Presses Universitaires de Lille.

GRÉSILLON, Almuth – «Temps / aspect / types de discours dans les variantes de manuscrit de H. Heine», in: *Quelques aspects de l'aspect*, pp. 31-48.

GROSS, Maurice – «Deux remarques sur l'aspect», in: *La Notion d'Aspect*, pp. 69-81.

HERINGER, H. J. & PINTO de LIMA, J. – *Palavra Puxa Palavra: Comunicação e Gramática Dependencial*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987.

HOEPELMAN, J. & ROHRER, C. – «'Déjà' et 'encore' et les temps du passé du français», in: *La Notion d'Aspect*, pp. 119-143.

HOLT, Jens – *Études d'Aspect*. Acta Jutlandica. AARSSKRIFT FOR AARHUS UNIVERSITET, XV, 2. Universitets – forlaget I Aarhus Ejnar Munksgaard – KØBENHAVN, 1943.

IYANAGA, Shiro – *Estudo de Aspecto na Língua Portuguesa* (Análise semântica das perífrases verbais). Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio, 1980.

JOLY, André – «The problem of aspect: a psychomechanical approach», in: *Quelques aspects de l'aspect*, pp. 101-116.

KLEIN, Horst G. – «Algumas observações sobre a categorização do sistema verbal português», in: *Boletim de Filologia*, tomo XXII (1964-1973), fascs. 3 e 4. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1973, pp. 295-301.

KONO, Akira – «Algumas notas sobre os verbos incoativos em português», in: *Anais IX*. Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros. Tóquio, 1975, pp. 9-15.

LAROCHETTE, Joe – «La notion d'aspect: le point de vue d'un africaniste», in: *La Notion d'Aspect*, pp. 31-40.

LOBATO, Lúcia M.ª Pinheiro – «Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critérios de auxiliaridade». (Artigo que constitui a ampliação de um dos capítulos da tese de doutoramento da Autora, intitulada *L'Auxiliarité en Langue Portugaise*, e defendida em Fevereiro de 1971 na Universidade de Paris III), in: *Análises Lingüísticas*. Petrópolis: Vozes, 1975, pp. 27-91.

LOPES, Óscar – *Gramática Simbólica do Português* (um esboço). 2.ª edição (corrigida). Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciência, Centro de Investigação Pedagógica, 1972, cap. IX.

LYONS, John – *Semantics* (2.° vol.). Cambridge, London, New York, Melbourne: Cambridge University Press, 1977. [Versión castellana de Ramon Cerdà: *Semántica*. Barcelona: Editorial Teide, 1980, pp. 612-624 e 637-657].

MALER, Bertil – «L'infinitif gérondival portugais: quelques notes sur sa propagation», in: *Littera*, n.° 15 (ano VI), Janeiro – Junho 1976, pp. 5-15.

MARTIN, Robert – «'Déjà' et 'encore': de la présupposition à l'aspect», in: *La Notion d'Aspect*, pp. 167-180.

MARTIN, Robert – *Temps et Aspect*. (Essai sur l'emploi des temps narratifs en moyen français). Paris: klincksieck, 1971, pp. 48-158.

MATEUS, M.ª Helena M., BRITO, Ana M.ª, DUARTE, Inês S. & FARIA, Isabel Hub – *Gramática da Língua Portuguesa* (Elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual). Coimbra: Livraria Almedina, 1983. [2.ª edição revista e aumentada. Lisboa: Editorial Caminho (Colecção universitária, Série LINGUÍSTICA), 1989].

MATOS, Sérgio Paulo Ferreira de – *Semântica e Pragmática de "já", "ainda", "já não" e "ainda não"*. (Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1986.

MELO, Gladstone Chaves de – *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968, pp. 282-299.

MOIGNET, Gérard – «La théorie psycho-systématique de l'aspect verbal», in: *La Notion d'Aspect*, pp. 41-49.

NEF, Frédéric – «Maintenant$_1$ et Maintenant$_2$: sémantique et pragmatique de "maintenant" temporel et non temporel», in: *La Notion d'Aspect*, pp. 145-166.

PERES, João Andrade – *Elementos para uma Gramática Nova*. Coimbra: Livraria Almedina, 1984.

PONTES, Eunice – *Estrutura do Verbo no Português Coloquial* (2.ª edição). Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1973.

PONTES, Eunice – *Verbos Auxiliares em Português*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1973.

POTTIER, Bernard – «Éssai de synthèse sur l'aspect», in: *La Notion d'Aspect*, pp. 239-246.

POTTIER, Bernard – «Sobre el concepto de verbo auxiliar», in: *Lingüística Moderna y Filología Hispánica.* (Versión española de Martín Blanco Álvarez). Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1976, pp. 194-202.

ROCA-PONS, J. – *Estudios sobre Perífrasis Verbales del Español.* Revista de Filología Española, Anejo 67, Madrid, 1958, pp. 24-56 e 61-74.

ROJO, Guillermo – *Perífrasis Verbales en el Gallego Actual.* Verba, Anuário Gallego de Filología, Anejo 2, Universidad de Santiago de Compostela. Vigo, 1974.

SAID ALI, M. – *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* (3.ª edição melhorada e aumentada. Estabelecimento do texto, revisão, notas e índices pelo Prof. Maximiliano de Carvalho e Silva). São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

SAID ALI, M. – *Gramática Secundária da Língua Portuguesa* (Edição revista e comentada pelo Prof. Evanildo Bechara). São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

SÁNCHEZ RUIPÉREZ, Martín. – «Quelques vues fonctionalistes sur l'aspect» (résumé), in: *La Notion d'Aspect*, pp. 27-29.

SCHEMANN, Hans & SCHEMANN-DIAS, Luíza – A*s Perífrases Verbais Portuguesas e os seus equivalentes alemães.* (Auxílio para exercícios práticos com exemplos portugueses detalhados e sua tradução para o alemão). Braga: Livraria Cruz, 1985.

SERBAT, Guy – *Les Structures du Latin* (Le système de la langue classique; son évolution jusqu'aux langues romanes). Collection Connaissance des Langues, vol. X (sous la direction de Henri HIERCHE). Paris: Éditions Picard, 1975, pp. 109-134.

STAHL, Gérold – «L'aspect dans le traitement logique de *re*», in: *La Notion d'Aspect*, pp. 111-117.

THÜMMEL, Wolf – «Quelques remarques sur le concept d' 'aspect' dans une description du russe», in: *Quelques aspects de l'aspect*, pp. 117-157.

TORRES, Artur de Almeida – «Modos, tempos e aspectos verbais em português», in: *Romanitas*, vol. 11. Rio de Janeiro: Romanitas Livraria Editora Ltda., 1972, pp. 82-99.

VÁZQUEZ-CUESTA, Pilar & MENDES da LUZ, M.ª Albertina – *Gramática da Língua Portuguesa.* (Tradução de Ana Maria Brito e Gabriela de Matos. Prefácio de Luís Filipe Lindley Cintra). Colecção Lexis. Lisboa: Edições 70, 1983.

VENTURA, Carlos Simões – *Reflexões sobre o Aspecto Verbal.* Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921.

VIANNA, A. R. Gonçalves – «Emprego dos verbos auxiliares *estar*, *ir*, *vir*, seguidos de jerúndio» in: *Revista Lusitana*, 2 (1890-92), pp. 76-77.

WIESEMANN, Ursula & MATOS, Rinaldo de – *Metodologia de Análise Gramatical.* Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1980.

WILMET, Marc – «Aspect grammatical, aspect sémantique, aspect lexical: un problème de limites», in: *La Notion d'Aspect*, pp. 51-68.

YAVAS, Feryal – «Estamos vindo ou indo? Uma análise contrastiva dos verbos de movimento 'vir' e 'ir' em inglês e português», in: *Letras de Hoje*, 13, 42, pp. 126-140.

ZEMB, J.-M. – «L'aspect, le mode et le temps», in: *La Notion d'Aspect*, pp. 83-110.

II. BIBLIOGRAFIA UTILIZADA NA EXEMPLIFICAÇÃO

a) **Textos literários:**

ASSIS, Machado de – *Memórias Póstumas de Brás Cubas e Dom Casmurro*. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial, 1978.

DINIS, Júlio – *Serões da Província*. Lisboa: Edição do Círculo de Leitores, 1979.

FERREIRA, Vergílio – *Até ao Fim*. Lisboa: Bertrand Editora, Lda., 1987.

FERREIRA, Vergílio – *Manhã Submersa* (8.ª edição). Amadora: Livraria Bertrand, 1979.

MOURÃO-FERREIRA, David – *Um Amor Feliz* (1.ª edição). Lisboa: Editorial Presença Lda., 1986.

NEGREIROS, Almada – *A Engomadeira*. Lisboa: Edições Rolim, 1986.

QUEIROZ, Eça de – *Os Maias*. Lisboa: Edição "Livros do Brasil", s. d.

REGO, José Lins do – *Pedra Bonita*. Lisboa: Edição "Livros do Brasil", s. d.

RIBEIRO, Bernardim – *Menina e Moça* ou *Saudades*. Selecção e fixação do texto, introdução, notas e glossário de José G. Herculano de Carvalho. (3.ª edição corrigida). Coimbra: Atlântida, 1973.

SARAMAGO, José – *A Jangada de Pedra*. Lisboa: Caminho, 1986.

SARAMAGO, José – *Memorial do Convento* (16.ª edição). Lisboa: Caminho, 1986.

SARAMAGO, José – *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (5.ª edição). Lisboa: Caminho, 1985.

TORGA, Miguel – *Bichos* (11.ª edição). Coimbra: Edições do Autor, 1981.

VERÍSSIMO, Érico – *Clarissa* (X edição). Lisboa: Edição "Livros do Brasil", s. d.

b) **Periódicos:**

Diário do Minho, de Braga.
Expresso, de Lisboa.
Jornal de Notícias, do Porto.
O Jornal, de Lisboa.

SIGLAS

a) **Dos textos literários:**

M. Assis, *M. P. B. C.*: Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*
M. Assis, *D. C.*: *vide, supra,* M. Assis, *M. P. B. C.*
J. Dinis, *S. P.*: Júlio Dinis, *Serões da Província*
V. Ferreira, *A. ao F.*: Vergílio Ferreira, *Até ao Fim*
V. Ferreira, *M. S.*: Vergílio Ferreira, *Manhã Submersa*
D. Mourão-Ferreira, *A. F.*: Dadid Mourão-Ferreira, *Um Amor Feliz*
A. Negreiros, *E.*: Almada Negreiros, *A Engomadeira*
E. Queiroz, *M.*: Eça de Queiroz, *Os Maias*
J. Lins do Rego, *P. B.*: José Lins do Rego, *Pedra Bonita*
J. Saramago, *A. M. R. R.*: José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*
J. Saramago, *J. P.*: José Saramago, *A Jangada de Pedra*
J. Saramago, *M. C.*: José Saramago, *Memorial do Convento*
M. Torga, *B.*: Miguel Torga, *Bichos*
É. Veríssimo, *C.*: Érico Veríssimo, *Clarissa*

b) **Dos periódicos:**

D. M. : *Diário do Minho*
E. : *Expresso*
J. N. : *Jornal de Notícias*
J. : *O Jornal*

1994
Execução gráfica de: **BLOCO GRÁFICO, LDA.** – R. da Restauração, 387 – 4000 PORTO – PORTUGAL

Colecção Mundo de Saberes

1 **LÍNGUA MATERNA – LÍNGUA ESTRANGEIRA**
Uma Relação Multidimensional
Maria José Frias

2 **UM CONTINENTE POÉTICO ESQUECIDO**
As Rimas Infantis
Maria José Costa

3 **O FIO DA MEMÓRIA**
Do Conto Popular ao Conto para Crianças
Maria Emília Traça

4 **DIMENSÕES DA ARQUITECTURA**
Gabriela Nieto

5 **O ASPECTO VERBAL PERIFRÁSTICO EM PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO**
Visão Funcional / Sincrónica
Henrique Barroso

6 **OS ITINERÁRIOS DO MARAVILHOSO**
Uma Leitura dos Contos para Crianças de Sophia de Mello Breyner Andresen
Maria Luísa Sarmento de Matos

7 **OS CAMINHOS DO ABC**
Sociedade Portuguesa e Ensino das Primeiras Letras
Rogério Fernandes

A publicar:

8 **A UTILIZAÇÃO EDUCATIVA DAS IMAGENS**
Isabel Calado

9 **LITERATURA INFANTIL**
História, Teoria, Interpretações
Américo António Lindeza Diogo

O **ASPECTO VERBAL PERIFRÁSTICO** EM PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO
visão funcional/sincrónica

De acordo com o modelo coseriano e de W. Dietrich sobre o **aspecto verbal perifrástico** nas línguas românicas, foi nossa principal preocupação tentar averiguar quais as categorias e subcategorias aspectuais que se encontram efectivamente representadas perifrasticamente em português contemporâneo, isto é, quais os valores de língua que as diferentes perífrases verbais do português realizam na norma. Há algumas (a **visão**, a **fase**, a **colocação** e a **repetição simples**) que são sobejamente representadas. Outras (as restantes), porém, só o são parcialmente. No entanto, e apesar deste senão, continuamos a achar que a expressão perifrástica do **aspecto** em português está em franco desenvolvimento, quer dizer, caminha para uma forte sistematização. E isto, graças ao processo de gramaticalização que tais construções vão sofrendo, passando da periferia (construções léxicas) para o centro (verdadeiros instrumentos gramaticais).

Tudo isto quer significar que o sistema verbal português, estruturando-se em torno da 'noção temporal', está, ulteriormente, recoberto por várias 'capas' de valores aspectuais. E, como vimos, são as perífrases que melhor os expressam.

CÓD. 34055.10
ISBN 972-0-34055-X



Dep. Legal Nº 73617/94